

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

JOVIANO GONÇALVES DOS SANTOS

**O NOME E O LUGAR:
A toponímia na região central de Minas Gerais**

**Belo Horizonte
2012**

Joviano Gonçalves dos Santos

**O NOME E O LUGAR:
A toponímia na região central de Minas Gerais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Belo Horizonte
2012

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S237n Santos, Joviano Gonçalves dos.
O nome e o lugar [manuscrito] : a toponímia na região central de Minas Gerais / Joviano Gonçalves dos Santos. – 2012.
243 f., enc.: il., fots., maps., grafs. (color) + 1 CD-ROM.
Orientadora: Maria Antonieta Amarante Mendonça Cohen.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Inclui CD-ROM com entrevistas/Anexo F.
Bibliografia: f. 229-234.
Anexos: 235-239.
Apêndices: 240-241.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais – Teses. 2. Mudanças linguísticas – Teses. 3. Toponímia – Teses. 4. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 5. Língua portuguesa – Etimologia – Nomes – Teses. 6. Linguagem e cultura – Minas Gerais – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798

Tese intitulada *O nome e o lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais* defendida por JOVIANO GONÇALVES DOS SANTOS em 04/09/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras:



Dra. Maria Antonieta A. M. Cohen - UFMG
(Orientadora)



Dra. Ana Paula Antunes Rocha - UFOP



Dra. Aparecida Negri Isquierdo - UFMS



Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG



Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho - UFMG

AGRADECIMENTOS

A Deus, um Ser douto, de quem sempre queremos aprender lições duradoras nesse universo.

À orientadora, Prof^a. Dr. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, pela sensibilidade, sabedoria profissional e contribuições diversas que me levaram a acreditar sempre e descobrir na lida com os dados de pesquisa de campo algo a mais da toponímia de Minas.

A toda a bibliografia viva da toponímia brasileira atual e a todos os mestres do passado que devemos reverenciar sempre, ensinadores e ensinadoras de estudos do léxico contemporâneo.

A todos os meus informantes ou entrevistados – e cicerones –, espalhados pela região pesquisada, Augusto de Lima, Corinto, Cordisburgo, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba, Morro da Garça. Pela cordialidade e prosa agradável e cheia de saberes sobre os lugares mineiros e com direito a cafezinho e a amizade boa por lá.

À UFMG e ao POSLIN, que me deram apoio em toda minha formação crescente.

À Prefeitura de Belo Horizonte, que me concedeu licença para aperfeiçoamento, necessária para as viagens de pesquisa.

A toda essa família afetuosa que tenho, que me deu base firme em tempos difíceis, na pessoa de Graciele Silva Rezende, uma companheira intelectual de valor precioso; na pessoa de Laís Vitória, essa filhinha de dois anos e muitas alegrias, também futura leitora dessas letras toponímicas.

Enfim, agradeço especialmente a Maria do Socorro Vieira Coelho e a todos os amigos de trabalho e colegas da Universidade, que são pessoas competentes como se fossem madrinhas e padrinhos dessa tese, a qual escrevi com carinho jovial. E muito mais gente colaborou na realização desse trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar os topônimos da região central de Minas nos municípios Augusto de Lima, Cordisburgo, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba e Morro da Garça, próximos de Corinto, que é considerado o centro do estado de Minas Gerais. Esta região mineira é conhecida por seu grande desenvolvimento, decorrente da presença de inúmeras fazendas, no século XVIII e XIX, para as quais afluíram fazendeiros vindos de Portugal, São Paulo, Bahia, entre outros. A fundamentação teórico-metodológica procede de Dick (1980, 1990^a, 1999) e trabalhos correlatos, com adaptações. Os topônimos analisados foram coletados da fala de informantes de vinte e oito entrevistas orais realizadas na região, tanto em áreas urbanas, quanto rurais. Por serem dados de língua falada foram feitas considerações sobre o mecanismo de nomeação e designação predicativa. A análise dos cento e trinta e seis topônimos mostrou que a natureza com seus elementos típicos locais estão intrinsecamente relacionados à maioria dos topônimos, que são de natureza física. A natureza antropocultural também se reflete na toponímia, mas não majoritariamente. Uma divisão entre Taxionomia simples e composta foi proposta e foram identificadas as bases lexicais mais produtivas para formação de topônimos na mesorregião central mineira. Os resultados mostraram que os hidrotopônimos apresentam a Taxionomia majoritária, sendo a natureza física o elemento motivador principal, tanto para os hidrotopônimos como para os fitotopônimos na região estudada. O aspecto antropocultural mostrou-se importante através de antropotopônimos, sociotopônimos e hagiopônimos. Os topônimos atuais foram o ponto de partida para a busca de uma motivação passada e revelaram vestígios dos aspectos socioculturais, através de seu histórico. A maioria dos topônimos tem sua origem na língua portuguesa; uma minoria aponta para uma origem indígena ou africana.

Palavras-chave: toponímia, Minas Gerais, microrregião curvelana, taxionomia composta, hidrotopônimos, fitotopônimos.

ABSTRACT

This research aims to study place names in the central Minas Gerais municipalities of Augusto de Lima, Cordisburgo, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba and Morro da Graça, around Corinto, which is considered the center of the state of Minas Gerais. This area of the state is known for its great development, due to the presence of numerous farms, coming from Portugal, São Paulo, Bahia among others in the eighteenth and nineteenth century. The theoretical and methodological framework is based on Dick (1980, 1990a, 1999) and related work, with adaptations. The place names analyzed were collected from the speech of informants of this area. The twenty eight interviews have been recorded, both in urban and rural areas and afterwards transcribed. Due to the spoken language characteristics of the data collected, some observations have been made on the mechanisms of nomination and its predicative nature. The analysis of one hundred thirty-six place names showed that nature and its typical local elements are intrinsically related to the majority of them, which are physical in nature. The antropocultural nature are also reflected in place names, but not overwhelmingly. A division between simple and compound taxonomy has been proposed so as the most productive lexical bases for the formation of place names in the mesocentral area of Minas Gerais. The results showed that the majority of place names in the area are of hydrotoponyms being the physical nature their main motivation, the same being true of the phytonyms. The antropocultural feature has proved to be relevant for the anthropo-, socio- and hagiotonyms. The current place names have been the starting point for searching into a past motivation for their creation and have revealed many traces of cultural aspects, through its history. Most place names have their origin in the Portuguese language, and a minority of them have an Indigenous and African origin.

Keywords: place names, central Minas Gerais municipalities, hydrotoponyms, phytonyms.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit hat das Ziel, die Toponyme im Zentralgebiet von Minas Gerais zu analysieren, die in den Stadtkreisen Augusto de Lima, Cordisburgo, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba und Morro da Garça, in der Nähe von Corinto, liegen.

Dieses Gebiet in Minas Gerais ist sehr bekannt wegen seiner wirtschaftlichen Entwicklung im 18. und 20. Jahrhundert, als die zahlreichen Bauernhöfe Landwirte aus Portugal, São Paulo, Bahia u.a. anlockte. Die Methodologie und die Theorie basieren auf den Arbeiten von Dick (1980, 1990^a, 1999) und ähnlichen Arbeiten. Die analysierten Toponyme wurden aus 28 Interviews mit Einwohnern sowohl aus den Städten als auch vom Land aufgelistet. Weil die Daten aus der gesprochenen Sprache kommen, wurden Bemerkungen über die Benenungsmechanismen und die prädikativen Bezeichnungen gemacht. Die Analyse der 136 Toponyme erweist, dass die Natur zusammen mit ihren typischen Elementen in enger Verbindung mit den meisten Toponymen stehen. Die anthropo-kulturellen Elemente sind auch in der Toponymie zu sehen, aber diese Elemente repräsentieren nicht die Mehrheit. Eine Aufteilung zwischen einfach- und doppelter Taxonomie wurde vorgeschlagen und der produktivste Basiswortschatz in den Toponymen im Zentralgebiet von Minas Gerais wurde identifiziert. Das Ergebnis zeigt, dass die Hydronyme die häufigste Taxonomie repräsentieren und, dass die Natur das wichtigste Element für die Benennung der Toponyme ist, sowohl für die Hydronyme als auch für die Fitotoponyme. Die anthropo-kulturellen Elemente wurden bei den Antropotoponymen, Soziotoponymen und Hagiotoptonymen analysiert. Die aktuellen Toponyme waren der Ausgangspunkt für die Analyse der ursprünglichen Motivation und sie haben Spuren von soziokulturellen Aspekten gezeigt. Die meisten Toponyme haben ihren Ursprung in der portugiesischen Sprache; wenige weisen einen indianischen oder afrikanischen Ursprung auf.

Palavras-chave: Toponymen im Zentralgebiet Von Minas Gerais, Hidronyme, Fitotoponyme.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Ocorrências da lista geral de topônimos.....	75
QUADRO 2 - Total de ocorrências encontradas na fala por informante.....	79
QUADRO 3 - Taxionomias simples.....	193
QUADRO 4 - Taxionomia composta: natureza física e natureza antropocultural.....	202
QUADRO 5 - Taxionomias predominantes.....	226

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais.....	196
GRÁFICO 2 - Topônimos de Taxionomia simples de natureza física.....	198
GRÁFICO 3 - Topônimos de Taxionomia simples de natureza antropocultural.....	200
GRÁFICO 4 - Identificação percentual dos topônimos de Taxionomia simples.....	201
GRÁFICO 5 - Apresentação das taxes de topônimos de Taxionomia composta.....	206
GRÁFICO 6 - Natureza antropocultural de topônimos de Taxionomia composta.....	207
GRÁFICO 7 - Relação dos topônimos de maior ocorrência na MRCM.....	220

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Vegetação da região pesquisada.....	21
MAPA 2 - Mesorregiões de Minas Gerais.....	22
MAPA 3 - Roteiro de acesso a localidades pesquisadas.....	64

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Antiga estação de trem da cidade de Curvelo/MG.....	25
FIGURA 2 - Igreja N.S do Rosário – 1732 – Distrito de Tomás Gonzaga/MG.....	27
FIGURA 3 - N.S. da Piedade.....	30
FIGURA 4 - Estação de trem de Cordisburgo/MG.....	32
FIGURA 5 - Morro da Garça - Postal da Prefeitura local.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - Artigo
ADJ - Adjetivo
ADjpl - Adjetivo plural
ADjsing - Adjetivo singular
ADV - Advérbio
AF - Acidente Físico
AH - Acidente Humano
Apl - Artigo plural
Asing - Artigo singular
Col - Coletivo
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
E - Leste
L - Linha
MRCM - microrregião curvelana mineira
N - Nome simples
NC - Nome composto
NCf - Nome composto feminino
n/e - não encontrado
Nf - Nome feminino
Nm - Nome masculino
NA - Natureza Antropocultural
NF- Natureza Física
P. - Página
Prep - Preposição
Prop. - Próprio (substantivo próprio ou prenome)
Pron - Pronome
S - Substantivo
Spl - Substantivo plural
Ssing - Substantivo singular
T - Toponímia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PANORAMA DA REGIÃO PESQUISADA.....	17
1.1 Apresentação da microrregião curvelana mineira.....	17
1.2 Contextualização histórica dos municípios da região central mineira.....	22
1.2.1 <i>Curvelo</i>	23
1.2.1.1 <u>Angueretá</u>	25
1.2.1.2 <u>Tomás Gonzaga</u>	26
1.2.2 <u>Corinto</u>	27
1.2.2.2 <u>Contria</u>	29
1.2.3 <i>Felixlândia</i>	29
1.2.4 <i>Cordisburgo</i>	30
1.2.5 <i>Inimutaba</i>	32
1.2.6 <i>Augusto de Lima</i>	33
1.2.7 <i>Morro da Garça</i>	34
2 REPENSANDO A ONOMÁSTICA.....	36
2.1 Breve histórico.....	36
2.2 As Taxionomias toponímicas.....	46
2.3 Unicidade do topônimo.....	53
2.4 Espaço de enunciação e designação de nomes de lugares.....	54
2.5 Motivação de difícil identificação no passado.....	55
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	58
3.1 A região pesquisada.....	58
3.2 Objetivos Gerais.....	58
3.2.1 <i>Objetivos Específicos</i>	59
3.2.2 <i>Descrição dos informantes</i>	60
3.3 Levantamento quantitativo.....	61
3.4 Constituição do <i>corpus</i>	61
3.5 A pesquisa de campo.....	62
3.6 Das gravações e transcrições.....	68
3.7 Da documentação antiga e fotografias.....	68
3.8 As perguntas.....	69
3.9 A relação de topônimos e sua ocorrência.....	71
3.10 Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais.....	72
4 LISTA DE OCORRÊNCIA DOS TOPÔNIMOS.....	75
4.1. Lista de ocorrência dos topônimos.....	75
4.1.1. <i>Lista geral</i>	75
4.1.2. <i>Ocorrência de topônimos por informante</i>	78
4.2. Apresentação e análise dos dados.....	79
4.2.1. <i>Ficha dos topônimos</i>	86
5 ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	193
5.1 Natureza dos topônimos de Taxionomia simples.....	193
5.1.1 <i>Taxionomias simples: natureza física</i>	196

5.1.2 <i>Taxionomias simples: natureza antropocultural</i>	198
5.2 Natureza dos topônimos de Taxionomia composta.....	202
5.2.1 <i>Taxionomia composta: natureza física</i>	204
5.2.2 <i>Taxionomia composta: natureza antropocultural</i>	206
5.3 Análise do primeiro elemento das Taxionomias compostas.....	209
5.3.1 <i>Perspectiva taxonômica</i>	209
5.3.1.1 <u>Combinação das taxes do primeiro elemento com o segundo</u>	209
5.3.1.2 <u>A natureza coincidente e não-coincidente (mista) dos topônimos compostos</u>	210
5.3.2 <i>Perspectiva lexical</i>	212
5.4 A relação dos topônimos com seu contexto sociocultural.....	216
5.5 Sobre a origem dos topônimos.....	220
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222
REFERÊNCIAS.....	229
ANEXOS.....	235
ANEXO A – Mapa de Curvello na Capitania de Minas Gerais.....	235
ANEXO B – Mapa dos Topônimos Papagaio, Santo Antônio do Corvello e Maquiné na MRCM nas primeiras décadas do século XVIII.....	236
ANEXO C – Mapa do Centro Geográfico de Minas Gerais.....	237
ANEXO D – Mapa de Minas Gerais em Mesorregiões.....	238
ANEXO E – Mapa da capitania de Minas Gerais com divisa de suas comarcas.....	239
APÊNDICE	240

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, surgiram trabalhos sobre a toponímia como subárea da Onomástica em várias partes do Brasil, principalmente sobre os topônimos no Estado de São Paulo. A metodologia normalmente empregada tem sido a da coleta dados a partir de documentos históricos do país além de consultas a mapas ou cartas geográficas, tomando como base a língua escrita oficial. Posteriormente, surgiram outras pesquisas acadêmicas que utilizaram como estratégia científica para o tema a consulta a documentos escritos, mas incluíram entrevistas orais para cotejamento com listagem coletada em fontes escritas. Há também trabalhos que fazem o levantamento setorizado por região e ainda interagem com outras áreas como dialetologia ou lexicografia ao apontarem cartas toponímicas.

Nesta tese, estudamos os topônimos da região central de Minas Gerais, o que representa uma parte do que se conhece pelo IBGE como microrregião de Curvelo. Registramos aqui o léxico toponímico a partir da fala de informantes, sem dissociá-los de sua realidade histórica, social e geográfica.

A região em estudo tornou-se importante economicamente na época da exploração do ouro, concentrando-se na agropecuária, e adquiriu destaque no cenário histórico logo após os anos da decadência da produção aurífera. Portanto, devido à presença de inúmeras fazendas, no século XVIII e XIX, para as quais afluíram fazendeiros vindos de Portugal, São Paulo, Bahia, entre outros, assumimos a hipótese de que o estudo do contexto sócio-histórico dos municípios dessa região (Augusto de Lima, Cordisburgo, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba e Morro da Garça) era o fator preponderante para a obtenção da maioria dos topônimos de natureza antropocultural, tais como hagiotopônimos ou antropotopônimos.

Durante a nossa pesquisa, observamos que não há trabalhos na área da toponímia que contemplem a mesorregião central mineira e não encontramos, também, pesquisas toponímicas que trabalhem com dados de oralidade. Portanto, esses são os pontos que diferenciam nosso trabalho dos demais e justificam a sua relevância. Consultamos alguns documentos, tais como cartas de sesmaria, notas cartoriais, testamentos, encontrado na bibliografia, dentre outros; contudo tais fontes não receberam prioridade na constituição do nosso *corpus*. Alguns mapas antigos ou contemporâneos foram consultados no intuito de

respaldar algumas informações sobre os topônimos; isso em alguns casos assegurou-nos da forma escrita tida como aceita ou oficial. Contudo, após as viagens para gravar as 28 entrevistas, após as transcrições do material gravado e seleção do *corpus*, delimitamos a análise para os dados da língua falada, retirados exclusivamente das entrevistas. Nesse aspecto, esta tese intitulada *O nome e o lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais* estuda topônimos da região central de Minas, destacando os topônimos coletados a partir da fala e emprega a metodologia conhecida e disponível, ao lado de uma classificação dos topônimos na sua natureza física ou antropocultural. Explora ainda a Taxionomia simples separadamente da composta dos nomes de lugares da região pesquisada, explicitando suas bases lexicais, quantificando as taxas predominantes por natureza. Enfim, adotamos uma metodologia conhecida, já adaptada, interagimos com ela e partimos para o trabalho de analisar o *corpus* com o propósito de complementar as pesquisas do léxico-toponímico já existentes.

Como fundamentação teórica, adotamos o modelo toponímico de Dick (1990a, 1999) e de Seabra (2004), com adaptações. Consideramos o ambiente na base do conceito de cultura, conforme abordagem de Diegues Júnior (1960) e Sapir (1969), além de enfocarmos a toponímia suscetível ao princípio da designação como processo enunciativo de acordo com os trabalhos de Guimarães (2002) e Guadanini (2010). Nosso trabalho baseia-se na investigação que enfoca o presente para dirigir-se ao passado e retornar ao presente através de entrevistas orais, parte da metodologia utilizada, buscando seguir a perspectiva dos informantes. Em outra etapa da metodologia, foram realizadas vinte e oito entrevistas com falantes de setenta anos ou mais. Em seguida, procedemos à transcrição das gravações para subsidiar a análise dos cento e trinta e seis dados (136). A quantificação nos permitiu agrupar os topônimos em Taxionomia simples e Taxionomia composta, tanto na natureza física, quanto na antropocultural, no sentido de verificar as bases lexicais e as Taxionomias predominantes.

Nosso trabalho está estruturado em seis capítulos. No primeiro, intitulado ‘Panorama da comunidade pesquisada’, discorreremos sucintamente sobre a mesorregião central de Minas Gerais, considerando seus aspectos históricos, a partir do século XVIII e de suas características principais.

O segundo capítulo traz uma revisão bibliográfica, a partir da noção de Onomástica que permeia os estudos toponímicos tradicionais, ao mesmo tempo em que ressalta a relevância da

toponímia nos trabalhos recentes e sua respectiva metodologia. Empregamos a noção de designação predicadora com o objetivo de focar o topônimo no seu espaço de enunciação representado na fala dos informantes.

Tratamos, no terceiro capítulo, dos procedimentos metodológicos e buscamos demonstrar a importância dos fatores sociais envolvidos no processo de nomeação toponímica, mostrando como se constituiu o *corpus* extraído das entrevistas feitas durante a pesquisa de campo.

No quarto capítulo, apresentamos a listagem geral dos topônimos (136) coletados, bem como a descrição minuciosa dos itens de descrição da ficha dos topônimos para posterior análise.

No quinto capítulo, analisamos os dados coletados, a fim de, com base no que for revelado pelos dados, provar ou refutar nossa hipótese inicial e atingir os objetivos propostos para esta pesquisa.

Na conclusão, o capítulo seis, resgatamos o teor de nossa proposta de investigação, tecemos considerações sobre as análises feitas e discutimos os resultados encontrados.

Pretende-se com este estudo contribuir com os estudos léxico-toponímicos de base sociocultural na mesorregião central mineira, uma vez que pode complementar a bibliografia de trabalhos existentes nesta área, bem como para a descrição da língua portuguesa contemporânea brasileira.

1 PANORAMA DA REGIÃO PESQUISADA

[...] CURVELO vive, Curvelo se faz presente, como se fosse bem um de seus centros-sede, núcleo, pólo de cristalização de sua área de paisagens: “cidade capital” da minha literatura. (Fragmento: “Carta de Guimarães Rosa”)

1.1 Apresentação de nossa microrregião curvelana mineira

Certamente eleger um tema para pesquisar é uma tarefa bem complexa e escolher o subtema é um desafio muito delicado e instigante. É essa situação que se coloca ao apontarmos para uma região específica e a enfocarmos através dos aspectos de sua história e cultura. Na verdade, sabemos serem quaisquer informações tanto preciosas quanto limitadas para estudarmos um tema.

A presente pesquisa situa-se geograficamente em sete municípios da região central mineira (c.f. ANEXO A) entre o Rio São Francisco e o Rio das Velhas, a qual também é conhecida como microrregião de Curvelo. Contudo, não abrange todo o espaço: a área selecionada para a pesquisa foi de cerca de cem quilômetros de raio no entorno da cidade de Corinto, que é considerada como o centro de Minas Gerais. Alguns municípios da mesma Microrregião Curvelana Mineira, (doravante MRCM), ficaram excluídos por contingências do prazo e viabilidade de realizar outro grande número de viagens e gravações, embora topônimos dessas localidades sejam referidos nas entrevistas. Ressaltamos que Buenópolis, Santo Hipólito, Joaquim Felício, Monjolos, Presidente Juscelino e Santo Hipólito fazem parte da mesma região acima citada, mas não foram incluídos na amostra de entrevistas.

Nossa pesquisa vê em cada nome de lugar ou topônimo um nicho cultural e lexical relevante portadora de uma “função conservadora das tradições e dos costumes de uma comunidade, na medida em que se utilizam de sua cultura linguística para nomear acidentes geográficos” (SEABRA, 2004, p.18).

Assim, apresentaremos neste estudo de léxico toponímico uma relação interativa entre cultura e o indivíduo na sua prática social, política, ideológica, mental e as tradições de um povo na sua relação grupal. É nesse sentido que procuramos compreender a cultura da microrregião curvelana. A região enfocada, ao invés de tornar-se importante economicamente na época da

exploração do ouro, pelo contrário, desenvolveu a agropecuária e emergiu para o cenário histórico já nos anos de decadência da produção aurífera.

Os primeiros sinais de agrupamento social, político, religioso e comercial desta região surgem nos registros oficiais no limiar do século XVIII. A atual mesorregião central mineira, aqui destacada, fazia parte anteriormente da Capitania de Porto Seguro e depois passou à jurisdição da Comarca de Sabará (1714), época em que se estabeleceu lá o Julgado do Papagaio para dirimir questões de conflitos de rebeldes por volta de 1701 no Arraial do Papagaio. Porém, surgia na proximidade, naquele início de século um povoado da freguesia de Almas, com capela levantada, um padre baiano nomeado (Antônio Corvello de Ávila), seus fiéis, suas fazendas e suas posses de gado e de escravos. Essa localidade era chamada de Santo Antônio da Estrada desde o século XVIII (SANTOS, 2001). Tomamos aqui a palavra “estrada” como alusão a “Caminho Novo”, no itinerário para a Bahia. Então, percebe-se aí o surgimento de um pequeno pólo comercial por força e influência do movimento de criação de gado, negócio de tropeiros e de produtos agropecuários em torno do atual município de Curvelo. O antigo arraial de Santo Antônio da Estrada (Curvelo) esteve subordinado a Papagaio (Tomás Gonzaga), berço jurídico daquela região. Consequentemente, uma posse ou ocupação de terras, uma carta de sesmaria, a formação de um povoado, o estabelecimento de uma freguesia religiosa e a edificação de uma capela são os marcos sócio- culturais significativos para o aumento da ocupação humana naquela área e em outras das Minas Gerais.

Minas Gerais daquela época não apresentava o mesmo contorno geográfico e subdivisões administrativas e cartográficas de hoje, logo, a região pesquisada (MRCM) era mais conhecida como sertões mineiros e imediações das paragens de tropeiro rumo ao atual território baiano e também pela fama de área de motim e revoltas tanto no antigo povoado do Papagaio (Tomás Gonzaga) quanto no Arraial de Santo Antônio do Corvello em 1776 (Devassa de Curvelo), vinte e três anos antes da Inconfidência Mineira. Houve aí, além de revoltas anteriores, perseguição política e religiosa aos opositores das autoridades da Coroa, na época do rei D. João V e do Marquês de Pombal. Isso tornou a região de Curvelo conhecida naquela época como um “lugar colonial”, cheio de criminosos, facinorosos e inconfidentes, segundo a pesquisa de Anastasia (1995).

Dentro desses parâmetros e, com a extensão dos limites da atividade agropecuária é que a antiga região do Caminho Novo e adjacência foram consolidando-se como nova faceta

socioeconômica da Capitania de Minas Gerais. Isso favoreceu o crescimento de novos agrupamentos humanos, tais como Currálinho (Corinto), fazenda da Contria (atual distrito de Contria), freguesia de Nossa Senhora das Maravilhas (Morro da Garça) e, já no século XIX, o povoado da Fazenda da Cachoeira (Inimutaba), Fazenda Saco dos Cochos (Cordisburgo), o povoado da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Bagre (Felixlândia) e o povoado da Estação Quarenta e Um (Augusto de Lima).

Buscamos, aqui, um estudo do léxico toponímico da região supracitada, explanando algumas bases de sua história e geografia. Tratamos a língua integrada à cultura cujos objetos mais concretos são os acidentes físicos e humanos com registros nos séculos XXI, XX, XIX e XVIII.

Em sentido contrário à crescente urbanização oitocentista (ELIA, 2003), havia em Minas Gerais antiga a perda de numerosos topônimos primitivos ou indígenas, embora não possamos enumerá-los por falta de melhores registros, exceto em alguns casos como Rio das Velhas (*Guaimi*), nome dado pelos índios. Em Minas Gerais, nessa região do cerrado mineiro, a chegada do homem branco significou o desbravamento dos antigos sertões para dar lugar ao plantio de agricultura de base e criação de gado por criadores vindos da Bahia e de muitas outras regiões brasileiras. Essa atividade representava a nova economia tanto para abastecer a área de mineração quanto marco de riqueza alternativa advinda da pecuária e seus derivados. Desse modo, as informações históricas nos induzem a ligar os topônimos primitivos desta região ao contexto sociocultural do campo semântico lexical do gado bovino direta e indiretamente como Santo Antônio da Estrada, Currálinho e Saco dos Cochos. Portanto, como já anteriormente colocado, faz parte de nossos objetivos demonstrarmos a relação linguística e cultural entre os topônimos coletados nas entrevistas e documentos com o universo social a partir do presente e retornando, sempre que a documentação o permitir, até o século XVIII.

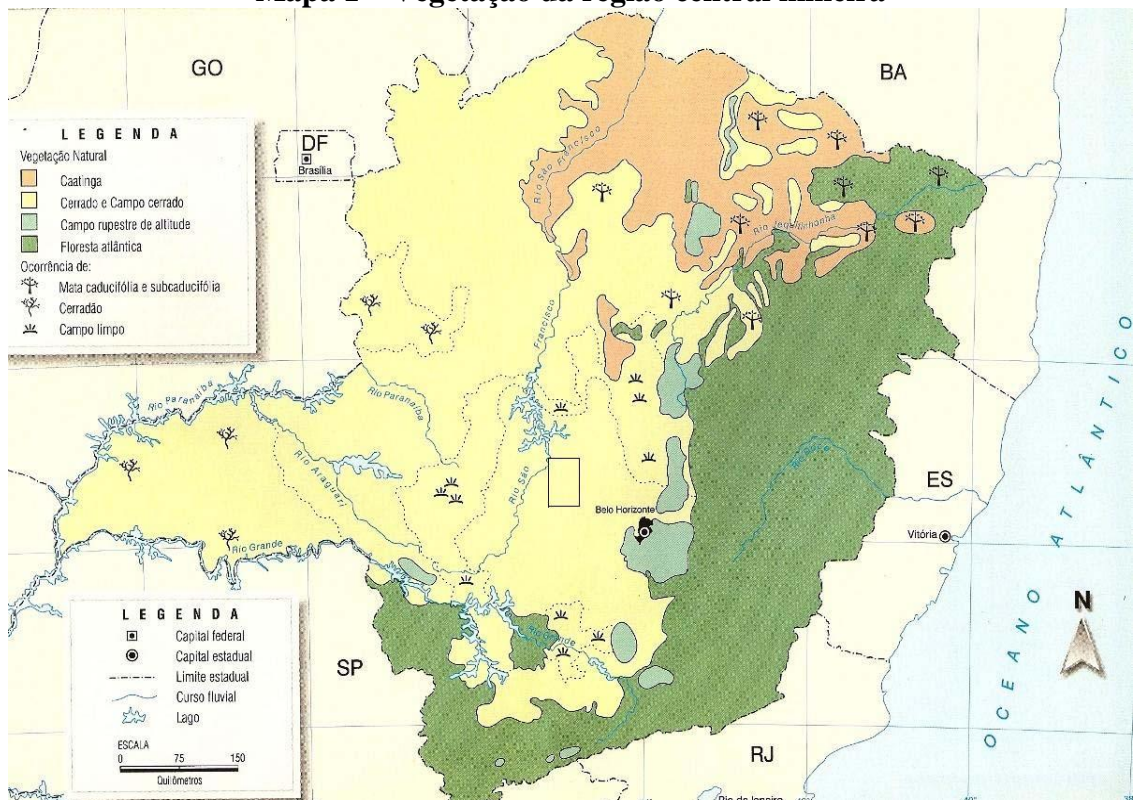
O estado de Minas Gerais compreende doze (12) macro regiões de concentração demográfica. Como subdivisão dessas regiões mineiras, aponta-se a central, de que faz parte a mesorregião central de Minas. Nesse ponto está localizado o centro geográfico mineiro, que se situa em Corinto, a dezenove quilômetros de sua área urbana, no paralelo 18° 21' 51" S e meridiano 44°27'08" O.

Focaremos os topônimos da microrregião central destacando aqueles mais representativos enquanto municípios conhecidos ainda hoje por causa de seus primórdios a partir do século XVIII. Tais cidades de pequeno e médio porte apresentam traços socioculturais herdados desde a época de sua ocupação registrada, como a utilização da pecuária extensiva e agricultura familiar de base econômica. Para nossa pesquisa do processo toponímico, selecionamos os seguintes municípios: Augusto de Lima, Cordisburgo, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba e Morro da Garça. Além desses municípios citados acima, foram visitadas mais duas localidades as quais são pertencentes uma à cidade de Corinto, que é Contria, outro à Curvelo, que é Tomás Gonzaga. Tais localidades tricentenárias são atualmente classificadas como distritos administrativos.

No âmbito de estudos linguísticos mais amplos, a região do nosso enfoque não tem sido alvo de estudo de natureza toponímica, exceto os levantamentos dialetológicos de Ribeiro e Zágari (1977), que tomaram apenas três desses municípios da pesquisa atual, tais sejam: Curvelo, Felixlândia e Cordisburgo. Nesse trabalho, havia testes lexicais, questionários e entrevistas para delineamento de isoglossas que centravam-se em questões fonéticas e lexicais. Observa-se ainda que a MRCM está dentro daquela área que Zágari (1998) classificou como falar mineiro.

Na toponímia, o universo comunicativo da língua abarca e compreende a onomástica com seu processo micronomeador através da toponímia na intercessão com a antroponímia e o léxico da língua portuguesa reflete, portanto, esses processos no interior de si. Soma-se a isso o valor da vegetação, especificamente na existência de cerrado, do relevo e dos cursos d'água ou recursos hídricos, como pode-se ver no mapa a seguinte.

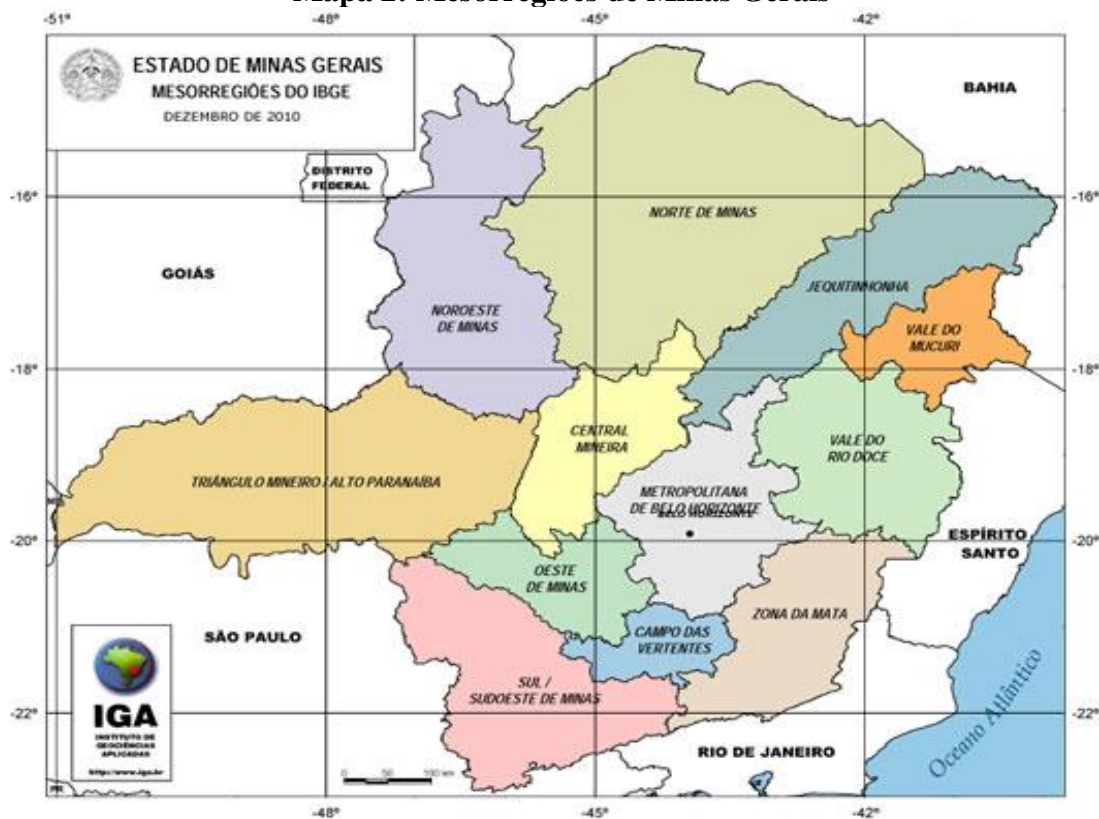
Mapa 1 – Vegetação da região central mineira



Fonte: MENEZES, 2009.

Adiante vamos exibir o mapa contendo as mesorregiões mineiras do IBGE, inclusive a mesorregião central de Minas da qual faz parte a área pesquisada com seus sete municípios selecionados. Assim, a microrregião curvelana mineira está dentro da mesorregião central mineira, sendo esta última mostrada no mapa seguinte:

Mapa 2: Mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: [HTTP://www.mg.gov.br/governomg/ecp/content](http://www.mg.gov.br/governomg/ecp/content). Acesso em 30 de julho de 2012.

1.2 Contextualização histórica dos municípios da região central mineira

Nosso estudo do léxico toponímico na microrregião de Curvelo, ou área central de Minas, pressupõe sua contextualização histórica: uma região ampla que no período oitocentista caracterizava-se pela criação de gado e agricultura de base, em detrimento de possível exploração de pedras preciosas naqueles sertões mineiros. No limiar do século XVIII, não houve registro de nenhuma descoberta aurífera por lá, mas existiam informações de criadores de gado vindos da Bahia e Pernambuco em Diogo de Vasconcelos (1999, p. 13) e presença de muitos desertores de antigos movimentos desbravadores e outros indivíduos itinerantes nos sertões em busca de terras desocupadas para se apropriar. Vasconcelos (*Opus cit.*) comenta também que o desbravador Manuel Nunes Viana (um dos aliados do Padre Corvello) fez expedições nas proximidades das margens do Rio São Francisco para defender terras da família Guedes de Brito e por ali mantinha fazendas prósperas de gado e víveres naquelas imediações. Também Zemella (1990) trata da questão de abastecimento de carne e outros produtos por fazendeiros abastados daquela região, entre os quais Manuel Nunes Viana.

Outros pesquisadores relatam ainda que esse era um território de presença de índios bravios e colonizadores diversos, vivendo esporadicamente conflitos de muita tensão, tais como revoltas e motins, conforme Álvares (2009, p. 9). Os registros que dão conta de tribos guaianases ali são poucos e raros. Outros autores acreditam na presença de índios coroados, vivendo lá naquela época. Assim, podemos inferir que a MRCM daqueles tempos era um terreno aberto para muitos aventureiros e alguns personagens históricos conhecidos que conseguiram carta de sesmaria (ou várias) posteriormente; como foi o caso de Antônio Ávila de Corvello, Jorge Ávila de Corvello, seu irmão e outros mais foram ocupando terras nas beiras dos córregos e rios. Enfim, acreditamos que esse contexto histórico seja relevante para nos fornecer subsídio de análise no sentido de procurarmos ali um processo toponímico impregnado do contexto sociocultural da época.

1.2.1 Curvelo

De acordo com as informações históricas, o pequeno povoado de Santo Antônio da Estrada tinha alguma relevância política, comercial e religiosa através do padre Antônio Corvello, um potentado do lugar, baiano de Rio Real, que foi para lá em trabalhos de missão eclesiástica, mas também de busca de prosperidade e riqueza, como podemos checar em seu testamento de 1749.

Considera-se que esse povoado oitocentista está à beira do que era o caminho de tropeiros e viajantes com destino à Bahia. Ressalta-se que a historiografia sobre os *Caminhos dos Currais* é muito vasta e aqui está uma breve síntese da questão, e a ideia mais aceita atualmente é de que havia vários caminhos para os sertões já conhecidos no início do século XVIII, segundo Salomão de Vasconcelos (1944).

Assim que o Padre Antônio Ávila de Corvello, baiano de Rio Real, reformou a capela local, de construção precária, denominou-a capela de Santo Antônio. Instalou ele, ali, parte de seu ministério eclesiástico bem como parte de seus negócios, tais como sítio farto, gado muar e mão de obra escrava.

Essas informações vieram a público na década de 1950, depois que seu testamento de 1749 foi descoberto em Sabará, conforme atestam dados fornecidos por Diniz (1988). Cerca de cem anos passados, podemos encontrar a mesma localidade já com o nome de Santo Antônio do

Corvello. Logo, o carisma e a força político-social fizeram o reconhecimento regional do padre precursor quando deixaram marcas na memória coletiva de Minas. O apoio de Manuel Nunes Viana teria ajudado em muito ao padre Curvelo se consolidar como personagem forte da história local, há cerca de trezentos anos. O mapa (ANEXO B) ilustra essa contextualização histórica, apresentando as vertentes de cunho sociocultural que impregnaram os topônimos e influenciaram a alteração, pouco a pouco, de sua forma.

Novos arraiais ou novos topônimos vão ganhando relevância social e econômica e passam a constar no mapa, como é o caso de Morro da Garça, Papagaio etc. Nessa época, na microrregião central mineira havia outros caminhos ou estradas de tropeiros e viajantes sendo que uma dessas rotas atingia o atual município de Morro da Garça, onde havia pouso para o gado, para tropeiros e viajantes pernovernarem; e depois seguirem o caminho tanto para Bahia quanto para abastecer o comércio da mineração nos arredores de Ouro Preto, Mariana, Sabará e Barra Longa¹.

Na toponímia, o universo comunicativo da língua abarca e compreende a onomástica com seu processo micronomeador através da toponímia na intercessão com a antroponímia e o léxico da língua portuguesa reflete, portanto, esses processos no interior de si. Nosso trabalho trata a natureza antropocultural como um fator de peso na toponímia geral dessa região.

Anteriormente, ainda no século XVIII, no roteiro do jesuíta Antonil, podia-se ver Campo da Garça como referência toponímica, depois vemos a denominação fazenda da Garça, ainda hoje existente na região, próxima cerca de dezoito quilômetros. Em outra fonte de informação preciosa da cartografia mineira de Eschwege (1811), encontramos não só a indicação Morro da Garça com marca triangular para bem caracterizar a elevação rochosa de 940 metros junto do município atual a lançar sua gigantesca sombra aos sítios e fazendas locais. Em síntese, podemos dizer que Morro da Garça nasceu de um simples arraial do século XVIII que cresceu em terrenos de fazendas antigas do local, juntamente com a velha capela Nossa Senhora das Maravilhas (já demolida); em seguida, a 2 de janeiro de 1866 pela lei 1272 da Assembleia Legislativa de Minas Gerais criou o território e paróquia do Morro da Garça, de acordo com as leis do império, segundo a obra de Leite (1966, p.11). Esse município foi elevado à paróquia denominada paróquia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. A passagem de

¹ SEABRA, 2004.

uma simples capela a paróquia parece-nos constatar o crescimento social e religioso do local, enquanto isso o topônimo Morro da Garça se afirmava como referência física e comunitária, pois ainda podemos avistar nos céus de lá uma boa revoada de garças por sobre lagoas, córregos e rios da região, sempre próximas do imponente Morro da Garça. Constata-se assim que de capela simples, essa comunidade passou a ter paróquia já no século XIX. Isso é relevante porque solenidades religiosas como batizados e casamentos eram cada vez mais realizados no local, o que expõe e divulga o topônimo a pontos mais distantes seguramente. Mostramos, a seguir, uma foto da antiga estação de trem de Curvelo.

Figura 1– Antiga estação de trem da cidade de Curvelo/MG



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CurveloMG-Centro_Cultural_de_Curvelo001.JPG

1.2.1.1 Angueretá

O distrito de Angueretá pertence ao município de Curvelo desde 30 de dezembro de 1953, pelo decreto-lei 1058 e teve seu povoamento iniciado no século XIX, na mesma época da formação de fazendas na região, conforme informações encontradas em documentos do cartório local, tais como carta de alforria, contrato de compra e venda de terras e certidão de casamento da localidade que tinha o nome de Almas e pertencia a Santo Antônio do Corvello. Posteriormente, através da lei, de número 2710 é que o antigo povoado passou a distrito de Almas, pertencente a Sete Lagoas, em 30 de dezembro de 1880. O topônimo Angueretá é de

origem tupi adaptada de *angoerá*, a ‘alma passada’, e *etá*, marca de plural, segundo Costa (1997, p. 100). O significado, portanto, seria “local das almas”.

Esse distrito tem a população em torno de algumas centenas de moradores e situa-se à beira da BR-040, no sentido Belo Horizonte-Brasília, nas proximidades do Córrego de Almas. A vida social dos moradores depende muito das cidades mais próximas que são Paraopeba, Sete Lagoas e recebe influências externas de Belo Horizonte, devido à facilidade de acesso por rodovias e vias de comunicação.

1.2.1.2 Tomás Gonzaga

O visitante ainda pode ver ao lado da igreja principal dessa localidade, bem no caminho de fazendas antigas, a Leste, uma capela, já reformada com a inscrição do ano de 1732 (FIG. 2). Essa data fornece-nos o indício de que ali havia ocupação social e religiosa e o povoamento do local já acontecia; é isso que nos mostra a presença da comarca naquele lugar e também a concessão de carta de sesmaria a Antônio Francisco da Silva (1919), tomando como referência o sítio Papagaio e seus limites. Papagaio funcionou como centro administrativo da região central mineira por muitas décadas era o julgado do Papagaio do século XVIII. Todavia, foi perdendo seu papel de destaque institucional, sobretudo após contestação e motim contra imposições administrativas no local ainda no século XVIII, bem antes da Inconfidência Mineira. O fato é que o topônimo Papagaio foi sumindo do mapa e passou oficialmente a se chamar Nossa Senhora do Livramento do Papagaio, depois em homenagem a um jornalista carioca passou a ser Silva Jardim (1909) e, posteriormente, por lei estadual, em alusão ao inconfidente mineiro (1943) passou a Tomaz Gonzaga (COSTA, 1997). Vemos aí a força da transformação sócio-política influenciando na consolidação do topônimo, isto é, a mutabilidade toponímica ocorreu como um rompimento com a informação cartográfica. Nesse caso, o topônimo muda sua natureza de zootopônimo para hagiopônimo e depois antropônimo, duas vezes, segundo a metodologia de Dick (1990, 2006). Isso revela-nos que a motivação semântica do topônimo foi sendo substituída. Consequentemente, a toponímia registra essas influências das vicissitudes do contexto sociopolítico e cultural. Convém lembrar que havia certa confusão entre Papagaios, localidade do Oeste de Minas, ainda existente, e o antigo julgado do Papagaio, berço jurídico da região central mineira.

Figura 2 – Igreja N. S. do Rosário – 1732 – Distrito de Tomás Gonzaga/MG



Fonte: Acervo pessoal.

1.2.2 Corinto

A atual cidade de Corinto, com sua localização geográfica privilegiada, merece um destaque: é o centro geográfico de Minas Gerais, na altitude de 608 metros, no paralelo 18°21'51'' S e o meridiano 44°27'08'', Oeste (W. Gr.), a partir da Estação Ferroviária. Essa cidade tem somente Contria como distrito e alguns povoados ao redor, seus limites principais são a oeste Três Marias, ao Leste Santo Hipólito, a Nordeste Augusto de Lima e a Sudoeste, Morro da Garça. Tal posição de centro de Minas foi definida.

Determinar o centro geodésico de Minas torna-se uma questão complexa e até polêmica na região mineira, pois Curvelo do padre Curvelo impusera como titular enquanto Comarca por muitas décadas e tradicional centro econômico e sociocultural da região até que a emancipação tirasse Morro da Garça da hierarquia jurídica curvelana (1962) e Corinto passasse oficialmente a município e registrasse de vez o novo topônimo Corinto para a cidade (1924).

No local onde está hoje o município havia anteriormente dois povoados: o distrito do Pilar, já eliminado por causa do crescimento urbano e o arraial do Currealinho que nasceu às margens de uma fazenda em local de agropecuária muito antiga, cujas bases encontram-se no século XVIII. Convém lembrar que o Pilar, essa localidade do centro mineiro, perdeu muito do seu

espaço de crescimento também junto da posição de sede para o crescente povoado de Currálinho pela lei nº 556 de 30 de agosto de 1911. Isso aconteceu devido ao progresso trazido pela linha férrea que inaugurou a estrada de ferro em Currálinho. Mas o sucesso do topônimo durou até 1923 quando a lei 813 de 7/09/1923 adotou o nome de Corinto para o município atual.

Constam nas informações sobre a origem do arraial que um fazendeiro construiu ali um curral que servia como pouso providencial para tropeiros, vaqueiros, comerciantes de animais e outros ramos. Com o passar do tempo desenvolveu-se ali um povoado significativo na rota de viajantes do Caminho da Bahia. A história do lugar misturou efetivamente com a do município de Corinto quando chega lá a Estrada de Ferro Central e inaugura a estação com o nome de Currálinho (1906). Tal topônimo foi ficando estigmatizado e censurado por grande parte da população. Então, um tipógrafo local, o senhor Antônio Pertence², encaminhou para a câmara municipal a sugestão de troca do nome Currálinho para Corinto por influência da Grécia e também da Carta de São Paulo aos Coríntios (Bíblia Sagrada), supostamente. Salvo algumas imprecisões das fontes disponíveis, esse foi o resultado do percurso do topônimo através do tempo, o fato é que a cidade tem hoje o nome Corinto e os gentílicos para os moradores do local tanto pode ser corintense quanto corintiano atualmente.

Como podemos ver o povoamento dessa microrregião onde está o município de Corinto remete-nos ao século XVIII quando a província de Minas Gerais concedeu a sesmeiro Manoel da Silva Rosa (1710) carta de sesmaria naquela região cujos limites de terras indicavam a localidade de Currálinho segundo fontes do Arquivo Público Mineiro³. Além disso, há informações de que mesmo antes dessa data outro fazendeiro, Antônio de Araújo dos Santos, por ali se estabelecera em 1701 e construía o primeiro engenho de açúcar de Minas, suas terras foram legitimadas em 1711, cerca de dez anos depois, conforme informação da mesma Revista citada.

² Revista **Corinto Nossa História**. nº 1, ano 1, 2008.

³ Revista **APM X**, 1905, p. 900.

1.2.2.1. Contria

O atual distrito de Contria, pertencente a Corinto, tem sua história com raízes colocadas no século XVIII, por volta de 1714, quando da ocupação de terras para formação de fazendas na microrregião central mineira.

Podemos observar que não raras vezes há pequenas diferenças de grafia nos nomes de personagens da história nos documentos antigos. Parece mesmo que o nome do padre francês benfeitor do lugar era mesmo Philippe Domingo de La Contrie, citado em Lima (1998). Isso explicaria de certa forma o modo como o pequeno arraial formado em suas terras cresceu até tornar-se o atual distrito de Contria. A origem da palavra Contria está relacionada ao sobrenome desse padre e proprietário da localidade, conforme Costa (1997, p. 170).

Esse antropônimo apresenta-se como exemplo de palavra estrangeira (francesa) que, por empréstimo, tomou a sufixação e aglutinação da língua portuguesa (Contrie + -ia). O ciclo de vida desse topônimo está quase intacto nos seus quase trezentos anos de registro. Não foi constatada nenhuma ingerência político-administrativa que causasse substituição ou alterações significativas no nome original da fazenda da Contria em relação ao atual distrito de Contria. Nas informações históricas encontradas, sabe-se que lá morava também a irmã do padre, Maria de La Contrie que ajudava a administrar os negócios da fazenda.

Por volta de 1906, a chegada da rede ferroviária ao centro de Minas, e posterior estação do trem no local, funcionou como novo traçado no mapa mineiro. Isso significou progresso, emprego e consolidação do povoamento de antigos arraiais e passagem de alguns outros a distrito, como é o caso de Contria, pertencente a Corinto. Foi incorporado a essa cidade por força da lei 843 de 7/10/1923 conforme Costa (1997). De acordo com as informações disponíveis até hoje, a palavra Contria é seguramente um antropônimo tricentenário, pelo que se pode inferir de Lima (1998, p. 51): “Em 1714, temos documentada a presença do Padre Philippe de La Contrie, na região do Bicudo [...]. O topônimo Contria derivou de seu nome”.

1.2.3 *Felixlândia*

O atual município brasileiro de Felixlândia está situado nas proximidades da represa de Três Marias, distando 194 quilômetros de Belo Horizonte, tendo uma população de 14.287 habitantes, sendo cortado pela BR-040. Sua história liga-se à doação de terras de uma

sesmaria, pertencente ao Padre Félix Ferreira da Rocha, que ali mantinha uma propriedade, chamada Fazenda do Bagre, em 1762, conforme cópia da escritura em documentos sobre a história da cidade. Tal terreno serviu para a construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Piedade feita pelo Padre Félix Ferreira da Rocha, na metade do século XVIII, portanto ele era contemporâneo do Padre Corvello. O pequeno povoado do Bagre foi-se formando ao lado de fazendas antigas do lugar. Ligado à Freguesia de Santo Antônio do Corvello, começou assim o Arraial de Piedade do Bagre que foi crescendo nas proximidades do Córrego do Bagre e o Rio do Peixe. Essa área era subordinada ao Arcebispado da Bahia e comarca de Sabará. Depois de pronta a capela de Nossa Senhora da Piedade o nome do lugar confundia-se com o nome da paróquia e em 1842 estabeleceu-se o distrito de Piedade do Bagre. Sua emancipação ocorreu em 1948, tomando oficialmente o nome de Felixlândia, em homenagem ao padre missionário Félix Ferreira da Rocha. Sua economia é voltada para a agricultura, pecuária com produção de pedra ardósia e eucalipto. A posição geográfica do município encontra-se em 18° 45 ' 28 ' S 44° 53' 56 ' O. A seguir, mostramos uma figura, como ilustração, de N. S. da Piedade na Igreja N. S. da Piedade, em Felixlândia.

Figura 3– N. S. da Piedade. Igreja N. S. da Piedade de Felixlândia



Fonte: Desconhecida.

1.2.4 Cordisburgo

No século XVIII essa área que compõe a atual cidade de Cordisburgo era tida como local de fazendas e, no final do século XIX, por volta de 1883, o padre João de Santo Antônio chegou

à região que era conhecida como Sesmaria Empoeiras. De acordo com informações fornecidas pelo *site* do município, o nome Arraial Saco dos Cochos foi modificado pelo padre, motivado pelas paisagens exuberantes e clima agradável do lugar. A partir disso, o padre passou a denominar o lugar de “Vista Alegre”. Como o terreno dessa propriedade estava sendo levado em praça pública, tal padre se uniu a pessoas de muitas posses na região e conseguiu uma parte do terreno arrematado, quarenta alqueires, para formar o patrimônio da igreja, construir capela (em devoção a São José) e fazer distribuição gratuita de terras para edificar casas para novos moradores. Posteriormente, o mesmo padre resolveu importar de Paris uma imagem do Coração de Jesus para adornar a nova capela. Depois veio a motivação para construir uma nova igreja e o nome já passava a ser Arraial de Vista Alegre, em 1886. Mais tarde, em 1890, por força de decreto o governo estadual elevou o povoado de Coração de Jesus da Vista Alegre a distrito denominado de Cordisburgo da Vista Alegre. Assim, o padre João registrou o nome Cordisburgo em homenagem à imagem do Sagrado Coração de Jesus, empregando a etimologia híbrida do latim *cordis*, que significa coração e *burgo*, do alemão, para indicar cidade. Mais tarde, ele doou seus bens à Matriz do Sagrado Coração de Jesus à diocese de Diamantina, no final do século XIX. Na velhice recolheu-se ao convento de Macaúbas e lá faleceu em 1913. A localidade paulatinamente passou a ser chamada de Cordisburgo e, em 1938, foi emancipada. Atualmente apresenta apenas um distrito, que é Lagoa Bonita, além de povoados diversos.

O município de Cordisburgo distancia-se de Belo Horizonte aproximadamente 120 km pela BR-040 e tem uma população em torno de 9033 habitantes e sua localização geográfica apresenta-se em 19° 07' 30'' S 44°19'15''O. Está situada na região norte-central mineira. A seguir, mostramos uma foto da ferrovia de Cordisburgo.

Figura 4 - Estação de trem de Cordisburgo/MG



Fonte: VASCONCELOS, Max, 1928.

1.2.5 Inimutaba

A vida de Inimutaba, um pequeno município brasileiro, ao lado de Curvelo, começou efetivamente no século XIX, quando havia ali a Fazenda Santo Antônio. Veio assim a formação de fazendas e teve antigamente o nome de Ipiranga e posteriormente passou a ser chamada de Fábrica da Cachoeira, ou simplesmente Cachoeira. Ali havia abundância de água que permitiu construir no final do século XIX uma indústria de fiação (1875) e tecelagem (1875) que permaneceu até o início da década de 1990. A presença dessa empresa trouxe emprego para a população, bem estar e progresso por mais de cem anos. A vida da população girou em torno do movimento e circulação de capital proporcionada pelo sucesso da empresa no local. Após o fechamento da pequena indústria o município e a população entraram em grandes dificuldades até chegarem outras empresas menores do mesmo ramo para ajudarem a administração local. Inclusive, o antigo nome de Ipiranga foi substituído por sugestão da diretoria dessa fábrica, uma vez que dava confusão com outro município do mesmo nome em Minas. Assim, por decreto-lei número 1058 de 31 de dezembro de 1943, a cidade passou a ser chamada de Inimutaba. Na linguagem indígena tupi, numa forma alterada, *inymbo*, fio de algodão; *taba*, aldeia, casa, seria a cidade do fio de algodão, como alusão à indústria de tecelagem de algodão. Sua produção concentrava-se em americano cru, chita, etc. Essa cidade

que já foi distrito de Curvelo, com o nome de Ipiranga, foi emancipada, em 1961, como município, efetivamente, pela lei número 2764 de 30 de dezembro de 1962.

A localização de Inimutaba é bem próxima de Curvelo, a seis quilômetros, passando pela BR-135 e tomando a BR-259 em direção a Diamantina, nas margens do Rio das Velhas e Rio Paraúna. Em relação a Belo Horizonte, dá uma distância de 181 quilômetros. Sua produção econômica é muito pequena e gira em torno de tecelagem, produção de cristais, agricultura simples e serviços, apresentando atualmente uma população em torno de 6420 habitantes. Faz parte da mesorregião central de Minas, tecnicamente sua posição geográfica é 18° 43' 44'' S 44° 21' 39'' O.

1.2.6 Augusto de Lima

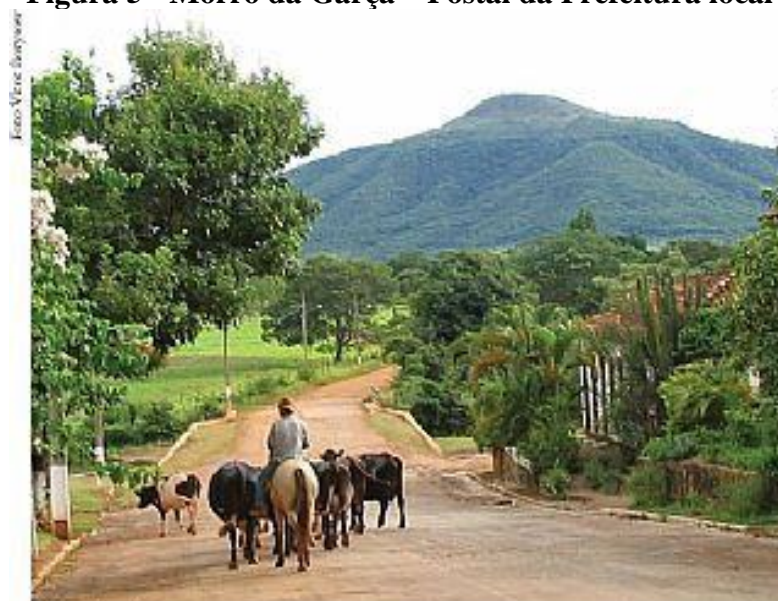
A atual cidade de Augusto de Lima é um município brasileiro da mesorregião central de Minas e tem sua história ligada a antigas fazendas de gado e agricultura em períodos muito anteriores ao crescimento urbano. Ficou muitas décadas como distrito de Francisco Sá. O movimento que se deu a partir de 1911, com a chegada da rede ferroviária e a inauguração de sua estação central ali levou certo progresso à localidade. O antigo povoado passou a ser conhecido pelo nome de Estação Quarenta e Um (41), por causa da nomenclatura empregada pela diretoria do serviço ferroviário. Foi distrito de Diamantina e de Buenópolis até os meados do século XX e, mais tarde, em 1962, pela lei número 2764 de 30 de dezembro, chegou à categoria de município. O topônimo Augusto de Lima é uma homenagem ao poeta e político mineiro que foi Governador (ex-presidente do Estado de Minas Gerais) na época da transferência da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte, fato ocorrido em 12 de dezembro de 1897, conforme Mendes (2009, p. 52).

A distância da cidade até Belo Horizonte fica em torno de 240 quilômetros pela BR-135, na mesma direção de Curvelo e após Corinto. O centro cultural e comercial mais influente, bem próximo é, há muitos anos Curvelo, Montes Claros e Belo Horizonte. Sua população está em 4589 habitantes e sua economia modesta gira em torno de agropecuária, madeira, cristais etc. A localização geográfica é a seguinte: 18° 06' 32'' S 44° 16 '01'' O.

1.2.7 Morro da Garça

O município de Morro da Garça era chamado nos seus primeiros anos do século XVIII de Nossa Senhora das Maravilhas e “foi elevado à paróquia por lei nº- 1272 de 2 de janeiro de 1866, com o nome de Imaculada Conceição de Nossa Senhora”, segundo Costa (1997). Passou a Imaculada Conceição do Morro da Garça quando se tornou sede paroquial com a lei nº- 2107 de 07 de janeiro de 1874. O nome atual foi reconhecido na lei sua emancipação de número 2764 de 30 de dezembro de 1962. Esse município tem ao seu lado uma grande elevação geográfica chamada, pelos entrevistados, como “Morrão” (FIG. 5), cuja altura está em torno de 940 metros, o que é uma atração turística de grande visibilidade para todo o entorno, com acesso ao seu topo. A história de Morro da Garça se prende ao período de formação de fazendas e criação de gado na mesorregião central mineira com passagem e pousada de tropeiros nos séculos XVIII e XIX conforme comentários de historiadores locais. Ao redor do município encontramos alguns povoados como São José da Vista Alegre (Arrepiado), Capivara, Canabrava, Vila de Fátima, Genipapo, Lagoa do Peixe que os moradores ou entrevistados citam em sua fala. Está muito próximo do Rio Bicudo e tem no limite urbano o Córrego da Ponte e o Córrego das Flores e até hoje há revoada de garças por sobre lagoas, seus córregos e rios na proximidade da sua grande elevação rochosa local. A cidade fica a Oeste da BR 135, a 210 Km de Belo Horizonte, em direção Norte.

Figura 5 - Morro da Garça – Postal da Prefeitura local



Morro da Garça.

Fonte: Desconhecida.

“Quarta-feira, 27 de setembro

Minha mãe chegou de Santa Bárbara, jantou na Chácara e viemos para casa. Ela trouxe uma rapadura muito grande de doce de cidra, uma lata de doce de leite, um cacho de bananas-da-terra, um feixe de caninhas dedo-de-moça, um vidro de cagaiteiras curtidas e pés-de moleque. Quanta coisa boa! Foi até bom ela ter ido.” (*Minha Vida de Menina*. MORLEY, Helena. p. 90)

2 REPENSANDO A ONOMÁSTICA

Nome não se dá; nome se recebe. (João Guimarães Rosa)

No grande universo da linguagem humana, estudar uma palavra ou um nome é o mesmo que estudar uma só estrela da galáxia, ou ainda, é como retomar migalhas de um banquete de signos até se tornarem novamente grãos bem próximos de nós. Na seara do Léxico ou da Lexicologia, destacamos o nome no seu processo de nomeação e assim atingirmos o campo da onomasiologia, cuja área de nosso interesse é a onomástica. Então, consideramos a onomástica como parte da Lexicologia. Na tradição dos estudos toponímicos, aceita-se a estreita relação de pertencimento da antroponímia e a própria toponímia como subáreas da onomástica. Enquanto a antroponímia volta-se para o estudo dos nomes próprios individuais, para os nomes dos progenitores, os sobrenomes, alcunhas e apelidos; a toponímia estuda os nomes de lugares e sua respectiva motivação, origem, evolução, ou mudança através do tempo.

2.1 Breve histórico

Cientificamente, a toponímia recebeu seus primeiros estudos, por volta de 1878, na França em 1878, de Auguste Longnon, na *École Pratique des Hautes-Études* no colégio de França. Com a obra *Les noms de lieu de La France* Albert Dauzat, autor do estudo aprofundado da toponímica parisiense, *Les Noms de Lieux*, publicada por seus alunos em 1912 divulgou-se seu conhecimento do tema e a nomenclatura dos nomes de lugares. A partir de 1924, após a morte de Longnon, Albert Dauzat desenvolveu seus estudos toponímicos, investigando a relação dos *topos* franceses e suas motivações históricas existentes. Assim sendo, Dauzat (1926, p. 5) preconizava que os estudos do léxico toponímico levasse em conta a ideia da interrelação com outras áreas do conhecimento: “Pour mener à bien ces recherches, Il faut en outre posséder des connaissances touchant l’histoire non seulement politique, mais économique et sociale. On doit ensuite et surtout se pénétrer des leçons de la géographie physique et humaine et, à l’occasion, de la géologie.”⁴

⁴Para levar em frente essas pesquisas, é necessário, além disso, possuir conhecimentos relativos à história não somente política, mas econômica e social. Deve-se aprofundar nas lições da geografia física e humana e, oportunamente, na geologia. (Tradução nossa)

Por ocasião do I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, em 1938, Dauzat sistematizou diversas resoluções e normas a serem seguidas pelos pesquisadores (*Apud* DICK, 1990a). Albert Dauzat lançou a obra *Les noms de Lieux: origine et évolution*, em 1926, a qual é um estudo cartográfico e etimológico da toponímia da França, bem como de Paris e sua origem dialetal.

Por outro lado, na UFMG, em Belo Horizonte, surgiram muitos estudos toponímicos recentemente, sobretudo a partir da tese *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*, em 2004, da Prof.^a Dr.^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Nesta pesquisa encontramos o estudo da toponímia a partir de entrevistas orais *in loco*, ao lado da consulta a documentos vastos sobre a região do Rio do Carmo. Posteriormente vieram outros trabalhos importantes sobre nomes geográficos e algumas dissertações de mestrado sobre o léxico toponímico mineiro, com ou sem glossários dos topônimos, em pesquisas de outras regiões de Minas, tais como Pitangui-Pompéu (MENEZES, 2009); Montes Claros (CARVALHO, 2010); região de Ouro Preto ao Sumidouro (MENDES, 2009); Diamantina (2010). Outras informações a respeito dos resultados das pesquisas acima citadas podem ser vistas, nesta tese, no Capítulo 6, das Considerações Finais.

Em Portugal, Leite de Vasconcelos (1928) iniciou os estudos da antroponímia, em 1887, com a Revista Lusitana, posteriormente, estabeleceu conceitos e classificações para o estudo dos nomes, na sua obra *Antroponímia Portuguesa* (1928). Nessa obra, o autor estuda os topônimos de Portugal, bem como sua etimologia e contextualização histórica, no período que vai da Idade Média até os tempos modernos. A sua obra é de valiosa importância para os estudos de nomes próprios (sobrenomes, apelidos, hipocorísticos, alcunha, etc.) na língua portuguesa europeia ou de além-mar. Sua base documental mais significativa são livros de crônicas da história e da linhagem portuguesa, no período da Idade Média; há, também, registros de nomes de séculos posteriores até o início do XX. Uma marca da sua obra é a opção pela nobreza e seus descendentes como forma de ilustrar a nação lusitana. O autor parece perceber sua eficiência nessa direção em relação à metrópole e apresenta em suas anotações dados retirados de línguas de povos açorianos, madeirenses, africanos, ciganos e judeus. Inclusive há na sua obra *Antroponímia Portuguesa* poucos nomes comuns colhidos de algumas observações pessoais, informalmente cedidas por amigos em seus contatos ou viagens. Essa obra apresenta muito pouca informação sobre nomes de lugares, mas fala de

alguns antropônimos que passaram a fazer parte da toponímia (Bragança, Braga, Lamego, etc.).

Leite de Vasconcellos (1928) emprega, para certos nomes, os termos patronímico e apelido no sentido familiar diferente do que teríamos hoje, o que torna essa forma de nomeação difícil de transpor para os leitores brasileiros do século XXI, embora seja válida ainda a noção de pré-nome, sobrenome e hipocorísticos. O autor emprega, nessa situação, o termo “designação de família” para os apelidos, mas num sentido bem diferente do que encontramos na semântica argumentativa, que considera a designação dentro de um processo de enunciação mais complexo (GUIMARÃES, 2002). Em seu trabalho, Leite de Vasconcellos traça um fio condutor que vai desde a nomeação de pessoas entre os nobres portugueses a partir da Idade Média até o início do século XX, ao mesmo tempo em que elege o tema da “imposição do nome” como preferencial, até em famílias portuguesas abastadas, modestas, comunidades católicas com imposição do nome do santo do dia, judeus, galegos, moçárabes, brasileiros, ciganos, etc. A título de exemplo, é interessante lembrar a passagem da obra onde o autor narra a cerimônia de imposição do nome próprio a um menino cigano. Segundo ele, nessa ocasião um mestre de cerimônia, em dia previamente marcado, convoca os familiares, parentes e amigos do clã para se reunirem à beira de um córrego ou ribeirão (de água limpa ou mesmo turva). O mestre de cerimônia impõe à criança o nome preparado por ele para a vida social do recém nascido. Além disso, os amigos e familiares preparam outro nome que ficará mais oculto diante das pessoas externas ao grupo. Nesse momento do batismo, são proferidas ainda palavras de exaltação da astúcia, agilidade e ganância para o futuro membro da comunidade, expressões e palavras ditas no dialeto dos ciganos que sejam veladas para outros indivíduos. Inclusive os comentários sobre a possível má conduta de ciganos e as palavras infames atribuídas a eles no ato de batismo nas águas de ribeirão. Outro episódio de igual importância na imposição do nome é a cerimônia de família judaica, em Portugal, algumas décadas atrás. Por ocasião do oitavo dia após o nascimento de um menino judeu, fazia-se a circuncisão e realizava-se a cerimônia de imposição do nome. Familiares e convidados assistiam a um mestre de cerimônia preferir orações e o tão esperado nome do bebê. Repetia-se normalmente o mesmo nome do avô paterno para o recém nascido. Nessa cerimônia chamada de “fada” ou “fala” revelava-se o nome para o novo ser, o qual deveria representar a homenagem e toda honra e respeito ao avô paterno. Na falta deste, adotavam o nome do avô materno. A linhagem masculina estava assim registrada. Conta ainda o autor que numa comunidade africana, antigo domínio português, havia a cerimônia de imposição de nome do

recém nascido, mas o ritual dava-se de forma bem diferenciada. Os pais convidavam parentes, amigos e vizinhos da aldeia, os quais poderiam sugerir o nome a ser adotado para a criança. O mestre da cerimônia fazia orações e executava o ritual de escolha do nome do bebê, sendo quase sempre adotado um daqueles nomes sugeridos pelos membros da comunidade. Nesse encontro, havia também a imposição do nome, mas de uma forma bem mais democrática, ou socializada.

Acreditamos que o processo de nomeação de pessoas ou lugares não mais segue a motivação tão nobre como naqueles tempos da vida lusitana, pois o chamado horário nobre da televisão brasileira, o sucesso dos atores do cinema, a fama dos atletas do vôlei, do futebol, música popular e sertaneja são fatores capazes de nos conduzir a um novo estudo da antroponímia brasileira hoje. No contexto cultural de hoje, o nome do pai, mãe e avós passaram a exercer menor influência sobre o nome dos filhos do que exercia em tempos anteriores. No mundo globalizado recente, percebemos cada vez mais, nomes próprios com marcas fonéticas de gráficas da língua inglesa bem como de outras línguas diversas. Assim, o prestígio ou fama de um indivíduo ou personagem da comunicação midiática é uma motivação de peso na nomeação de crianças recém-nascidas, muitas vezes com escolha de nomes que não repercutem mais a tradição greco-latina-portuguesa ou de outra cultura, já em extinção ou de menos evidência. Portanto, inserimos a onomástica na onomasiologia de que trata Leite de Vasconcellos (1928, p. 177) no trecho abaixo:

Temos, como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A seção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomasiologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos, que dão frequentemente nomes a sítios (a “Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na Revista Lusitana, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Pantonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonímia) ao dos nomes de deuses.

Os estudos toponímicos brasileiros receberam maior influência, contudo, das considerações de Albert Dauzat (1951) quanto à questão do nome, segundo Seabra (2004). Para esse linguista “antroponímia é a ciência dos nomes de pessoas (antropônimo, nome de pessoa); toponímia, a ciência dos nomes de lugares (topônimo, nome de lugar)”. A onomástica é um

termo geral que engloba essas duas áreas de estudo e sua origem deve-se ao grego *onomastikè* cuja base é ónoma (nome) e nos desperta interesse na medida em que ela pressupõe a ação de nomear e, conseqüentemente um nomeador, um nomeado. Vamos reiterar neste ponto a relação de inclusão que há entre Antroponímia e Toponímia, pois são campos de estudos afins que se interpenetram, ou se mesclam. Essa posição já estava em Dick (1990b). Na metodologia de Dick (1998, p. 103, *apud* SEABRA, 2004, p. 38) foi empregada a noção de elementos do discurso para compreender a onomástica do Estado de São Paulo. Nesse trabalho, Dick partiu da ideia de representação externa para o nome. A autora toma aí:

[...] nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou enunciatário, o que recebe os efeitos da enunciação, na qualidade de sujeito passivo).⁵

Sabemos que na área da Lexicologia há diversas perspectivas de proceder a um estudo do léxico toponímico de dada região, pois ao chegar ao plano onomasiológico o nome adquire um status de designador, ou seja, ele passa a pertencer ao processo da designação social.

Os estudos de toponímia tornaram-se muito divulgados a partir dos anos de 1980, principalmente com a tese de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Na sua tese de livre docência, empreendeu-se um estudo detalhado sobre nomes geográficos brasileiros e da cidade de São Paulo a partir de documentos escritos do século XVI ao XIX. Essa pesquisa mereceu uma publicação, cujo título é *A Motivação Toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. A autora segue uma seara investigativa já iniciada em outros países, sobretudo por Albert Dauzat (1926) que desenvolvera estudos onomásticos significativos, tanto quanto a nomes de lugares quanto de pessoas na França.

Uma das obras que influenciou o trabalho de Dick (1990) foi *Les Noms de Lieux: origine et évolution*, ao lado de definições e conceitos etimológicos para nomes de famílias (antropônimos) e nomes de lugares franceses do mesmo autor em 1951. Dick buscou em vários precursores e toponimistas brasileiros suas bases históricas, como também adotou muitas das lições do pesquisador Teodoro Sampaio (1955) que deixou enorme contribuição sobre o tupi na nossa língua. Ela endossou os estudos da toponímia brasileira do professor Carlos Drumond (1965) em que o autor enfoca a herança dos indígenas bororos para o léxico

⁵ DICK, 1998, *apud* SEABRA, 2004.

nacional. O trabalho de Dick volta-se essencialmente para documentos escritos e cartas geográficas que possam exibir o maior número possível de topônimos coletáveis. Sua investigação centra-se na explicação do que motivou o surgimento do topônimo. Para isso sua metodologia estabelece duas categorias principais das motivações dos nomes de lugares, a natureza física e sua natureza antropocultural. O fato é que ao falar de motivação dos acidentes físicos e geográficos na toponímia brasileira, Dick, em *Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990a), busca características do solo, relevo, córregos, rios, lagos e igarapés e vegetais marcantes de cada área enfocada para descrever o léxico toponímico inserido no seu contexto sociocultural.

Destacamos nessas duas obras basilares da referida autora a sua conceituação do nome que indica lugar como sendo, palavra de função dêitica, ou seja, topônimo como um designativo, denominativo na ação de um ser denominador. Para esta autora, existe sempre um mecanismo objetivo e investigável no ato da nomeação. Na sua Taxionomia de natureza antropocultural, Dick cita os “antropotônimos ou nomes de lugares constituídos a partir dos designativos pessoais” (grifo nosso). Emprega também o termo “denominação espontânea” para diferenciar dos nomes que sofrem a ação das autoridades e detentores do poder na imposição dos nomes de lugares quando. A autora, (p. 294) afirma o seguinte:

[...] em Toponímia, denominação espontânea, distinta daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, tantas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular. (DICK, 1990, p. 294)

Nesse caso, a autora ratifica que ‘oficiais’ são os nomes colhidos nos documentos escritos diferentemente dos encontrados na fala encontrada das entrevistas ou na liberdade de expressão do usuário da língua portuguesa. Em seguida, na mesma obra (p. 45), Dick emprega ainda o termo nomeação anônima (grifo nosso) como forma de classificar o topônimo que recebeu o denominativo através de nome pelo prenome ou apelido de família. Vejamos mais uma vez o que Dick, em *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* destacou como nomeação anônima na toponímia brasileira através de “prenome, alcunha, hipocorístico, apelido de família ou pelo conjunto onomástico” e endossa a seguinte consideração diante do estudo da Vila de São Paulo de Piratininga:

Por volta de 1600, ensina Gabriel Marques (Cf. *Ruas e tradições de São Paulo*, 1966), os caminhos do vilarejo já estavam abertos, possibilitando o surgimento de

casas e estabelecimentos em ruas, trilhas, pátios e becos, que iam adquirindo uma nomeação conforme ao costume da época e à mentalidade de seus moradores – Rua do Meu Irmão Fernão Dias, Rua Onde Mora Pedro Furtado. (Grifo nosso)

Dick comenta ainda que esses topônimos acima são dedicados tanto a pessoas influentes quanto dedicados a pessoas simples da localidade. A nosso ver, contudo, essa denominação anônima está apenas opondo-se a uma outra que é imposta pelas autoridades e influentes. Para sua análise, a autora elaborou um critério que classificou os topônimos em duas categorias máximas que são os topônimos de natureza física e outra de natureza antropocultural e outras subcategorias menores, a partir dos documentos escritos analisados. Ela baseou-se também nas lições de toponímia tupi no nosso idioma, do pesquisador Teodoro Sampaio (1955). A autora observa que nos topônimos de origem indígena estão as formas ou bases muito primitivas da toponímia brasileira, com sua marca de diversidade étnica.

Para Dick (1990a), falar de forma antiga dos topônimos bem como de sua origem, motivação, etinologia e etimologia é, inclusive, uma forma de abordar aspectos diacrônicos dos nomes de lugares. Nessa obra, a autora adota alguns preceitos europeus de Dauzat- Backhauser ao afirmar que o topônimo revela tanto o lado do *acanhado horizonte* mental, a autolatria, modéstia, espiritualidade quanto à existência de pessoas anônimas, potentados ou pessoas ilustres das artes, ciências ou personagens históricas (*apud* DICK, 1990a). Essas características são mais visíveis nos casos de antropotopônimos, os quais a autora agrupa pelos seguintes aspectos: prenome, hipocorístico, prenome mais alcunha, apelido de família, prenome mais apelido de família. Dick (1990a) aponta também algumas formas sufixais (-burgo, -lândia, -polis, -ina) que participam da formação de topônimos, além de nomes de profissões, títulos de nobreza e outros de funções políticas.

A autora considera que os nomes próprios destinados a nomes de lugar são aspectos de autolatria, sendo isso parte do recurso de perpetuar parcela da história regional para outras gerações. Em seguida, a autora apresenta seu conceito particular para hierotoponímia como sendo um processo denominativo para indicar nomes sagrados de quaisquer crenças ou de associações religiosas. Inclusive diferencia nomes de santos e de santas como hagiotopônimos e ainda cita os mitotopônimos para os nomes referentes a lendas ou folclore. Segundo a autora, “A razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta” (DICK, 1990b, p. 311) e atribui o fato a uma reflexão mística do ser humano diante de algo intangível, como, por exemplo, os

primeiros nomes de lugares, tais como *Monte Paschoal* e *Ilha de Vera Cruz*, dados pelos portugueses ao Brasil na carta de Pero Vaz de Caminha. Aponta grande quantidade de hagiotopônimos de cultos a São João e a Santo Antônio em Minas Gerais e, trata também dos marcos dos missionários da expedição pioneira do Padre João Aspigueta Navarro pelo interior de Minas adentro, no século XVI (1553) e do Padre Manuel da Nóbrega da Bahia até a aldeia de Piratininga, ou São Paulo de Piratininga. Segundo Dick houve outras localidades com nomes religiosos ou hagiotopônimos. Todo esse percurso de estudo toponímico baseia-se na motivação observada na historiografia e geografia brasileiras, com uma nomenclatura sistemática sobre a técnica denominativa dos lugares, no ponto de vista da pesquisadora.

Em Dick (1990a), a nomeação é uma atividade objetiva e classificatória, com uma tendência catalográfica, tratando a motivação toponímica dentro de uma função dêitica. Entretanto, a autora reconhece que na toponímia nem sempre se pode explicar com a devida precisão, a existência de um nome de lugar. Sintetizando as ideias dessa pesquisadora, o estudo toponímico deve buscar a função denominativa da motivação e a singularização de um determinado lugar e o registro escrito desse aspecto no ícone, além de identificar um lugar ou interpretá-lo como fóssil linguístico. Ela conclui que o estudo dos antropotopônimos é muito importante, pois eles revelam autolatria, lisonja e afirma que seu critério empregado para estudar a motivação toponímica é apenas um dentre outras possibilidades de abordagem do tema. A autora pondera, inclusive, que o estudo da origem, ou dos motivos geradores da designação são fundamentos essenciais para o toponimista nesse modelo teórico seguido por ela. Ressaltamos ainda que sua obra centraliza sua observação em cartas geográficas e documentos escritos do século XVI ao XIX, sobre o Brasil, na busca de elementos motivadores dos topônimos, sejam córregos, rios, ribeirões, lagoas, montanhas, igarapés, povoamentos, cidades etc., seja pela perspectiva da natureza física ou pela perspectiva antropocultural.

Em nossa análise, a designação toponímica contém um valor predicativo, comunicativo, porque se baseia na fala dos entrevistados *a priori*, não tendo aprofundamento nas questões de estudo da origem quer seja etimológica, etnológica ou mística, pois essa pode prender-se a um passado bem remoto com fontes escritas muito frágeis, que não nos permite um recorte diacrônico seguro. Portanto, fazemos um recorte sincrônico do estudo dos topônimos a partir da fala dos entrevistados da região pesquisada. Defendemos que os entrevistados ou informantes dão um valor afetivo, emotivo aos topônimos em sua linguagem, pois os

empregam com familiaridade. Assim, analisamos os topônimos fazendo parte da orientação espacial, familiar e estimativo dos informantes. Raramente percebemos no usuário da língua, nosso informante, um conhecimento etimológico ou etnográfico dos topônimos ou das suas bases lexicais na mesorregião central de Minas Gerais. Acrescentamos, ainda, que, o fato de entrevistar os antigos moradores e de ser o pesquisador nascido e criado na região, diminui o distanciamento entre a formalidade dos documentos escritos de um passado distante, quanto ao conjunto bibliográfico de Dick, e a forma e uso dos topônimos pelo nosso informante.

Outra obra significativa de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. Essa é uma reunião de artigos sobre as disciplinas da onomástica, a Toponímia e Antroponímia, os quais buscam uma relação com a geografia diante da nomenclatura toponomástica. A autora trata a Toponímia como uma disciplina “completa e acabada”, explorando o tema como macrotoponímia brasileira e suas particularidades geográficas e desenvolve o tópico estudos especiais sobre o topônimo com suas várias nuances semânticas para áreas sólidas de nomenclatura como já fizera na sua tese, *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxenômicos* (1980). Nessa obra, a autora reafirma vários aspectos relevantes da toponímia, como: a) a toponímia é matéria heterogênea, pois remonta a origens de várias ascendências indígenas do passado e presente o nosso país: b) Mostra alguns registros reveladores de ponto de contração do negro em áreas determinadas do território: c) Aponta uma parcela restrita de topônimos de origem estrangeira trazida para o Brasil por força da imigração do final do século XIX. Esta coletânea de artigos apresenta dois eixos básicos da matéria, um é a colocação de princípios teóricos genéricos que permeiam a disciplina abordada; o segundo é o plano de aplicação prática de sua obra e seus questionamentos em que os temas são da questão da toponímia brasileira, o sistema toponímico brasileiro, o valor espontâneo e o popular nos topônimos brasileiros desde os nomes primitivos aos recentes, a relação da geografia e os topônimos básicos, origens históricas, nomes transplantados da cultura portuguesa para o território brasileiro, questões da microtoponímia do Brasil bem como de alguns aspectos de países como Estados Unidos, Rússia, China, França, etc. Encontram-se na obra também topônimos indígenas e africanos de duas épocas diferentes e sua distribuição pelo país, estudos aplicados sobre a hierotoponímia e a litotoponímia, estudos especiais sobre a cidade de São Paulo, além de artigos antroponímia como estudo a respeito de nomes individuais e apelidos de família com suas origens e aspectos gerais.

A autora segue uma linha de trabalho sempre na direção do ato de nomear, função identificadora ou designativa; reconhece que há um valor conotativo na estrutura de alguns topônimos e que moradores antigos de cada região podem colaborar na explicação do significado básico para respaldar o trabalho do pesquisador. Sua meta volta-se para o valor primitivo de cada elemento mórfico, cada signo toponímico ou sintagma desde a origem, isto é, uma busca incessante pela denominação específica como base etimológica e tradição inserida culturalmente. Dick considera relevante a noção de regiões culturais de Diegues Júnior (1960) para demarcar algumas áreas toponímicas brasileiras e situa a Toponímia e a Onomástica como partes integradas, sendo o estudo toponímico um conteúdo de variáveis sempre atrelados à Onomástica.

Dick fundamenta-se em documentos escritos da História do Brasil a partir do século XVI ao XIX e em obras relevantes, como, Carlos Drumond, Teodoro Sampaio e também em cartas geográficas para analisar os acidentes físicos e humanos; onde há sempre a busca de um vínculo entre as expressões onomásticas e o seu referente. Nesse aspecto o nome de lugar é mais próximo do real, uma vez que tem seu registro em fontes documentais e algumas vezes têm sua etimologia distante do conhecimento do morador da região. Coerentemente, a autora acredita na identificação dos lugares com indicação precisa nos seus aspectos físicos e antropoculturais como processo sistemático de estudo da *causa denominativa*. Seu estudo privilegia as características peculiares da toponímia desde sua origem até sua significação dos nomes de lugares. A autora apresenta e discute seus dois blocos de categorias toponímicas, alguns aspectos da nomenclatura dos seguintes topônimos: cardinotopônimos, aqueles referentes a pontos geográficos dos acidentes naturais e detalhes particulares de profundidade e tamanho do que seriam os dimensiotopônimos e outros aspectos mais específicos dos geomorfotopônimos e morfotopônimos, cronotopônimos, cromotopônimos, sociotopônimos, ecotopônimos, poliotopônimos, etnotopônimos, hodotopônimos e expressões toponímicas, chamadas por ela de dirrematopônimos.

Dick faz uma reanálise dos seus estudos taxonômicos de 1975, estendendo suas observações no sentido de torná-las abrangentes, reconhecendo que sua nomenclatura pode ainda receber acréscimos contribuidores de toponimistas, de acordo com a natureza do trabalho e da região pesquisada; mas ressalta a autora que esses são os pilares básicos da sua metodologia da Taxionomia de topônimos. Desse modo, Dick (1990b, 27-32) elaborou um quadro das características motivacionais da toponímia, mesmo reconhecendo alguns limites que

envolvem essas categorias distintivas principais: os topônimos de natureza física e os de natureza antropocultural.

2.2 As Taxionomias toponímicas

Para análise dos aspectos taxonômicos dos nomes de lugares, adotamos as Taxionomias toponímicas adotadas por Dick (1990a), que distribui em 27 taxes a sua classificação, traduzindo condutas motivadoras orientadas pela ordem física e antropocultural de suas ocorrências. Abaixo apresentamos tais princípios básicos ao lado de exemplos extraídos da autora, e no final de cada item, citamos um exemplo da mesorregião central mineira, coletado em nossa pesquisa juntamente com o município a que pertence.

A - Taxionomias de Natureza Física

- 1 - Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: Estrela (AH⁶, BA); rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES).
- 2 - Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Praia do Leste (PR); serra do Norte (MT); Entre-Rios (AH, AM); ribeirão do Norte (MG); lagoa do Sul (SC).
- 3 - Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: rio Branco (AM); RIO Negro (AM); RIO Pardo (SP); Serra Azul (SP).
- 4 - Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade. Ex.: ilha Comprida (MA); serra Curta (BA); Larga (AH GO); riacho Grosso (CE); morro Alto (GO); córrego Fundo (MT); igarapé Profundo (RO).
- 5 - Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade (arroio Pinheiro, RS), em conjuntos da mesma espécie (Pinheiral, AH RJ), ou de espécies diferentes (morro da Mata, MT; Caatinga, AH BA; Serra da Caatinga, RN); além de formações não espontâneas individuais (ribeirão Café, ES) e em conjunto (Cafezal, AH PA).

⁶ AF: acidente físico; AH: acidente humano; MG: Minas Gerais; MT: Mato Grosso; RN: Rio Grande do Norte; RS: Rio Grande do Sul; SP: São Paulo; GO: Goiás; RJ: Rio de Janeiro; RO: Rondônia.

- 6 - Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha: Montanhas, AH RN), AH RN; monte: Monte Alto, AH SP; morro: Morro Azul, AH RS; colina: Colinas, AH GO; coxilha: Coxilha, AH RS) e depressões do terreno (vale: Vale Fundo, AH MG; baixada: Baixadão, AH MT) e às formações litorâneas (costa: Costa Rica, AH MT: cabo: Cabo Frio, AH RJ: angra: Angra dos Reis, AH RJ: ilha: Ilhabela, AH SP.: porto: Porto Velho, AH RO).
- 7 - Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: água: serra das Águas, (GO), Água Boa (AH MG)Ç; rio: Riozinho (AH PI): Rio Preto (AH SP); córrego: Córrego Novo (AH MG); ribeirão Preto (AH SP); braço: Braço do Norte (AH BA); foz: Foz do Riozinho (AH AM).
- 8 - Litotopônimos: topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos: barro: lagoa do Barro (BA); ouro: arroio do Ouro (RS); conjunto da mesma espécie: córrego Tijucal (SP); ou de espécies diferentes (Minas Gerais), AH MG: Cristália (AH MG); Pedreiras (AH MG).
- 9 - Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: vento: serra do Vento (PB) Ventania (AH SP); Botucatu (AH SP); neve: riacho das Neves (BA): chuva: cachoeira da Chuva (RO); cachoeira do Chuvisco (MT); Chuva (AH MG); trovão: Trovão (AH AM); cachoeira Trovoada (PA).
- 10 - Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex.: Curva Grande (AH AM); ilha Quadrada (RS); lagoa Redonda (BA); Triângulo (AH MT).
- 11 - Zootopônimos: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos (boi: rio do Boi (MG) e não domésticos (onça: lagoa da Onça (RJ) e da mesma espécie em grupos (boiada: ribeirão da Boiada (SP); Vacaria (AH RS); Tapiratiba (AH SP).

B – Taxionomias de Natureza Antropocultural

- 1 - Animotopônimo ou nootopônimo: a motivação toponímica abrange áreas do psiquismo humano.
- 2 - Antropotopônimo: nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família.

- 3 - Axiotopônimos: o antropotônimo vem acrescido de um título, como doutor, desembargador, mestre, etc.
- 4 - Corotopônimos: relativo a nomes de cidades, a países. Exemplo: *Corinto* (Corinto)
- 5 - Cronotopônimos: indicadores cronológicos.
- 6 - Dirrematopônimos: são sintagmas toponímicos, expressões cristalizadas.
- 7 - Ecotopônimos: nomes relativos à habitação. Exemplo: *Tapera* (Curvelo).
- 8 - Ergotopônimos: referem-se a elementos da cultura material do homem.
- 9 - Etnotopônimos: relativo a grupos étnicos, tribos, isolados ou não.
- 10 - Hierotopônimos: toponímia de origem religiosa.
- 11 - Hagiotopônimos: referentes aos nomes de santos e santas da religião católica.
- 12 - Mitotopônimos: referentes a entidades mitológicas.
- 13 - Historiotopônimos: topônimos ditos históricos ou de personalidades históricas.
- 14 - Hodotopônimos: topônimos relativos aos caminhos, às vias de comunicação rural e urbana.
- 15 - Poliotopônimos: topônimos relativos a aglomerados populacionais menores e maiores.
- 16 - Numerotopônimos: relacionados aos topônimos da classe de numerais.
- 17 - Sociotopônimos: referem-se a atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo.
- 18 - Somatopônimos: topônimos dotados de caráter metafórico e que tem seus nomes interpretados como designativos em relação analógica com partes do corpo humano ou animal.

Quanto às características da toponímia brasileira, Dick (1990b) a analisa como um sistema de nomenclatura de uma região de particularidades sujeita a generalização para suas designações dentro de algumas camadas onomásticas em que os topônimos podem refletir as condições ambientais na língua. A autora afirma que uma boa esquematização da pesquisa do sistema toponímico brasileiro deve-se ater ao estudo da natureza linguística dos topônimos conforme sua nomenclatura geográfica brasileira, considerando suas camadas fundamentais, tais sejam, indígena, portuguesa, africana, nomes de origem estrangeira e análise de fenômenos de linguagem peculiares. Observa-se, além disso, a motivação semântica dos topônimos brasileiros.

Dick reconhece existir nos motivos designativos dos topônimos enorme heterogeneidade significadora ao lado de uma tendência de caráter mais sistemática e oficial. Enxerga o *mecanismo de nomeação* com fases mais comuns em certos períodos da vida social da coletividade, portanto são alguns nomes de lugar mais descritivos, contudo outros apresentam suas origens de denominação na modalidade mais popular e espontânea sem autoria não particular, e sim, do núcleo populacional. Assim, um recurso muito recorrente na forma de denominações está presente nos cursos d'água, seja com rio, lago, córrego, água, normalmente acompanhada de elementos qualificadores do tipo de cor, etc. Lembra a autora também o fato de que na realidade brasileira, certos nomes de lugares tiveram sua origem ligada a antigas vilas e arraiais onde surgiram muitas denominações de *caráter espontâneo*, cuja escolha pode ter nascido livremente ao gosto das populações incipientes passando a ser um ato de nomeação anônima. Isso é o que dificulta definir o que causou ou impulsionou o nome original para os acidentes físicos, quando não há registros elucidativos para a nomeação ou mesmo troca de nomes.

Na questão de nomeação de ruas de cidade, Dick preocupa-se com os critérios pouco claros, às vezes, e volta sua atenção para os primeiros nomes do centro urbano de São Paulo com sua respectiva história e características físicas e também sua história e cultura ou incidentes locais. A autora relaciona a toponímia paulistana com a vida dos primeiros moradores, toma essa denominação como forma específica do lugar e mostra muitas barreiras para o pesquisador desvendar para resgatar esse passado, o que parece bem mais complexo do que a análise de acidentes geográficos. Retoma ainda o conceito de “regiões culturais”, presente em Diegues Júnior (1960), e considera que a cidade de São Paulo apresenta verdadeiras áreas toponímicas como, por exemplo, em designação genérica do tipo de *rua das Jaboticabeiras*, *rua dos Pessegueiros*, *rua das Amoreiras*, etc. Neste capítulo, a autora comenta a questão de ser os nomes de ruas paulistas *designativos* que apresentam muitas dificuldades para explicitarmos seu conteúdo semântico de origem, às vezes, em determinadas construções linguísticas presentes nos topônimos que já estão distantes do falar das pessoas simples do lugar. Informa também que as ruas de São Paulo guardam algumas marcas dos bandeirantes e sertanistas do passado ou retoma nomes típicos da história do Império Romano.

Dick relaciona os topônimos básicos com os termos da Geografia para mostrar a importância da paisagem nos vocábulos toponímicos e os inter-relaciona com os conteúdos de História, Geografia, aspectos linguísticos do ponto de vista físico e humano; mostra a relevância da

hidrografia como base de topônimos tanto em registros franceses de Dauzat, autores hispânicos quanto na toponímia brasileira.

No caso da toponímia brasileira, Dick tomou como base “Carta do Brasil 1: 1000.000” de publicação do IBGE, tomando os elementos “água, ilha, cachoeira e rio” e analisa uma série de nomes geográficos que trazem marcas do indigenismo na nomenclatura toponímica brasileira. Tal origem prende-se aos povos da raça guarani, tupi e ou Nhengatu (tupi moderno falado na Amazônia) e também cita outros topônimos cuja origem deve-se aos bororos, índios caribenhos de outras origens. Encontramos em sua obra o conceito de “tupinismo”, extraído do *Vocabulário na língua brasílica*, manuscrito seiscentista. A autora apresenta os elementos mórficos característicos das várias concepções de água e rio na tipologia básica da toponímia brasileira, os quais são encontrados tanto como acidente humano (AH) como acidente físico (AF). Sua fonte de pesquisa principal são os documentos do século XVI ao XIX, ao lado da cartografia e bibliografia especializada, numa perspectiva diacrônica, segundo ela. Enfim, a água é instrumento importante no ato denominativo da hidronímia nacional, aparecendo significativamente, por exemplo, com o vocábulo “ribeirão, córrego”, etc.

Há na toponímia a tradição de analisar o léxico específico de cada sítio geográfico na sua dimensão cultural tanto nas questões históricas quanto nos seus vários aspectos culturais próprios de determinada região. Essa colocação corresponde a um estudo amplo, podendo ser desenvolvido em diversas abordagens, tais sejam: morfológica, sintática, morfossintática, fonológica, dialetológica e também nas diferentes áreas da semântica.

Partindo da noção de onomástica, como ciência linguística que focaliza o nome, acreditamos que podemos estudar os topônimos da microrregião curvelana, em Minas, valendo-nos um aparato teórico da semântica enunciativa, bem conhecido no que tange ao conceito de nomeação, designação, referência, denotação etc. Nosso conceito de designação remete-nos a uma obra marcante da área da semântica que é *Semântica do Acontecimento*, de Guimarães (2002). Tal obra tem ascendência teórica voltada para o discurso e dialoga com autores de filiação argumentativa, como Ducrot (1972, 1973, 1984) e outros. Nessa obra, Guimarães (2002, p.9) expõe uma significação específica para cada termo empregado na sua teoria a respeito do funcionamento dos nomes; considera a *nomeação* como funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome; a *designação* é o que se chama de significação de um nome

enquanto relação linguística remetida ao real; a *referência* é a particularização de algo dado na enunciação; a *denotação* pode ou não ser usada como sinônima de referência e nomeação.

Para esse autor a questão mais relevante é tratar a enunciação como funcionamento da língua sem remeter isto a um locutor, a uma centralidade do sujeito. Assim o sujeito não é gerador do enunciado, do acontecimento, mas, sim, o acontecimento é que dá a temporalidade essencial e marca uma latência de futuro ou um depois que lhe é incontornável. Então o acontecimento da linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro em que aspectos próprios é que acionam um passado como recorte de algo memorável. Nesse contexto de análise é que entra o nome próprio de pessoa o qual põe em funcionamento a designação, rejeitando a antiga relação estreita entre o nome e a coisa; priorizando o nome único, ou seja, o nome de uma pessoa única o que nos remete a um objeto único. Isso forma para nós uma nova posição enunciativa. O estudo do nome próprio de pessoa nos leva a compreender uma relação de linguagem com o mundo e com o sujeito. Portanto, o topônimo é um nome próprio de lugar, subordinado a condições similares ao se nomear um rio, um acidente geográfico, um monte, um povoado, uma vila ou uma cidade. A nomeação desses lugares geográficos revela também a existência de lugares enunciativos onde ocorre a designação contextualizada na temporalidade do acontecimento. Assim então, a designação significa e procede a um recorte do campo de objetos e os constitui como objeto único. A partir daí o nome ou topônimo passam a valer e participa de uma construção de relações linguísticas. Consequentemente nosso nome próprio de lugar passa a estar numa relação nome/coisa única, isto é, nome para um objeto único. O processo de nomear é ter o indivíduo para a sociedade e para o Estado (GUIMARÃES, 2002, p. 36). Aqui, tomamos a palavra denominação como um vocábulo mantenedor do caráter dêitico da própria onomástica. Esse valor semântico da denominação também está nos antropônimos de Leite de Vasconcellos (1928). Em Seabra, na sua tese de doutorado, sobre a toponímia da região do Rio do Carmo, encontramos ressonância da mesma ideia:

Apesar de se constituírem campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica- pessoa e lugar - têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo - em uso dêitico ou anafórico [...]. (SEABRA, 2004, p. 37).

No caso acima citado, consideramos o ponto de vista da autora voltado para a denominação objetiva. Assim, ao fazer comentários sobre a hierotoponímia brasileira, encontramos

equivalência de significado entre termos como *denotar*, *denominar* ou *designar*, no trecho, merecedor de destaque de Dick (1990b), a seguir:

Algumas vezes, o nome santificado denota o culto regional por influência de migrações, como acontece com **Santarém**, nome transplantado de Portugal, e que encerra uma deturpação do vocábulo **Santa Irene**. Transferido para a região norte do país, ali permaneceu, só ocorrendo uma única vez no Estado da Bahia. No Pará, aparece designando um acidente humano, uma ilha e uma ponta; no Maranhão, determina um acidente humano; no Amazonas, um igarapé e uma ilha, enquanto o topônimo Santarém Novo nomeia um acidente humano no Estado do Pará. (DICK, 1990b, 340).

Nessa citação, a autora, a nosso ver, emprega aleatoriamente *determinar*, *designar* e *nomear*. Nosso objetivo aqui é traçar quesito de diferença diante do que seja o processo de designação no caso específico do nosso estudo da toponímia, ou seja, acreditamos que ela se reveste de uma significação de matiz nova no ato de nomear cada lugar.

Até este ponto de nosso estudo, consideramos que há similaridade na identificação toponímica em muitos artigos, dissertações de mestrado dessa área e também nesses autores citados e comentados acima. Entretanto, já havíamos introduzido uma perspectiva de análise voltada para uma cena discursiva de um acontecimento linguístico-semântico mais complexo para os topônimos na investigação do mesmo tema. A questão da designação e suas categorias linguísticas no discurso é a abordagem desenvolvida, de outro ponto de vista, por outra pesquisa recente que é a de Guadanini (2010). Na sua pesquisa, ela toma a mídia como fonte de estudo e afirma que

As relações referenciais de designação têm estreita relação com o trabalho de ordenação do sentido ao qual se entrega o sujeito e aquilo que ele percebe no mundo fenomenal, na medida em que, ao mesmo tempo em que a designação predica, refere, nomeia, ela também reconfigura. (GUADANINI, 2010, p. 82)

No decorrer de sua tese, Guadanini elenca treze categorias de designações a partir das publicidades da mídia e as toma como surpresa, fator de subjetividade intencional no processo de interação midiática. Para essa autora, a designação vai além dos recursos semânticos, pois utiliza-se da referenciação e outros mecanismos inferenciais e associativos no que tange estabelecer relação entre percepção, visão de mundo e experiência dos sujeitos envolvidos na interação comunicativa. Nesta abordagem, designação é uma ação, considerada como forma de manifestação subjetiva do locutor para representar o mundo através da linguagem, que tem

uma base referencial em um acontecimento ou um fato social e pode funcionar como uma atitude enunciativa.

Dentre as reflexões e considerações de Guadanini, está a colocação de que a designação envolve tanto uma dimensão político quanto social entre os parceiros da interação, a identidade desses parceiros, as condições de produção dos enunciados e os efeitos e resultados a que ela reporta. Aprofundando na questão da subjetividade, ela leva a designação até a relação de uma construção identitária. O ato de designar cria, assim, através de um nome (renome) que predica de modo apreciativo, bem como cria para o designado uma identidade. Assim, a autora se situa na interface entre a Semântica referencial e a Análise do Discurso, baseando-se nas considerações teóricas de Kleiber (1984, 1994) para quem a noção de denominação é colocada em sentido oposto à designação. Nesse aspecto, a *denominação* tem um caráter mais duradouro, enquanto que *designação* assume uma associação referencial momentânea e menos convencional. Apóia-se também nas contribuições da Semiologia propostas por Charaudeau, acerca dos *Modos de Organização do Discurso*. A partir de um *corpus* constituído com exemplificações extraídas do campo midiático, Guadanini constata que a designação é um campo bem amplo de estudos linguísticos cuja delimitação é sua opção necessária em função do seu enfoque na interação comunicativa e reconhece que sua pesquisa abre novas frentes de trabalho nessa área.

Defendemos que na análise dos topônimos os atos de nomear e predicar andam juntos. O espaço geográfico aberto passa de lugar ermo anônimo para ser item receptor de uma predicação especial que é o nome, nome esse que é recebido não necessariamente na interação linguística, mas na atuação da comunidade como homenagem a alguém que ficará registrado na memória. O nome próprio emerge do contexto social e se impõe para ficar. Esse caso nos parece bem peculiar nos antropotopônimos onde a designação surge de modo exofórico (de fora para dentro), ou seja, a comunidade nomeia e designa por si mesma, ao mesmo tempo. O ser nomeador se dilui no processo sócio-histórico-linguístico e a designação acontece como um evento social e cultural.

2.3 Unicidade do topônimo

Quando um pai nomeia uma criança, cumpre uma obrigação social de registrar alguém. Essa obrigação é estabelecida pela lei num conjunto de textos específicos que obrigam os pais a

agirem assim. Os pais recebem uma certidão oficial, reconhecido por lei, que nomeia e inclui o ser nomeado no Estado. Eles assumem mais que uma paternidade biológica, mas também a configuração de um lugar social bem delineado. Surge aí a posição de um enunciador individual que tem autonomia de dar nomes aos filhos, num espaço enunciativo da Língua Portuguesa. Esse é um locutor específico que sai do papel de nomeador individual e se torna um enunciador coletivo com sua única voz que passa a valer diante de todos. Consequentemente o sobrenome faz parte de uma outra enunciação que enfraquece o nome e o determina e o renomeia efetivamente.

Consideremos um topônimo raro, mas presente na região central mineira, o qual é Corinto, diante da cidade renomada grega que é Corinto. De antemão, podemos defender que essa homonímia é desfeita pelo falante facilmente e o processo de homonímia não criará obstáculos na compreensão porque a enunciação que produziu o acontecimento linguístico, que nomeou Corinto – Minas Gerais/Brasil, não é o mesmo que nomeou a cidade grega. De acordo com a história desse município, havia ali um morador, tipógrafo renomado, no início do século XX, que teria sugerido a troca do nome da localidade Curralinho para Corinto. Da mesma forma, no antropotopônimo Presidente Juscelino ao lado de outro que é JK (dois distritos nos arredores de Curvelo), não há homonímia efetiva porque o acontecimento enunciativo que nomeou o primeiro não é mesmo que nomeou o segundo. Essa busca pela unicidade do nome é muito presente na toponímia de Minas Gerais tanto no âmbito administrativo jurídico quanto social, evitando-se assim que um topônimo se confunda com outro. Por isso verificamos, também, a substituição de alguns topônimos pelo poder público, às vezes por receio de equívocos, ou por decisões políticas que partem de vereadores, prefeitos, deputados ou empresários. Em Minas, a atual cidade de Augusto de Lima começou sua história com o nome de Estação 41 (dado pelos engenheiros da rede ferroviária no início dos anos 1900), depois a nomearam de Francisco Sá; posteriormente, deliberaram adotar o topônimo Augusto de Lima, em homenagem ao intelectual e político mineiro, na oportunidade da emancipação da localidade em 1963.

2.4 Espaço de enunciação e designação de nomes de lugares

Para nós, o nome de lugar vincula-se a um processo enunciativo de designação que se reveste de um sentido novo muito além de simples ato de nomeação. Em Guadanini (2010), a designação predica de forma subjetiva assim como marca uma circunstância especial de um

locutor especial, exposto ao tempo cronológico e imemorial. Há um determinado lugar, em um dado contexto histórico, em um momento *sui generis* para haver a nomeação. Defendemos que seja a toponímia suscetível de aplicação desse conceito. Do mesmo modo, acreditamos que os antropotopônimos passam por uma imposição de nome semelhante à nomeação de um pai ao seu filho, a uma comunidade impondo o nome num ritual de tradição. Um lugar se rende à homenagem que alguém ou a comunidade faz a outrem. Essa é uma circunstância pontual. Portanto, tomamos toda designação como predicadora, ou seja, digamos então em forma de diagrama: UM LUGAR X É Y.

Depreendemos disso que um locutor tal rende homenagem a alguém em nome da coletividade e o grupo maior, ou a comunidade toda acata a indicação. Se alguém nomeia também predica. Esse locutor autônomo resolve arbitrar e escolhe um dado nome naquele momento histórico que é pontual, mas pode perdurar ou perpetrar para a memória. Desse modo, estamos considerando que o nome de lugar pode partir desse locutor especial qualificado para nomear ou renomear um lugar X. O poder público e o aparato jurídico administrativo depositam nele credibilidade honrosa para nomear e designar. Assim, um novo nome passa a ser aceito e se torna oficial. Voltando um pouco, o topônimo tem seu tempo zero e, pouco a pouco, um lugar antes ermo é escolhido, passa a ser diferenciado, começa a ser habitado, o qual terá em seguida um nome. De inóspito passa a ser povoado e se torna mais humano. A motivação inicial para a nomeação pode provir do ambiente natural apresentável, por isso seria uma nomeação espontânea, segundo Dick (1990a). Daí provém alguns nomes que retratam a cor local, seja motivada pelas águas, montes, tipos de córregos e rios, etc. Existe ainda a possibilidade de haver um locutor anônimo que caracteriza, nomeia, mas não emerge no processo social e histórico, ao contrário de um locutor autônomo que surge nomeando uma localidade através de antropotopônimo, aquele quem faz valer sua voz.

2.5 Motivação difícil de identificar no passado

Ao pesquisar bases históricas da história de cada município, encontramos algumas dificuldades de obter registros seguros sobre seus processos nomeadores de épocas mais distantes. Enfatizamos, pois, que um processo de enunciação, nesse aspecto, está sendo considerado aqui como uma nomeação originada na coletividade por um locutor anônimo e para um destinatário vago. Contudo, tomamos essa nomeação como processo designador, porque predica uma localidade para ser memorável aos olhos e ouvidos de todos. Assim,

certos topônimos nascem sem terem uma data precisa e registrada para o seu surgimento, mas, mesmo assim o que conta é o fato de eles serem parte de evento sociocultural. Com marcas cronológicas no século XVIII, estão as localidades de Curralinho (Paragem do Curralinho), que é a atual Corinto, Santo Antônio da Estrada (hoje Curvelo) e Morro da Garça, Papagaio ou Julgado do Papagaio (atual Tomás Gonzaga). Nesse cenário histórico dos oitocentos não podemos falar numa situação enunciativa plena com interlocutores definidos e explícitos, mas destacamos o acontecimento de linguagem que faz emergir o topônimo.

Sendo que não há uma data precisa para o surgimento de cada topônimo desse, vamos retomar, sucintamente, a origem deles. No caso de Curralinho, temos informação de que esse nome aparece depois do desenvolvimento de uma fazenda naquela região central mineira. A localidade teve um curral que foi utilizado como paragem de tropeiros, pousada bem como ponto de descanso do gado e dos tropeiros nas margens da estrada chamada de Caminho da Bahia (LIMA, 1998). Com essa mesma motivação socioeconômica da época, por volta de 1720, surgiram alguns logradouros, por exemplo, Freguesia de Nossa Senhora das Maravilhas, que passou a ser chamada de Morro da Garça; o arraial de Santo Antônio da Estrada, um pequeno povoado que tornou-se arraial e posteriormente Padre Corvello, homenagem a seu fundador no início do século XVIII, finalmente Corvello (1875, a atual cidade de Curvelo). Algumas nomeações são hagiotopônimos, como no caso de Nossa Senhora das Maravilhas e Santo Antônio da Estrada, primeiramente uma homenagem e invocação ao santo protetor. Mais tarde, ocorre a substituição do nome para Morro da Garça e Padre Corvello, havendo aí um geomorfotopônimo e um antropotopônimo, respectivamente na metodologia de Dick (1990a). Nessa fundamentação teórica na nomeação, tomamos como mais relevante as primeiras palavras do sintagma toponímico, os quais seriam “Freguesia de Nossa Senhora”, “Santo Antônio” e “Morro”, por exemplo. No topônimo Julgado do Papagaio, a nomenclatura apontaria para um sociotopônimo, por se tratar de um cargo público de relevância social da época. Nesse momento existia um locutor coletivo que se imiscuiu no aparato administrativo jurídico e oficial e nomeou a localidade e se anonimiza no evento linguístico-social. Posteriormente, o topônimo passa a ser *Tomás Gonzaga* (por volta de 1943), havendo assim outro evento linguístico-social de designação e predicação. Desta vez, o fato memorável a ser contemplado no antropotopônimo é a vida e prestígio social do ex-inconfidente mineiro e autor neoclássico da obra *Marília de Dirceu*. Sem dúvida, a predicação do nome está tentando recuperar o prestígio da pessoa para formar uma designação predicadora. Nesse aspecto, não vamos negar que a designação toponímica carrega no seu

bojo uma conotação político-ideológica pontual. Precisar dados históricos dessa natureza é uma tarefa que tem suas dificuldades, mas o berço administrativo da região central mineira situava-se aí, dirimindo conflitos de posses de terras, de várias formas, até mesmo do Arraial de Santo Antônio da Estrada.

Na questão de identificar o tipo de locutor presente no acontecimento de linguagem, podemos perceber dois pólos. Há um locutor coletivo oficial que nomeia e qualifica a designação do topônimo até mesmo no caso de sua substituição histórica por outro do mesmo teor em situação e época posterior, com fatores sociais novos inclusive. Contudo, pode haver também um locutor anônimo não oficial, diluído na história social da localidade e no evento linguístico. A nosso ver, a nomeação além de espontânea, conforme Dick (1990a), também é criativa por parte da comunidade ou uma enunciação predadora, pois qualifica aos modos de Guadanini (2010).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A região pesquisada

Nosso enfoque aqui é desenvolver uma pesquisa toponímica na antiga região dos sertões mineiros, conhecida atualmente como mesorregião central mineira. Consideramos necessário nos inteirar da situação social e econômica da região durante o século XVIII e seu papel no cenário colonial de Minas. Conforme vimos no capítulo anterior, historicamente aquela região constituía-se já em uma área diferenciada, pois não havia naquele território até então nenhuma exploração aurífera conhecida nem mesmo de diamante na primeira metade dos anos oitocentos. Tal região carece de um estudo toponímico já que ainda não foi contemplada, mesmo sendo de ocupação tão antiga quanto muitas outras já estudadas em Minas e teve sua ocupação territorial, pouco depois do surto do ouro do final do século XVII, na região do Rio do Carmo.

Ocorre que ali não houve trabalho comprovado dos bandeirantes, uma vez que o movimento bandeirantista estava sendo dissipado após o colapso dos seguidores de Fernão Dias Pais Leme e Borba Gato por volta de 1681, conforme Mendes (2010, p. 48). Em nosso estudo enfocamos preferencialmente topônimos e antropônimos da MRCM, que nos revelem pistas do contexto sócio-cultural do processo linguístico que está impregnado no léxico encontrado nas falas dos entrevistados dos municípios dessa região na sua relação com outras fontes históricas consultadas. Pretendemos traçar linhas de análise a respeito dos fatores sociais e linguísticos envolvidos naquelas regiões de fazendas e agricultura de base oitocentista.

3.2 Objetivos Gerais

Nossa pesquisa visa contribuir para o avanço do estudo da toponímia, especialmente da região central do Estado de Minas Gerais, através de tratamento descritivo lexical dos sintagmas toponímicos com base na metodologia proposta por Dick (1990) e Seabra (2004), adaptada à situação linguística da região investigada. Enfocaremos as entrevistas transcritas como fonte de topônimos, que são registros da língua falada contemporânea e nos servirão como ponto de partida para – sempre que possível – nos remeterem ao passado do léxico toponímico da

região pesquisada. Nossa pesquisa propõe-se a dialogar com o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – em desenvolvimento na Faculdade de Letras da UFMG a partir de 2005, o qual filia-se, juntamente com outros projetos de estudos toponímicos pelo país, ao ATB – que é o Atlas Toponímico do Brasil, sob coordenação da Prf.^a Dr.^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP). A presente pesquisa busca fazer um estudo do léxico toponímico, constituindo *corpus* correspondente aos municípios mineiros e seus nomes de acidentes geográficos.

3.2.1. *Objetivos específicos*

Nossos objetivos específicos resumem-se em traçar um panorama da toponímia na mesorregião central mineira, ou seja, microrregião central curvelana, a partir de entrevistas orais gravadas na região envolvida, tomando como suporte a historiografia mineira que possibilite a nós e aos leitores um cotejamento posterior com outras fontes de documentos cartográficos, cartoriais e paroquiais. Mais adiante elaboraremos duas listas de topônimos: a) uma lista geral que apresenta os dados selecionados para análise em fichas (CAP. 4); b) uma segunda lista de ocorrência segundo a fala de todos os entrevistados (CAP. 5).

Portanto, vamos analisar a toponímia da microrregião de Curvelo, ou mesorregião central mineira através do enfoque na língua falada nas entrevistas numa perspectiva sincrônica, como recorte, e numa perspectiva diacrônica como busca da motivação histórica, lexical e cultural dos topônimos. A seguir, vamos explicitar nossos objetivos específicos:

- a) Analisar o conjunto de topônimos encontrados (136) conforme as informações colocadas nas fichas e na bibliografia encontrada ou disponível.
- b) Classificar os topônimos em fichas de acordo com sua origem, natureza, história e sua estrutura lexical, morfológica e suas variantes e segundo sua ocorrência nas entrevistas orais.
- c) Descrever a toponímia da região central de Minas como um fenômeno linguístico – sujeito à intervenção do homem no processo de nomear lugares e localidades.
- d) Analisar a motivação semântica envolvida nos sintagmas toponímicos da região pesquisada.
- e) Montar uma relação de topônimos que sejam da categoria elencada por nós como nomes de lugares de taxionomia simples.

- f) Agrupar os nomes de lugares numa segunda categoria tratada por nós como sendo de taxionomia composta.
- g) Indicar o tipo de taxionomia que predomina tanto na categoria simples quanto na categoria composta, relacionando com o resultado geral de outros trabalhos acadêmicos de Minas em outras regiões.
- h) Verificar o índice majoritário quanto à natureza física ou antropocultural nos topônimos simples e nos compostos.
- i) Analisar os topônimos segundo sua ocorrência na fala dos informantes e também conforme as ocorrências por nome de municípios citados.

3.2.2 Descrição dos informantes

Nossos informantes foram selecionados ou escolhidos por se adequarem plenamente aos interesses da pesquisa e também critérios do *Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*, os quais são utilizados em vários trabalhos sobre a toponímia mineira, realizados na Faculdade de Letras da UFMG, dentre eles os de Seabra (2004), Menezes (2009), Carvalho (2010) e Mendes (2010). Tal projeto propõe que os informantes tenham o seguinte perfil:

- a) Ter idade igual ou superior a 70 anos, seja homem ou mulher;
- b) Ter nascido e vivido a maior parte da vida na região que está sendo estudada;
- c) Ser da zona rural ou viver na zona urbana indistintamente;
- d) Ter baixa escolaridade, nenhuma e também com formação escolar.

Acreditamos que esse perfil de informante possa revelar um léxico vernacular que visamos neste trabalho, ou o léxico toponímico que pretendemos priorizar. Assim, realizamos vinte e oito (28) entrevistas, sendo quatro (04) em cada município. Desses 28 informantes, podemos apontar os seguintes traços:

- a) Quanto à escolaridade: apenas 03 possuem curso superior ou 10,7% (sendo um de Cordisburgo, um de Inimutaba e outro de Curvelo); 05 cursaram ensino médio profissionalizante, 03 em Corinto, 02 em Inimutaba ou 17,9 %; 18 ou 64,3% possuem primário incompleto; 02 ou 7,1% não frequentaram escola ou são semialfabetizados;
- b) Quanto à idade: 16 ou 57,1% tem entre 70 ou 79 anos; 09 ou 32,1% tem entre 80 ou 89 anos; 03 ou 10,7% estão entre 90 a 105 anos;

- c) Quanto ao sexo: 04 ou 14,3% são do sexo feminino; 24 ou 85,7% são do sexo masculino.
- d) Quanto à ocupação profissional dos informantes: 02 ou 7,8% são professores, 02 ou 7,8% são donas de casa; 04 ou 14,3% são comerciantes; 05 ou 17,9% ferroviários; 02 ou 7,8% gerentes industriais; 04 ou 14,3% são sítiantes/fazendeiros; 01 ou 3,6% vaqueiros, 01 ou 3,6% são pescadores; 01 ou 3,6% são caldeiros; 02 ou 7,8% lavradores ou trabalhadores rurais; 01 ou 3,6% são contabilistas; 01 ou 3,6% são tecelões; 02 ou 7,8% são balconistas.
- e) Quanto à naturalidade, todos os informantes são brasileiros e nasceram no Estado de Minas Gerais, dentro da região pesquisada ou naquela proximidade, tendo vivido na mesma por mais de cinquenta anos.

3.3 Levantamento quantitativo

Procedemos a um levantamento o mais exaustivo possível de todas as ocorrências de topônimos nas entrevistas realizadas na região central mineira segundo metodologia descrita. Apresentamos os percentuais de topônimos quanto à natureza física e antropocultural diante do total geral de cento e trinta e seis topônimos (136). Indicamos ainda o percentual (ao lado das ocorrências) das taxionomias predominantes na categoria simples e na composta para possíveis generalizações. Realizamos um levantamento quantitativo dessas ocorrências de topônimos a partir da classificação lançadas em fichas toponímicas segundo metodologia de Dick (1980, 1990) e Seabra (2004), com adaptações. Fornecemos uma amostragem percentual simples. Esclarecemos que nossos percentuais visam elucidar a relação de topônimos, ora diante dos nomes de lugares de taxionomia simples (67) ora diante daqueles de categoria composta (69), conforme seção 5.1.1, 5.2 e 5.3, no Cap. 5.

3.4 Constituição do *corpus*

Primeiramente foram realizadas as vinte e oito entrevistas (28), sendo quatro em cada município, incluindo aí a gravação de um informante localizado no distrito de Tomás Gonzaga, pertencente à cidade de Curvelo. Posteriormente foram feitas as vinte e oito transcrições selecionadas, em momento posterior, a suas gravações e viagens. Após a realização dessa fase, passamos a discussões relativas ao corpo teórico e constituição de anexos.

Essas vinte e oito entrevistas foram todas digitadas, impressas e suas páginas chegam ao total de cerca de seiscentas. Por questão de segurança, além de ter todas as suas fitas cassetes originais preservadas, preparamos também uma réplica desse material. Em seguida, foram preparadas cópias em CD (*compact disc*) de todas as entrevistas. Sua identificação é feita com uma sigla que indique a cidade ou município, letras iniciais do nome do informante, sexo, número da sequência da quantidade de entrevistas e idade da pessoa entrevistada. Assim, o CD foi colocado nesta tese, em anexo, com todas as transcrições das entrevistas.

3.5 A pesquisa de campo

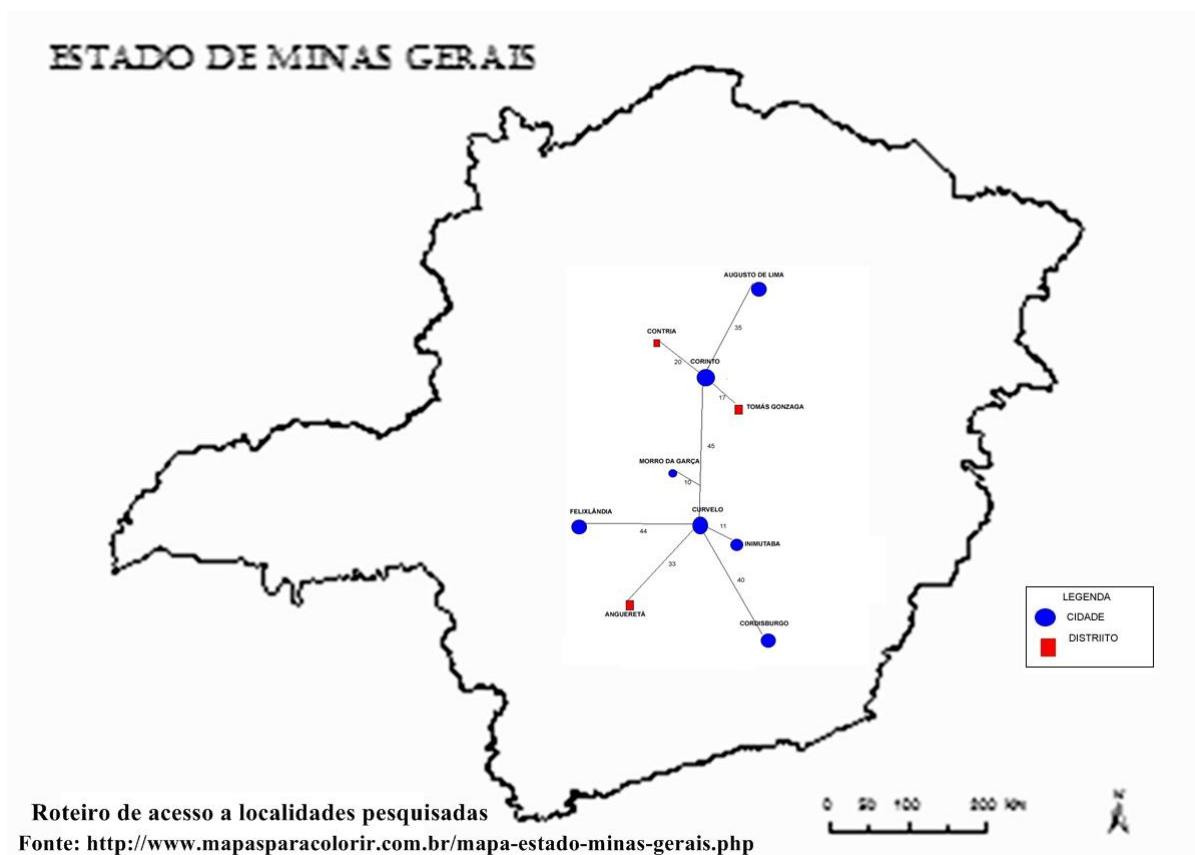
Sobre a região central mineira, podemos visualizar o trabalho de campo através de um esquema de viagens feito aos locais visitados. (p. 47). O objetivo deste roteiro é apresentar a trajetória do pesquisador em nossas diversas viagens para a mesorregião central de Minas. É um esquema elaborado a partir de ponto de vista totalmente informal, mas com base no projeto inicial de se pesquisar dentro de um raio de cem quilômetros do centro geográfico mineiro (Corinto). As informações geográficas contidas nele são encontradas no mapa do município de Curvelo (IGA-1984) e no site da *Google Maps*, em visitas do pesquisador e seu acompanhante. Sua forma é bem simplificada na medida em que não constam nele as elevações rochosas e hidrografia, mas seu objetivo é auxiliar a compreensão visual dos leitores e personalizar esta pesquisa especificamente. Esclarecemos que nossa pesquisa não faz diferença entre linguagem urbana ou linguagem rural uma vez que nosso objetivo não é desenvolver um estudo dialetológico, mas sim, pesquisar o léxico toponímico e suas motivações socioculturais na mesorregião central mineira. As primeiras viagens de gravação foram feitas no município de Curvelo em 2007, como ponto de partida para pesquisas menores nessa localidade. A entrevista era feita na área urbana, mesmo o informante sendo morador do setor rural como do povoado de Gustavo da Silveira ou do distrito de Tomás Gonzaga. Inclusive visitamos, também, o distrito de Angueretá, juntamente com um acompanhante da região, apenas como forma de contato inicial para coleta de documento no cartório local e sondagens para descobrir novos informantes e seus saberes próprios, mesmo sem ter gravação ali. Nessa localidade, no Cartório de Angueretá, foram recolhidas cópias de documento do século XIX através de máquina fotográfica digital de seis pixels, sendo eles cópias de contrato de compra e venda de terra, registro de nascimento e carta de libertação de uma mulher escravizada.

Posteriormente, depois de cumprir um percurso de cerca de quarenta e cinco quilômetros de Curvelo a Noroeste, chegamos a Morro da Garça (mesma distância aproximada de Angueretá), onde foram feitas quatro gravações de praxe e mais quatro entrevistas sobressalentes, num período de três dias, para futuros estudos de algum aspecto linguístico. Nesse local, outros acompanhantes indicaram nomes de conhecidos para serem entrevistados. Em data posterior, visitamos a cidade de Inimutaba e realizamos quatro entrevistas com antigos moradores de lá. Após alguns dias, fizemos as gravações na cidade de Corinto, com a intermediação de parentes e amigos, que nos apresentaram várias pessoas como interlocutores locais, dentre os quais, quatro foram gravados no período de dois dias. Nos anos 2008, 2009 e 2010 outras viagens foram realizadas tanto para Contria (distrito de Corinto) onde foi feita uma entrevista, quanto para as cidades de Felixlândia, Augusto de Lima e Cordisburgo outras viagens para novas entrevistas.

Informamos que o percurso dessas localidades sempre dista de Belo Horizonte de 120 – Cordisburgo – a 255 quilômetros, o mais longínquo (Augusto de Lima). Algumas vezes era necessário ficar na cidade de Curvelo para fazer intervalo de descanso e revisão e etiquetagem das gravações já realizadas e preparação para uma nova viagem. Portanto, margeando a BR-135, como se pode verificar no *Roteiro de Acesso a Localidades* (abaixo), reproduzimos todos os percursos das viagens de pesquisa de campo em trajetórias diferentes, em datas e anos diversos. O total de viagens realizadas ficou em torno de dezoito, contando aquelas de contatos pessoais para descoberta de informantes e pesquisa de cópias de documentos em cartórios da região ou dos distritos.

Em nosso roteiro ou trajeto da pesquisa foram colocados lado a lado tanto os municípios quanto os distritos de cada um, bem como alguns povoados visitados nas viagens de gravação e contatos. A legenda colocada, logo a seguir, tem como objetivo complementar a noção de extensão dos acidentes humanos e também a distância aproximada em relação a Belo Horizonte.

Mapa 3 – Roteiro de acesso a localidades pesquisadas



Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-minas-gerais.php>

3.6 Das gravações e transcrições

Feitas as entrevistas, os dados foram obtidos seguindo, tanto quanto possível, as bases gerais das regras de transcrição já estabelecidas pelos projetos *Filologia Bandeirante* e *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais*, as quais foram seguidas também por outros pesquisadores do projeto ATEMIG (SEABRA, 2004; MENEZES, 2009; MENDES, 2009; CARVALHO, 2010; MENDES, 2010). Ressaltamos que não procedemos a uma transcrição fonética, mas, sim uma transcrição ortográfica, sendo nossos objetivos, neste trabalho, voltados para a observação do léxico toponímico da região pesquisada. Com o propósito de representar nas transcrições a espontaneidade da conversação, procuramos registrar nelas o máximo de informações adicionais para que o texto transcrito pareça bastante com a linguagem oral dos informantes. Respeitamos o vocábulo mórfico como unidade gráfica relevante para a compreensão geral do texto (*apud* CARVALHO, 2010).

Após essas considerações vamos expor abaixo os parâmetros gerais de transcrição adotados e os seguintes fenômenos com seus respectivos exemplos retirados de nosso trabalho:

1. A elevação das vogais médias em posição final de palavra não foi registrada, por se tratar de um fenômeno recorrente na língua oral. Utilizamos, portanto, para esses casos, a grafia da língua padrão, como nos seguintes exemplos:

leite < leiti, cerrado < cerradu, Angicu < Angico, Angicos, Zangico

Observação: aceitamos a idéia de que o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado.

Serão registrados:

a) Elevação / abaixamento das pretônicas. Foram grafados como pronunciados:

cimintério < cemitério

futibol < futebol

curguim < Córregozinho

b) Vocalização da palatal:

Véi' < velho, traba'iei < trabalhei, traba'io < trabalho, fio' < filho, encasca'ieimo < encascalhamos.

c) Monotongação de /ey/, /ey/ e /ow/ foi grafada ortograficamente como encontrada na fala dos entrevistados:

o'to < outro, o'ta < outra, capu'era < capoeira

ribe'rão < ribeirão, boiade'ro < boiadeiro, pe'xe < peixe

A monotongação do ditongo /ow/ no final dos verbos (ou vocábulos) foi registrada da seguinte forma:

dotô < doutor, Pilá < Pilar, entrô < entrou, falô < falou, entrô < entrou

d) Supressão de vogais, consoantes ou de sílabas. Decidimos utilizar o apóstrofo para indicar o que foi suprimido:

quas' < quase, roçan'o < roçando, den' < dentro

e) Redução de -inho:

camin' < caminho, boizim < boizinho pertim < pertinho

f) Aférese e prótese. Foram marcadas como encontradas na fala:

'tigamente < antigamente, 'té < até

Inzame < exame

g) Síncope e haplologia:

cor'go < córrego, Hipol'to < Hipólito; articum < araticum; eucalipe, calipe > eucalipto

h) Aglutinação:

da'qui < de aqui, pr'aqui < para aqui (pra aqui)

- i) Desnasalização:
nasce'ro < nascerarm, cortar'o < cortaram, fizer'o < fizeram
- j) Pronomes *ele, ela, eles, elas, e eu* serão grafados como realizados:
eis = eles,;
ê, el,ês = ele
ea = ela
eas = elas
cê < você
- k) Ausência do r:
Pilá < Pilar,

2. Indicações de:

Pausa longa ou hesitação: reticências [...]

Fala mal compreendida ou hipótese do que foi ouvido, parênteses e reticências [...]

Comentários do pesquisador: ([...])

Discurso direto: “ ”

Ênfase em sílabas ou palavras: maiúsculas

Truncamento: (/) barra

A pesquisa teve início com a gravação de entrevistas de cunho sociolinguístico. Durante as gravações, foi utilizado um gravador cassete, tradicional, modelo nº TPC455, bem como um gravador digital DVR 556. As fitas cassetes foram utilizadas apenas do lado A, cuja duração de entrevista é de (30) minutos. Tais gravações estão todas reproduzidas em cópias duplicadas em fitas cassete e em gravação digital (MP3) e respectivas cópias na versão CD (compact disc). Ressalta-se que essas reproduções, todas tiradas das fitas originais, foram feitas em momento posterior às gravações. Assim, durante a entrevista, na presença dos entrevistados ficava apenas um gravador, o que permitia mais facilidade e simplicidade de manuseio bem como era menos constrangimento ao entrevistado.

O processo de gravações ocupou um prazo bastante longo durante os anos de 2007, 2008, 2009 e 2010. Isso se deve em parte a pouca disponibilidade nos dois primeiros anos do curso, época de cumprirmos créditos na universidade e também por causa da distância entre os vários municípios envolvidos no roteiro do projeto toponímico. Essa região era praticamente toda conhecida e outra parte fomos pouco a pouco atingindo com facilidade por estarmos

ligados a ela desde a infância, vivida lá. Alguns contatos prévios eram sempre feitos com pessoas das localidades no sentido de proporcionarmos aproximação com entrevistados numa procura constante e sequenciada para agilizar a gravação descontraidamente.

As transcrições foram realizadas sempre em outra ocasião diferente daquela das gravações das entrevistas. Entretanto, as gravações eram sempre ouvidas, logo após serem realizadas para checagem do conteúdo, mais uma vez antes de ser iniciada a transcrição propriamente dita e depois de forma incansável, tanto quanto necessário para a clareza maior possível da audição. Conferia-se assim o nome, local, data e a sigla identificadora de cada entrevistado e anotava-se na capa da fita e frente do CD. O texto das transcrições apresenta em seu cabeçalho, inclusive, um número relativo a uma localidade específica (1 até 28) para cada município, sendo cada um da região pesquisada da seguinte forma AL = Augusto de Lima, CB = Cordisburgo, CT = Corinto, CL = Curvelo, FX = Felixlândia, IT = Inimutaba, MR = Morro da Garça. O sexo feminino ou masculino foi indicado com a letra correspondente (F ou M) e a idade. Assim, cada município tem uma amostra de quatro gravações (04).

Cada frase do texto da transcrição começa com a letra maiúscula apenas após o “P” de pesquisador e o “E” de entrevistado. Também encontram-se com inicial maiúscula todos os topônimos e os antropônimos seja na fala do pesquisador ou dos entrevistados, referindo-se exclusivamente à toponímia da região pesquisada. Cada topônimo aí encontrado está, portanto, mais visível e legível para efeito de contagem e ocorrência para o levantamento de dados e posterior análise de quaisquer finalidades. Porém, está com minúscula todos os substantivos comuns e próprios não pesquisados ou não pertencentes a nossa região pesquisada.

Dentre as sete (7) cidades pesquisadas e visitadas, somente em algumas foram visitados três distritos, mais afastados (cerca de vinte quilômetros) dos centros ou área urbana. Em cada distrito foi entrevistado um indivíduo a mais do que foi estipulado previamente, com medida de cautela ou opção a mais de informação para o próprio pesquisador ou outros que venham a consultar dados daquela região. Então, foi feita uma gravação em Angueretá, pertencente a Curvelo. Também em Contria foi feita uma entrevista excedente. No Apêndice, bem como, no Anexo F (entrevistas em CD), encontra-se a listagem dos entrevistados juntamente com seus dados pessoais. No final do texto das transcrições aparece um levantamento inicial dos topônimos e sua respectiva ocorrência em cada entrevista realizada. A metodologia da coleta

de dados foi desenvolvida para que seja avaliada, pouco a pouco, sua adequação total ou parcial quanto à natureza dos topônimos.

Para estabelecermos contatos pessoais, adotamos os seguintes procedimentos:

- a) Buscar ou agendar contatos sempre com auxílio de um amigo intermediador e visitas a moradores atuais do local: historiadores, escritores, jornalistas, instituições públicas e privadas que possam ajudar no processo de esclarecimento da história da cidade e região com seus respectivos registros e depoimentos.
- b) Contactar os autores disponíveis na região que tenham feito publicações sobre os fatos históricos da cidade que tenham afinidade com nosso objeto de estudo para melhor selecionarmos as informações e/ou consultar obras relacionadas ao tema da pesquisa.
- c) Proceder a gravações de entrevistas com moradores da área estudada que estejam há mais de 25 anos na região, cuja faixa etária seja 70 anos ou acima disso e que sejam mineiros nascidos no entorno. Observar-se-á o fato de que muitos informantes na idade de 70 acima já estão aposentados, portanto mais disponíveis certamente.
- d) Considerar o centro geográfico de Minas Gerais, que é Corinto onde está a placa demarcatória afixada a dezenove km do centro urbano, atingindo ainda um raio de aproximadamente 100 km desse centro nos sentidos Leste-Oeste-Norte-Sul. Outras localidades ou cidades aparecem citadas apenas na fala dos entrevistados, mas não serão totalmente incluídas.

3.7 Da documentação antiga e fotografias

Em seguida, foram preparadas algumas fotografias ilustrativas ou figuras escaneadas da mesorregião central mineira, em aspecto relacionada direta ou indiretamente com a região pesquisada o que constitui um pequeno acervo pessoal do pesquisador. Esclarecemos que o material escrito, documentos dos arquivos e cartórios, foi colhido para consulta de informações históricas, sociais etc. nesta pesquisa e, principalmente, para serem explorados em trabalhos posteriores.

Também foram preparadas algumas cópias dos documentos encontrados em cartórios da região (Cartório de Morro da Garça, Cartório de Tomás Gonzaga), Museu de Mistória Natural

da Facic de Curvelo, no Arquivo Público Mineiro. Foram consultados para a pesquisa os seguintes documentos:

- a. Século XVIII: Testamento do Padre Antônio Ávila de Corvello (1749), Mapa de Santo Antônio da Estrada (Santos, 2001), Mapa da região da atual cidade de Curvelo, de 1778 (Barreiros, 1975).
- b. Século XIX: mapas dos seguintes anos (1811, 1819 e 1870), registro de casamento, registro de nascimento, carta de libertação de escravos, contrato de compra e venda.
- c. Século XX e XXI: mapa dos municípios (1984), mapa do centro de Minas Gerais, mapa das microrregiões de Minas, transcrição de entrevistas.
- d. Em Angueretá (município de Curvelo) foi feita uma coleta de cópias de documentos cartoriais do século XIX, a saber: uma carta de alforria de 1868 e certidão de nascimento de 1894; também foi feita outra entrevista sobressalente no distrito de Tomás Gonzaga, pertencente a Curvelo, onde foram recolhidas cópias cartoriais também do século XIX, tais sejam registro de casamento e nota de falecimento de 1836. Foi visitado também o distrito de Contria, que pertencente ao município de Corinto. Na cidade de Morro da Garça, em seu cartório local, também foram recolhidas cópias de notas de 1893 e 1894. Ainda na cidade de Curvelo, no Museu Vivo de História da Faculdade FACIC, foram encontradas cópias xerografadas dos seguintes documentos: cópia de texto original e transcrição do testamento do Padre Antônio Ávila de Corvello, de 1749 e mapas do século XIX, compilados pelo Historiador Eduardo Canabrava Barreiros.

3.8 As perguntas

Os entrevistados passaram grande parte da vida deles, ou toda ela, naquele lugar ou nos arredores, dos seus setenta anos, metade ou mais. Eles são interpelados na abordagem, com cerca de oito a treze perguntas que giram em torno da noção tradicional de locativos latinos, de forma parafraseada. Assim as questões envolvem informações gerais da vida dos entrevistados, a partir das palavras **onde**, **de onde**, **para onde**. Isso é feito em relação ao local onde nasceram, estudaram, trabalharam, casaram, viveram e buscaram consulta médica, hospital, remédios etc. Tais interpelações buscam revelar-nos parte da experiência de vida dessas pessoas em determinada localidade através do sentido existente nessas expressões citadas acima.

Com o pretexto de coletar nas gravações um conjunto toponímico, buscamos também compreender o desenvolvimento geral da cidade ou município na época de sua infância e sempre tratamos da infraestrutura da localidade, as condições físicas das ruas, estradas da região nos tempos antigos bem como da mocidade de cada um. Ocorrem também perguntas relativas a uma função ou cargo que os entrevistados tenham exercido em tempos anteriores na sua cidade natal ou na região. Essa estratégia nos possibilitou a revelação de muitos topônimos na fala dos entrevistados para fazerem parte de um levantamento dos mesmos. Vale dizer que as entrevistas ocorreram em clima de conversação tranquila e com muito esforço e cooperação dos entrevistados e também dos colaboradores e amigos. Os entrevistados atenderam o pesquisador espontaneamente, de forma gratuita e com gentileza.

Devido a nossa preocupação com alinhamento ético da pesquisa e entrevista, ela era informada a cada um antecipadamente e, sempre que possível, constava na gravação da permissão do entrevistado direta ou indiretamente. Essa anuência era fundamental para nos colocar numa situação de espontaneidade agradável. A seguir, encontra-se o roteiro básico das perguntas levadas aos entrevistados, com pequenas alterações, às vezes, mas com o mesmo teor do texto da transcrição:

1. Podemos conversar um pouco com o senhor/senhora/você sobre sua história de vida nesta localidade?
2. Onde você nasceu?
3. E seus pais são de onde?
4. Onde você fez seu curso primário?
5. O senhor/ senhora sempre morou aqui?
6. Quando você era menino/menina essas ruas eram calçadas?
7. Antigamente essa cidade tinha água encanada e de onde vinha a água de beber da população?
8. Onde o pessoal pescava por aqui antigamente?
9. É verdade que ainda tem onça ou cobra brava nesses matos por aí?
10. Nos seus tempos de criança havia muitas frutas típicas do cerrado nessa região?
11. Essa igreja antiga aí é a mesma de antes ou foi reformada?
12. É verdade que antigamente passava tropeiros nessas estradas daqui?
13. O senhor/a senhora gosta de viver aqui e por quê?

14. Antigamente, onde as pessoas buscavam tratamento médico por aqui?

Os entrevistados eram submetidos a essas perguntas ou a uma parte delas, com algumas alterações naturais da situação de fala ou conversação.

Interessa-nos investigar o processo através do qual os municípios enfocados na região central mineira receberam seus topônimos. A título de exemplo: o antigo povoado de “Santo Antônio da Estrada”, onde trabalhou o vigário Antônio Corvelo de Ávila, tornou-se a cidade de Curvelo. Tal localidade desenvolveu-se no século XVIII, por volta de 1720, quando passou a ser paróquia, através de carta régia.

Todas as perguntas feitas aos entrevistados são estratégias norteadoras para que eles sutilmente expressem na sua fala o maior número possível de topônimos. Na medida do possível tentamos descobrir se as entrevistas são reveladoras da motivação para que determinado lugar tenha esse ou aquele nome ou dois ao mesmo tempo. Caso isso não se realize o topônimo pode ter sua origem explicada através de outros recursos. Assim, evitamos propositalmente pedir a um entrevistado que explique a motivação para quaisquer topônimos. Vamos tentar executar essa tarefa no corpo mais amplo da pesquisa.

Nosso estudo visa relacionar os elos entre toponímia e o processo de ocupação definitiva ou temporária do solo nos arredores próximos ao chamado “caminho do boi” (VASCONCELLOS, 1944) e outros caminhos. Essas regiões eram também conhecidas na historiografia como “caminho dos currais” e ficavam situados nas proximidades do Rio das Velhas e São Francisco (DUARTE, 2010). Dentro do próprio processo toponímico, uma questão relevante se coloca: qual é o papel da ocorrência na toponímia e sua motivação semântica na nomeação dos topônimos pesquisados na região central de Minas e nos limites dela?

3.9 A relação de topônimos e sua ocorrência

Foram arrolados em lista simples todos os topônimos encontrados nas transcrições das entrevistas, sejam eles de natureza social, física, hidrográfica. O ponto de partida é sempre a fala dos entrevistados-informantes, sendo tais topônimos anotados nessa relação da forma como se considera na grafia oficial dos municípios e na ficha de topônimos lançamos

possíveis variações de pronúncia de alguma localidade, no aspecto fonético ou gráfico. Assim, foram coletados cento e trinta e seis (136) a partir das entrevistas.

Logo após a montagem dessa lista de topônimos, foi organizada uma lista de ocorrência de todos os topônimos da fala dos entrevistados. A ocorrência foi anotada a partir da audição das gravações e da releitura no programa do computador (Word 2003 e Windows 7). A primeira observação que isso nos permitiu foi ver o maior número de ocorrência ser as cidades de Curvelo, Corinto, Inimutaba e Cordisburgo.

Essa informação foi retirada da transcrição de entrevistados desses municípios ou muito próximo deles. A ocorrência do topônimo idêntico a outras regiões de Minas Gerais não foi considerada, pois levamos em conta que o entrevistado está referindo-se a uma localidade preferencialmente mais perto de si mesmo. Nesse caso a homonímia com um topônimo de outra região não nos interessava. Conseqüentemente, não nos detivemos em anotar a ocorrência de localidades fora de nossa área de pesquisa.

3.10. Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

Esta tese busca interagir com trabalhos do léxico toponímico do Brasil bem como outros projetos de pesquisa da toponímia mineira desenvolvidos nos últimos anos.

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – tem sido coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG desde março de 2005 e caracterizou-se, inicialmente, como um estudo dos nomes de lugares, estendendo-se a todo o território mineiro. É um projeto derivado do Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil, coordenado pela Professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) e a esse se encontra vinculado, juntamente com os Projetos ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, ATMS – Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul e ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins.

Com o objetivo maior de desenhar a realidade toponímica do País, esses Projetos, variantes regionais do ATB, unem-se em torno da confecção de Atlas Toponímicos, ao mesmo tempo em que se expandem em cada estado, constituindo caminhos possíveis para o conhecimento

da língua e da cultura de comunidades locais e regionais que ocupam ou ocuparam determinados espaços geográficos.

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – tem 10 objetivos básicos:

1. Constituir um corpus com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Catalogar nomes de acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairro, ruas, praças, becos, etc.) presentes em cidades mineiras.

Inicialmente, visando constituir um corpus de dados contemporâneos para posteriores análises sincrônicas e diacrônicas, a equipe do Projeto ATEMIG vem coletando topônimos, seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em doze mesorregiões.

Em cada região, vem sendo realizado o levantamento de todos os nomes dos acidentes geográficos dos municípios, documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:100.000, cumprindo as seguintes etapas:

- a) Coleta de dados;
- b) Análise e tabulação dos dados (os topônimos são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), para serem analisados e classificados);
- c) Organização da matéria;

d) Apresentação de resultados parciais.

O Projeto ATEMIG tem se voltado, também, principalmente em se tratando de pesquisas de mestrado e doutorado, para a coleta de topônimos em mapas antigos (SANTOS, SEABRA 2009; MENDES, 2009; MENEZES, 2009; MENDES, 2010), confecção de cartas geográficas toponímicas (SANTOS, SEABRA 2009; CARVALHO, 2010; FILGUEIRAS, 2011) e elaboração de glossários toponímicos (SEABRA, 2009; MENDES, 2009; MENDES, 2010)

Partilhando de metodologia comum seguida pelas demais equipes que integram o ATB, esse projeto adota: a) o método das áreas, utilizado por Dauzat (1926), que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão; b) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam padrões motivadores de topônimos no Brasil, segundo Dick (1990).

Nessa segunda fase do Projeto ATEMIG, iniciada em 2008, está sendo finalizada a contagem de topônimos em cada uma das mesorregiões mineiras, mas já foram levantados alguns dados:

- a) Os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, coletados pela equipe, correspondentes aos 853 municípios mineiros giram em torno de 80.000 nomes;
- b) Os nomes de origem indígena não ultrapassam, em cada região, 14% desse total de dados;
- c) Os nomes de origem africana não ultrapassam 4% dos dados;
- d) Dentre os topônimos de natureza física, predominam os fitotopônimos, em se tratando dos topônimos de natureza antropocultural, predominam os antropotopônimos. (*apud* SEABRA, 2011)

No próximo capítulo apresentaremos a listagem e análise das ocorrências dos topônimos. A lista de ocorrência é apresentada em seguida, em 4.1, e em 4.2 apresentamos algumas das fichas toponímicas constituídas também a partir dos dados orais.

4 LISTA DE OCORRÊNCIAS DOS TOPÔNIMOS

4.1 Lista de ocorrências dos topônimos

Neste capítulo, apresentamos a relação geral dos topônimos selecionados para constar em nossas fichas e serem analisadas na seção 4.2.1. Na primeira listagem estão registrados os nomes de lugares que transcrevemos das entrevistas feitas, sem nenhuma repetição entre o referente toponímico e o topônimo propriamente dito. Isso significa que um nome de lugar atual ou antigo pode ser falado de duas ou mais maneiras, mas nesta lista geral da seção 4.1.1 ele foi registrado uma só vez, pois as variantes dos topônimos constam apenas na listagem de ocorrência da seção seguinte (4.2.1). Os nomes de lugares que apresentaram variantes, como *Vista Alegre* foi citado pelos entrevistados ora como *Vista Alegre* e também como *Arrepiado* e *Ripiado*. Esse topônimo está lançado na ficha apenas como *Vista Alegre*. Foi colocado à esquerda de cada topônimo, em algarismo arábico, o número que equivale ao da respectiva ficha. Após o final da listagem é apresentado o total das ocorrências dos topônimos coletados. Assim, a lista geral da seção 4.1.1 reflete a numeração das fichas como poderemos ver.

4.1.1 Lista geral

Quadro 1: Ocorrências da lista geral de topônimos

	Topônimos	Soma das Ocorrências
1.	Alto da Cruz	1
2.	Alto dos Cupins	1
3.	Angicos	5
4.	Angueretá	1
5.	Aporá	1
6.	Araçaí	1
7.	Augusto de Lima	8
8.	Bananal	1
9.	Barra de Santo Antônio01	2
10.	Barragem de Santo Antônio	2
11.	Bela Vista	1
12.	Bicudo	2
13.	Buenópolis	6
14.	Cachoeira do Paraúna	6
15.	Cafundó	3
16.	Caldeira	3

17.	Cambaú	2
18.	Campo Alegre	1
19.	Canabrava	3
20.	Canivete dos Brancos	1
21.	Cavalinho	1
22.	Cedro	1
23.	Cerradão	1
24.	Contagem	1
25.	Contria	4
26.	Córrego Açude	2
27.	Cór. Água Limpa	1
28.	Cór. Araçá	1
29.	Cór. Canivete	1
30.	Cór. Capivara	1
31.	Cór. da Fome	1
32.	Cór. da Jabuticaba	2
33.	Cór. da Limeira	1
34.	Cór. da Pindaíba	1
35.	Cór. da Porteirinha	1
36.	Cór. da Quininha	4
37.	Cór. da Várzea	1
38.	Cór. do Amendoim	1
39.	Cór. do Bagre	2
40.	Cór. do Lava Pé	2
41.	Cór. do Palhares	2
42.	Cór. do Papagaio	2
43.	Cór. do Retiro	2
44.	Cór. Landim	1
45.	Cór. Mato Grosso	1
46.	Cór. Morredor	1
47.	Cór. Pelame	3
48.	Cór. Riacho Fundo	6
49.	Cór. Saco das Pedras	5
50.	Cór. Venda Nova	3
51.	Cordisburgo	39
52.	Corinto	101
53.	Cuba	1
54.	Curiango	1
55.	Currais	1
56.	Curumataí	5
57.	Curvelo	163
58.	Diamante	3
59.	Divisa	1
60.	Estiva	3
61.	Extrema I (Córrego)	1
62.	Extrema II (Terreno)	1
63.	Fábrica da Cachoeira	4

64.	Faneco	4
65.	Fazenda da Cachoeira	5
66.	Fazenda Porteirinha	2
67.	Fazenda Santo Antônio	1
68.	Felixlândia	11
69.	Genipapo	1
70.	Gentil de Matos	2
71.	Gerais	1
72.	Gouveia	2
73.	Guariba	1
74.	Gustavo da Silveira	19
75.	Inimutaba	34
76.	Jaboticaba	1
77.	Lages	2
78.	Laje de Cima	1
79.	Lagoa Assombrada	2
80.	Lagoa Bonita	3
81.	Lagoa da Casa Branca	1
82.	Lagoa de Benguela	1
83.	Lagoa do Cupim	1
84.	Lagoa do Pau Preto	1
85.	Lagoa do Peixe	1
86.	Lagoinha	1
87.	Limeira	1
88.	Mangal	4
89.	Maquiné	3
90.	Marísia	3
91.	Mascarenhas	6
92.	Mocambo	1
93.	Morro da Garça	18
94.	Morro do Boiadeiro	1
95.	Osório de Almeida	5
96.	Paraopeba	6
97.	Paraúna	1
98.	Periquito	2
99.	Picão	7
100.	Piranhas	1
101.	Pompéia	1
102.	Ponte da Quininha	7
103.	Ponte do Jacaré	1
104.	Porteiras	1
105.	Presidente Juscelino	1
106.	Primavera	1
107.	Queimado	7
108.	Quintino Vargas	3
109.	Retiro	2
110.	Retiro dos Coelhos	1

111.	Ribeirão do Onça	5
112.	Ribeirão Santo Antônio	10
113.	Rio das Velhas	4
114.	Rio Paraopeba	4
115.	Rio Pardo	1
116.	Rio São Francisco	6
117.	Roça do Brejo	1
118.	Salto	1
119.	Santa Bárbara	2
120.	Santa Maria	1
121.	Santo Antônio	2
122.	Santo Hipólito	4
123.	Santuário São Geraldo	1
124.	São José da Lagoa	1
125.	São José do Buriti	3
126.	Saquinho	2
127.	Sarandi	1
128.	Serra do Cabral	6
129.	Suçuarana	1
130.	Tamboril	1
131.	Tapera	1
132.	Taquara	1
133.	Tomás Gonzaga	5
134.	Vila de Fátima	1
135.	Vila Maciel	1
136.	Vista Alegre	2
Total		681

Como se pode ver, a partir da listagem acima, foram computados 136 topônimos no total de 681 ocorrências.

4.1.2 Ocorrência de topônimos por informante

Apresentamos nesta seção a listagem dos topônimos encontrados na fala dos entrevistados da região pesquisada. Esclarecemos que, nesta parte, aparece a totalidade dos nomes de lugares segundo a fala de cada informante e a ocorrência de cada topônimo que pode ou não aparecer em mais de um entrevistado. Um exemplo disso é o topônimo Curvelo, que está registrado na fala de vários informantes (FXAVC18M70, CTAIO13M88, CBHFV8F83 e CLPFA12M94), ou Santuário São Geraldo, que é falado apenas por um informante (CLJEA10M82). Além disso, registramos uma forma popular dos topônimos dentro dos parênteses, de forma mais fidedigna possível, e espontânea da fala dos entrevistados ao lado da forma mais prestigiada.

O topônimo que tem na entrevista uma variação na fala é mostrado da maneira que diverge da forma mais aceita, sendo empregado um traço a parte que se repete.

Quadro 2: Total de ocorrências encontradas na fala por informante

Nomes	Topônimos	Ocorrência
FXAVC18M70	Felixlândia ~ (Felizlândia)	4
	Curvelo	5
	Canivete dos Brancos ~ (Canivete)	1
	Limeira ~ (Lime'ra)	1
	Cór. da Limeira ~ (Cor'go da Lime'ra)	1
	Cór. Canivete ~ (Cor'go _)	1
	Morro do Boiadeiro ~ (_ do Boiade'ro)	1
	Morro da Garça ~ (- da Galsa)	2
	Tapera	1
CLPFA12M94	Gustavo da Silveira ~ Gustavo	8
	Angicos ~ (Zangico)	3
	Mascarenhas ~ (Mascar'anha)	2
	Faneco	4
	Contagem ~ (Contage)	1
	Fazenda Santa Cruz	1
	Cór. Açude ~ (Cor'go Açude)	1
	Cór. Venda Nova ~ (Cor'go _)	3
	Riacho Fundo	2
	Fazenda Porteirinha	2
	Cór. da Porteirinha ~ (Cor'go Porte'rinha)	1
	Bananal	1
	Retiro dos Coelhos ~ (Ritiro dos Cuei)	1
	Curvelo	1
	Santo Antônio	2
	Caldeira ~ (Calde'ra)	3
	Tamboril	1
Extrema (córrego)	1	
CTAIO13M88	Corinto	10
	Curvelo	6
	Morro	1
	Currão ~ (Currão)	3
	Fazenda Santo Antônio	1
	Gerais	1
CLJEA11M83	Riacho Fundo	4
	Curvelo	6
	Angicos ~ (Zangico)	2
	Gustavo da Silveira ~ (Gustavo)	7
	Santuário São Geraldo	1
	Extrema (terreno)	1
	Felixlândia ~ (Felizlândia)	1
	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	1

	Morro da Garça	1
ITAARF22M70	Inimutaba	5
	Curvelo	17
	Cachoeira ~ Cachoe'ra	6
	Barragem Santo Antônio ~ (Barrage' _)	1
	Ribeirão Santo Antônio ~ (Ribe'rão _) Santo Antônio	2
	Fábrica da Cachoeira	1
	Córrego do Amendoim	1
	Cór. do Retiro ~ (Cor'go do Retiro)	2
	Rio das Velhas	1
	Porteiras ~ (Porte'ras)	1
	Cór. Açude ~ (Cor'go Açude)	1
	Ipiranga	1
	Saquinho ~ (Saquim)	2
	Gentil de Matos	2
	Picão	2
	Cór. Mato Grosso ~ Cor'go Mato Grosso	1
	Cór. da Pindaíba ~ (Cor'go da _)	1
	Cór. da Jabuticaba ~ (Cor'go da _)	2
	Cór. Landim ~ (Cor'go Landim)	1
	Cór. Araçá ~ (Cor'go Araçá)	1
ALMGB2F75	Augusto de Lima ~ (Augus' de Lima)	3
	Curumataí ~ (C'rumataí)	2
	Corinto	3
	Curvelo	1
	Mangal	3
	Queimado ~ (Que'mado)	2
	Marísia ~ (Maris'a)	1
	Serra do Cabral	2
	Buenópolis ~ (Buenópl'i)	2
	Canabrava	2
	Francisco Sales ~ (Francis' Sá')	2
	Paraopeba ~ (Paro'peba)	1
	Santo Hipólito ~ (Santo Hipol'to)	4
MRRJR28M89	Morro da Garça	4
	Contria	2
	Cafundó	1
	Curvelo	7
	Rio Bicudo	1
CTMLS16M79	Corinto	14
	Curvelo	2
	Taquara	1
	Gustavo Silveira	2
	Osório de Almeida	1
	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	1
	Currálinho ~ (Currálim)	2
ITMMCL24F70	Inimutaba	20

	Curvelo	16
	Ribeirão Santo Antônio	6
	Córrego do Palhares	2
	Barra de Santo Antônio	2
	Rio das Velhas	1
	Cedro	1
	Fazenda da Cachoeira	5
	Fábrica da Cachoeira	2
	Fábrica de Santo Antônio do Curvelo	2
CTJP15M74	Corinto	22
	Curvelo	3
	Currálinho ~ (Currálim)	5
	Pilar	4
	Rio Bicudo	1
CBJN7M77	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	15
	Saco dos Cochos ~ (Saco dos Cocho')	3
	Córrego Saco das Pedras ~ (Cor'go Saco das Pedra')	5
	Quininha	3
	Ribeirão do Onça ~ (Ribe'rao do_)	4
	Curvelo	5
	Maquiné	2
	Mascarenhas	3
	Suçarana	1
	São José da Lapa	1
	Araçáí	1
	Lagoa Bonita	1
	Cuba	1
	Quintino Vargas	1
CTJIG14M73	Corinto	25
	Curvelo	4
	Pilar	4
	Currálinho ~ Currálim	4
	Vila Maciel	1
	Rio Bicudo	1
ALJL1M105	Queimados ~ Que'mado'	3
	Curvelo	1
	Contria	1
	Augusto de Lima ~ (Augus' de Lima)	1
	Quarenta e Um	1
	Francisco Sá	2
	Mocambo	1
CLJE10M71	Estiva	3
	Curvelo	16
	Corinto	14
	Laje de Cima	1
	Papagaio	6
	Silva Jardim	8

	Tomás Gonzaga	5
	Córrego do Papagaio ~ (Cor'go do Papagai')	2
	Cór. do Lava Pé ~ (Cor'go do _)	2
	Rio das Velhas	1
	Osório de Almeida	1
	Roça do Brejo	1
	Primavera	1
	Currais	1
CBJVFS8M71	Curvelo	2
	Corinto	2
	Quintino Vargas ~ (Quintino Varga')	1
	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	4
	Sarandi	1
	Cór. Saco da Pedra ~ (Cor'go Saco da _)	1
	Guariba	1
	Lagoa da Casa Branca	1
	Lagoa do Pau Preto	1
	Lagoa do Cupim	1
	Maquiné	1
	Cór. da Fome ~ (Cor'go da Fome)	1
	Cór. do Onça ~ (Cor'go do Onça)	1
	Bela Vista	1
	Cór. Morredor ~ (Cor'go Morredô')	1
	Gustavo da Silveira	2
	Mascarenhas ~ (Mascar'anhas)	1
ITAAF21M82	Inimutaba	5
	Córrego Palhares	1
	Curvelo	17
	Cachoeira do Paraúna ~ (Cachoe'ra do _)	6
	Barragem Santo Antônio	1
	Ribeirão Santo Antônio	2
	São José do Buriti	3
	Fábrica da Cachoeira ~ (_ Cachoe'ra)	1
	Córrego da Várzea	1
	Córrego Água Limpa	1
ITFRG23M84	Curvelo	6
	Inimutaba ~ (Nimutaba)	4
	Jabuticaba	1
	Contraia	1
	Curiango	1
	Gouveia ~ Go'veia	2
	Paraúna	1
	Presidente Juscelino	1
CBHFV6F83	Curvelo	6
	Ribeirão do Onça	1
	Cór. da Quininha ~ (Córrego)	4
	Cór. Saco da Pedra ~ (Córrego)	2

	Lajes	2
	Periquito	2
	Maquiné	1
	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	13
	Lagoa Bonita	2
	Saco dos Cochós	2
	Vista Alegre	3
	Gruta de Maquiné	1
FXJPC19M92	Felixlândia ~ (Felizlândia)	3
	Curvelo	10
	Morro da Garça	1
	Paraopeba	4
	São Francisco	4
	Retiro	1
	Bagre	2
	Arraial do Bagre	1
MRAS26F70	Genipapo	1
	Lagoa do Peixe ~ Lagoa do Pe'xe	1
	Diamante	1
	Morro	2
	Cavalinho ~ (Cavalim)	1
	Alto dos Cupim	1
	Santa Maria	1
	Pompéia	1
	Curvelo	5
ALSF4M77	Augusto de Lima	1
	Corinto	5
	Marisia	2
	Canabrava	1
	Santa Barbara	1
	Buenópolis	4
	Queimados	1
	Curimataí	1
	Cafundó	2
ALOC3M75	Augusto de Lima	3
	Aporá	1
	Marísia	2
	Lagoinha	1
	Mangal	1
	Santa Bárbara	1
	Queimados	1
	Curumataí	3
	Rio das Velhas	1
	Rio São Francisco	1
	Corinto	3
	Osório de Almeida	2
	Cerradão	1

	Serra do Cabral	4
	Piranhas	1
	Rio Pardo	1
	Quarenta e Um	1
MRANS25M76	Corinto	1
	Picão	2
	Alto da Cruz	1
	Curvelo	2
	Morro	1
	Vila de Fátima	1
	Diamante	2
	Campo Alegre ~ (Camp'alegre)	1
	Curvelo	1
	Lagoa Assombrada	2
	Lagoa de Benguela	1
MRIMM27M71	Vista Alegre	2
	Arripiado	3
	Cambaú	2
	Curvelo ~ (Cu'velo)	6
	Morro	5
	Osório de Almeida ~ (Osor'õ de Alme'da)	1
	Picão	3
	Bicudo	2
FXRGQ20F82	Salto	1
	Retiro	1
	Divisa	1
	Ponte do Jacaré	1
	Piedade do Bagre	1
	Córrego Capivara	1
	Cór. Pelame	2
	Rio Paraopeba	1
	Rio São Francisco	1
	Córrego do Bagre	1
	Felixlândia ~ (Felizlândia)	1
FXACLZ17M75	Curvelo	4
	Rio Paraopeba	3
	Cór. do Bagre ~ (Cor'go)	1
	Cór. Pelame ~ (Cor'go)	1
	Felixlândia ~ (Felizlândia)	1
CBJMB4M84	Quintino Vargas	1
	Cordisburgo	4
	Curvelo	3
	Paraopeba	1
	Onça	2
	Saco da Pedra	1
	Córrego da Quininha	1
	Mascarenhas ~ (Mascar'anha)	1

CLGRS9N79	Curvelo	11
	Corinto	1
	Felixlândia	1
	Angueretá	1
	Cordisburgo ~ (Côrdisburgo)	1
	São José da Lagoa	1
	Morro da Garça	1
	Corinto	1
Total	758	

Diante do que pudemos verificar na listagem de topônimos acima, o total de ocorrência dos topônimos atingiu setecentos e cinquenta e oito (758). Supomos que esse montante serve para indicar a diversidade de fala dos entrevistados diante das formas mais conhecidas e aceitas como oficial o que também demonstra a existência de formas variantes recentemente. Pode-se notar que o total de ocorrência é bem superior ao total da listagem de ocorrência dos topônimos das fichas.

4.2 Apresentação e análise dos dados

Os topônimos que serão apresentados nesta seção foram coletados a partir da fala dos entrevistados. A ficha de cada topônimo foi elaborada seguindo o modelo proposto por Dick (1990, a), constando da indicação do seu nome, município a que pertence cada topônimo; o tipo de acidente, sendo físico ou humano; informação da população e da classificação cabível para cada nome de lugar de acordo com a bibliografia consultada. Sobre a *origem*, vamos indicar sua forma encontrada em língua portuguesa preferencialmente, ou sua base etimológica de empréstimo caso tenhamos conseguido essa informação. Consideramos algumas alterações propostas por Seabra (2004), sendo outras foram feitas por nós. Por exemplo, o lançamento de uma segunda classificação para cada topônimo que tenha sintagma composto como *Morro da Garça*, *Alto dos Cupins* etc., a inclusão do rótulo de *informação bibliográfica* para alguns registros que foram encontrados.

Quanto à estrutura morfológica, além da forma de plural ou singular, são indicadas na ficha dos topônimos as categorias gramaticais dominantes, tais como substantivo, adjetivo, verbo e outras. Na bibliografia específica da toponímia, os autores empregam a classificação de cada topônimo a partir do primeiro vocábulo, procedimento diferenciado do que fizemos nesta pesquisa por acharmos que o segundo vocábulo pode conter valor semântico significativo.

Esclarecemos que Dick (1999) admite a importância desse segundo vocábulo na sua metodologia de classificação do topônimo, embora reconheça nas suas palestras, nos seus cursos e nessa obra que esse determinante tenha traços significativos muito especiais. Assim, tanto “Alto” quanto “Cupins” (Cupim) são designadores de função complementar.

Acrescentamos ao modelo de ficha toponímica, o título de *comentário linguístico*. Trata-se de um espaço onde registramos uma informação oriunda da experiência do pesquisador na região estudada, no seu trabalho de campo, ou sobre o local específico, a partir de sua vivência na área, do contato com os moradores da região e conhecimentos apreendidos de forma oral e/ou registro escrito.

4.2.1 Ficha dos topônimos

Tratamos aqui como *ficha dos topônimos* o que a bibliografia chama de *ficha lexicográfica*. Tais nomes de lugares foram coletados a partir da fala dos entrevistados e lançada a forma considerada mais aceita para cada um deles; registramos, também, a forma como os entrevistados falaram ou se diz na região. Tentamos, desta maneira, reproduzir o nome do lugar de forma mais fiel possível na língua falada. Nosso objetivo é, através das fichas dos topônimos, traçarmos didaticamente algumas características identificadoras de cada lugar pesquisado que sejam capazes de identificar o topônimo, destacá-lo e arrolar informações encontradas sobre ele.

Informamos que o modelo da ficha lexicográfica adotado por nós foi elaborado por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004). Nossa pesquisa procura interagir com a lexicografia, mas não faz uma ficha lexicográfica com a respectiva entrada lexical. Neste trabalho vamos utilizar para os dados o modelo de ficha citado já com algumas adaptações que se fazem necessárias devido a particularidades dos topônimos, tais como falta de estudos anteriores sobre eles ou mesmo ausência de documentos históricos, além dos propósitos da tese. Partindo do modelo de ficha empregado em Seabra (2004), acrescentamos o item *comentário linguístico* e *informação bibliográfica* e suprimimos o rótulo *informações enciclopédicas*. O modelo de ficha lexicográfica de Seabra (2004) compõe-se dos seguintes elementos: topônimo, Taxionomia, município, acidente, origem, histórico, estrutura morfológica, informações enciclopédicas e contexto. Para nossa pesquisa, adotaremos a ficha dos topônimos com os seguintes dados: topônimo, Taxionomia, município, acidente, origem,

histórico, estrutura morfológica, informação bibliográfica, comentário linguístico e contexto oral. As diversas classificações a que se submetem os topônimos estão indicadas na seção 2.2 e 2.3 do capítulo 2.

Apresentamos, a seguir, o modelo da ficha por nós utilizada:

- a) **Topônimo:** Através desse título lançamos o registro do nome de lugar de acordo com as normas de transcrição adotada, seguido de suas variantes, quando estas ocorrem nas entrevistas. Indicamos primeiramente a forma encontrada na fala dos informantes e posteriormente aquela mais aceita na bibliografia para o topônimo e, ao lado, sempre que houver registro nas entrevistas, colocamos também outra forma considerada variante, ou mesmo redução desse nome de lugar. Orientamos ao leitor que o nome de lugar aparece quase sempre junto com o acidente (*Córrego Retiro, Morro do Boiadeiro*) uma vez que essa estratégia nos fornecerá elementos de análise para tratar os topônimos dentro de uma estrutura composta, no Capítulo 5.
- b) **Taxionomia:** Quanto ao rótulo Taxionomia, lançamos a classificação de acordo com sua natureza física ou antropocultural. Acrescentamos, caso o sintagma admita, por ser composto ou longo, uma segunda classificação plausível por causa do segundo ou do terceiro elemento do sintagma nominal toponímico, também, passível de nomeação. Em topônimos como *Morro da Garça* e *Morro do Boiadeiro*, admitimos, diferentemente da bibliografia consultada, que tanto o primeiro elemento quanto o segundo (ou terceiro) do sintagma toponímico são de igual relevância. Adotamos o conceito de Taxionomia simples e também de Taxionomia composta, cunhado por nós mesmos, para os topônimos. Para aqueles que apresentam um só nome ou apenas um nome e um modificador consideramos como *topônimo de Taxionomia simples*. Os outros que apresentaram um nome com um modificador longo ou complexo chamamos de *topônimo de Taxionomia composta*. Mais comentários sobre essa classificação estão no quinto capítulo (SEÇÃO 5.2). Defendemos que tanto o núcleo quanto o segundo elemento, que é sua adjetivação, compõem o foco semântico para o topônimo simultaneamente. Podemos classificar esse tipo de nome de lugar como geomorfotopônimo (*Morro da Garça*) e zootopônimo. Estão presentes aí dois elementos, um de natureza geográfica e outro de natureza animal. No segundo exemplo repete-se a natureza física e uma referência de profissão dentro do quadro

que adotamos como antropotopônimo. Assim a classificação do segundo topônimo (*Morro do Boiadeiro*) seria geomorfotopônimo e axiotopônimo concomitantemente.

- c) **Município:** Esse título traz a indicação do município a que o topônimo citado se refere. Ao lado deste rótulo foi acrescentado ao modelo de Dick (1990) e o de Seabra (2004) o item **gentílico** apenas para os municípios sede que tenham levantamento de população (IBGE 2010), tais sejam Augusto de Lima, Cordisburgo, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Morro da Garça, Inimutaba; incluímos nessa seção também os locais citados por nossos entrevistados: Buenópolis, Caetanópolis, Santo Hipólito.
- d) **Acidente:** Trata-se de uma caracterização geográfica da localidade do topônimo e da sua região, podendo ser de natureza física ou humana. O acidente físico compreende parte do relevo ou córrego, rio, cachoeira, ribeirão, lagoa etc. Quanto ao acidente humano apresentamos uma informação relativa a aglomerados de grande, médio e pequeno porte, sendo povoado, comunidade rural, distrito ou cidade.
- e) **Origem:** Lançamos todos os topônimos sob o rótulo de língua portuguesa. Nesta seção, adotamos o critério de que todas as palavras já estão inseridas em Língua Portuguesa, independentemente do estudo de base etimológica no nível da palavra em cada topônimo. Sendo todos considerados como vocábulos da nossa própria língua. Ressalva-se que alguns topônimos mereceram um destaque diferenciado, quanto a sua origem, porque são considerados na tradição bibliográfica como sendo proveniente de alguma língua africana ou indígena (Tupi). Entretanto, não há maiores aprofundamentos na questão etimológica, pois as nossas bases fundamentais são as entrevistas.
- f) **Estrutura morfológica:** Este item contém a classe gramatical ou categoria de cada topônimo, seu gênero, número, incluindo a classificação entre simples e composto. Consideramos todos os topônimos dentro da categoria de nomes próprios. Descrevemos os topônimos morfológicamente segundo os seguintes aspectos:
1. Nome simples:
 - a) Nf = s.f.sing.(prenome). Ex.: *Marísia*.
 - b) Nm = s.m.sing. Ex.: *Bicudo*.
 - c) Nf = s.f.pl. Ex.: *Porteiras*.
 - d) Nm = s.m.pl. Ex.: *Currais*.
 2. Nomes compostos:

Femininos:

 - a) NCf = s.f.sing. + adj. f. sing. Ex.: *Lagoa Assombrada*.

- b) NCf = adj.f.sing. + s.f.sing. Ex.: Santa Bárbara
- c) NCf = s.f.sing. + prep. + A.f.(m)sing. + s.f.sing. Ex.: Fábrica da Cachoeira e Lagoa do Peixe.
- d) NCf = s.f.sing. + prep. + adj. + s.m.sing. (prenome). Ex.: Barragem de Santo Antônio.
- e) NCf = s.f.sing. + s.m.sing. (prenome). Ex.: Vila Maciel.
- f) NCf = s.f.sing. + prep. + s.m.sing. + s.m.prop. sing.. Ex.: Lagoa de Benguela.
- g) NCf = s.f.sing. + prep. + s.f.sing. (prenome)
- h) NCf = s.f. sing. + prep. + A.f.(m) sing. + s.f. sing. + adj. f. sing. Ex.: Lagoa da Casa Branca.
- i) NCf = s.f.sing. + adj.m.sing. + s.m.sing.(prenome). Ex.: Fazenda Santo Antônio
- j) NCf = s.f.sing. + prep.+ A.m.sing. + s.m.sing. + adj.m.sing. Ex.: Lagoa do Pau Preto.

Masculinos:

- a) NCm = s.m.sing. + s. m. sing. Ex.: Córrego Açude.
- b) NCm = adj.m.sing. + s.m.prenome + prep. A.f.(ou m.) + s.f.sing. Ex.: São José da Lagoa ou São José do Buriti, Santo Antônio da Estrada (topônimo do sec. XVIII).
- c) NCm = s. m. sing. + prep. + A. m. sing. + s. m. sing. Ex.: Morro do Boiadeiro.
- d) NCf = s.f.sing. + adj.sing. + s.m.sing. Ex.: Fazenda Santo Antônio.
- g) **Histórico:** Neste item é apresentada a forma atual do topônimo e sua evolução ou possíveis substituições históricas no decorrer do tempo. Nossas informações são baseadas em cartas geográficas, documentos ou bibliografia tradicional ou nova. Este recurso serve-nos para cotejar as informações colhidas nas entrevistas orais com as fontes escritas, quando há material escrito disponível. Se não houver fonte escrita dessa evolução e nem referência à mesma nas entrevistas, indicaremos uma abreviatura (n/e), como sendo “não encontrado”. Informamos também que esse é um recurso que pode ser utilizado em vários itens da ficha toponímica, pois o material disponível pode não ter apresentado informação satisfatória para esse preenchimento. Utilizamos a classificação ‘histórico’ porque esse recurso nos parece um reforço para mostrar alguns aspectos da designação predadora presente na substituição dos topônimos, o que ocorreu com a cidade de Curvelo que já teve na ordem cronológica os seguintes nomes: Santo Antônio da Estrada > Arraial de Santo Antônio da Estrada > Santo Antônio do Corvello.

- h) **Informação bibliográfica:** Nesta seção apresentamos algumas informações coletadas cujo conteúdo básico está registrado em obras escritas, em periódicos consultados e disponíveis, inclusive cartas geográficas.
- i) **Comentário linguístico:** Apresentamos sob este rótulo os comentários elaborados pelo pesquisador em suas consultas e visitas aos locais, os quais não dependerem necessariamente de material escrito. São informações de exclusiva responsabilidade do pesquisador na sua observação in loco sobre os próprios dados ou na relação de um topônimo com outro bem como sua vivência na região.
- j) **Contexto oral contemporâneo:** Neste rótulo apresentamos um trecho em que ocorra o topônimo da ficha, o qual foi retirado da entrevista gravada em seu devido contexto de origem. Entenda-se contexto aqui como sendo o espaço de comunicação entre o pesquisador e os entrevistados, onde emerge o topônimo, inclusive de forma implícita, o que nos serve de comprovação do dado. Ressalte-se que na ficha toponímica será lançada a identificação do topônimo do modo como ele esteja referido, como, por exemplo, *Riacho Fundo* e a especificação do acidente informará que *é córrego*. No caso de absoluta homonímia entre os dois topônimos, optamos por abrir parênteses ao lado do próprio topônimo, como no caso de Extrema (córrego), Extrema (localidade rural), Paraopeba (cidade) e Paraopeba (Rio). Por questão de ênfase no referente diferenciado, os dois exemplos acima foram colocados isoladamente embora sejam homófonos.

Alertamos aos leitores, que, no caso dos historiotopônimos, adotamos o princípio de que as personagens históricas da região pesquisada receberam tratamento sem hierarquia de valores em escala nacional, pois todos esses personagens deixaram uma contribuição valiosa para a história da região. Assim, os topônimos que tiveram motivação atrelada a uma homenagem a personalidades importantes para as localidades pesquisadas são reflexos do contexto sócio-histórico, seja por causa da política e cultura nacional ou mesmo regional (Presidente Juscelino, Tomás Gonzaga, Quintino Vargas), seja por causa da importância da construção da ferrovia local, como no caso de Osório de Almeida, Gustavo da Silveira e Mascarenhas.

A seguir, vamos apresentar as fichas dos topônimos da microrregião de Curvelo conforme a coleta de dados realizada nas entrevistas orais. Nelas vamos encontrar uma taxonomia simples ou composta, caso o topônimo tenha em sua estrutura um ou mais determinantes que criem um novo valor semântico para o acidente.

1. Topônimo: Alto da Cruz

Município: Morro da Garça

Taxionomia: geomorfotopônimo e hierotopônimo

Acidente: físico/campo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.m. sing. + prep. + A.f.sing. + S.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e (Ver Alto dos Cupins).

Comentário linguístico:

É uma localidade erma, conhecida por muitos moradores do município, situada a pouca distância da área urbana, marcada por uma cruz, onde se concentram algumas pessoas para praticarem orações.

Contexto oral contemporâneo

“[...] uma... mulher que morava por ali, oh...pegava ela na cama... ali no entroncamento lá no Alto da Cruz ali descia uma estrada...saía...ia lá pro Diamante...sabe onde é Diamante do Dotô Paulo Salvo”.

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) – p. 366, L. 52-54)

2. Topônimo: Alto dos Cupim ~ Alto dos Cupins

Município: Morro da Garça

Taxionomia: Geomorfotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico/campo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica:NCm = s.m.sing. + prep. + A. pl. m. + s.m.pl..

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Senna (1926, p. 204) apresenta o topônimo *Alto* como “termo geográfico comumente empregado em Minas para designar, ora ‘um monte destacado, de pequena elevação’, sobre os terrenos circunjacentes; ora um ‘têso’, ou a parte superior de um serrote, de um morro; a cabeça, o cimo ou ‘cabeço’ de uma collina. Nesse sentido diz-se: o Alto da Serra; o Alto do Morro; o Alto da Grotta; o Alto dos Bois, etc. nas povoações do interior, é frequente existir um ‘Alto da Cruz’, um ‘Alto do Cruzeiro’, ‘Alto da Matriz’, um ‘Alto do Rosário’, etc. No mapa do Município de Curvelo-IGA-1984 encontramos também o topônimo Fazenda Alto dos Cupins, entre Morro da Garça e Curvelo.

Comentário linguístico:

O topônimo, na fala, foi encontrado como sendo “Alto dos Cupim”, referindo-se a uma localidade campestre na proximidade do Morro da Garça, a qual é bastante erma, marcada por pequenas vegetações e cupinzeiros, ou abrigo de térmitas. Para os moradores mais antigos da cidade de Curvelo ainda está na memória a denominação de *Alto do Tote* para um dos bairros da cidade.

Contexto oral contemporâneo:

“[...] *de primeiro tinha carro de boi era carro de pau ota hora carroção então enchia os saco e carregava as carroça os carro bem carregadim do tip’ enfiava os boi e cambava*

P: Certo

E: Ai quando chegava em certas altura aí tinha um lugar que chamava Santa Maria

P: Ah certo

E: Ota hora Alto dos Cupim”.

(Cf. Anexo MRAS26F70 – Entrevista (nº26) – p. 386, L.67-72)

3. Topônimo: Zangico ~ Angicos

Município: Curvelo

Taxionomia: Fitotopônimo

Acidente: Humano / povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Bueno (1988, p. 244) considera: “Árvore do Brasil. Martius inclui esta palavra em seu dicionário Tupi, mas com dúvida.”

Aurélio (1975, p. 98) apresenta *angico* como sendo: “S.m. Bras. Árvore do gênero *Piptadenia*, da família das leguminosas mimosóideas, de madeira utilíssima”.

Comentário linguístico:

É um pequeno povoado localizado às margens da BR 135, na proximidade de Curvelo à direita (no sentido Belo Horizonte – Curvelo) e também próximo ao Riacho Fundo. O nome desta localidade é pronunciado pelos moradores entrevistados (e muitas pessoas) da região como sendo *Zangico*, eliminando-se assim na fala dos entrevistados o plural *Angicos* que existe no mapa do município de Curvelo – IGA 1984.

Contexto oral contemporâneo

P.: Tem outro córrego naquela propriedade de lá?

E.: Não tem não... tem uma o'tra nascente que chama Extrema

P.: Certo

*E.: Tem do lado do lado ali do geraldo pasqual do **Zangico**”.*

(Cf. Anexo CLJEA11M83 – Entrevista (nº11) –p.136, L. 62-65)

4. Topônimo: Angueretá

Município: Curvelo

Taxionomia: hierotopônimo

Acidente: humano/povoado e distrito

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi).

Estrutura morfológica: Nf = s.f.pl.

Histórico: Angueretá < Distrito de Almas

Informação bibliográfica:

Esse distrito já pertenceu a Sete Lagoas e atualmente está “incorporado a Curvelo por lei nº 2710 de 30-X-1880, segundo Costa (1997). O nome atual é bem posterior, de 30-XII-1953, por lei 1058. Outro registro escrito que encontramos mostra o topônimo antigo: “Aos treze dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco neste *Distrito de Almas* Município e Comarca de Curvêllo Estado de Minas Gerais em meu cartório compareceo Pedro Alves da Silva e declarou o nascimento de uma criança do sexo masculino filho legítimo Francisco Alves da Silva e D. Carolina da Silva Oliveira nascida a 12 de Mº. de 1894 as 12 horas da noite [...]”. (Notas Cartoriais, Nº 29, Cartório de Angueretá). Em Sampaio (1987,194) angóera s.c. Ang-oéra, a alma passada, a do defunto [...]”.

Comentário linguístico:

Angueretá é um distrito hoje pertencente a Curvelo com dezenas de residências, situado às margens da BR- 040 e trevo da estrada de Pompeu. Tal topônimo é uma forma adaptada de “Almas ou Distrito de Almas”. No mapa do município de Curvelo, do IGA (1984), está indicado atualmente como distrito de Curvelo.

Contexto oral contemporâneo:

– “E o... e também nesses dias... nesses municípios coisa pequena dentro do município aqui também: é **Angueretá** é... São José da Lagoa, eu conheço essa região toda”.

(Cf. Anexo CLGRS9M77– Entrevista (nº 9) – P 115, L57-58.)

5. Topônimo: Araçai

Município: Araçá; gentílico: araçaiense

População: 2.247 (IBGE/2010)

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: Humano/ cidade

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: Araçá < Araçá

Informação bibliográfica:

Araçá foi criado com a denominação de *Araçá* pela lei estadual nº. 556, de 30-08-1911 e pelo decreto-lei estadual nº. 1058 o distrito passou a denominar-se *Araçáiem* 31-12-1943, conforme o site IBGE Cidades. Araçá é considerada palavra adaptada do tupi. Isso podemos deduzir da informação de Ferreira (1975, p. 123) que também a indica como “planta medicinal”. Essa pequena cidade faz parte do *Circuito Guimarães Rosa*.

Comentário linguístico:

Araçá foi uma das paradas do trem de passageiro até a década de 1990, cuja ferrovia lá chegou nos primeiros anos de 1900. Considera-se que o topônimo relaciona-se com araçá, pequeno fruto do araçaiero (uma espécie de goiaba pequena agridoce que é muito encontrada nas proximidades).

Contexto oral contemporâneo:

P.: Sei... e as estradas pra roça até Cordisburgo como é que era isso aqui?

E.: Olha... as estradas antigamente era mais ou menos que antigamente num existia máquina tudo era na base do do braço... inclusive tem uma estrada aqui eu ‘judei a fazê trabalhei uns tempos na prefeitura ela foi feita [...] ajudá entrá de **Araçá** pa’ São José da Lapa tudo na base da picareta e enxada.”

(Cf. Anexo CBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 79, L45-61.)

6. Topônimo: Aporá

Município: Corinto

Taxionomia: dimensiotopônimo

Acidente: humano/estação ou edificação ferroviária

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s.f.sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Aporá refere-se a uma localidade erma, antiga parada de trem, já extinta, após

Corinto e antes de Augusto de Lima. É um nome pouco conhecido e citado apenas uma vez, por um só informante. A significação do vocábulo é pouco conhecida. Resolvemos lançar na Taxionomia a opção não encontrado (n/e) por faltar-nos mais informações seguras.

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975) e Bueno (1978) não se encontra nenhuma informação para Aporá. Em Houaiss (2001, P. 258) pode-se ver uma informação sobre uma forma derivada de Aporá: “aporaense, adj. 2g., s.2g.(1816 cf. IBGE) relativo a APORÁ (BA), ou que é seu natural ou habitante. ETIM. top. Aporaense + -ense”. Nas obras mais específicas da toponímia também não obtivemos informações para Aporá, tais sejam: Carvalho (2010), Dick (1990^a, 1990b, 1999), Menezes (2009), Isquerdo (2008) Seabra (2004), Mendes (2010). Contudo, a única obra que fornece pistas viáveis do Tupi para a significação do nome foi Sampaio (1987, 196) “Aporá, a-porá (tupi) altura bonita, cabeça, formoso; designa monte isolado e distinto em terra unida”.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Sim... hum... a rede ferroviária trabalhava muito com a telegrafia né

E: Trabalhava todos os trem eram licenciados através da telegrafia

P: Ham ham

E: Aparelho morse

P: Sei e tinha um movimento de passageiros aqui naquela época?

E: Tinha bastante

P: Hum hum tinha do....

E: Nós tinha nós tinha do... quatro trem de passageiros saía de belo horizonte e ia pra montes claros e um ia a monte azul

P: Certo... quais as paradas mais perto... mais perto que o trem fazia daqui de Augusto de Lima?

E: Marísia

P: Certo

E: Marísia

P: Pra frente... pra frente?

E: **Aporá** e depois nós ia chegá em Corinto”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 28, L.95-110.)

7. Topônimo: Augús' de Lima ~ 'Gus de Lima ~ Augusto de Lima

Município: Augusto de Lima; **gentílico:** augustolimense. **População:** 4.960 (IBGE - 2010)

Taxionomia: historiotopônimo

Acidente: humano/cidade

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.prop.sing. + prep. s. prop.f.sing.

Histórico: Augusto de Lima < Francisco Sá < Estação 41 < Arraial da Pedra Branca.

Informação bibliográfica:

A cidade de Augusto de Lima teve, inicialmente, o nome de Arraial da Pedra Branca e Estação 41, segundo os moradores idosos de lá, e por volta da década de 1890, veio o nome de Francisco Sá. Mais tarde passou a se chamar Augusto de Lima, após o crescimento da agropecuária, produção de cristais e prestígio do renomado político e intelectual mineiro, a quem se faz alusão pelo nome atual da cidade, o que foi confirmado na emancipação de 1962. Nas obras de Max Vasconcellos (1928) e Costa (1997) não é citado o topônimo corrente na época da juventude dos nossos entrevistados que citam e lembram-se da designação *Estação 41*, empregada pela ferrovia.

Comentário linguístico:

Na língua falada ou na fala dos entrevistados apareceu o topônimo antigo como sendo "*Francis' Sá*" e o atual como "'Gus' de Lima" ou "*Augus' de Lima*". Atualmente podemos encontrar na fala descontraída de alguns moradores e ex-moradores *Gudilim'* também, mas essa última forma não pareceu nas entrevistas.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Francisco Sá ficô aqui de mil novecen's e quinze a mil novecen's e trinta e novembro

P.: Ham... ham

E.: Tá comprenden'ô depois veio **Augusto de Lima** taí até hoje?"

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 29, L. 166-168)

8. Topônimo: Bananal

Município: Curvelo

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: humano/ povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.col.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A origem do nome parece estar relacionada com aspecto antigo da localidade que era uma área de plantação de bananeiras em sítios e fazendas nas margens da BR-135, embora atualmente não haja grandes bananais como existiam.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “O lugá é um mato lá... chamava Contage

P: Contagem... ficava perto de onde?

E: É... fica perto do Bananal”.

(Cf. Anexo CLPFA12M92 - entrevista (n.12) – p. 149, L 6, 7 e 8.)

9. Topônimo: Barra de Santo Antônio

Município: Inimutaba

Taxionomia: geomorfotopônimo e hagiopônimo

Acidente: físico/ margem de rio ou baixada

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = s.f.sing. prep. + s.m. +s.m.sing. (prenome).

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Barra de Santo Antônio refere-se a uma localidade ou pequena barra do Ribeirão Santo Antônio que existe em Curvelo até hoje e forneceu no passado água limpa para a população próxima, inclusive de Inimutaba para alimentar a usina da fábrica de tecidos já no século XIX. Os entrevistados podem-se referir tanto à Barra de Santo Antônio, Barragem ou Fazenda Cachoeira Santo Antônio como sendo a mesma localidade do passado, mas com aspectos diferentes do local. Na atualidade toda essa área pertence ao município de Inimutaba.

Contexto oral contemporâneo:

E.: É o mesmo ribe’rão [...] ele nasce... a nascente do Riberão Santo Antônio é em Curvelo

P.: Certo

E.: Ele vem né... dentro do município de Curvelo ele pega bem uns quilômetros né e depois ele vem aqui pra Inimutaba

P.: Hum hum

E.: Dali pra cá é Inimutaba município de Inimutaba

P.: Sim e ele vai desaguar onde?

E.: Ele deságua no rio das Velhas aqui mesmo no nosso município

P.: Ahm [...]

E.: Numa localidade chamada de **Barra de Santo Antônio**

(Cf. Anexo ITMMCL24F70 – Entrevista (nº24) – p. 344, L.74-84.)

10. Topônimo: Barragem de Santo Antônio

Município: Inimutaba

Taxionomia: sociotopônimo e hagiopônimo

Acidente: humano/represa

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf= s.f. + prep. + adj.m.sing. + s.prop.m. (prenome)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Barragem de Santo Antônio representa um pouco da história do lugar na sua tendência para hagiopônimos e no desenvolvimento da localidade quando da construção da barragem para alimentar o trabalho das máquinas de tecelagem e fiação em Inimutaba.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E vier’o aqui pá’ Curvelo... que ês tinha terreno já aqui

P.: Ham ham

E.: E fizer’o essa de Inimutaba... chamava fábrica da Cachoe’ra fizeram a o’ta

P.: Ok

E.: Já baseado na experiência dos o’tos irmãos né

P.: Sei

E.: Ês inclusive ajudar’o... fizeram a **Barrage’ de Santo Antônio** lá”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 307, L30-36.)

11. Topônimo: Bela Vista

Município: Cordisburgo

Taxionomia: animotopônimo e geomorfotopônimo

Acidente: físico/ campo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = adj.sing.f. + s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Bela Vista é muito pouco usado e pouco conhecido, mas o segundo elemento do nome se repete em outros nomes de lugares, tal como na antiga designação social predadora

de Cordisburgo da Vista Alegre e também é nome de um dos bairros da cidade de Curvelo, que está na proximidade.

Contexto oral contemporâneo:

“P.:Tinha onça também?

E.: Tinha

P.: É

E.: Tinha

P.: Pegava o povo ou animal por aí

E.: Ah... olha não...num pegava ninguém né mais uma vez queria me pegá [...] é...eu era menino meu avô ia tocaia veado

P.: Sei

E.: Era mês de julho êl’ ia pegá veado...eu ia com ele...então tinha uma cachorra na **Bela Vista** que chamava Lila”.

(Cf. Anexo CBJVFS8M72 – Entrevista (nº8) – p. 103, L 142-151.)

12. Topônimo: Bicudo

Município: Morro da Garça

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.(apelido de família)

Histórico: Bicudo < Rio Bicudo

Informação bibliográfica:

Na obra de Leite (1966, p. 17), ao tratar do Rio Bicudo e da terra dos índios coroados, encontramos uma tentativa de explicação plausível para esse topônimo: “Por que Bicudo? Talvez deva o rio este nome a algum sertanista da família dos Bicudos, gente paulista que se distinguiu nas entradas pelo interior do Brasil nos séculos XVII e XVIII. Em Pitangui já no começo de 1700 há um personagem de atuação na vida desta vizinha cidade, José de Campos Bicudo de Andrade. Obtiveram sesmarias em Minas no século XVIII: Fernando Bicudo de Andrade, João Bicudo.”

Comentário linguístico:

A origem do topônimo Bicudo não tem uma explicação muito transparente porque está muito distante e sem registros seguros no período do início de criação de gado e agricultura de base no limiar do século XVIII. A motivação pode prender-se ao nome de um pássaro canoro encontrado naquela área e também a algum apelido de família.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Onde é que o povo pesca hoje e onde é que o povo pescava antigamente?

E.: Antigamente tudo tinha o seu... por aqui mesmo tinha um açude, tinha o cor'go hoje pra pescá bão... um pôquinho, o povo vai é só Picão, no **Bicudo**,né,é...”

(Cf. Anexo MRIMM27M71 – Entrevista (nº27) – p. 405, L.126-129.)

13. Topônimo: Buenópolis

Município: Buenópolis; gentílico: buenopolitano

População: 10.292 (IBGE – 2010)

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/município

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf.= s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

O topônimo Buenópolis é uma variação do sobrenome Bueno, do político, filho do município, Júlio Bueno Brandão, e segundo Costa (1997, p. 131) Buenópolis foi distrito de Diamantina por lei número 843 de 7-09-1923, passando à cidade e município por decreto-lei número 148 de 17-12-1938 e seu território abrange o distrito de Curimataí. Existe também outro município com o nome Bueno Brandão em Minas.

Comentário linguístico:

Em Minas há outros topônimos formados com o apelido de família ou sobrenome anexado a uma base lexical em composição com outra como *polis*, mas na mesorregião central mineira pesquisada essa formação vocabular não apareceu, estando presente em Buenópolis, que é apenas uma área limítrofe daquela pesquisada.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “A senhora viajava no trem aqui?”

E.: Já... peguei o [...]

P.: A senhora ia pra onde aqui?

E.: O trem ia pra **Buenópolis...** Corinto [...] quando minha vó morava em Corinto.”

(Cf. AnexoALMG2F75 – Entrevista (nº2) – p. 12, L63-65.)

14. Topônimo: Cachoe'ra do Paraúna ~ Cachoe'ra de Paraúna~ Cahoeira do Paraúna

Município: Gouveia

Taxionomia: hidrotopônimo e cromotopônimo

Acidente: físico/queda d'água

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = s.f.sing.+ prep.+ A.m.sing.+ s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e (Cf. ficha Rio Paraúna)

Comentário linguístico:

Existe o povoado de Paraúna, bem como o Rio Paraúna e também a Cachoeira do Paraúna, havendo na verdade uma polissemia para o vocábulo Paraúna, mas, enquanto topônimo, percebemos nesse caso a designação expressiva apoiando-se no nome de reforço (nome apositivo) que é *rio* ou no especificador *do Paraúna*.

Contexto oral contemporâneo:

P: “É... verdade hum... hum mais nos tempos que o senhor era menino já tinha energia aqui na cidade como que era a energia?”

E: Não como eu disse ao senhor na época que foi construída a cidade num é de meu tempo não é num é de meu tempo mais [...] a história conta o seguinte... a usina que era movida a água

P: Certo

E: Não tinha energia nem em Curvelo então aí começô a energia aqui foi logo depois de...((ruídos)) entendeu aí consegui uns na época é de meus tempo que eu antes de meus tempo na primeira construção da usina na Cachoeira de Paraúna

P: Hum

E: De... de Cachoeira do Paraúna no Paraúna”.

(Cf. Anexo ITAAF21M83 – Entrevista (nº21) – p. 299, L.268-278)

15. Topônimo: Cafundó

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: animotopônimo

Acidente: humano/ povoado ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa < africana (ambundo)

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Na consulta a alguns dicionários para verificar esse vocábulo, encontram-se as informações sem muito consenso da origem de cafundó. Em Raimundo (1933), indica-se: *‘lugar ermo e*

distante'. O étimo é do *ambundo ka-nfundo*. Para o Novo Dicionário Aurélio (1975, p. 250): “cafundó [De possível or. Afr. Bras. S.m. 1. V. cafua. 2. Baixada estreita, entre lombadas sensivelmente altas e íngremes. 3. Lugar ermo e afastado, de acesso difícil, normalmente entre montanhas [...]].” Para Cunha (2001): cafundó: sm ‘cafua lugar ermo e afastado, de acesso difícil. De origem africana, mas de étimo indeterminado’.

Comentário linguístico:

A comunidade rural ou povoado de Cafundó tem sua origem ligada supostamente ao movimento de ocupação de terras dos antigos escravos em tempos muito anteriores à emancipação da sede do município. Os moradores contam que ali viviam no passado escravos fugidos e um entrevistado (de 105 anos, ALJL1M105) narrou que seu pai e sua mãe foram pegos pelos patrões com ajuda de laços e golpes de mordida de cachorros nas matas dessa localidade. Inclusive seu pai teria ficado todo ensanguentado e perdido os músculos de uma perna e dos bíceps do braço direito por conta dos dentes de cachorros. Essa localidade era muito erma e de difícil acesso, daí a motivação para esse topônimo. A designação toponímica predica bem essa situação. Lá ainda vivem alguns descendentes de escravos. A palavra africana aponta para a origem de difícil identificação, mas apenas Raimundo (1933) aponta a origem como sendo *ambundo*. Esse topônimo foi citado por um entrevistado negro, de 105 anos, falecido em 2010, cujos pais, segundo ele, foram escravos fugidos da localidade de Cafundó, a qual existe até hoje e conhecida por muitos moradores da cidade de Augusto de Lima e região próxima.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Eu fui nascido no município de Contria.

P.: Certo... bom

E.: Doze légua daqui lá

P.: Hum... hum

E.: Lá eu criei... saí de lá pra casá aqui com vinte e quatro ano

P.: Hum... hum

E.: Agora então de lá quando eu casei morei no **Cafundó** que era esse tempo sim com depois êl's passaro lá p'á... comé que chama vila de quê vila de quê ((ruídos...))”.

(Cf. Anexo MRRJR28M89 – Entrevista (nº28) – p. 408, L10-18.)

16. Topônimo: Calde'ra ~ Caldeira

Município: Curvelo

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: físico/fazenda

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s.f.sing. (apelido de família ou sobrenome)

Histórico: Caldeira < Fazenda Santa Cruz

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O antropotopônimo *Caldeira* refere-se a uma propriedade rural de posse de membros da família do mesmo sobrenome no município de Curvelo. A mesma localidade aparece na entrevista como Fazenda Santa Cruz. O entrevistado (CLPRA4M89) cita expressões de estrutura sintática complexa para mencionar tal localidade designada por ele, tais como: “*Fui trabaiá nos Calde’ra, Perto dos Calde’ra, Lá nos Calde’ra*”, etc.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Quando mudei lá po’ Gustavo... já faz bem tempo...

P.: Sei

E.: Eu morava... lá perto dos Calde’ra”.

(Cf. Anexo CLPFA12M92 – Entrevista (nº12) – p. 149, L 11 - 13.)

17. Topônimo: Cambaú

Município: Morro da Garça

Taxionomia: cromotopônimo

Acidente: físico/campo aberto

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf.= adj.sing.f.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Sobre a historiografia de Curvelo, na opinião de Diniz (1970, p. 6) os primeiros habitantes da atual região seriam os goianás: “Parece que Monsenhor Xavier Rolim seguiu melhor caminho quando escreveu que os goianás foram os habitadores das plagas do Ribeiro de Santo Antônio”.

Nas informações históricas sobre a mesorregião central não encontramos o topônimo *Cambaú*. Em Ferreira (1975, p. 260) acha-se a seguinte anotação para o verbete cambá: “Do guarani *kã’bá*, negro. S.m. Designação comum aos negros brasileiros durante a guerra do Paraguai (1865-1870)”. Para Gregório (s/d, p. 231) existe uma base etimológica tupi: “*cambá* = negro”.

Comentário linguístico:

Há informação de que nessa área específica do topônimo cambaú teriam vivido índios de

etnia não muito definida pelos estudiosos, sendo da tribo coroados, cujos ascendentes podem ser cariris ou goianas. O fato é que esse nome de lugar apareceu apenas uma vez na fala de um só entrevistado, mas outros moradores e entrevistados contam que viviam, naquele local, índios com cabelo levantado e de forma arredondada semelhante a uma coroa. A motivação do topônimo nos leva a crer que o adjetivo deve-se a corescura da elevação rochosa do local. Entretanto, não temos registros escritos oitocentista na língua tupi dessa localidade, deixada por bandeirantes ou colonizadores ou mesmo sobre outros topônimos. Na fala do entrevistado ouve-se *Cambaú*, mas este topônimo consta do mapa do município de Curvelo, com a grafia diferente: *Cambaúba*.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “O povo fala que teve índio aí. Isso é muito antigo, né?”

E.: É mais antigo, que na minha época, sempre; minha mãe, umas outra, uma mulher que mora lá, **Cambaú** fala que tinha uns índio aqui. Inclusive essa dona da Cambaú foi gerada desses índio, a tal de geraldina maravia, é.

P.: Ela é viva até hoje?

E.: Não, ela é falecida era ela, os filho dela tudo faleceu tem... é... tem nora, tem inté hoje lá em Curvelo”.

(Cf. Anexo MRIMM27M71 –Entrevista (nº27) – p. 402. L.26-32.)

18- **Topônimo:** Campa’legre ~ Campo Alegre

Taxionomia: fitotopônimo e animotopônimo

Município: Morro da Garça

Acidente: humano/povoado ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Histórico: n/e

Estrutura morfológica: NCm = s.m.sing. + Adj.2g.sing.

Informação bibliográfica

Em Ferreira (1975, p. 264) temos alguns esclarecimentos para a significação do topônimo: “Campo. [Do lat. Campu.] S. m. 1. Extensão de terra sem mata, e que tem ou não árvores esparsas. 2. Terreno extenso e mais ou menos plano que tanto que tanto se pode destinar às pastagens do gado como ao cultivo agrícola [...]”.

Comentário lingüístico:

Ao lado do Morro do Boideiro e a Oeste de Curvelo, no município de Morro da Garça, situa-se o povoado de *Campo Alegre*, com algumas dezenas de moradias, igreja e várias fazendas.

Nota-se que o adjetivo *alegre*, que aparece em alguns topônimos parece refletir o prazer e contentamento dos entrevistados ao dizerem que gostam de morar em tais e tais localidades. A motivação toponímica apresenta causas bem abstratas, ora ligadas ao estado de espírito presente no processo designativo ora às características do solo.

Contexto oral contemporâneo:

E: “Nessa época num existia... capela...”

P: Nenhuma outra

E: Oi... dia de domingo tin’ missa aqui...vinha gente lá do Picão Camp’ alegre

P: Tudo vinha pra cá”.

(Cf. Anexo MRANS25M76 –Entrevista (nº25) – p. 370. L.157-160.)

19. Topônimo: Cana-brava ~ Canabrava

Município: Morro da Garça

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/ povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf= s.f.sing. (apelido de família ou sobrenome)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

No mapa IGA - Município de Curvelo-1984 está o registro *Cana-brava* como sendo vila ou povoado. Ocorre que esse fora da mesorregião central. Costa (1997, p. 144) anota Canabrava como sendo distrito do município de “Paracatu por lei nº 1474 de 9-VII-1868” e depois anexado a “João Pinheiro por lei nº556 de 30-VIII-1911. No livro do padre Leite (1966) temos a referência a um certo coronel Canabrava. Em Machado (1984, v.1) está o comentário de que esse topônimo é muito presente no Brasil devido à grande existência de “canaviais silvestres”. Mostra o autor ainda que: “Na toponímia brasileira há Cana-brava (Baía) e Canabrinha (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás)”.

Comentário linguístico:

O topônimo é um povoado nas proximidades de fazenda do mesmo nome, sendo que o topônimo é muito recorrente em outros municípios de Minas e pertence a uma família tradicional da região de Curvelo e Morro da Garça. Ouve-se falar a palavra *Canabrava* como topônimo independente o que é distinto de *Fazenda Canabrava* ou *corgo da Canabrava*. Podemos inferir que o topônimo era um substantivo comum (cana-brava) que passou a próprio e, por isso, estamos considerando como fitotopônimo quanto antropotopônimo e designa predicativamente a localidade. O pessoal da região sabe que existe uma planta não

adequada para alimentação humana conhecida por cana-brava.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Sim... esses córregos aqui perto da cidade tinham peixe também?

E.: Tinha pe'xe [...]

P.: Peixe pequeno né... qual deles que dava peixe?

E.: Esse aqui é cor'go de Quemado

P.: Sim

E.: E o cor'go da **Canabrava**".

(Cf. Anexo ALMG2F75– Entrevista (nº 2)– p.13, L 95-97.)

20. Topônimo: Canivete ~ Canivete dos Branco ~ Canivete dos Brancos

Município: Felixlândia

Taxionomia: ergotopônimo e etnotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Nos arredores do povoado de Limeira, entre Felixlândia e Curvelo, está a comunidade rural de Canivete, perto do Córrego Canivete dos Brancos, homônimos. Na bibliografia disponível ou na fala do entrevistado da região não aparecem pistas para a motivação do topônimo (Cf. abaixo).

Contexto oral contemporâneo:

P: “Nessa época aqui tinha grupo escolar?

E: “ Não... não... não

P: Onde é que os meninos daqui estudavam?

E: Estudava retirado daqui... fica retirado daqui uns oito quilômi'to

P: Onde é que fica a escola mais próxima daqui?

E: Essa escola fica na... no Canivete... aqui el's chama Canivete dos Branco

P: Canivete?

E: É **Canivete dos Branco**".

(Cf. Anexo FXAVC18M70 – Entrevista (nº18) – p.247, L.46-55)

21. Topônimo: Cavalinho**Município:** Morro da Garça**Taxionomia:** zootopônimo**Acidente:** humano/ povoado ou comunidade rural**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Nm = s.m.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

Cavalinho é uma das comunidades rurais de Morro da Garça, entretanto a motivação para esse nome não foi encontrada, sendo de emprego raro pelos entrevistados.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Muito bom a senhora sempre morô aqui na região

E.: Não eu morava era no **Cavalinho**

P.: É um povoado aqui perto

E.: É perto mas num é muito perto não”.

(Cf. Anexo MRAS26F70– Entrevista (nº26) – p. 384, L15-19.)

22. Topônimo: Cedro**Município:** Caetanópolis**Taxionomia:** fitotopônimo**Acidente:** humano/bairro ou comunidade**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Nm = s. m. sing.**Histórico:** Caetanópolis < Cedro < Fazenda da Ponte**Informação bibliográfica:**

Em Costa (1997, p. 157) existe a citação do topônimo Cedro ao lado de Caetanópolis e também de outra localidade chamada de Cedro de Abaeté.

Comentário linguístico:

Na área do atual município existe ainda o córrego chamado de Cedro bem como é comum nessa parte da mesorregião central mineira a árvore chamada de cedro (ipê). Muitos moradores conhecem tal árvore por esse nome. Esse topônimo vingou até por volta de 1953 quando foi incorporado ao termo jurídico da comarca da atual Paraopeba. Sofreu substituição do nome ao ser elevado à categoria de município em 12-12-1953 e instalado como sede em 01-01-1954, por lei estadual. Passou a se chamar Caetanópolis em homenagem ao coronel e empresário da tecelagem e fiação Caetano Mascarenhas. O topônimo tornou-se bem acolhido

pelos moradores de toda região próxima e a localidade adquiriu popularidade através da indústria de tecelagem da família de Caetano Mascarenhas, benfeitora do local, a quem grande parte da população rende louvor. Assim a designação predicadora atende o que chamamos função social e evento de manifestação de afeto e autoestima da população presentes no topônimo.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Eles eles tinham fundado uma fábrica... instalado uma fábrica no **Cedro** em mil oitocentos e setenta e dois

P.: Hum hum

E.: Os três prime'ros lá... os três irmãos.. os três prime'ros não... os três irmãos antônio bernardo e caetano

(Cf. Anexo ITMMCL24F70- Entrevista (nº24) – p.347, L 146-149.)

23. Topônimo: Cerradão

Município: Corinto

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: físico/campo aberto

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975) temos “cerradão: sm.Bras. 1.V. cerrado (10) [...] 2. Vegetação mais densa e desenvolvida que o cerrado. 10. Bras. Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas”.

Comentário linguístico:

Existiu a Parada Cerradão para o trem de passageiros, mas o topônimo ainda está registrado na fala, fisicamente na localidade, em uma fazenda e no mapa IGA-MUNICÍPIO DE CORINTO 1984 bem como em Vasconcelos (1928).

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Pra frente... pra frente?”

E.: Aporá e depois nós ia chegá em Corinto

P.: Sei

E.: De Corinto p’a frente vai p’a belo horizonte [...] Osório de Almeida

P.: Ah

E.: Prime'ro vinha **Cerradão**... Osório... Curvelo”

(Cf. Anexo ALOCR3M75– Entrevista (nº3) – p. 28, L117-123.)

24. Topônimo: Contage ~ Contagem

Município: Curvelo

Taxionomia: sociotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Histórico: n/e

Estrutura morfológica: Nm = s.f.sing.

Informação bibliográfica: n/e

Comentário lingüístico:

O topônimo Contagem refere-se a uma localidade rural de grandes lavouras nas imediações de Curvelo e proximidade de Mascarenhas e Córrego Riacho Fundo.

Contexto oral contemporâneo:

P: Vamos conversar um pouco sobre sua vida aqui na região de Curvelo... podemos?

E: Podemos

P: Beleza... qual é o seu nome completo por favor?

E: Meu nome completo é ?

P: É seu nome inteiro

E: Pedro ferreira de Araújo

P: Beleza... qual o nome do lugar onde o senhor nasceu?

E: Eu nasci no mês de dezembro

P: Certo

E: Sou vinte de dezembro de mil novecentos e du'zoito

P: Como é que é o nome do lugar?

E: O lugá é um mato lá... chamava Contage”.

(Cf. Anexo CLPFA12M92- Entrevista (12)- p. 149. L. 1 – 7)

25. Topônimo: Contria

Município: Corinto

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/ povoado

Origem: Língua Portuguesa < Francês (Contrie)

Estrutura morfológica: Nm = s.f.sing. (apelido de família)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A localidade de Contria era chamada de Fazenda da Contria no século XVIII, por volta de 1714 quando da ocupação das terras de fazenda do padre francês Phillipe Domingo de La Contrie (Contria). A historiografia da mesorregião central mineira informa que lá existiu por muitas décadas esse padre fazendeiro que conseguiu sua carta de sesmaria em 1738. Logo, esse topônimo vingou até hoje, bem perto de fazer seus trezentos anos, sem sofrer substituição do nome original oitocentista. Em Costa (1997, p. 170) temos a informação de que o topônimo deve-se ao nome do padre La Contria.

Comentário linguístico:

Observa-se que o topônimo (nome por empréstimo linguístico) teve a formação a partir de um apelido de família,

(sobrenome) com acréscimo de um sufixo recorrente em português contemporâneo

(-ia), também presente em Felixlândia. A localidade popularizou-se graças ao sucesso da ferrovia a partir de 1911, com a inauguração da estação de parada do trem de passageiros.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Qual o nome da cidade o senhor nasceu?

E.: Eu fui nascido no município de **Contria**.

P.: Certo... bom

E.: Doze léguas daqui lá”

(Cf. Anexo MRRJR28M89– Entrevista (nº28) – p. 408, L 9-13.)

26. Topônimo: Cor'go Açude ~ Córrego Açude

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e sociotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A região estudada (MRCM) faz parte do cerrado mineiro, por isso apresenta pouca chuva durante o ano e os córregos são de pouco volume de água. Isso é compensado às vezes com formação de contenção da água para melhor servir a área protegida. O córrego acima alimenta um pequenoaçude. Lagoa e Açude são topônimos comuns em várias partes da região.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Ah sei... esse é grande né
 E.: É grande divide... divide com com Curvelo
 P.: Já ouvi falar..., é um povoado grande hoje
 E.: É sim... o maior é o Picão o segundo é **Açude**.”

(Cf. Anexo ITAA22FM70 – Entrevista (nº22) – p.310, L.116-119.)

27. Topônimo: Córrego Água Limpa

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotópônimo e animotópônimo

Acidente: físico/ribeirão

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.m.sing. + s.f.sing + adj. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Observamos que o topônimo Ribeirão Água Limpa faz oposição a outros córregos cujas águas são turvas como Riacho Fundo, Córrego Jabuticaba e o Rio Paraúna.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E... e... e é uma coisa importante na cidade água é que água é como fazia pra uso da água é que água é como fazia pra uso da água da pessoa humana que vinha o cor’go de... de Curvelo e era dejetado tudo jogado dend’ da... da do ribeirão inclusive dos hospitais né

P.: Certo

E.: Então tem uns engenheiro [...] colocou uma água que nasce do ot’o lado do Ribeirão **Água Limpa**”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p.300, L283-289.)

28. Topônimo: Córrego Araçá

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotópônimo e fitotópônimo

Acidente: físico, córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Na MRCM encontramos pés de um tipo de goiabinha, na cor esverdeada ou amarelada, quando madura é agri-doce, chamada de araçá em muitos terrenos da região do cerrado

mineiro.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Aí tem Cor’go do Retiro

P.: Certo

E.: Gentil de Matos... Cor’go do Retiro... **Araçá**... Landim”

(Cf. Anexo ITAARF22M70– Entrevista (nº22) – p. 309, L 95-97.)

29. Topônimo: Cor’go Canivete ~ Córrego Canivete dos Brancos

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e ergotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: N.C.m = s.m.sing.+ s.m.sing. + prep.+A. m.pl.+ adj. m.pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Dentre os vários córregos conhecidos no município de Felixlândia está o Córrego Canivete dos Brancos, na proximidade da comunidade rural chamada de Limeira e perto do Morro do Boiadeiro. O entrevistado não apresentou de modo transparente a motivação presente no topônimo que tem relação concreta ou metafórica com elementos da cultura material dos moradores da MRCM.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Mas tem córrego rio água tratada?

E: Tem.. tem corgo aqui... tem dois corgo aqui muito perto

P: Qual córrego... é o Canivete?

E: Canivete o Limerá... Limerá é o mais próximo... que o corgo da Limerá é esse que nós temo ele aqui agora que é aqui no fundo...”

(Cf. Anexo FXAVC18M70 – Entrevista (nº) – p. 249, L 157-161.)

30. Topônimo: Cor’go Capivara ~ Córrego Capivara

Município: Morro da Garça

Taxionomia: Hidrotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing + s.f. sing.

Histórico: Córrego Capivara < Córrego Capivara

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Capivara se repete duas vezes, ora como nome de Córrego ora como propriedade rural de poucas moradias no município de Morro da Garça e ainda chama-se Capivara de Cima a um povoado do município de Corinto.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Alguém tinha cisterna algumas pessoas tinha cisterna e dava pra gente a água... que as pessoas mais... caridoso né

P.: Hum hum

E.: Dava uma latinha de água

P.: Hum hum certo

E.: E às vezes tinha um cór'go ali que chamava **Capivara**”.

(Cf. Anexo FXRGQ20F82– Entrevista (nº20) – p. 283, L174-179.)

31. Topônimo: Cor'go da Fome ~ Córrego da Fome

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e somatotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A. f. sing. + s. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Este topônimo refere-se a um curso de água de pouca extensão e baixo volume de água nas proximidades de Cordisburgo na área limite de Araçaí.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Então dava muita traíra e tinhas o'tros corgo' aqui...na...região aqui

P.: Hum...hum

E.: Descoradô... tinha um corgo que chamava **Fome**... Lageado mesmo a Onça

(Cf. Anexo CBJVFS8M72– Entrevista (nº8) – p. 102, L.131-133.)

32. Topônimo: Córrego da Jabuticaba

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm= s.m.sing.+prep.+A.f. sing. + s.f.sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

Parece ter havido a influência da árvore jabuticabeira que é muito comum em toda MRCM nos quintais das casas ou às vezes na designação de lugar. Alguns topônimos assumem essa polissemia muitas vezes, mas os falantes o diferenciam pelo pertencimento ao município. No município de Inimutaba existem o povoado Jabuticaba e também o Córrego Jabuticaba.

Informação bibliográfica:

Está registrado no mapa IGA-1984 Córrego Jabuticaba nas duas localidades tanto para o município de Curvelo quanto para Inimutaba.

Contexto oral contemporâneo:

“E.: Descen’o pra cá ocê já sai aqui na... na [...] cumé que ês chama aí... mais aí já num é povoado aí é só gente que mora... faz partida aqui mesmo

P.: Hum hum

E.: Tem o da **Jabuticaba** que é importante também... importante”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70– Entrevista (nº) – p. 309, L112-115.)

33. Topônimo: Cór’go da Lime’ra ~ Córrego da Limeira

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m. + prep. + A.f.sing. + s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O Córrego da Limeira não está registrado no mapa IGA- 1984, mas o entrevistado e outros moradores da região o reconhecem na proximidade da BR-259 no limite entre o município de Curvelo e Felixlândia.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Qual córrego... é o Canivete?

E: Canivete o Limera... Limera é o mais próximo... que o corgo da Limera é esse que nós temo ele aqui agora que é aqui no fundo...”

(Cf. Anexo FXAVC18M70– Entrevista (nº18) – p.249, L 159-161.)

34. Topônimo: Corguim da Pindaíba ~ Córrego da Pindaíba**Município:** Inimutaba**Taxionomia:** hidrotopônimo e fitotopônimo**Acidente:** físico/ córrego**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm = s. m. + prep. + A.f. sing. + s.f.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

O topônimo Pindaíba refere-se a um córrego que percorre uma longa distância na proximidade do município de Corinto até o de Inimutaba. Nessa região há também fazenda com o nome Pindaíbas. Na MRCM existe ainda um topônimo bem conhecido que é Fazenda Pindaíbas, sendo que Pindaíbas é o registro cartográfico presente no mapa do século XVIII, apud Santos (2001).

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Sei

E.: Todos esses... os principais

P.: Ok

E.: **Corguim da Pindaíba** que desce uma aguinha só aí dá... o maior mesmo é o Santo Antônio”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p.308, L69-73.)

35. Topônimo: Cór’go das Porte’rinha ~ Córrego Porteirinhas**Município:** Curvelo**Taxionomia:** hidrotopônimo e ergotopônimo**Acidente:** físico/córrego**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm = s. m. sing. + s. f. pl.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

A fala de entrevistados e moradores da região apresenta o topônimo tanto como Córrego das Porteirinha quanto refere-se ao lugar como *As Porterinha*.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “O senhor já andou num lugar chamado Porteirinha... diz que tinha um outro córrego lá, como é que é o nome dele?

E.: **Porte’rinha”**

(Cf. Anexo CLPFA12M92– Entrevista (nº12) – p.151, L.90-92)

36. Topônimo: Cor'go da Quininha ~ Córrego da Quininha**Município:** Cordisburgo**Taxionomia:** hidrotopônimo e fitotopônimo**Acidente:** físico**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Nm = s.m.sing. + prep. + A. f.sing. + s.f.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

O topônimo Córrego da Quininha situa-se no lado Leste da cidade de Cordisburgo. Sabe-se que grande parte dessa região do cerrado onde está o ribeirão e outras áreas dali encontra-se uma árvore com propriedade medicinal, chamada tanto de quina quanto de quininha nessa região.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Sei eu conheço e os córregos daqui não têm água potável?

E.: O córrego não o córrego que poderia servir né como manancial não é potável é o onça Ribeirão da Onça

P.: Sei

E.: Até esse há quarenta cinquenta anos atrás ele tinha muita água [...] os outros córregos como o **Córrego da Quininha** inclusive era o manancial que fornecia água para a central.”

(Cf. AnexoCBHFV6F83 – Entrevista (nº6) – p. 69, L 50-55.)

37. Topônimo: Cór'go da Várzea ~ Córrego da Várzea**Município:** Inimutaba**Taxionomia:** hidrotopônimo e geomorfotopônimo**Acidente:** físico/ córrego**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm= s.m. sing.+prep.+ A.f.sing.+ s.f.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

Existem muitos córregos na MRCM e esse substantivo recebe, em vários casos, um especificador como nos seguintes exemplos: Córrego da Quininha, Córrego da Várzea (Corgo da Várzea), Córrego das Porteirinhas (Corgo das Porterinha), Ribeirão da Onça, Ribeirão Santo Antônio (Corgo Santo Antônio).

Contexto oral contemporâneo:

“E.: Que el’s chamavam **Cór’go da Várzea** fez o encanamento e fez uma torne’ra para o povo pegá água para consumo próprio

P.: Ótimo cuidou de tudo

E.: Cuidô de tudo e tudo foi bem cuidado e futuramente o tratamento de água para a cidade foi crescendo um po’co veio o tratamento de água jeito tamém por outro diretos da companhia da [...] preparan’o a água do próprio ribeirão”

(Cf. Anexo ITAAF21M82– Entrevista (nº21) – p. 300, L291-296.)

38. Topônimo: Córrego do Amendoim

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico/ córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A.m. sing. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O Córrego do Amendoim é um pequeno curso de água que banha Inimutaba. O topônimo remete-se a uma associação de sentido entre o nome do lugar e a atividade agrícola da região.

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Tem córrego outro importante aqui na região?”

E.: Não até que importante mais em volume de água não

P.: Sim

E.: Mais tem um Mato Grosso uma água boa

P.: Hum hum

E.: Tem o **Amendoim** que é pequeninim”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70– Entrevista (nº22) – p. 308, L63-68.)

39. Topônimo: Córrego do Bagre

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m. sing. + prep. + A.m.sing. + s.m.sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

Os entrevistados citam “Corgo do Bagre” ou Córrego e o mapa IGA-1984 apresenta o mesmo acidente como sendo “Riacho do Bagre”. Nesse caso e em outros de designação não percebemos uma diferenciação nítida entre “ribeirão”, “corgo”(córrego) ou riacho. Porém, notamos a referência a “rio” como um curso de água mais volumoso e durador no ano todo, desde tempos imemoriais.

Informação bibliográfica:

Na história do município, através da leitura do *Jubileu de Nossa Senhora da Piedade*, encontra-se o seguinte trecho da *Cópia da Escritura do Patrimônio*: “[...] fazem barra no mesmo rio do Bagre a qual fazenda [...]”.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Tá acabando... qual o nome desse córrego aqui pra baixo?

E.: Aqui tem o curguim...que desce aqui é o Pelame

P.: Tá [...]

E.: Mais falado.**Cór’go do Bagre”**

(Cf. Anexo FXACLZ17M75– Entrevista (nº17) – p. 233, L49-52.)

40. Topônimo: Córrego Lava Pé

Município: Curvelo (distrito: Tomás Gonzaga)

Taxionomia: Hidrotopônimo e dirrematotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + verbo + s.m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Córrego Lava Pé faz parte de um grande grupo de córregos de pequeno volume de água em toda a região, mas sua estrutura é complexa e apresenta nome, verbo e nome (dirrematotopônimo). Foi esse o único exemplo observado nos dados.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Tem mais um?”

E.: Tem...o Lava...e ís fala **Lava Pé...**

P.: Lava Pé?

E.: Mas esse tem...o Papagaio inclusive...tem...ele...hoje ele num...hoje é...num tá nem corren'ó água assim mais assim...agora o Papagaio...o **Lava Pé** esse acabô'mesmo".

(Cf. AnexoCLJE10M71 – Entrevista (nº10) – p. 124, L76-81.)

41. Topônimo: Cor'go do Palhares ~ Córrego do Palhares

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e antropotônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A. m.sing. + s. m. pl.(apelido de família)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Córrego Palhares faz parte de um grupo de pequenos córregos de toda a região em que a água é pouca e tem importância discreta e pontual. A pessoa entrevistada não esclarece qual é a motivação para esse topônimo, com apelido de família.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Né... com objetivo de trazê água pra cá

P.: Ham ham

E.: Isso uns nove quilômetro

P.: Nove quilômetros [...] ?

E.: Então veio... quando chegou na grota sobre o **Córrego do Palhares...** como é que ia passá?"

(Cf. Anexo ITMMCL24F70– Entrevista (nº24) – p. 350, L.242-247)

42. Topônimo: Cor'go do Papagaio ~ Córrego do Papagaio

Município: Curvelo

Taxionomia: Hidrotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A. m. sing. + s. m.sing.

Histórico: Córrego do Papagaio < Rio Papagaio

Informação bibliográfica:

Podemos verificar na carta de sesmaria do RAPM do Ano XXIII, p.346/347, de 1719, concedida a Antônio Francisco da Silva a passagem onde o Córrego Papagaio aparece como

Rio Papagaio: “D. Pedro de Almeida etc. _ Faço saber aos que esta minha carta de sesmaria virem que havendo respeito ao que me enviou a dizer o Brigadeiro Antônio Francisco da Silva, representando-me que ele comprara ao Coronel Martinho Afonso de Melo um sítio nos campos do Rio das Velhas, chamado Papagaio, que o dito descobrira e povoara havia doze anos sem contradição nem oposição de pessoa alguma, possuindo-o de paz pacífica os anos referidos e de presente o vendera a ele o dito Brigadeiro por uma arroba de ouro e porque ele o queria haver por sesmaria na forma de um bando que eu mandara publicar em Outubro do ano passado, para nele criar gados vacuns e cavalares e todas as mais criações incluindo em sua demarcação a posse conservada até o presente, confrontando da barra do Rio Papagaio pelo das Velhas acima até a barra do Rio Picão e deste pelo Sertão até a estrada geral [...]”.

Comentário linguístico:

Nas proximidades do distrito do Papagaio, pertencente a Curvelo, existe o Córrego Papagaio além de outros.

Contexto oral contemporâneo:

E.: O nome do lugá’

P.: Certo

E.: Chama **Cor’go do Papagaio**”

(Cf. Anexo CLJE10M71 – Entrevista (nº10) – p. 124, L73-75.)

43. Topônimo: Cor’go do Retiro ~ Córrego do Retiro

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e sociotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A. m. f. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo refere-se a um córrego de menor extensão e volume de água perto de pequenos sítios mais afastados da área urbana.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Nós temo aqui... a gente fala Picão mais chama-se...

P.: Tudo bem fala o nome mais conhecido

E.: Gentil de Mato...

P.: Sei

E.: Aí tem **Cor'go do Retiro**

P.: Certo

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 309, L91-96.)

44. Topônimo: Córrego Landim

Município: Inimutaba

Taxionomia: Hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing. + s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A origem e a significação do topônimo *Córrego Landim* tornam-se obscuras diante da informação encontrada em Ferreira (1975, p. 819), onde aparecem sinônimos como jacareúba, lanti e lantim para landi. Tal obra fornece-nos a seguinte pista: “Landi. [De **nandi*<*guanandi*, com dissimilação.] S. m. Bras. V. *jacareúba*”. Porém em Houaiss (2001, p.1720) encontramos uma informação mais clara: “Landim. Designação comum a algumas árvores do gên. *Calophyllum* da fam. das gutíferas[...]”.

Comentário lingüístico:

Nos arredores de Inimutaba, perto do Rio das Velhas, existem muitos córregos menos conhecidos dentre os quais o Córrego Landim, palavra esta de origem pouca clara nas informações dos dicionários consultados. Ocorre que o recurso da gravação não nos permitiu total clareza ao ouvir a fala do entrevistado que parecia dizer landim e tartamudear landi. Por isso fomos buscar mais esclarecimentos nos dicionários para a significação do nome.

Contexto oral contemporâneo:

E: “Nós temo aqui... a gente fala Picão mais chama-se...”

P: Tudo bem fala o nome mais conhecido

E: Gentil de Mato...

P: Sei

E: Aí tem Cor'go do Retiro

P: Certo

E: Gentil de Matos... Corgo do Retiro... Araçá... **Landim**

que é na beira do Rio das Velha”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 309, L.92-99)

45. Topônimo: Córrego Mato Grosso

Município: Inimutaba

Taxionomia: hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico, córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m.sing. + s. m. sing. + adj. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Córrego Mato Grosso nos remete a outros aspectos da vegetação do cerrado onde há árvores de pequeno porte, retorcidas e espaçadas e também trechos de mata mais densa com árvores maiores o que sugere o nome Mato Grosso e em outras áreas existe capão.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Tem córrego outro importante aqui na região?

E.: Não até que importante mais em volume de água não

P.: Sim

E.: Mais tem um **Mato Grosso** uma água boa,

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 308, L63-66.)

46. Topônimo: Cor’go Morredô ~ Córrego Morredor

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e animotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m.sing. + adj. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo refere-se a um pequeno córrego e de pouco volume de água da proximidade de Cordisburgo. Na entrevista não aparece a motivação para tal nome.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E o sol foi apontan’o

P.: Ham

E.: Ela foi sain' o desceu numa grota [...]

P.: Ham

E.: O riachim chama **Morredô**”

(Cf. Anexo CBJVFS8M72– Entrevista (nº8) – p. 103 - 104, L.178-182.)

47. Topônimo: Cor'go Pelame ~ Córrego Pelame

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e sociotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing. + s.m.sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Córrego Pelame segundo os entrevistados é uma denominação que foi muito usada pelos moradores, mas o volume de água do local baixou drasticamente e hoje só existe um pequeno chafariz como ruína. Nesse local, os moradores tanto lavavam roupas, apanhavam água potável que era muito rara anteriormente quanto retiravam os pelos dos animais no preparo para o consumo.

Informação bibliográfica: n/e

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Tá acabando...qual o nome desse córrego aqui pra baixo?”

E.: Aqui tem o curguim...que desce aqui é o **Pelame**”

(Cf. Anexo FXACLZ17M75 – Entrevista (nº17) – p. 233, L. 49-50.)

48. Topônimo: Cor'go Riacho Fundo ~ Córrego Riacho Fundo ~ Riacho Fundo

Município: Curvelo

Taxionomia: hidrotopônimo e hidrotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + adj. m. sing.

Histórico: Cor'go Riacho Fundo < Riacho Fundo < Córrego Riacho Fundo

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O Córrego Riacho Fundo tem longa extensão, nascendo nas margens do Córrego Venda Nova e percorrendo mais de quarenta quilômetros, com seu leito fundo, passando por Gustavo da Silveira, Curvelo, Inimutaba até chegar ao Rio das Velhas. Ocorre que existe outro riacho

com o mesmo nome na proximidade de Corinto e Morro da Garça. Essa polissemia é encontrada em alguns córregos da MRCM, mas vemos sempre uma designação especial para cada um deles.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Por falá em esgoto bem tratado como que era beber água bebia água de quê?”

E.: Não... lá a gente sempre teve a cisterna

P.: Cisterna

E.; Até hoje nós usamo’ a cisterna

P.: Ah ok

E.: E usamo’ tamém a água do Riacho Fundo que o **Riacho Fundo** lá num é poluído”.

(Cf. Anexo CLJEA11M83 – Entrevista (nº11) – p. 147, L441-445.)

49. Topônimo: Saco das Pedra ~ Córrego Saco das Pedras

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e geoforotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m.sing. + s. m.sing.+ prep. + A. f. pl. + s. f. pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O hidrotopônimo acima refere-se a um dos córregos do entrono de Cordisburgo. O primeiro substantivo do sintagma toponímico torna-se especificado pelo substantivo seguinte (*Saco*) e também pelo segundo especificador que é expressão das pedras. Podemos observar uma relação entre o nome antigo do município de Cordisburgo (Saco dos Cochos) e Córrego Saco das Pedras. A motivação do nome recebe influência do recurso hídrico ao lado do aspecto do solo ou topografia local.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Sim e tem algum rio que fornece água potável pra cidade pra trabalhar ou seja pra servir a copasa

E.: Não... não hoje é só a copasa... antigamente inda existia que é o Ribe’rão do.. aqui tem o **Saco da Pedra** aqui [...]”.

(Cf. Anexo CBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 84. L.208-210.)

50. Topônimo: Córrego Venda Nova**Município:** Curvelo**Taxionomia:** hidrotopônimo e sociotopônimo**Acidente:** físico/córrego**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm = s. m. sing. + s. f. sing. + adj.f.sing.**Histórico:** Venda Nova < Córrego Venda Nova**Informação bibliográfica:**

Em Barreiros (1975) a localidade de Venda Nova aparece assinalada no mapa antigo da região de Curvelo, de 1778, na área central, ao lado de Santo Antônio de Curvello, mas a palavra *córrego* não foi assinalada. (Cf. Anexo).

Comentário linguístico:

Existia uma localidade, com alguns moradores nessa área, agora só há pequenos sítios e plantação de eucalipto, mas resta ainda o topônimo hidronímico Venda Nova na MRCM. Tal córrego deságua no Riacho Fundo, e este último, no Rio das Velhas.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “É... porteirinha... tinha um outro córrego lá... como é que era o nome dele?”

E.: Tinha o outro cor’go que tinha lá chama... Açude tinha o nome de Açude ele

P.: Açude... sim ele encontrava com outro lá?

E.: Encontrava

P.: Sei

E.: Ele encontrava com outro por baixo da capi [...] das Portirinha’

P.: Sei

E.: Vinha o riacho... **Venda Nova o Venda Nova** caía [...]”.

(Cf. Anexo CLPFA12M89– Entrevista (nº12) – p. 151, L 93 - 100.)

51. Topônimo: Codisburgo ~ Cordisburgo**Município:** Cordisburgo; **gentílico:** cordisburguense**População:** 8.667 (IBGE – 2010)**Taxionomia:** hierotopônimo**Acidente:** humano/cidade**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Nm = s.m.sing**Histórico:**

Cordisburgo < Coração de Jesus da Vista Alegre < Vista Alegre < Saco dos Cochos < Arraial

do Saco dos Cochos < Sesmaria Empoeiras.

Informação bibliográfica:

O município de Cordisburgo pertence à região de Belo Horizonte, a 120 km aproximadamente, e a 48 km de Curvelo pela MG 754. Teve como benemérito o Padre João de Santo Antônio, a partir de 1883 que encomendou de Paris a imagem do Coração de Jesus. E em 1890 a cidade adotou o nome de Coração de Jesus da Vista Alegre. Na forma antiga do topônimo aparece Saco dos Cochos citada por Bluteau (1712, v.7, p.420) onde encontramos várias acepções para *saco*, mas nenhuma referente ao formato da terra, o que era a referência colocada na época. Morais (1813, v.2, p.653) faz referência ao *saco* da enseada. Ferreira (2004) define *saco* como “grande corte em forma circular ou de meia-lua, nos rebordos escarpados das serras”, e também, “certa área de campo cercada de matas”. Machado (1984, p.1291) registra *Saco* como topônimo em Lisboa. (Apud MENEZES, 2009).

Comentário linguístico:

A cidade de Cordisburgo faz parte do *Circuito Guimarães Rosa*, sendo muito conhecida turisticamente como berço de Guimarães Rosa e os entrevistados e muitos moradores sabem disso. Pessoas mais idosas da região conseguem lembrar-se do tempo em que se falava *Vista Alegre* ou mesmo *Saco dos Cochos*, pois é mantida lá até hoje a fazenda que leva este último nome. Vale lembrar que o vocábulo *saco* nos remete a uma denominação desusada para parte de um terreno. A mesma palavra designadora aparece em nome de córrego *Saco das Pedras*, *Saco da Ponte* e em outros topônimos da região, tais como *Saco Novo*. Em (FERREIRA, 1975) encontramos a palavra *saco* como sendo “pequena enseada”, como o termo brasileiro, que se aproxima mais de terrenos de baixada perto de córregos e rios da região pesquisada. Na fala de alguns moradores, o *r* desaparece e ouvimos *Codisburgo*. A forma erudita do topônimo Cordisburgo deve-se ao papel religioso do Padre João que por volta de 1890 trouxe da França uma imagem do coração de Jesus e passou a denominar a cidade de Cordisburgo com a palavra latina *cordis* + *burgo* (coração, em latim e cidade, em alemão). Indicava-se desta maneira o significado “cidade do coração”.

Contexto oral contemporâneo:

“*Eu fui criado lá... quando eu larguei... saí da casa de meu avô que eu vim pra casa de meu pai morá aqui em Cordisburgo*”.

(Cf. Anexo CBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 94, L. 561-562)

52. Topônimo: Corinto**Município:** Corinto; **gentílico:** corintiano/corintense**População:** 23.914 (IBGE – 2010)**Taxionomia:** corotopônimo**Acidente:** Humano/cidade**Origem:** Língua portuguesa < grego.**Estrutura morfológica:** Nf. = s.f.sing.**Histórico:** Corinto < Villa de Corinto < Pilar < Curralinho**Informação bibliográfica:**

Em Barbosa (1971), encontramos a seguinte informação sobre Pilar: “Pequenina povoação no município de Corinto (no Distrito de Contria” [...] A primeira capela do Pilar deve ter surgido no primeiro quartel do século XVIII. Provavelmente foi fundada por alguns frades amigos ou aliados, ou confidentes do célebre ex-ditador de Minas, Manoel Nunes Viana” [...].

Ao tratar da toponímia dos municípios de Minas Gerais, Costa (1997, p. 337) apresenta a seguinte informação: “Pilar – Distr. do mun. de Curvelo, com sede transf. para a estação ferrov. de Curralinho, que tomou o nome de Corinto, por lei 556 de 30-VIII-1911”.

No local onde havia fazendas surgiu Pilar, conforme Paiva (2006, *Apud* BARBOSA, 1971): “[...] censo realizado em 1831, o distrito da capela de Nossa Senhora da Soledade do Pilar, filial da Matriz de Santo Antônio de Curvelo, apresentava 561 livres, 108 cativos e um total de 669 moradores”. No mapa IGA-MUNICÍPIO DE CORINTO-1984, encontramos o topônimo Pilar para indicar fazenda, igreja, cemitério e povoado.

Na fazenda dos primórdios do município, surgiu um curral para aluguel e ponto dos tropeiros ou negócio, bem como tratamento e descanso do gado que vinha do norte de Minas e Bahia para região de mineração. Corinto está a 205 km de Belo Horizonte pela BR 135. Nas páginas da história da cidade encontramos em Paiva (2006) a informação: “Como sói acontecer nessas ocasiões, o dia seguinte foi marcante para os moradores do velho Curralinho, agora ostentando o pomposo título de Villa de Corinto (com dois ‘l’ em vila de ‘th’ em Corinto).

Assim, a historiografia de Corinto aponta que o atual nome deve-se ao antigo tipógrafo da cidade (Sr. Antônio Pertence) que sugeriu a substituição do topônimo anterior. (Ver *Revista Corinto: História*, nº. 1 e 2)

Comentário linguístico:

Essa mesorregião que hoje é a cidade de Corinto fazia parte das fazendas de gado do século XVIII. Também era uma antiga parada ou paragem de trem chamada de Curralinho, em alusão ao ponto dos tropeiros anteriormente. Corinto teve sua emancipação em 1962,

adotando o nome da cidade grega. O atual nome da cidade deve-se a sugestão de um antigo morador, tipógrafo local, que se inspirou no nome da cidade grega já famosa, em 7 de setembro de 1923, quando houve a emancipação do município como *Vila de Corinto* (Lei Estadual nº 843), abandonando o antigo nome de *Currallinho*, pois esse último já estava estigmatizado, segundo os moradores antigos do lugar. Ressalta-se que o gentílico para o natural da localidade oscila entre *corintiano* e *corintense*.

Contexto oral contemporâneo:

*“Não eu sô filho de **Corinto** onde eu estou agora é onde foi enterrado nossos embigos... dos filhos nascemos lá a casa lá em cima cês viram aquela”.*

(Cf. Anexo CTMLS16M79 – Entrevista (nº16) – p. L. 13-14)

P.: “Sim... o nome Pilar se refere a que lugar de Corinto... o senhor já ouviu falar dele... o que que era Pilar aqui na região antigamente... é a mesma região de Corinto Pilar?”

E.: **Pilar...** é... região de Corinto... há pessoas mais velhas que nascêr’o no **Pilá** é...é um...é um

P.: Povoado

E.: É um povoadozim... pequeno... é.”

(Cf. AnexoCTJIG14M73 – Entrevista (nº14) – p. 182, L204-209)

53. Topônimo: Cuba

Município: Cordisburgo

Taxionomia: ergotopônimo

Acidente: humano/povoado ou vilarejo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Ncf = s. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Tal topônimo refere-se a uma pequena comunidade, localidade ou fazenda na proximidade da Gruta de Maquiné, em Cordisburgo. Nesse caso há polissemia no uso do topônimo por se tratar de duas designações especiais, o que fica esclarecido no contexto da conversação.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “E qual é a maior fazenda produtora de leite aqui hoje?”

E.: Hoje ela chama-se... aqui no Cuba... é fazenda como é que ela chama? [...] o nome esqueci... é fazenda o quê 3 [...].”

(Cf. Anexo CBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 89, L.375-377.)

54. Topônimo: Curiango

Município: Curvelo

Taxionomia: zootopônimo

Acidente: humano

Origem: Língua Portuguesa < Africana (Quimbundo)

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 412) vemos a indicação de origem do topônimo: “Curiango. [Do quimb. *Kurianga*, ‘preceder’.] S. m. Bras. Designação da espécie *Nyctidromus albicollis* (Gmel.), uma das mais comuns e mais distribuídas no continente, desde o S. do México até o N. E. da Argentina, com duas subespécies, de coloração pardo-amarelada finamente pintada de preto e com manchas pretas maiores, rêmiges pretas com fita branca. [Sin.: *coriavo*, *curiangu*, *mariangu*, *mariangu*. Cf. *bacurau*.]”.

Comentário linguístico:

Curiango refere-se a uma área da cidade de Curvelo, a qual hoje tornou-se bairro, na proximidade de Curvelo e Inimutaba.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Aí deus ajudô que ele passô né ((ruídos)) mais chegou lá no **Curiango** el’ invento í de marcha ré no carro pra virá de... ni que ele entrô errado e a casa era do o’to lado do premen.... el’ num deu conta de í de marcha ré no carro pa entrá”.

(Cf. Anexo ITFRG23M84 – Entrevista (nº23) – p. 336, L.376-379)

55. Topônimo: Crumataí ~ Curumataí ~ Curimataí

Município: Buenópolis

Taxionomia: hidrotopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Costa (1997, p. 178) encontramos a seguinte informação sobre Curimataí: “Etim. Curimatã-y, o rio dos curimatãs. Paróq. Por dec. Imperial de 14-VII-1932. Dist. Do mun. de Diamantina, incorp. ao de Buenópolis por dec.-lei nº 148 de 17-XII-1938”. Em Silveira

Bueno (1978, v. II, p. 868) a etimologia da seguinte forma: “Curumataí- s.m. Espécie de peixe. Tupi curumataí, curumbatá, curimbatá”. No mapa do IGA-1984 do MUNICÍPIO DE CORINTO encontramos Rio Curimataí para o mesmo topônimo.

Comentário linguístico:

O topônimo Curumataí tanto refere-se ao rio quanto ao lugarejo atualmente, mas sabe-se que ele é muito lembrado por muitos por ter bom curso d’água para pesca, quando permitida. Podemos encontrar na fala das pessoas da região central também *Crumataí*.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Certo hum hum e dá muito peixe aí até hoje?

E.: Não me parece que num dá muito peixe mais... não já deu muito peixe

P.: Já deu?

E.: Já deu peixe demais da conta

P.: Sim

E.: **Crumataí** pelo meno esse tinha um dono de um cerco que tinha aí”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 26, L.39-44)

56. Topônimo: Currais

Município: Curvelo (distrito: Tomás Gonzaga)

Taxionomia: ergotopônimo

Acidente: humano/povoado ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm= s.m. pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Este povoado, Currais, citado pelo informante de Tomás Gonzaga, fica na proximidade da Fazenda Primavera e do Córrego Papagaio que partes do município de Curvelo. O topônimo Currais reproduz em si um dos pilares importantes que é agropecuária nos nomes de lugares.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Que é a metade do caminho de Corinto a Osório

P.: Sei, sei...mas tem outro povoado aqui além de Estiva?

E.: Tem Estiva...tem Roça do Brejo...Primavera...Laje de Cima...**Currais**...uns povoado”.

(Cf. Anexo CLJE10M71 – Entrevista (nº10) – p. 128, L.196-198)

57. Topônimo: Cuvelo ~ Curvelo

Município: Curvelo; **gentílico:** curvelano

População: 74.219 (IBGE – 2010)

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/ cidade ou município

Origem: Língua Portuguesa (sobrenome de família baiana do séc. XVIII, Padre Corvelo morreu em 1749).

Estrutura morfológica: NCm = s.m. + prep. + A.m.sing. + s.m.

Histórico: Curvelo < Padre Corvelo < Santo Antônio do Corvello < Arraial de Santo Antônio da Estrada < Santo Antônio da Estrada.

Informação bibliográfica:

“Na segunda década do século XVIII, fixou-se nesta zona o baiano Padre Antônio Corvelo de Ávila” (ARAÚJO, 1988). O topônimo Curvelo surgiu a partir de um apelido de família do padre reformador da primeira capela da cidade, logo Curvelo (MG) já foi considerado município-centro ou coração de Minas Gerais, porém, com a emancipação de Morro da Garça nas últimas décadas (1962), Curvelo perdeu esse título para essa cidade, agora promovida a tal categoria política. Curvelo está situado na microrregião do médio Rio das Velhas (proximidade do Alto São Francisco), conforme mapa das microrregiões do Governo do Estado de Minas Gerais de 1983. A cidade está rodeada em termos de limite pelas seguintes cidades, Cordisburgo, Morro da Garça, Corinto, Pompéu, Inimutaba e Santana de Pirapama e alguns povoados. Em Diniz (1970, p. 4) podemos identificar um topônimo oitocentista para Curvelo: “O Padre Curvelo declarou em seu testamento, feito aos 21 de agosto de 1749, que era *Vigário Colado* da Freguesia de *Nossa Senhora do Bom Sucesso e Almas*.” E, para não deixar dúvida à posteridade, determinou mais à frente: “Declaro e ordeno que, falecendo nesta Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso e Almas, será o meu corpo sepultado na Capela do Senhor Santo Antônio da Estrada.”

Comentário linguístico:

O antigo povoado era chamado de Arraial de Santo Antônio da Estrada e teve o nome de Padre Corvello, Santo Antônio de Corvello, depois Curvelo simplesmente a partir de 1831. De fato muitos moradores sabem que o nome da cidade veio de um padre de tempos passados, mas o que predomina mesmo é uma designação recorrente na fala dos entrevistados. Não apareceu nas entrevistas, mas podemos encontrar, na língua falada dos mais velhos, a forma *cruvelo*.

Contexto oral contemporâneo:

“Aqui em *Curvelo* já foi muito fraco em matéria de assistência médica... hoje em dia é muito bom”.

(Cf. Anexo CLGRS9M79 – Entrevista (nº9) – p.117, L. 146-147)

58. Topônimo: Diamante

Município: Morro da Garça

Taxionomia: Litotopônimo

Acidente: físico/campo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O entrevistado refere-se ao topônimo como sendo um local ermo, estrada rural, ou terreno pertencente a uma fazenda do mesmo nome.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Uma... mulher que morava por ali, oh...pegava ela na cama... ali no entroncamento lá no Alto da Cruz ali descia uma estrada...saía...ia lá pro **Diamante**...sabe onde é **Diamante** do dotô paulo salvo.

P.: Não conheço”.

(Cf. Anexo MRANS26M76 – Entrevista (nº26) – p. 366, L.51-54)

59. Topônimo: Divisa

Município: Felixlândia

Taxionomia: sociotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf.= s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Defendemos a idéia de que o topônimo na mesma região pesquisada pode deparar-se com outro que apresenta valor sinonímico quanto ao sentido de demarcação de propriedade civil do solo, tal como vemos em *Extrema* e *Divisa*.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Sou mais conhecido como antõe do zuza

P.: Fala onde o senhor nasceu por favor

E.: Eu nasci em Morada Nova

P.: É aqui perto né?

E.: É... **Divisa...** aqui”.

(Cf. Anexo FXACLZ17M75 – Entrevista (nº17) – p. 232, L.10-14.)

60. Topônimo: Estiva

Município: Curvelo

Taxionomia: hodotopônimo

Acidente: humano

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf. = s. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 583), no Novo Dicionário Aurélio, encontramos a seguinte anotação: “Estiva. [Do lat. Stiva.].S.f. 9. *Bras.*, N. Ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços ou pantanosos. 10. *Bras.*, MG e RS. Ponte tosca, feita de varas ou paus atravessados sobre um córrego”.

Comentário linguístico:

Existe na região de Curvelo também o povoado de Estiva junto ao córrego do mesmo nome. É uma designação predicadora de dois topônimos, o que torna-se uma ambiguidade, mas fica desfeita na conversação do informante. O povoado de Estiva fica numa área de terreno úmido de baixada, na proximidade do Córrego ou Ribeirão da Estiva, sendo mais úmido ou semialagado, na época de chuvas torrenciais.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Os meninos de hoje saem de ônibus pra ir pra onde?”

E.: Pra **Estiva...**

P.: Ahn?

E.: Antes era...fazia Curvelo...hoje é **Estiva...**

P.: Hoje é Estiva...

E.: Hoje tem um...tem um colégio”.

(Cf. Anexo CLJE10M70 – Entrevista (nº10) – p. 122 - 123, L.14-19.)

61. Topônimo: Extrema I (córrego)

Município: Curvelo

Taxionomia: dimensiotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Extrema faz parte daqueles topônimos que tanto pode indicar um córrego quanto uma grande área de fazenda do mesmo nome. Tal localidade referida situa-se entre Cordisburgo e Curvelo, na proximidade de Mascarenhas, fazendo limite com Gustavo da Silveira.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E lá na fazenda tem catorze quilômetro’ de Riacho Fundo dent’o da fazenda

P.: Certo

E.: O lado direito dela é toda cercada pelo Riacho Fundo

P.: Ham... ham

E.: Tanto que não tem cerca de arame do lado direito não

P.: Já sei

E.: Daqui pra lá

P.: Tem outro córrego naquela propriedade de lá?

E.: Não tem não... tem uma o’tra nascente que chama **Extrema**”.

(Cf. Anexo CLJEA11M82 – Entrevista (nº11) – p. 136, L.55-63.)

62. Topônimo: Extrema I I (terreno)

Município: Curvelo

Taxionomia: dimensiotopônimo

Acidente: físico/ terreno

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Extrema faz parte daqueles topônimos que tanto pode indicar um córrego quanto uma grande área de fazenda, campo ou terreno, com o mesmo nome. Tal localidade referida situa-se entre Cordisburgo e Curvelo, na proximidade de Mascarenhas, fazendo limite com Gustavo da Silveira.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E lá na fazenda tem catorze quilômetro’ de Riacho Fundo dent’o da fazenda

P.: Certo

E.: O lado direito dela é toda cercada pelo Riacho Fundo

P.: Ham... ham

E.: Tanto que não tem cerca de arame do lado direito não

P.: Já sei

E.: Daqui pra lá

P.: Tem outro córrego naquela propriedade de lá?

E.: Não tem não... tem uma o’tra nascente que chama Extrema”.

(Cf. Anexo CLJEA11M82 – Entrevista (nº11) – p. 136, L.55-63.)

63. Topônimo: Faneco

Município: Curvelo

Taxionomia: geomorfotopônimo

Acidente: físico/córrego e área rural pequena

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Em Silva (1949, v. V. p. 52), encontra-se a significação do vocábulo Faneco como sendo “pedaço de pão, naco, fanaco, // Provinc. Alent. o mesmo que pão, // Ter. dos Açor. Trabalho de pouca monta feito fora das normais. //Bras. Pedaço, bocado”.

Comentário linguístico:

O Córrego Faneco existe na mesma área citada pelo entrevistado com esse nome. O topônimo localiza-se entre o povoado de Gustavo da Silveira e Curvelo; esse pequeno córrego tem certo volume de água só na época de mais chuvas atualmente, onde já não há peixes nem moradores.

Contexto oral contemporâneo:

E: “ Faneco lá é porque lá... quando veio a central em mil novece’ns e quat’o escreveu lá Faneco

P: Certo

E: Né lá na ponte de leão escreveu lá...

P: Hum... hum...

E: Parece que é o Faneco [...]

(Cf. Anexo CLPFA12M89 – Entrevista (nº12) – p. 151, L 80-85.)

64. Topônimo: Fábrica da Cachoe'ra ~ Fábrica da Cachoeira**Município:** Inimutaba**Taxionomia:** sociotopônimo e hidrotopônimo**Acidente:** humano/fazenda**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Ncf = s.f.sing. + prep. + A.f. + s.f.sing.**Histórico:** Fábrica da Cachoeira < Fábrica de Santo Antônio de Curvelo**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário lingüístico:**

Havia anteriormente em Inimutaba uma fazenda de propriedade da família dos Mascarenhas, abastecida com as águas do Ribeirão Santo Antônio, que ali formava uma cachoeira forte para mover as máquinas da usina montada para gerar energia para a fábrica que lá foi montada por volta de 1874. A localidade também era conhecida como Cachoeira. Essa fazenda serviu de base para a instalação dessa fábrica de fiação e tecelagem. Então a empresa que já estava no povoado de Cedro com sucesso instalou-se em Inimutaba com o nome de Cedro Cachoeira.

Contexto oral contemporâneo:

E: “E os moradores foram chegando [...] a localidade... a fábrica era fábrica Santo Antônio de Cur... é Fábrica de Santo Antonio de Curvelo

P: Hum

E: Mais aí o pessoal tem mania de abreviá as coisa sei lá

P: Certo

E: E começaram a chamar só de Fábrica da Cachoe'ra por causa da água que vinha da

P: Certo

E: Da cachoe'ra então falava fábrica santo antônio de curvelo

P: Sei

E: Falava Fábrica da Cachoe'ra”.

(Cf. Anexo ITMMCL24F70 – Entrevista (nº24) – p. 353, L.346-355)

65. Topônimo: Fazenda da Cachoeira**Município:** Inimutaba**Taxionomia:** sociotopônimo e hidrotopônimo**Acidente:** humano/propriedade rural**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Ncf = s. f. sing. + prep.+ A. f.sing.+ s. f. sing.**Histórico:** Fazenda da Cachoeira < Fazenda Santo Antônio do Curvelo

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A antiga fazenda de membros da família Mascarenhas no século XIX serviu de base para a montagem de uma indústria têxtil na cidade de Inimutaba local onde funcionou até por volta de 1990 e lá deixou suas ruínas até hoje. Posteriormente, a empresa *Cedro Cachoeira* montou um museu de teares antigos equipamentos da velha indústria na atual cidade de Caetanópolis.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Certo... a senhora falô da fábrica... ótimo mas então a fábrica começou quando e com que nome?”

E: Olha... essa fábrica... porque aqui nessa localidade onde é Inimutaba

P: Sim

E: Era terra... eram terras da Fazenda da Cachoe'ra”

(Cf. Anexo ITMMCL24F70 – Entrevista (nº24) – p. 346, L.30-34)

66. Topônimo: Fazenda Porteirinha

Município: Curvelo

Taxionomia: sociotopônimo e ergotopônimo

Acidente: humano/propriedade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = s. f. sing. + s. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A fazenda Porteirinha sempre apresentou-se com poucos moradores, tais sejam: proprietários, familiares e empregados. O topônimo apresenta ambiguidade com o córrego do mesmo nome e fica no povoado de Mascarenhas.

Contexto oral contemporâneo:

E: “ Ele era pequeno

P: Hum... hum...

E: Mas era forte

P: Certo

E: Ele tem nome de Açude porque trazia água p’ a fazenda das Portirinhas”

(Cf. Anexo CLPFA12M89– Entrevista (nº12) – p. 151, L 106-110.)

67. Topônimo: Fazenda Santo Antônio

Município: Corinto

Taxionomia: sociotopônimo e hagiopônimo

Acidente: humano/fazenda

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf.= s.f.sing.+ adj.m.sing.+s.m.prop.sing. (prenome)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A Fazenda Santo Antônio faz parte do município de Corinto e o especificador santo Antônio aparece na MRCM de várias maneiras: fazenda, sítio, localidade rural, igrejas, escolas, etc.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Fazenda do Gerais

E.: É

P.: Sei

E.: **Fazenda Santo Antônio**

P.: O senhor mora em Corinto desde quando?

E.: Eu moro em Corinto já tem [...] ah já tem muitos anos”.

(Cf. Anexo CTAIO13M88 – Entrevista (nº13) – p. 160, L10-15.)

68. Topônimo: Felizlândia ~ Felixlândia

Município: Felixlândia; gentílico: felixlandense

População: 14.121 (IBGE – 2010)

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/cidade

Origem: Língua Portuguesa.

Estrutura morfológica: Nf. = s.f.sing

Histórico: Felixlândia < Bagre < Arraial do Bagre < Piedade do Bagre < Fazenda do Bagre

Informação bibliográfica:

Leite (1966) comenta que a paróquia de *Piedade do Bagre (Arraial do Bagre)* teve seu crescimento a partir do trabalho missionário do padre Félix Ferreira da Rocha. O nome do município veio do prenome do padre Félix. Pioneiro do local no século XIX, quando o povoado era conhecido como Bagre que teve o nome substituído para Felixlândia e confirmado na emancipação de 1962. Situa-se a 185 km de Belo Horizonte pela BR 040.

O IBGE (2007) informa que pela lei provincial nº 905 de 08/06/1858 o distrito criado teve o nome de *Piedade do Bagre* e na sua emancipação a cidade tomou o nome oficial de *Felixlândia*, através da Lei Estadual nº 336 de 27/12/48. Em Silveira Bueno (1978, p. 3046)

temos mais informações sobre o topônimo criado artificialmente para Felixlândia pela grupo de moradores do lugar: “Piraguara – adj. Comedor de peixe, que se alimenta de peixe, alcunha dada a certos habitantes ribeirinhos. *Tupi pira*, peixe; *guara*, que vive de peixe, podendo ser apenas pescador.”

Comentário linguístico:

O adjetivo gentílico e o próprio nome da cidade soam aos nossos ouvidos como sendo derivados supostamente da palavra portuguesa *feliz*, o que não é verdade. Os entrevistados e grande parte dos moradores usam na fala *Felizlândia, felizlandense*, e não *félixlandense*, ocultando-se desse modo a sufixação feita para o nome próprio *Félix* (padre). Na época da emancipação da cidade, quando o nome oficial passaria a ser *Felixlândia*, os admiradores da língua Tupi tentaram esboçar um nome indígena para lembrar o antigo topônimo *Piedade do Bagre* e cunharam o seguinte termo: *piraguara*, forma adaptada do Tupi: *pirá*, peixe e *gawa*, *o que come*, segundo Ferreira (1975). Logo, os moradores tentaram converter o nome mais popular (Bagre) para uma forma indígena, na época para que lembrasse a antiga Fazenda do Bagre do início do povoado, mas a tendência motivadora do topônimo que vingou foi da designação a partir de uma voz coletiva em relação ao padre doador de terras e benemérito da cidade.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Tá bom...outra coisa dessa cidade...essa cidade já mudou de nome, não foi? Já ouviu falar isso?

E.: Não...eu sei que ela era Arraial do Bagre...Piedade do Bagre

P.: Certo hum hum

E.: Né...e emancipou...**Felizlândia**”.

(Cf. Anexo FXACLZ17M75 – Entrevista (nº17) – p. 236, L. 151-155)

69. Topônimo: Jenipapo

Município: Morro da Garça

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: humano/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A origem do topônimo pertence aos indígenas segundo Ferreira (1975, p.800): “Jenipapo. [Do

tupi ñandi'pab 'mancha escura na região lombar dos mestiços'.] S. m. Bras. 1. Fruto do jenipapeiro, cujo suco é usado por certos indígenas para escurecer a pele e do qual se faz um licor muito popular no N. e N.E. do Brasil [...]”.

Comentário linguístico

O topônimo Genipapo situa-se na área rural de Morro da Garça, onde é comum encontrarmos árvores do jenipapo (jenipapeiro), existindo lá também o Córrego Jenipapo, mas o trecho da fala não revela o teor motivacional.

Contexto oral contemporâneo:

E.: De vez em quando vejo falá numas onça po lado desse pé de serra aí lobo

P.: Sei

E.: Lobo... o povo fala guará

P.: Hum hum

E.: Nos pé de serra aí as vez quando a gente morava p'inspalmente no **Jenipapo** tinha uma [...] assim eu escutava à tarde de noite só escutava ês' urrano.”

(Cf. Anexo MRAS26F70 – Entrevista (nº26) – p. 390, L.175-180)

70. Topônimo: Gentil de Mato' ~ Gentil de Matos

Município: Inimutaba

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: povoado/comunidade rural

Origem: Gentil de Matos

Estrutura morfológica: NCm = s. prop. 2g. (prenome) + prep. + s.m.pl.(apelido de família)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O entrevistado refere-se ao topônimo no contexto de conversação em que aparece ambigüidade para o nome do lugar: tanto pode ser um córrego ou uma comunidade chamada de Saquinho, também nas proximidades de Inimutaba.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Tudo bem fala o nome mais conhecido

E.: Gentil de Mato...

P.: Sei

E.: Aí tem Corgo do Retiro

P.: Certo

E.: **Gentil de Matos**... Corgo do Retiro... Araçá... Landim

que é na beira do Rio das Velha”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 309. L.92-98.)

71. Topônimo: Gerais

Município: Corinto

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: físico/campo ou pastagem

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm= s.m.pl.

Histórico: Gerais < Campos Gerais

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 684) encontramos informações esclarecedoras para o topônimo falado pelo entrevistado: “Gerais>[De campos gerais.] S. m. pl. Bras. 1. Campos do Planalto Central. 2. Lugares desertos e intransitáveis, no sertão do Nordeste. 3. Campos planos cobertos de ervas ou grama. 4. Campos extensos, inaproveitáveis e desabitados; campos gerais [...]”.

Comentárolinguístico:

Na fala do informante podemos perceber o uso de um adjetivo substantivado como designação expressiva para uma localidade de situação geográfica genérica, mas foi empregado para referência a certos terrenos de pastagens que começam na proximidade de Corinto e atinge muitos outros municípios da MRCM, em direção ao Norte de Minas Gerais.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Nasci no dia quat’o de agosto de mil novecens’ e vinte

P.: 1920

E.: Nasci na... na... lá no Gerais na fazenda”.

(Cf. Anexo CTAIO13M88 – Entrevista (nº13) – p. 160, L.7-9.)

72. Topônimo: Gôveia ~ Gouveia

Município: Gouveia

População: 11.681 (IBGE – 2010)

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/cidade

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s. f. sing. (apelido de família).

Histórico: Gouveia < Arraial Velho

Informação bibliográfica:

Encontramos no site do IBGE Cidades (Gouveia) a informação de que havia nesta localidade

a propriedade de fazenda e casa de hospedagem da senhora Maria da Gouveia a qual se tornou famosa na região. Em Costa (1997, p. 216) anota-se que: “Gouvêa- Top. or. de Francisca Gouvêa que ali tinha lavras. Cur. de Santo Antônio da Gouvêa. Elev. a paróq. por lei nº 209 de 7- IV-1841[...] Mun. cid. por lei nº. 1039 de 12-XII-1953”.

Comentário linguístico:

No topônimo Gouveia, o mais importante a observar é que o sobrenome *Gouvêa* ou Gouveia está sugerido no nome encontrado, pois a apelo social conduziu ao destaque uma pessoa a ser lembrada no registro do nome da localidade, mesmo com algumas alterações gráficas. Na fala mais usual dos moradores da região e do entrevistado, ouve-se *Gô'veia*. O fato de ter havido uma hospedagem de viajantes, numa parte do município chamada de Arraial Velho, nos anos oitocentistas nos parece coerente com a ideia de que a MRCM possuía em suas fazendas algumas pousadas que ficaram tão famosas a ponto de motivar a formação de topônimos, o que acarreta uma designação expressiva para o local.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Passava tropeiro por aqui?”

E.: É... passava os trope'ro... os carro de boi... tudo passava aqui po alto... pelas pontezinha

P.: Ham... ham

E.: Tinha [...] um mata-burro no... lá embaixo... onde passava os carro

P.: Certo

E.: Que vinha de diamantina... de **Gô'veia** e passava lá num mata- burro... saía por cima do cemitério”.

(Cf. Anexo ITFRG23M84 – Entrevista (nº23) – p. 326, L118-123)

73. Topônimo: Guariba

Município: Cordisburgo

Taxionomia: zootopônimo

Acidente: físico/ campo e colina

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O entrevistado parece sugerir na sua fala que nessa localidade existe um córrego com o nome Guariba e também terras banhadas por águas boas para pescaria. O topônimo sugere ainda que

no local havia, em algum tempo, um tipo de macaco chamado de barbado ou guariba, em grande parte de toda MRCM. O morador demonstra ainda uma tendência de linguagem típica daquela região: usar o topônimo como se fosse realmente plural (plural estilístico), como nos seguintes exemplos: *Nas Guariba, Lajes, Angicos, etc.*

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Onde é que pescava

E.: A gente pescava nas **Guariba** e nas lagoa’ tinha

P.: Ham ham

E.: E nas lagoa e... á a partir do mês de julho a gente começava a pegar traíra lá tinha muitas”

(Cf. AnexoCBJVFS8M72 – Entrevista (nº8) – p. 102. L.111-116.)

74. Topônimo: Gustavo da Silveira

Município: Curvelo

Taxionomia: historiotopônimo

Acidente: humano/ povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.prop.m.sing. + prep. + A.f.sing. + s.sing. (segundo prenome, apelido de família ou sobrenome).

Histórico: Gustavo da Silveira < Gameleira

Informação bibliográfica:

A ferrovia trouxe importância histórica para a região e também para o seu diretor Gustavo da Silveira que a ampliou. A localidade teve em maior número uma concentração de trabalhadores rurais, fazendeiros, sitiantes, agregados, funcionários de charqueada e curtume por volta de 1920 a 1967, quando o movimento de capital e pessoas era maior graças ao impulso dado pelo pela presença da ferrovia com trem de passageiros e vagões de carga. Não há facilidade em encontrar registros escritos dessa localidade em tempos anteriores ao século XX, nem mesmo sobre detalhes da vida do senhor Gustavo da Silveira, pois as informações são mais recentes através de Barbosa (1985) e também no mapa do IGA-1984.

Comentário linguístico:

É raro algum morador que saiba como teria surgido o atual nome de Gustavo da Silveira, o qual é mais conhecido como Gustavo, mas foi por época da chegada dos trilhos da ferrovia que esteve lá um certo engenheiro-diretor da empresa construtora, que deixou seu nome marcado na localidade, em substituição arbitrária do nome anterior, como forma de homenagem de acordo com Machado (1984).Essa localidade faz parte de um grupo de lugares

onde a designação ocorre através de uma motivação impositiva em que a chefia da empresa costumava registrar o nome do chefe daquele momento para cada nova estação ferroviária inaugurada (1905). Atualmente é muito pequeno o número de fazendeiros e seus empregados que moram lá, mas existe um encontro festivo anual dos ex- moradores do lugar entre os quais é comum empregarem o gentílico *gustavense* ao referirem afetivamente a esse topônimo.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Tinha igreja também por ali e festa religiosa?

E.: Tem tê a igreja continua até hoje contem' o as festinha até hoje

P.: Onde fica?

E.: Em **Gustavo do Silveira** que é aqui a quinhem's metro lá de casa

(Cf. Anexo CLJEA11M83 – Entrevista (nº11) – p. 139, L.160-164.)

75. Topônimo: Nimutaba ~ Inimutaba

Município: Inimutaba; **gentílico:** inimutabense

População: 6.724 (IBGE – 2010)

Taxionomia: sociotopônimo

Acidente: humano/cidade

Origem: Língua Portuguesa < Indígena (tupi), (Cf. informação bibliográfica).

Histórico: Inimutaba < Ipiranga < Fábrica da Cachoeira < Cachoeira

Estrutura morfológica: Nf. = s.f.sing

Informação bibliográfica:

Por Decreto Estadual nº 111 foi criado o distrito de Ipiranga, em 07-12-1890 e Lei Estadual nº 2 de 14-09-1891. O nome *Ipiranga* (tupi: *vermelho*, segundo BUENO, 1988, p. 3046), mas como esse era o nome de outra cidade brasileira e, por sugestão dos proprietários da empresa Cedro Cachoeira, da família Mascarenhas, o município adotou o nome atual Inimutaba. Segundo Costa (1997, p. 233) o nome atual é uma alusão ao progresso da tecelagem naquela cidade: “*inymbo* (*fio de algodão*; *taba* (aldeia/casa)”. A emancipação do município ocorreu em 1962, conforme o mesmo autor.

Comentário linguístico:

O município teve suas origens ligadas ao povoado antigo dali, no séc. XIX, chamado de Cachoeira, devido à queda d'água do córrego Santo Antônio nos limites de Curvelo. A substituição do nome para Inimutaba ocorreu em 31-12-1943, através do Decreto-lei estadual nº 1058. Vemos a presença do *tupinismo* (DICK, 1999) no contexto cultural já no século XX, pois essa foi uma motivação metafórica em homenagem aos tecelões da indústria algodoeira

local, onde se concentrava a vida social e renda de homens e mulheres da região. Esse topônimo faz parte de um conjunto maior de lugares que passaram por um processo de designação coletiva através da qual se nota a presença de palavras adaptadas do Tupi. Isso ocorreu de forma intermitente em uma época em que se nota o esforço de certos indivíduos em reportarem-se a períodos muito anteriores da nossa história em que havia mais topônimos com palavras do Tupi. Logo tal processo de nomeação é artificial porque não veio dos moradores primitivos do local.

Contexto oral contemporâneo

E.: “E fizer’o essa de **Inimutaba**... chamava fábrica da Cachoe’ra fizeram a o’ta

P.: Ok

E.: Já baseado na experiência dos o’tos irmãos né”.

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 307, L. 32-34)

76. Topônimo: Jabuticaba

Município: Inimutaba

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

No município de Inimutaba tanto existe o Córrego Jabuticaba quanto o povoado chamado Jabuticaba.

Contexto oral contemporâneo:

“E.: Descen’o pra cá ocê já sai aqui na... na [...] cumé que ês chama aí... mais aí já num é povoado aí é só gente que mora... faz partida aqui mesmo

P.: Hum hum

E.: Tem o da **Jabuticaba** que é importante também... importante.”

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 309, L112-115.)

77. Topônimo: Lages ~ Lajes

Município: Cordisburgo

Taxionomia: litotopônimo

Acidente: físico/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s. f. pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Na MRCM, em vários córregos, no próprio leito ou margem deles forma-se um pequeno lajeado de pedras ou toá onde o nível da água torna-se raso, podendo haver, nesses locais, repouso para banhistas e bebedouro natural para os animais. O topônimo Lajes adquire um valor simbólico.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Uma outra coisa... a pessoa da roça falecida ou doente como é que vinha da roça pra cá

E.: Enterrava lá mesmo... num vinha enterrá aqui não

P.: Sim

E.: Os povoados né Periquito Lages Lagoa Bonita... enterra lá mesmo”.

(Cf. Anexo CBHV6F82 – Entrevista (nº6) – p. 72, L142-146.)

78. Topônimo: Lagoa Assombrada

Município: Morro da Garça

Taxionomia: hidrotopônimo e animotopônimo

Acidente: físico/lagoa

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf.= s.f.sing. + adj.f. sing...

Histórico: n/e.

Informação bibliográfica: n/e.

Comentário linguístico:

Tal hidrotopônimo não tem mais a forma e tamanho que tinha na época citada pelos entrevistados por causa da erosão. Lagoa Assombrada é um nome que tem relação com possíveis casos de assombração no local, de acordo com a fala de entrevistados.

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Um corgão, e dava peixe?

E.: Hun... peixe pra encardir... aí aqui em cima tinha uma lagoa... chamava **Lagoa Assombrada...**

P.: Por que esse nome Lagoa Assombrada?

E.: Rapaz assombrada... **Lagoa Assombrada...** quando nasci já veio...já tinha esse nome né”.

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) – p. 370, L.174-178)

79. Topônimo: Lagoa Bonita

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e animotopônimo

Acidente: humano/distrito

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCF = s. f. sing. + adj.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O município de Cordisburgo apresenta poucas chuvas durante o ano, mas é abastecido por pequenos córregos e algumas lagoas, tais como Lagoa do Peixe e Lagoa Bonita. Tais elementos naturais influem na designação predicadora dos topônimos.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Mas (...) lá.. tudo lá antigamente... tem aqui **Lagoa Bonita**

P.: Hum hum

E.: Minha família foi toda registrada lá.

(Cf. AnexoCBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 78, L30-33)

80. Topônimo: Lagoa da Casa Branca

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e ecotopônimo

Acidente: físico/lago

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCF = s. f. sing. + prep. + A. f. sing. + s.f.sing. + adj. f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O entrevistado de Cordisburgo (abaixo citado) foi um pescador que conhece bem as várias lagoas de antigas pescarias do entorno da cidade e através dele percebemos o processo de designação predicadora e especificadora de cada lagoa a ponto de uma se diferenciar de outra pelo recurso gramatical do acréscimo de substantivo e adjetivo a mais.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E nas lagoa e... á a partir do mês de julho a gente começava a pegar traíra lá tinha muitas

P.: Ah certo

E.: Lá tudo tinha traíra

P.: Que lagoa é essa que dava pe'xe

E.: **Lagoa da Casa Branca**".

(Cf. Anexo CBJVFS8M72 – Entrevista (nº8) – p. 102, L. 110-115.)

81. Topônimo: Lagoa de Benguela

Município: Morro da Garça

Taxionomia: hidrotopônimo e etnotopônimo

Acidente: físico/lago

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = s.f.sing. + prep. A. m.sing+ s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

No Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa (SILVEIRA BUENO, 1978, v.II, p. 503), encontramos a seguinte informação: “Benguela – s.m. Pessoa de Benguela, negro da tribo dos benguelas”. Na carta geográfica IGA-1984 do município de Curvelo, pode-se ver também *Fazenda do Benguela* nos limites de Três Marias. Em Diniz (1988, p. 68-69), na transcrição do testamento do Padre Corvello, no século XVIII (1949) encontramos Benguela como sobrenome de uma escrava: “Declaro que os bens que possuo com o dito meu irmão e são em todo o monte são os seguintes:- Minha fazenda de engordar gados e criar, de que temos sesmarias e posses, a saber:

- O Rótulo, e Saco de São Pedro Rio das Velhas, o Saco de Santo Antônio da Estrada, com todos os gados vacuns e cavalares de nosso ferro e sinal, e assim mais os escravos seguintes: - Valentim Mulato, Alberto Mestiço e sua mulher Vitoria Creoula, Ana Creoula, Joana Creoula, Antônio Creoulo e sua mulher Francisca Mina, Josefa Angola, Alexandre Cego, Jorge Mulato, Domingos Mestiço, Bárbara **Benguela** [...]”.

Comentário linguístico:

Na pequena bacia hidrográfica do município de Morro da Garça, existe tanto o topônimo Córrego do Benguela quanto Lagoa do Benguela atualmente. Não foram comentados pelos entrevistados os motivos de tal designação predicadora.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Mas esse povo que vive aí nesse lugar... mas tinha uma larga chamada Lagoa Grande

P.: Sim

E.: **Lagoa de Benguela** ali ês' criava tudo ali gado animal tudo era criado ali”.

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) – p. 377, L.366-368)

82. Topônimo: Lagoa do Cupim**Município:** Cordisburgo**Taxionomia:** hidrotopônimo e zootopônimo**Acidente:** físico/lago**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCf = s. f. sing. + prep. + A. m. sing. + s. m. sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

O topônimo Lagoa do Cupim refere-se a uma das localidades de pesca antigamente no município de Cordisburgo. Em alguns pontos do cerrado mineiro, pelos campos, podemos encontrar moradia de térmitas de forma semicônica. Parece haver no especificador a influência do meio ambiente na formação deste topônimo composto.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E nas lagoa e... á a partir do mês de julho a gente começava a pegar traíra lá tinha muitas

P.: Ah certo

E.: Lá tudo tinha traíra

P.: Que lagoa é essa que dava pe'xe

E.: Lagoa da Casa Branca

P.: Nunca ouvi falar... hum

E.: **Lagoa do Cupim”.**

(Cf. Anexo CBJVSF8M72 – Entrevista (nº8) – p. 102, L.110-117)

83. Topônimo: Lagoa do Pau Preto**Município:** Cordisburgo**Taxionomia:** hidrotopônimo e fitotopônimo**Acidente:** físico/lago**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCf = s.f.sing. + prep. + A.m.sing.+ s.m.sing. + adj.m.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

O topônimo refere-se a mais uma das pequenas lagoas ao redor de Cordisburgo onde havia facilidade de pesca e o elemento especificador *preto* é tão importante quanto o substantivo *lagoa*. Nessa designação toponímica o valor significativo está no recurso hídrico, na árvore e

na cor simultaneamente.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Que lagoa é essa que dava peixe?”

E.: Lagoa da Casa Branca

P.: Nunca ouvi falar... hum

E.: Lagoa do Cupim

P.: Certo

E.: **Lagoa de Pau Preto**”.

(Cf. Anexo CBJVFS8M72 – Entrevista (nº8) – p. 102, L.115-119)

84. Topônimo: Lagoa do Peixe

Município: Morro da Garça

Taxionomia: hidrotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico/lago

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NcF = s.f.sing. + prep. + A. m. sing. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

No município de Morro da Garça, existem várias lagoas e córregos irrigando a área, mas o topônimo *Lagoa do Peixe* não aparece no mapa IGA- Município de Morro da Garça, 1984. A entrevista contém às vezes voz inaudível para a transcrição, talvez por isso não seja possível ouvir do entrevistado algum cognome para o local.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Ora que chegô lá só vi [...] o povo ah esse boi vai fazê arte que esse boi é novo esse boi não tem cabimento [...] ah falei deus vai ajudar que num vai

P.: Ham... ham

E.: Pedi a deus direção se fosse

P.: Ham... ham

E.: Se fosse pra dá certo que êl’ dexasse se num fosse que num dexasse

P.: Ham... ham

E.: Ah vão pô ela den’ do carro [...] um menino da **Lagoa do Peixe**.

(Cf. Anexo MRAS26F70 – Entrevista (nº26) – p. 394, L314-321.)

85. Topônimo: Lagoinha**Município:** Augusto de Lima**Taxionomia:** hidrotopônimo**Acidente:** físico/ campo/ pasto**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** Nf = s.f.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

O topônimo se refere a uma localidade rural em terrenos de fazenda com poucos moradores que são apenas empregados do lugar.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Hum... certo... essa cidade tem muitos povoados?”

E.: Tem... tem bastante

P.: Por exemplo?

E.: Tem nós temo aí Marízia... tem **Lagoinha** tem Mangal mer’mo... povoado de Santa Bárbara é muito até muito grande... é bastante grande... é um povoado bastante grande tá compreendendo?”

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 25, L. 21-26.)

86. Topônimo: Laje de Cima**Município:** Curvelo (Distrito Tomás Gonzaga)**Taxionomia:** litotopônimo e dirrematotopônimo**Acidente:** humano/povoado**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCf= s.f. sing + prep. + adv.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

Dentro do município de Curvelo, existe o distrito de Tomás Gonzaga e ao redor desta localidade encontramos alguns povoados ou comunidades rurais, tais como Laje de Cima.

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Sei, sei...mas tem outro povoado aqui além de Estiva?”

E.: Tem Estiva...tem Roça do Brejo...Primavera...**Laje de Cima**...Currais...uns povoado”.

(Cf. Anexo CLJE10M71 – Entrevista (nº10) – p. 128, L197-198.)

87. Topônimo: Limeira

Município: Felixlândia

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf = s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo *Limeira* refere-se a um pequeno povoado ou comunidade rural nos limites entre o município de Curvelo e Felixlândia, cerca de 35 quilômetros da vida dos centros urbanos e próximo de um córrego do mesmo nome.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Ah... esse lugar tem um nome específico ou...”

E: Tem... é Lime’ra

P: É Limeira e esse nome quem que pôs?

E: Esse nome já... já quando eu vim pra cá já existia esse nome”

(Cf. Anexo FXAC18M70 – Entrevista (nº18) – p. 248, L 104-107.)

88. Topônimo: Mangal

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: povoado/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.col.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Mangal nos remete ao fato de que o solo nessa área é muito favorável para a produção de mangas de boa qualidade até mesmo para o comércio exterior. Esse é um dos povoados da área rural de Augusto de Lima.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E tornei a regressá à minha terra natal

P.: Hum certo essa cidade tem muitos povoados?

E.: Tem... tem bastante

P.: Por exemplo?

E.: Tem nós temo aí Marísia... tem Lagoinha tem **Mangal** mer'mo... povoado de Santa Bárbara é muito até muito grande... é bastante grande... é um povoado bastante grande tá compreendendo?"

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 25, L 20-26.)

89. Topônimo: Maquiné

Município: Cordisburgo

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s. m.sing. (apelido de família)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

O topônimo *Maquiné* consta do mapa oitocentista (SANTOS, 2001) e encontra-se também em Barreiros (1975), sendo que nesse último anotou-se *Maquinas* (Cf. **ANEXO 1**).

Comentário linguístico:

A palavra *maquiné* ganhou popularidade a partir do momento em que o fazendeiro, que já havia descoberto a gruta (1825), Joaquim Maria Maquiné deixou o cientista explorar aquela localidade. Devido aosobrenome do proprietário, o local ficou conhecido como *Gruta do Maquiné* ou *Gruta de Maquiné*. Existiu ainda uma estação de parada de trem dos passageiros com o mesmo nome e também existe uma pequena comunidade rural chamada de *Maquiné*. O topônimo possui mais polissemia porque existe o Córrego Maquiné.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Até que o estado construiu escolas rurais

P.: Certo

E.: O povoado das Lajes... Periquito é...um outro aqui perto de Curvelo... **Maquiné**

P.: Certo

E.: Eles não vinham muitos eram analfabetos mesmos

P.: Hum hum certo”

(Cf. Anexo CBHFV6F83 – Entrevista (nº6) – p. 70, L.94-99.)

90. Topônimo: Marisa ~ Marísia

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: humano/povoado ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf. = s.f. prop.sing. (prenome)

Histórico: Marísia < Estação Marísia

Informação bibliográfica:

O prédio da antiga estação ferroviária de 1910 está em ruínas, mas o povoado mantém a designação toponímica dessa época até hoje. No relato chamado de DADOS DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO DE LIMA (2006, p. 10) consta que a localidade de Marísia tem a seguinte história: “O povoado de Marísia se formou às margens da estrada de ferro; hoje, sua estação está em ruínas; o nome do povoado foi dado por um diretor da ferrovia, em homenagem a sua filha Marísia”. Um proprietário de terras doou muitos alqueires para a realização dos assentamentos no entorno da sua fazenda modo pelo qual começou o atual povoado com área para igreja e barracas de festas religiosas.

Comentário linguístico:

O pequeno povoado de Marísia atualmente tem pouco destaque, pois a suspensão de trem de passageiros da antiga estação ferroviária na década de 1990 fez cessar esse movimento. Na fala dos moradores pela rua do município ouve-se Marisa e também Marísia para o mesmo local.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E tornei a regressá à minha terra natal

P.: Hum certo essa cidade tem muitos povoados?

E.: Tem... tem bastante

P.: Por exemplo?

E.: Tem nós temo aí **Marísia**... tem Lagoinha tem Mangal mer'mo... povoado de Santa Bárbara é muito até muito grande... é bastante grande... é um povoado bastante grande tá compreendendo?

P.: Hum hum

E.: E tem outros diversos lugar”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 25, L.25-28.)

91. Topônimo: Mascaranha ~ Mascaranhas ~ Mascarenhas

Município: Curvelo

Taxionomia: antropotopônimo

Acidente: Humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa (apelido de família ou sobrenome)

Estrutura morfológica: Nm = s.m.pl. (apelido de família ou sobrenome).

Histórico: Mascarenhas < Estação Riacho Fundo

Informação bibliográfica:

Era uma homenagem ao engenheiro Sebastião Mascarenhas, da família Mascarenhas que já possuía indústria de tecelagem e fiação em Caetanópolis e Inimutaba (desde 1872 e 1874, respectivamente) a qual comprava toda a produção de algodão do local. No mapa IGA-MUNICÍPIO DE CURVELO 1984 e em Vasconcellos (1928) o topônimo aparece como *Mascarenhas*. Em Guérios (1973, p. 139), no seu estudo de sobrenomes encontramos: “Mascarenhas, sobr. port. geograf. Em doc. Arc.: Mazcarenhas. – ‘É uma das famílias ilustres, e beneméritas do Reino’. ‘Procedem de Estevão Rodrigues de Mascarenhas, senhor de terra de Mascarenhas, que é o seu solar; no reinado de D. Sancho I’. Em Minas Gerais, por volta de 1824 começa a origem da família Mascarenhas, já descrita em vários textos e na genealogia que apontam o precursor Antônio Gonçalves da Silva Mascarenhas e Policena Moreira da Silva como pais de Bernardo Mascarenhas Antônio Cândido Mascarenhas e Caetano Mascarenhas que foram os pioneiros da indústria de fiação no povoado de Cedro (hoje Caetanópolis) dentre outros descendentes ilustres na MRCM, conforme indica Mascarenhas (1990).

Comentário linguístico:

Na fala de grande parte dos moradores da região e dos entrevistados ouve-se esse topônimo como sendo *Mascaranha*, em décadas anteriores e mesmo atualmente (2007-2010), há algumas residências e fazendas neste povoado. Os falantes parecem desconhecer que esse nome tem a ver com o sobrenome do engenheiro Sebastião Mascarenhas que trabalhou na rede ferroviária no local na época de inaugurar a estação de passageiros em 1905. Até então o nome da localidade era Estação Riacho Fundo pelo que se conta na versão dos moradores antigos, já no século XX, mas não se tem registro do nome do povoado anteriormente. Desse modo ocorreu mais um caso de substituição de nome de lugar em favor de um topônimo que fosse uma designação para reproduzir o apelo coletivo de grande valor social para a região central mineira.

Contexto oral contemporâneo:

“E.: Então... daqui pra Curvelo a primeira é a Quintino Vargas a segunda é Maquiné terceira

Mascaranhas

P.: Ah é Mascarenhas”.

(Cf. Anexo CBJVFS8M72 – Entrevista (nº8) – p.105, L216-217.)

92. Topônimo: Mocambo**Município:** Augusto de Lima**Taxionomia:** sociotopônimo**Acidente:** humano/povoado ou comunidade rural**Origem:** Língua Portuguesa < africana (quimbundo)**Estrutura morfológica:** Nm = s.m.sing.**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:**

A origem africana torna-se mais específica em Mendonça (1973, p.152) ao afirmar: “Mocambo: sm.: esconderijo, refúgio dos escravos fugidos. Etim.: do quimbundo *mu*, prefixo + *kambu*, esconderijo. Há também o adj. mocambeiro. Para Ferreira (1975, p.933) a origem e a significação se aproximam: “Mocambo. [Do quimb.: *mu'kambu*, cumeira’,] S.m. 1. Bras. Couto de escravos de escravos fugidos na floresta. Cf. quilombo.} [...]”.

Comentário linguístico:

Nos arredores de Augusto de Lima existem dois povoados em área rural com nomes que nos remetem aos habitantes descendentes de africanos da região: Cafundó e Mocambo. Adotamos nesta pesquisa o recurso de aceitar a origem apontada por autores reconhecidos para cada topônimo que se nos parece raro.

Contexto oral contemporâneo:

P: Onde o senhor trabalhou de vaqueiro?

E: Aonde?

P: É

E: Olha... eu trabai’ei aqui na fazenda diamante

P: Hum... hum

E: Papai foi tomá’ conta do retiro aqui do... do **Mocambo**”.

(Cf. Anexo ALJL1M105 – Entrevista (nº1) – p. 4, L.112-117)

93. Topônimo: Morro da Galça ~ Morro da Garça**Município:** Morro da Garça; **gentílico:** morrogarcense**População:** 2.660 (IBGE – 2010)**Taxionomia:** geomorfotopônimo e zootopônimo**Acidente:** humano/cidade**Origem:** Língua Portuguesa**Histórico:** Morro da Garça < Nossa Senhora da Maravilhas.**Estrutura morfológica:** Nm = s.m.sing. + prep. + A.f.sing. + s.f.sing.

Informação bibliográfica:

Na segunda década do século XVIII aproximadamente, surge a capela de Nossa Senhora das Maravilhas cujo povoado rodeado de fazendas passou a ser conhecido como Morro da Garça, onde até hoje há revoada de garças por sobre lagoas, córregos e rios da região ao lado de uma grande elevação rochosa. Na literatura ficcional de Guimarães Rosa, na obra *Recado do Morro*, a localidade ganhou bastante popularidade, pois ali está citada. A cidade situa-se a 210 km de Belo Horizonte pela BR. 135. A cidade faz parte do *Circuito Guimarães Rosa*.

Comentário linguístico:

Na língua falada, encontramos a referência ao próprio meio urbano como Morro, para os moradores e na voz das pessoas das localidades próximas; a elevação rochosa, ao lado, como *morrão*.

Contexto oral contemporâneo

“E.: aqui chama **Morro da Garça** porque eu... tem o morro e tinha a lagoa... a lagoa / [...]

P.: ainda tem garça aí ainda

E.: num tem nada...

P.: cadê as garça

E.: ah... que nada... as garça cê vê um mucado aí nos pastos... comeno carrapato”.

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) – p. 371, L. 190-195)

94. Topônimo: Morro do Boiade’ro ~ Morro do Boiadeiro

Município: Curvelo

Taxionomia: geomorfotopônimo e axiotopônimo

Acidente: físico/ serra, elevação rochosa

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.m.sing. +prep. + A.m.sing.+ s.m.sing.

Histórico: Morro do Boiadeiro < Serra do Boiadeiro

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Morro do Boiadeiro lembra aos entrevistados da região um tempo antigo, quando ainda passavam ali boiadeiros e até tropeiros. Esse morro ou elevação rochosa é uma grande referência para o viajante nas estradas rurais de terra, na proximidade entre o Morro do Boiadeiro e a outra elevação rochosa, que o Morro da Garça, cujo nome também designa o município de Morro da Garça. Do primeiro morro vemos o outro e vice versa. O Morro do Boiadeiro geograficamente está entre os três municípios seguintes: Felixlândia, Curvelo e

Morro da Garça.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Onde fica o Morro do Boiadeiro?

E.: Aqui já é o **Morro do Boiadeiro**... aqui... aqui em cima nesse pé de serra aí ó... essa serra toda de fora a fora já é Morro do Boiadeiro”.

(Cf. Anexo FXAVC18M70 – Entrevista (nº18) – p. 250, L 233-235.)

95. Topônimo: Osóro ~ Osório ~ Osório de Almeida

Município: Corinto

Taxionomia: historiopotopônimo

Acidente: humano/ parada de trem

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s.prop.m.sing. + prep. + s.sing. (segundo prenome)

Histórico: Osório de Almeida < Cachopa

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975) encontramos a palavra cachopa como derivada de cacho para denominar ramallete de flores. Em Vasconcellos (1928) consta que a estação foi inaugurada em 1906 com o nome de *Cachopa* e depois passou a ser chamada de *Osório de Almeida*, para homenagear o diretor da ferrovia, Gabriel Osório de Almeida, nos anos de 1903 a 1906.

Comentário linguístico:

Esse topônimo também relaciona-se com a chegada da Rede Ferroviária a mais uma localidade da mesorregião central mineira. O nome é mais conhecido como Osório e na fala de entrevistados aparece como *Osóro*. Sabe-se que os moradores das proximidades caminhavam longas distâncias ou iam a cavalo ou carro de boi para pegar o trem que era o mais importante meio de transporte por ali até o início da década de 1990. Um entrevistado cita essa localidade como única parada de trem mais próxima de Morro da Garça, mas hoje só restam ruínas dessa construção, e sem moradores por perto.

Contexto oral contemporâneo:

P.: O senhor num chegou a passear de trem não, antigamente?

E.: Ah! Antigamente andei de trem... Ia lá em **Osóro de Almeda** é... em Osór[io], nós ia de a cavalo pra pega[r] o trem lá, em Osór[io].

(Cf. Anexo MRIMM27M71 – Entrevista (nº27) – p. 406, L.145-147.)

96. Topônimo: Paraopeba

Município: Paraopeba

População:22.563 (IBGE – 2010)

Taxionomia: hidrotopônimo

Acidente: humano/cidade

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s. f. sing.

Histórico: Paraopeba < Paróquia de Tabuleiro Grande (Tabuleiro Grande)

Informação bibliográfica:

“Distrito criado com a denominação de Tabuleiro Grande, pela Lei Provincial nº 164, de 09-03-1840, e Lei Estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Sete Lagoas. Elevado à categoria de município com a denominação de Paraopeba, pela Lei Estadual nº 556, de 30-11-1911, desmembrado de Sete Lagoas”. (IBGE – Cidades). Em Costa (1997, p. 323), adota-se a seguinte orientação quanto à origem do topônimo: “Paraopeba - Etim. corr. pará-u-peba, pará-y-peba, o rio de água rasa [...] Paróq. De Tabuleiro Grande, mun. de Curvelo, por lei nº 164 de 9-III-1840 [...] Mun. e vila, com o nome at. por lei nº 556 de 30-VIII-1911, compr. os dist. da sede, Araçá (at. Araçaí) e Cordsburgo. Perde em 1938 o dist.de. Perde em 1953 o pov. de Cedro (at. Caetanópolis). Perde em 1962 o dist. de Araçá”.

Comentário linguístico:

O Rio Paraopeba passa na proximidade do município do mesmo nome. É um rio de águas muito turvas, mas fica a mais de vinte e cinco quilômetros da cidade. Não tem sido nosso objetivo descer ao nível da base da palavra para verificar sua etimologia, pois acreditamos que os entrevistados não carregam essas informações históricas na cabeça ao usar tal topônimo, o qual fica afastado de nossa área de pesquisa de campo, fazendo apenas limite com Cordisburgo.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Então foi depois começô’ o transporte rodoviário por meio de ônibus... empresa gontijo foi fundada aqui e foi uma das potências nessa região... depois foi caindo caindo e agora tem empresas de belo horizonte uma tal de BPA.

P.: Certo

E.: Que serve aí, mal

P.: Sei.

E.: Mas foi assim.

P.: Sim... estrada, como que era... já tinha asfalto pra Curvelo?

E.: Estrada de chão... gastava-se 8 horas daqui a belo horizonte e tinha ponto de almoço e ponto de café.

E.: Sim.

E.: Agora na volta de belo horizonte pr'aqui era em **Paraopeba**'.

(Cf. Anexo CLGRS9M77 – Entrevista (nº9) – p. 116, L.87-99.)

97. Topônimo: Paraúna

Município: Presidente Juscelino

População: 3908 (IBGE – 2010)

Taxionomia: hidrotopônimo

Acidente: humano/ povoado

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm= s.m. sing.

Histórico: Paraúna < São Sebastião do Paraúna

Informação bibliográfica:

Pelo Decreto-Lei Estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de São Sebastião do Paraúna tomou o nome de Paraúna, segundo Costa (1997, p. 352). Em Gregório (1966, p. 194-262) verificamos a influência do Tupi na nomeação dos rios.

Comentário linguístico:

Bem próximo de Curvelo existe o município de Presidente Juscelino onde em suas terras passa o Rio Paraúna (afluente próximo do Rio das Velhas a Leste), com suas águas escuras, áreas de pesca e cachoeira. Situa-se nas suas margens o povoado de Paraúna. Nesse topônimo podemos identificar uma significação herdada a partir de palavras do Tupi (*pará* = mar, rio e *una* = preto, escuro). Porém faltam-nos registros que nos permitam apontar se a designação partiu de uma tendência tupinista nos topônimos ou se é um processo de adaptação de nomes indígenas.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Mais ultimamente agora num tá ten’o serviço mais que fechô a fábrica

P.: É

E.: Então os que tão aqui tão traba’ian’o nas pedre’ra de ardósia

P.: Sim

E.: E tem muita aí po lado de **Paraúna** ((ruídos)) pó lado de pompeu é que esse povo trabalha ((ruídos)) é... e o resto é cristal’.

(Cf. Anexo ITFRG23M84 – Entrevista (nº23) – p. 332, L.236-241)

98. Topônimo: Piriquito ~ Periquito

Município: Cordisburgo

Taxionomia: zootopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Periquito é uma espécie de ave muito comum na região. O emprego do nome pelo entrevistado não nos permitiu estabelecer a ação motivadora do topônimo como sendo concreta ou metafórica.

Contexto oral contemporâneo:

“O povoado das lajes... **Periquito** é... um outro aqui perto de Curvelo[...]”

(Cf. Anexo CBHFV6F83 – Entrevista (nº6) – p. 70, L.95-99.)

99. Topônimo: Picão ~ Cor’go Picão ou Córrego Picão

Município: Morro da Garça

Taxionomia: hidrotopônimo e fitotopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm= s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Esse topônimo refere-se a um ribeirão de longa extensão, tomando a região do Oeste de Morro da Garça, Norte de Curvelo e atinge o Leste de Inimutaba na direção do Rio das Velhas. Na fala dos entrevistados de toda a região não apareceu a motivação real do topônimo Picão, mas observamos que tem popularidade a planta chamada de picão.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Aqui perto do Morro num tem córrego bom de pesca, não?”

E.: É o que eu falo, tem o Bicudo, né,é...

P.: É o mais perto?

E.: É o mais perto, é pra lá da rua do Morro e o **Picão** é aqui em cima...”

(Cf Anexo MIRIMM24M71 – Entrevista (nº24) – p. 405, L129-133.)

100. Topônimo: Piranhas

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: zootopônimo

Acidente: físico/campo e lago

Origem: Língua Portuguesa < indígena (tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s.f. pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Silveira Bueno (1978, v. VI, p. 3046), encontramos a seguinte informação etimológica: “Tupi pira, peixe de *ãi*, tesoura, que corta”.

Comentário linguístico:

Em muitas das águas da MRCM, sejam rios, lagoas ou represas podemos encontrar esse tipo de peixe (piranha). Destaca-se para nós, a presença da marca de plural no topônimo Piranhas.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Certo... e produção agrícola aqui tinha muita fazenda antigamente como era?

E.: Antigamente quando era pequeno menor a produção nossa aqui era maior

P.: Sei

E.: Nós temos aqui o Antônio Martins da Silva que fez um plantio de arroz que saía aqui de perto da estação aqui essa várzea toda e ia até nas **Piranhas**”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 28-29, L. 133-136)

101. Topônimo: Pompéia

Município: Morro da Garça

Taxionomia: poliotopônimo

Acidente: humano/bairro

Origem: Língua Portuguesa < Pompeo (Pompeu)

Estrutura morfológica: Nf = s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Menezes (2009, p. 141 *apud* BARBOSA, 1995, p. 263), encontramos algumas pesquisas bibliográficas preciosas sobre o nome Pompéu: “[...] Pompéu teve, em tempos pretéritos o nome de *Buriti da Estrada*. O município da região do Alto São Francisco foi criado em 17 de dezembro de 1938, “com território desmembrado do de Pitangui”. O autor afirma que em geral é mencionado Antônio Pompeu Taques como o fundador do sítio do Pompéu. Franco (1989) informa que Antônio Pompeu Taques “foi sertanista que andou com alguns de seus irmãos nos denominados currais da Bahia, no Rio de São Francisco, onde se casou com Maria das Neves, viúva do sertanista Coronel João Peixoto Viegas. Enviuvando, vendeu as suas

fazendas e regressou a São Paulo, indo, porém, logo para as Minas Gerais, no Distrito de Antônio Pereira, onde obteve em 17 de junho de 1711 uma sesmaria. Passou depois para Pitangui, onde se casou com Escolástica Pais, filha de José Rodrigues Betim. Com os sucessos havidos nessas Minas, em 1720, retornou a São Paulo, de onde partiu depois para Goiás, estabelecendo-se nas Minas do Arraial da Anta, onde faleceu já bastante idoso, deixando geração.” (MACHADO, 1984, p. 1195) registra o topônimo *Pompéu* encontrado no Brasil, no Estado de Minas Gerais.

Comentário linguístico:

O nome Pompéia foi adaptação de Pompeu para uma área da cidade de Morro da Garça onde estava formando um novo bairro, segundo o informante.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “()... aí entrei pra prefeitura... aposentei aí...

P.: muito bom a cidade ta crescendo pra cá agora na?

E.: ta crescendo pra lá pra cá num tem bairro não

P.: pra norte... todos pra cá

E.: aí certa altura pra lá...já chama () o povo fala Pompéu...**Pompéia**”

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) – p. 374, L.277-281.)

102. Topônimo: Ponte da Quininha

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hodotopônimo e fitotopônimo

Acidente: humano/construção

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Ncf = s.f.sing. + prep. A.f.sing. + s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Em Cordisburgo existe o córrego da Quininha e também esta Ponte da Quininha a que se referem os informantes. Ela permite o acesso das pessoas sobre a linha férrea, em direção a algumas áreas rurais e inclusive para Curvelo em estrada vicinal ou de chegada ao centro histórico da cidade: ali está a Igreja de São José e o Museu Guimarães Rosa ou Casa de Guimarães Rosa. A designação torna-se mais expressiva porque a cidade está cercada por três córregos: na entrada, Córrego Saco das Pedras, para o Noroeste, o Córrego da Onça e a Leste, o Córrego da Quininha.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Curiosidade o nome Quininha vem de alguma pessoa?”

E: Não sei não sei

P: Ahn

E: Tem até a ponte da central que chama **Ponte da Quininha**”.

(Cf. Anexo CBHFV6F83 – Entrevista (nº6) – p. 69, L.69-72)

103. Topônimo: Ponte do Jacaré

Município: Felixlândia

Taxionomia: hodotopônimo e zootopônimo

Acidente: humano/construção

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Ncf = s f. sing.. + prep. + A.m. sing. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

Nas áreas mais distantes da MRCM, onde existem muitos córregos e poucas vias de transportes de qualidade, as obras de melhoria das vias passam a merecer destaque e penetram na designação toponímica local, ao lado de animais também. Acreditamos que por essa mesma razão o trevo da BR- 040 com a BR-135 seja uma referência toponímica tão importante que é chamado no geral de *Trevão* e a ferrovia dos anos noventa até hoje é tida como grande referência toponímica em toda sua extensão pesquisada no sentido de popularizar vários topônimos.

Informação bibliográfica: n/e

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Um descampado

P.: E depois

E.: E depois mudamos também p’ra um lugar também Ponte do Jacaré

P.: Certo

Um descampado

P.: E depois

E.: E depois mudamos também p’ra um lugar também **Ponte do Jacaré**”.

(Cf. Anexo FXRGQ20F82 – Entrevista (nº20) – p. 279, L.28-30)

104. Topônimo: Porte’ras ~ Porteiras

Município: Inimutaba

Taxionomia: ergotopônimo

Acidente: humano/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Npl= s.f.pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O entrevistado (abaixo citado) refere-se a um córrego da região, na área rural das redondezas de Inimutaba, e, através do nome do acidente (Porteiras), percebemos a influência do desenvolvimento da agropecuária e fazendas naquela região.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Aí tem Corgo do Retiro

P.: Certo

E.: Gentil de Matos... Corgo do Retiro... Araçá... Landim
que é na beira do Rio das Velha

P.: Hum hum

E.: Agora

P.: Tem um pra cá também

E.: Tem [...]

P.: Ok

E.: Eu to in’o pra lá até... Açudes que é grande

P.: Sim ok

E.: Bem grande... **Porte’ras**”

(Cf. Anexo ITAARF22M70– Entrevista (nº22) – p. 309, L.95-106)

105. Topônimo: Presidente Juscelino

Município: Presidente Juscelino

Taxionomia: historiotopônimo

Acidente: humano/ distrito

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm= s.m.sing.+ s.m.prop. sing. (prenome)

Histórico: Presidente Juscelino < Ponte do Paraúna

Informação bibliográfica:

Em Costa (1997, p. 352) – “Presidente Juscelino- Top. v. J. K. dist. de Ponte do Paraúna, mun. de Curvelo, por lei nº 1.294 de 30-X- 1866. Mun. e cid., com o nome at., por lei nº 2.764 de 30-XII-1962”.

Comentário linguístico:

O atual Município de Presidente Juscelino teve anteriormente o nome de Ponte do Paraúna, o que faz com que alguns contextos de fala dos entrevistados nos levem à duplicidade de informação quando se referem a este local, onde há o rio do mesmo nome e o antigo topônimo Ponte do Paraúna. Atualmente Presidente Juscelino engloba toda a área dessa localidade da antiga denominação. A designação expressiva atual reproduz um novo contexto sócio-político. Por outro lado, vale a pena ressaltar que o topônimo, J.K., referido acima, é um distrito de Curvelo e fica nas proximidades de Cordisburgo, pela BR-135. Assim, o topônimo mais antigo foi substituído para fazer homenagem a J.K. Anteriormente era São José da Lagoa.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Aqui ocê perguntava o nome de todo mundo... todo mundo sabia... hoje não hoje essa pindaíba que... que... esse bairro são geraldo aí perto do ceminter’o... eu num conheço [...] se eu conheço umas três pessoa é muito.

P.: Sei

E.: O resto vem tudo de fora... é da Gô’veia... é de diamantina.

P.: Ahn

E.: É de diamantina.

P.: Ham... ham.

E.: É de **Presidente Juscelino** é que vem tudo pra cá pra trabalhá né”.

(Cf. Anexo ITFRG23M84– Entrevista (nº23) – p. 332, L.226-234)

106. Topônimo: Primavera

Município: Curvelo (distrito: Tomás Gonzaga)

Taxionomia: meteorotopônimo

Acidente: físico/

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nf= s.f. sing.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo tanto se refere a uma comunidade rural quanto a um córrego da localidade onde há também uma fazenda com o mesmo nome.

Informação bibliográfica: n/e

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Era Osório... a parada do trem

P.: Certo

E.: De Corinto... a de Corinto [...] era mais distante da de Curvelo e a Osório era mais perto

P.: Hum hum...sei, sei

E.: Que é a metade do caminho de Corinto a Osório

P.: Sei, sei...mas tem outro povoado aqui além de Estiva?

E.: Tem Estiva... tem Roça do Brejo... **Primavera**... Laje de Cima...Currais...uns povoado”.

(Cf. Anexo CLJE10M71– Entrevista (nº10) – p. 128, L.191-198.)

107. Topônimo: Que’mado ~ Que’mados ~ Queimados

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: sociotopônimo

Acidente: humano/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.pl.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A localidade de Queimados (Quemado) é uma das comunidades rurais de Augusto de Lima, sobre a qual dizem os moradores que começou a ocupação de terras de antigos escravos e seus descendentes que lá chegavam e faziam roçados e queimadas na preparação de seus casebres.

Esse topônimo não reflete toda a motivação pesquisada.

Contexto oral contemporâneo:

E “tem outros diversos lugar

P.: Hum hum

E.: É povoado que tem **Queimados né**”.

(Cf. Anexo ALOCR3N75 – Entrevista (nº3) – p. 25, L.28-30)

108. Topônimo: Quintino Vargas

Município: Cordisburgo

Taxionomia: historiotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing. + s. f. pl. (apelido de família)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A estação de Quintino Vargas foi inaugurada provavelmente no final dos anos de 1940, já demolida e ficava no município de Cordisburgo (VASCONCELLOS, 1928). Tal nome certamente é uma reverência ao deputado mineiro, falecido em 1949.

Comentário linguístico:

Essa localidade fica ente Cordisburgo e Sete Lagoas. É um topônimo relativo à estação de trem cuja designação recorre a uma personagem histórica da política nacional e marca o sinal da época do avanço da linha férrea em direção centro de Minas. Observa-se que uma antiga estação de trem de passageiros funciona como verdadeiro topônimo.

Contexto oral contemporâneo

P.: O senhor nasceu onde

E.: Eu nasci aqui em **Quintino Vargas**”

(Cf. Anexo CBJVSF8M71 – Entrevista (nº8) – p. 100, L 45-46)

109. Topônimo: Retiro

Município: Felixlândia

Taxionomia: sociotopônimo

Acidente: humano/povoado ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A distância de Retiro ao centro urbano está sugerida na significação da palavra em Bueno (1978, v. VII, p. 3511): “Retiro _ s. m. Lugar afastado, sem movimento, ermo [...]”. Parece-nos não haver grande diferença no significado dos verbetes de Ferreira (1975, p. 1230): “Retiro. [Dev. de retirar.] S. m. 1. Lugar solitário; deserto; retraimento, ermo, sossego. Lugar de descanso ou recolhimento; sossego, tranqüilidade, remanso [...]”.

Comentário linguístico:

O topônimo Retiro é muito comum na extensão da região pesquisada, havendo ainda Córrego do Retiro na proximidade de Inimutaba e Curvelo, mas em Felixlândia a moradora refere-se a Retiro enquanto comunidade rural daquele município.

Contexto oral contemporâneo:

P: “Morou lá? Qual o nome desse lugarejo lá

E: Do lugarejo lá?

P: Qual o nome do lá

E: De lá olha... papai só fez igual o tico-tico mudou de lugar bem pertim p'ra outro né

P: Sei

E: É nós morava num lugar que chamava Salto depois passamos p'ra um lugar que chamava Retiro... ele comprou lá”.

(Cf. Anexo FXRGQ20F83 – Entrevista (nº20) – p. 279, L.20-26)

110- Topônimo: Ri'tiro dos Cuei'~ Retiro dos Coelhos

Taxionomia: sociotopônimo e antropônimo

Acidente: humano/fazenda

Origem: Língua Portuguesa

Histórico: n/e

Estrutura morfológica: NCm = s.m.sing. + prep. A.m.pl. + s.m.pl.(apelido de família ou sobrenome)

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico

A significação de *retiro* relaciona-se com fazenda ou propriedade rural, geralmente com demensões menores do que uma fazenda e esse vocábulo atualmente é o sinônimo aproximado de sítio no estilo rústico. O *Retiro dos Coelhos* localiza-se bem afastado da área urbana de Curvelo.

Contexto oral contemporâneo:

E: “O arnaldo impricô [...] brigarô' com ê's [...]

P: Certo

E: O arnaldo morava era... aquel' **Ri'tiro dos Cu'ei** [...] era dele [...]”.

(Cf. AnexoCLPFA12M94 – Entrevista (nº12) – p. 152, L15-17)

111. Topônimo: Ribeirão do Onça ~ Ribe'ção da Onça ~ Cor'go do Onça

Município: Cordisburgo

Taxionomia: hidrotopônimo e zootopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + prep. + A.m. sing. + s. f. sing.

Histórico: Ribeirão da Onça < Onça

Informação bibliográfica:

Na carta geográfica IGA-1984 do Município de Cordisburgo indica-se o topônimo Ribeirão do Onça. Em mapas antigos (SANTOS, 2001) o córrego está indicado como *Onça* (Cf.

ANEXOS) e também no “Mapa da Capitania de Minas Gerais com a deviza de suas comarcas - 1778” (*Apud* BARREIROS, 1975, p. 13) escreve-se *Onça*.

Comentário linguístico:

O Ribeirão do Onça (Ribeirão da Onça) é também conhecido pelos moradores como Córrego (Corgo) do Onça o que nos permite identificar no entrevistado (CBJVF2M74) a expressão *no Onça* ou *do Onça* ao falar dos córregos da região de Cordisburgo.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Onde é que esse povo pescava?”

E.: No Ribeirão do onça

P.: Do Onça

E.: Ribeirão do **Onça**... Saco da Pedra”.

(Cf. AnexoCBJN7M77 – Entrevista (nº7) – p. 85, L266-269.)

112. Topônimo: Ribeirão Santo Antônio ~ Ribeirão Santo Antônio

Município: Curvelo

Taxionomia: hidrotopônimo e hagiopônimo

Acidente: físico/córrego

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = s. m. sing. + adj. m.sing. + s. prop. m. sing. (prenome)

Histórico: Córrego Santo Antônio < Ribeirão Santo Antônio < Ribeiro Santo Antônio

Informação bibliográfica:

Tal córrego foi de grande importância para a atual cidade de Curvelo, pois era navegável em grande trecho e a sua margem alguns episódios oitocentista ocorreram como este descrito por Antônio (2009, p. 29): “Quando se transferiu para as margens do Ribeirão Santo Antônio, Padre Corvelo já era afiliado político de Manuel Nunes Viana, emboaba que participou a guerra em 1707[...]”. Em Diniz (1970, p.6) encontramos o mesmo hidrotopônimo com a forma gráfica mais antiga: “Parece que Monsenhor Xavier Rolim seguiu melhor caminho quando escreveu *goianás* foram os habitantes das plagas do Ribeiro de Santo Antônio. Isso em priscas eras de que não temos conhecimento ou provas”.

Comentário linguístico:

O Ribeirão Santo Antônio é conhecido também como Córrego Santo Antônio, sendo o mais extenso do município de Curvelo. Atravessa quase toda a cidade de Curvelo de Oeste para Leste em direção ao Rio das Velhas. Na proximidade de Inimutaba formava-se uma cachoeira suficiente para gerar força para os teares da tecelagem local. Daí surgiu o topônimo antigo Fábrica da Cachoeira ou mesmo Cachoeira de Santo Antônio. Constatamos, pois, que há uma

oscilação entre o emprego da designação toponímica ribeiro, ribeirão e córrego.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Muito bom... sobre os córregos e rios daqui... como é que [...] qual é o córrego passa aqui mais perto?

E.: Aqui logo abaixo aqui da... da... dessa casa aqui onde a ente está que é a prime'ra casa construída em Inimutaba.

P.: Sim

E.: Passa o **Ribe'rao Santo Antônio**".

(Cf. Anexo ITMMCL24F70 – Entrevista (nº24) – p. 344, L65-71.)

113. Topônimo: Ri' das Velha ~ Rio das Velha ~ Rio das Velhas

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: hidrotopônimo e cronotopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm= s.m. sing. + prep. + A. f. pl. + s. f. pl.

Histórico: Rio das Velhas < Guaibi (indígena: Tupi= Guaibi, velha e Guaimi)

Informação bibliográfica:

Nascentes (1952, p. 311) anota a seguinte informação histórica do topônimo: “Velhas, (rio das Velhas). Em Minas Gerais [...]. O nome foi dado pelo governador Antônio de Albuquerque de Coelho Carvalho, em 1711”. Na dissertação de mestrado de Mendes (2009, p. 239): “VELHAS _ Nf. [Spl.] Português < Latim (Decalque do Tupi Guaibi, Guaimi). Cronotopônimo [...] ‘Rio das Velhas, que originalmente Guaycuhy, que na língua dos aborígens significa o mesmo’. (AIRES DO CASAL, 123, Tomo 1, p. 384, *Apud* MENDES, supracitada). Nomeia rio nos municípios de Ouro Preto, Itairito, Sabará, Lagoa Santa, Confins, Raposos, Santa Luzia, Nova Lima, Rio Acima, Pedro Leopoldo[...]”. Através de Gregório (v. 1, p. 238) podemos tentar desvendar a questão da significação tupi do nome *Rio das Velhas*, na seguinte informação etimológica: “guaibi = velha”.

Comentário linguístico:

A indicação do município a que pertence o Rio das Vellhas se dá de forma simbólica, na medida em que ele passa na proximidade de Augusto de Lima dentre outros de Minas. Na língua falada, este hidrotopônimo ocorre como *Rio das Velha*, o qual é um rio mais importante de toda região pesquisada fazendo uma mesopotâmia da mesma com o Rio São Francisco que fica a Oeste. Sua função na hidrografia local é receber vários córregos como

afluentes. A estrutura deste topônimo contém um tipo de especificador muito comum que é expressão preposicionada no plural (*das Velhas*).

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Nós temos rios mais perto de Augusto de Lima é Curumataí

P.: Certo

E.: Mais o... o Curumataí é afluente do **Rio das Velhas**”

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 25-26, L34-36.)

114. Topônimo: Rio Paraopeba

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e dimensiotopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: NCm= s. m. sing. + s. m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Costa (1997, p. 323), adota-se a seguinte orientação quanto à origem do topônimo: “Paraopeba- Etim.corr. pará-u-peba, pará-y-peba, o rio de água rasa[...]”. (Cf. Topônimo Paraopeba)

Comentário linguístico:

Este hidrotopônimo faz referência a um recurso hídrico de grande importância na região de Felixlândia (dente outros municípios) e o substantivo *rio* indica que é um volume de água maior do que um córrego como *Córrego do Bagre*, por exemplo.

Contexto oral contemporâneo:

“P.: E hoje qual é o rio que tem mais perto aqui?

E.: Olha... o rio mais perto o rio de que tipo

P.: O rio que esse povo ta fazendo represa aí

E.: Ah não é... é o **Paraopeba**

P.: Paraopeba esse é o mais perto?

E.: É o mais perto.”

(Cf. Anexo FXRGQ20F82 - Entrevista (nº20) – p. 287-288, L321-326.)

115. Topônimo: Rio Pardo

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: hidrotopônimo e cromotopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm= s. m. sing. + adj.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A palavra *rio* refere-se a um grande curso de água que se opõe a outros elementos da bacia hidrográfica na MRCM (Augusto de Lima) onde há córregos e riachos. O substantivo *rio* marca essa diferença. Note-se que na fala extraída da entrevista (abaixo) emprega-se a palavra *Rio* como nome identificador do acidente geográfico.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “E aí foi... o’ro... diamante... aque’a trenhe’ra toda

P.: Sim

E.: Tem uma parte aqui no **Rio Pardo**”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75– Entrevista (nº3) – p. 42, L.576-578.)

116. Topônimo: Rio São Francisco

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo e hagiopônimo

Acidente: físico/rio

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm= s.m. sing. + adj. + s.m. sing. (prenome)

Histórico: São Francisco < Rio São Francisco < Opará (indígena: Tupi)

Informação bibliográfica:

Sabemos que na história do Rio São Francisco, os colonizadores o teriam explorado no dia de São Francisco (4 de outubro). A motivação tem, portanto, cunho religioso.

Comentário linguístico:

O substantivo *rio* sofre apagamento em alguns topônimos como *São Francisco*, mas não em *Rio das Velhas*. Sabemos que o Rio São Francisco nasce na Serra da Mantiqueira, passando a Oeste da região pesquisada, e atravessa todo o Estado de Minas Gerais, indo para outros estados da federação até o mar. Indicamos que ele passa no município de Felixlândia, mas isso quer dizer proximidade do local, sem muita precisão geográfica. A perda do *de* no topônimo *Rio de São Francisco* ou redução na fala para São Francisco (Cf. **Mapas:** BARREIROS, p. 13) pode ocorrer em alguns topônimos ao serem citados pelos moradores ou entrevistados na MRCM, como no caso do antigo nome *Ribeiro de Santo Antônio* ou *Ribeirão*

Santo Antônio (IGA-MUNICÍPIO DE CURVELO, 1984). Nota-se ainda que o substantivo (ribeiro) adquire em tempos mais recentes o sufixo -ão, mas os informantes quando citam este último hidrotópônimo dizem, inclusive, *Corgo Santo Antônio ou Corgo*, simplesmente.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Antigamente o povo saía muito pra pescar né... pra comer peixe comer carne onde é que o povo pescava aqui seu zé?”

E.: Nó... no Paraopeba e no **São Francisco**”.

(Cf. AnexoFXJPC19M92 – Entrevista (nº19) – p. 273, L. 664-666.)

117. Topônimo: Roça do Brejo

Município: Curvelo (Tomás Gonzaga) **Taxionomia:** sociotópônimo e geomorfotópônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf= s.f.sing. + prep. + A.m.sing. + s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Em Silveira Bueno (1978, v. VII, p. 3555) temos a seguinte informação: “**Roça**-s. f. Terreno preparado para a plantação do milho. De um modo geral significaterra de lavração agrícola, todo e qualquer trabalho de lavoura. Por extensão, *roça* significa lugar do interior, não muito adiantado, donde *roceiro*, pessoa caipira. Deverbal de *roçar*”. Em Ferreira (1975, p. 1241) temos um conceito esclarecedor para este topônimo: “Roça. [Dev. de roçar.] S.f. [...] 2. Terreno onde se roça mato. 3. Terreno coberto de mato. 4. Sementeira plantada em terreno roçado ou no próprio mato. 5. *Bras.* Terreno de pequena lavoura (em especial de mandioca, milho, feijão, etc.). [...] 7. *Bras.* A zona rural; o campo” [...]. No mapa IGA-Município de Curvelo, Roça do Brejo aparece como povoado.

Comentário linguístico:

A localidade de Roça do Brejo fica bem próxima de Estiva, os quais são povoados do município de Curvelo. A motivação toponímica parece estar, pela observação em loco, pelo fato de ser um terreno bastante baixo, com lavouras, à beira da linha férrea e de córregos, com muita umidade em época de chuvas.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Porque a parada do trem era Osório, né?”

E.: Era Osório... a parada do trem

P.: Certo

E.: De Corinto... a de Corinto [...] era mais distante da de Curvelo e a Osório era mais perto

P.: Hum hum... sei, sei

E.: Que é a metade do caminho de Corinto a Osório

P.: Sei, sei... mas tem outro povoado aqui além de Estiva?

E.: Tem Estiva... tem **Roça do Brejo**...Primavera... Laje de Cima... Currais... uns povoado”.

(Cf. Anexo CLJE10M71 – Entrevista (nº10) – p. 128, L. 190-198.)

118. Topônimo: Salto

Município: Felixlândia

Taxionomia: hidrotopônimo

Acidente: humano/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm= s.m. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Salto lembra a significação de cachoeira e a queda de água na proximidade de Felixlândia, perto do Rio São Francisco, na área rural, região de onde se aproximam as águas da Represa de Três Marias.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Qual o nome do lá?

E.: De lá olha... papai só fez igual o tico-tico mudou de lugar bem pertim p’ra outro né

P.: Sei

E.: É nós morava num lugar que chamava **Salto** depois passamos p’ra um lugar que chamava Retiro... ele comprou lá.”

(Cf. Anexo FXRGQ20F82 – Entrevista (nº20) – p. 279. L. 22-26.)

119. Topônimo: Santa Bárbara

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: hagiopônimo e antropônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Ncf = s.f.sing. + s.prop. f. sing.(prenome)

Histórico: Santa Bárbara < Vila de Santa Bárbara < Fazenda Santa Bárbara

Informação bibliográfica:

Segundo as anotações encontradas nos *Dados do Município de Augusto de Lima* (2006, p. 15)

a história da localidade tem a seguinte passagem: “A Vila de Santa Bárbara foi fundada no final do século XIX, em 19 de maio de 1886, pelo Conselheiro do Império João da Matta Machado, antigo comerciante de diamantes; a Vila era caminho de passagem para tropeiros que vinham da Bahia e norte de Minas, para Diamantina, mis importante cidade da região, naquela época”. Em Costa (1997) existem várias localidades chamadas também de Santa Bárbara, mas esse povoado de Augusto de Lima não foi citado.

Comentário linguístico:

A localidade é conhecida como Santa Bárbara e tem seu nome muito divulgado atualmente devido à existência de suas águas termais e hotel para hospedagem e passeios turísticos com banhos de cachoeiras. O nome original tem sua motivação ligada ao trabalho dos primeiros colonos de tempos anteriores, provavelmente do século XVIII. O povoado continua sendo destaque no conjunto de comunidades rurais do município de Augusto de Lima onde a indústria de tecelagem e fiação continua presente no local. O local também era conhecido como Poço ou Poço de Água Quente, sendo ao vocábulo “poço” é muito conhecido na mesorregião central mineira como balneário ou mesmo afundamento no leito do rio ou córrego onde há grande concentração de água.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Hum certo essa cidade tem muitos povoados?”

E.: Tem... tem bastante

P.: Por exemplo?

E.: Tem nós temo aí Marísia... tem Lagoinha tem Mangal mer'mo... povoado de **Santa Bárbara** é muito até muito grande... é bastante grande... é um povoado bastante grande tá compreendendo?”

(Cf. AnexoALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 25, L.21-26)

120. Topônimo: Santa Maria

Município: Curvelo

Taxionomia: hagiopônimo e

antropotônimo

Acidente: físico/povoado/fazenda

Origem: Língua portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = adj.f.sing. + s.prop. f. sing. (prenome)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

A localidade tem registro no mapa IGA-Município de Curvelo, 1984.

Comentário linguístico:

O topônimo aparece duplamente como localidade rural ou comunidade, como fazenda e também designa córrego naquela área.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Condução pra ir pra cidade pra ir pra roça como é que era

E.: Era difíce dimais quando a gente morava na roça ia de carro de boi

P.: Sim

E.: Carro de boi ia de a cavalo o povo prantava roça culhia aquel’ tanto de mantimento

P.: Sim sim

E.: Era milho feijão arroz de primeiro tinha muita fartura né

P.: Certo

E.: Chuvia muito e dava muita coisa então pra pra ir pra levá pra cidade pra vendê pra Curvelo de primeiro tinha carro de boi era carro de pau ot’a hora carroção então enchia os saco e carregava as carroça os carro bem carregadim do tip’ enfiava os boi e cambava

P.: Certo

E.: Ai quando chegava em certas altura aí tinha um lugar que chamava **Santa Maria**”

(Cf. Anexo MRAS26F70– Entrevista (nº26) – p. 386, L. 59-70.)

121. Topônimo: Santo Antônio

Município: Corinto

Taxionomia: hagiotopônimo e antropotopônimo

Acidente: humano

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = adj. m.sing. + s. prop.m.sing. (prenome)

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

Existe no município de Corinto o topônimo como comunidade rural pequena, propriedade rural ou fazenda e ainda um córrego com o mesmo nome.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Sim

E.: Quando chegava ali no **Santo Antônio** carro [...]”.

(Cf. Anexo CLPFA12M92 – Entrevista (nº12) – p. 156, L. 327-328)

122. Topônimo: Santo Hipólito ~ Santo Hipól'to**Município:** Santo Hipólito; gentílico: santo-hipolitense **População:**3.238 (IBGE – 2010)**Taxionomia:** hagiotopônimo e antropotopônimo**Acidente:** humano/cidade**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm = adj. m. sing. + s. m. sing. (prenome)**Histórico:** n/e**Informação bibliográfica:** n/e**Comentário linguístico:**

Esse hagiotopônimo entrou na nossa relação porque foi citado pelo entrevistado, mas a localidade não foi visitada pelo pesquisador.

Contexto oral contemporâneo:

P.: Ah... então a senhora viu muita boiada passar aí?

E.: Vi muita boiada passan'o aí

P.: E pra onde iam esses tropeiros... pra onde iam os tropeiros?

E.: Lado de **Santo Hipól'to**... lado de **Santo Hipól'to**."

(Cf. Anexo ALMG2F75 – Entrevista (nº2) – p. 14, L. 115-118.)

123. Topônimo: Santuário São Geraldo**Município:** Curvelo**Taxionomia:** hierotopônimo e hagiotopônimo**Acidente:** humano/igreja**Origem:** Língua Portuguesa**Estrutura morfológica:** NCm= s. m. sing. + adj. sing.+ s. prop.m. sing. (prenome)**Histórico:** Santuário São Geraldo < Santuário São Geraldo (1906).**Informação bibliográfica:**

Nas suas notas históricas sobre Curvelo, Araújo (1978, p. 58) apresenta dados da chegada de missionários redentoristas nos anos de 1904 e 1906 que fundaram convento em terras curvelanas. O padre autor narra a história da presença dos edificadores do Santuário de São Geraldo assim: "Tudo aqui começou assim com simplicidade e humildade. Muito à maneira do humilde Irmão leigo São Geraldo da Congregação fundada, na Itália, por S. Afonso de Ligório. Não houve, de início, nem aparições prodigiosas, nem curas espetaculares com ocorrência, em massa, do povo, que caracterizam geralmente as grandes devoções populares dos afamados Santuários de Peregrinações ou Romarias. [...] Foi no dia 18 de setembro de

1906, pelas 11:30 h da manhã, pelo expresso da ‘Central do Brasil’, precedentes de Sete Lagoas, chegariam os Padres Redentoristas holandeses para, aqui, fundarem um Convento”. Em Ferreira (1975, p. 1270 e 190), temos mais esclarecimentos sobre a significação do topônimo: “Santuário. [Do lat. *Sanctuariu*. [S. m. 1. Lugar consagrado pela religião; lugar santo. 2. O lugar mais sagrado do templo judaico de Jerusalém, onde se guardava a Arca da Aliança”. Na mesma obra podemos perceber diferença quanto ao vocábulo na linguagem oficial da igreja católica: “Basílica. [Do lat. *basílica*, i. e. *domus basilica*.] S. f. 1. Igreja que tem certas prerrogativas honoríficas e privilégios sobre as outras, com exceção das catedrais; igreja principal [...]”.

Comentário linguístico:

Na fala das pessoas comuns da MRCM e do entrevistado, troca-se a palavra santuário por basílica indiferentemente, pois para eles o mais importante é que lá está a imagem de São Geraldo para ser adorada e venerada pelos fiéis. A edificação do Santuário já passou por reformas significativas. As festas em homenagem a São Geraldo adquiriram cada vez mais popularidade, com demonstração de fé, e foram crescendo até virarem romaria de milhares de pessoas atualmente. Muitos curvelanos e moradores da região rendem graças e homenagens a esse santo de duas maneiras típicas: empregam o sintagma “*São Geraldo*” para fazendas e outros empreendimentos e também batizam seus filhos com o nome *Geraldo Magela* ou mesmo *Geraldo*. Tal nome próprio esteve muito disseminado, sobretudo, para pessoas que nasceram após a divulgação da fé em São Geraldo pelos redentoristas a partir dos anos 1904, 1906 e outros eventos de culto ao santo muito querido na MRCM. Dentre o grupo de entrevistados estão dois *geraldos* e um colaborador de nome *Geraldo*. Ressalte-se que o dia de São Geraldo é 16 de outubro, mas os festejos e barraquinhas começam nos primeiros dias de setembro.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Curvelo cresceu imensamente

P.: Certo

E.: Quando cheguei pr’aqui eu morava na avenida principal ali que era avenida Pedro Segundo do... ficava entre as duas igreja Santuário São Geraldo e Santo Antônio

P.: Sei

E.: Morava bem no meio das duas ali na... na avenida mais um poirão uma buraqueira”.

(Cf. Anexo CLJEA11M83 – Entrevista (nº11) – p. 147, L. 425-430.)

124. Topônimo: São José da Lagoa

Município: Curvelo

Taxionomia: hagiotopônimo e hidrotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = adj.m.sing. + s. prop. sing. + prep. + A. f.sing. + s.f.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

No mapa IGA-Município de Curvelo (1984) encontra-se a localidade de São José da Lagoa na mesma área onde é hoje o local chamado de JK.

Comentário linguístico:

O nome anterior que é São José da Lagoa é muito popular e de maior conhecimento na região próxima, até para o pesquisador. O hagiotopônimo tem sua primeira parte do sintagma toponímico empregado também no nome da igreja local. Ocorre que o topônimo atual (JK) também é menos conhecido. Existe na proximidade deste local já citado a localidade de São José das Pedras.

Contexto oral contemporâneo:

P.: E ao redor de Curvelo, o senhor conhece várias cidades... fala por exemplo onde o senhor já rodou trabalhando aqui?

E.: diamantina, pirapora, serro

P.: Sim.

E.: Isso... e Corinto, Felixlândia... terra do padre felix

P.: Certo

E.: E o... e também nesses dis... nesses municípios coisa pequena dentro do município aqui também: é Angueretá é... **São José da Lagoa**, eu conheço essa região toda.”

(Cf. Anexo CLGRS9M77 – Entrevista (nº9) – p. 115, L51-58)

125. Topônimo: São José de Buriti ~ São José dos Buritis ~São José do Buriti

Município: Felixlândia

Taxionomia: hagiotopônimo e fitotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm = adj.+ s.prop.m. + prep. + A..m.sing.+ s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Podemos checar a presença do topônimo acima em Costa (1997, p. 415): “SÃO JOSÉ DO BURITI – Dist. do mun. de Felixlândia por lei nº 1.039 de 12-XII-1953, terr. desmembr. do dist. da sede”.

Comentário linguístico:

A localidade de São José do Buriti não faz parte de nossa área pesquisada, mas entrou na lista de topônimos falados por algum entrevistado. Situa-se às margens da Represa Três Marias, sendo um povoado com a capela de São José e muito frequentada por ecoturistas e sitiantes.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Como é seu nome completo por favor?”

E.: Antonio alves ferreira

P.: O senhor nasceu em Inimutaba?

E.: Não nasci em **São José dos Buriti** é perto de Felizlândia”.

(Cf. Anexo ITAAF21M83 – Entrevista (nº21) – p. 291, L. 5-8)

126. Topônimo: Saquinho ~ Saquim

Município: Inimutaba

Taxionomia: geomorfotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Nm= s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

O topônimo Saquinho mostra a recorrência do nome *Saco* enquanto descrição de parte do relevo, desta vez como diminutivo. A base da palavra está em outros hidrotopônimos como Saco das Pedras (Cordisburgo). Inclusive existem na MRCM outros topônimos que utilizam o mesmo recurso semântico antigo para designar predicativamente esse encontro de montanha com um córrego em várzeas.

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Gentil de Matos... Corgo do Retiro... Araçá... Landim... que é na beira do Rio das Velha

P.: Hum hum

E.: Agora

P.: Tem um pra cá também

E.: Tem [...]

P.: Ok

E.: Eu to in'o pra lá até... Açudes que é grande

P.: Sim ok

E.: Bem grande... Porte'ras

P.: Sim

E.: Desce pra cá que nós falamos **Saquinho** mais fala é ponte de Santo Antônio

P.: Tá

E.: Pra nós é saquinhe'ro...mais num é... **Saquim**".

(Cf. Anexo ITAARF22M70 – Entrevista (nº22) – p. 309, L. 97-110)

127. Topônimo: Sarandi

Município: Cordisburgo

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: campo/vegetação/área rural

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm= s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 1273) encontramos a seguinte anotação: “Sarandi. [Do tupi sarã' dib, “longarina sobre a qual deslizam madeiras’] 1. *Bras.* Arbusto da família das euforbiáceas (*Phyllanthus sellowianus*) que atinge até 2,5 m, de folhas oblongo-lineares, flores pequenas, unissexuais, organizadas em longos racemos, e frutos que são cápsulas mínimas e globosas, *sarã*. [...] *Bras.*, S. Terra estéril; maninha.”

Comentário linguístico:

No fitotopônimo Sarandi sua motivação prende-se à vegetação e outros aspectos da natureza sendo a designação expressiva com apenas um substantivo no singular.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “E a cidade como era no seu tempo de menino aqui... tinha luz asfalto como que era

E.: Não... asfalto num tinha... não

P.: E tinha luz

E.: É cascalho né... terra [...]

P.: Hum hum certo

E.: E a luz tinha...a luz aqui tinha... a gente chamava aqui inclusive [...] motor a luz vinha...

tinha uma usina aqui no **Sarandi**".

(Cf. Anexo CBJVFS8M72– Entrevista (nº8) – p. 101, L74-80.)

128. Topônimo: Serra do Cabral

Município: Augusto de Lima

Taxionomia: geomorfotopônimo e antropotopônimo

Acidente: físico/montanha

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: Ncf = s.f.sing. + prep. A.f.sing. + s.m.col.

Histórico: n/e

Comentário linguístico:

Por este topônimo entende-se uma cadeia de montanhas muito significativa na região de Augusto de Lima adiante, algo que prolonga na direção do Norte do território mineiro. Não foi encontrada nenhuma referência à nomeação dessa localidade na historiografia da região, porém sabemos que ali havia criação de gado bovino e caprino como fonte de leite naquele município. Ainda hoje é uma área de muita riqueza de fauna e flora ou pastagens. Embora não seja tarefa fácil a de definir a causa motivadora do topônimo Serra do Cabral, os entrevistados e moradores o empregam sem preocupação com sua origem histórica. Optamos pela Taxionomia que enfoca aspectos da natureza física da localidade que é geomorfotopônimo, ao lado de outra de natureza antropocultural: antropotopônimo.

Informação bibliográfica:

Em Mansur Guérios (1973, p. 100) encontramos duas explicações possíveis para a motivação do topônimo Cabral, uma relativa ao nome sobrenome de alguém, outra relacionada ao trabalho criatório de cabras: “Cabral- ‘sobr. port. top.: lugar onde há ou pastam cabras’. ‘Cabral, Ossal, Cerveira, revelam a existência de cabras bravas, ursos, e veados em épocas antigas em locais onde haja estas espécies já não habitam”. Na mesma direção de análise de causa motivacional está a abordagem de Dick (1999, p. 124-125), ao falar de “perda de sentido aparente” na passagem do vocábulo de “uso comum” para o “uso onomástico” derivado de formas primitivas: *cabra/cabral/Cabral* [...]”. Na consulta a DADOS DO MUNICÍPIO: AUGUSTO DE LIMA (2006, p. 110-111) podemos encontrar a descrição da *Serra do Cabral* quanto ao seu solo, seus campos rupestres e sua vegetação de cerrado ao lado de questões ambientais da seguinte forma: “Com o objetivo de dar sustentabilidade ao desenvolvimento turístico, foi apreciado pelo IEF – Instituto Estadual de Florestas, projeto sobre a APA – Área de Proteção Ambiental da Serra do Cabral, no município de Augusto de Lima, com 30.052,6597 ha e um perímetro de 95.446, a fim de preservar, manejar e conservar

todos os recursos naturais que ali se encontram [...]”.

Contexto oral contemporâneo:

E: “Nunca nunca eu espiculei sobre essas... sobre o Cabral

P: Hum

E: Mas me parece que ela levou... levou o sobrenome do Cabral mesmo viu

P: Sei hum

E: Então ficou mais ninguém sabe assim uma informação certa de que ela veio com nome de Cabral mas naquela época [...]”.

(Cf. Anexo ALOCR3M75 – Entrevista (nº3) – p. 28, L.121-126)

129. Topônimo: Suçarana ~ Suçuarana

Município: Cordisburgo

Taxionomia: zootopônimo

Acidente: humano/fazenda/comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Ressalta-se que o topônimo Suçuarana para fazenda tanto aparece no mapa IGA-Município de Corinto (1984) tanto na região Oeste (Três Marias) quanto no setor Leste, nas proximidades de Santo Hipólito. Entretanto, existe o Córrego Sussuarana nessa última área citada, mas a fala do entrevistado não esclarece adequadamente. Essa polissemia está indicando uma localidade rural ao lado de atividades humanas como formação de um povoado ou revelando aspectos físicos da natureza como um córrego por exemplo. Essa variante gráfica com *ss* não está registrada em Ferreira (1975), onde encontramos outra forma: “Suçuarana. [Do tupi *susua’rana*, semelhante ao veado (na cor do pêlo). S.f. [Bras. Mamífero carnívoro, da família dos felídeos (*Felis* (Puma) *Concolor* L.), comum em toda a América em tempos coloniais. A coloração é amarelo-avermelhada queimada, mais escura no dorso, amarela clara na parte ventral” [...]. (FERREIRA, 1975, p. 1333)

Comentário linguístico:

No trecho abaixo, podemos observar que o topônimo Suçuarana é recorrente até mesmo no município de Cordisburgo, na sua área rural. Quanto aos modos de fala, há uma oscilação entre *Suçarana* e *Suçuaranano* entrevistado e nos moradores da região.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Como memória do dia 26 de março de 2010... onde o senhor nasceu por favor?”

E.: Ó eu... eu nasci e... não foi em Cordisburgo

P.: Certo

E.: Nasci foi no... no... interiô de lá... lá na zona rural lá [...] de Cordisburgo

P.: Qual o nome?

E.: **Suçarana** tá? Chamava **Suçarana**”.

(Cf. Anexo CBJN7M77– Entrevista (nº7) – p. 78, L. 8-13)

130. Topônimo: Tamboril

Município: Curvelo

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: humano/ propriedade rural/ parada de trem

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nm = s.m.sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 1351) encontramos a informação de uma base provável (*tambó*) que seria marca da origem do topônimo: “**Tamboril**. [Var. de tamburi (q. v.), por infl. de *tamboril*. S. m. Bras. Amaz. Árvore da família das leguminosas (*Enterolobium maximum*), da mata úmida, de tronco e copa muito amplos, folhas de alça intestinal e contém polpa branca e adocicada, de tronco e copa muito amplos, folhas penadas, flores pequeninas [...]. **Tamburi**. [Do tupi *ta mbo rî*, tronco que exsuda humores].”

Comentário linguístico:

Consideramos que seja essa a motivação provável para o topônimo, mas o entrevistado e as informações encontradas não o confirmam. A localidade de Tamboril funcionou como parada de trem de passageiros, hoje tem fazenda com o mesmo nome, conforme o mapa IGA-Município de Curvelo, 1984.

Contexto oral contemporâneo:

E: “ No **Tamboril**... por alí

P: Sei... É pra lá de Curvelo?

E: É p’a lá de Curvelo”

(Cf. Anexo CLPFA12M92 – Entrevista (nº12) – p. 157, L. 396-395)

131. Topônimo: Tapera

Município: Felixlândia

Taxionomia: ecotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf = s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Segundo Cunha (1978, p. 279), a origem indígena do topônimo acima parece segura: (tapera. S. f. Var. : tapera [< T. tá pera [...]).

Comentário linguístico:

Esse topônimo refere-se a uma localidade rural, bastante afastada de rodovias, onde há estradas vicinais para acesso a fazendas, na proximidade de Morro da Garça e Felixlândia. Essa é uma área extensa onde supostamente passavam tropeiros do passado e mais recentemente passavam boiadeiros com suas boiadas para atingir a passagem do Rio Bicudo e outros pontos de venda do gado.

Contexto oral contemporâneo:

“E.: Descia aí passava aqui... saía ali... atravessava ia lá pra dentro...ia até nas **Tapera**”.

(Cf. Anexo FXAVC18M70 – Entrevista (nº18) – p. 250, L. 245)

132. Topônimo: Taquara

Município: Corinto

Taxionomia: fitotopônimo

Acidente: físico/campo ou comunidade rural

Origem: Língua Portuguesa < indígena (Tupi)

Estrutura morfológica: Nf= s.f. sing.

Histórico: n/e

Informação bibliográfica:

Podemos verificar em Cunha (1978, p. 279) a indicação da origem tupi do topônimo acima: “taquara s.f. Var. tacoara [...] [< T.)[...]]. Planta da família das gramíneas, taboca, bambu”.

Comentário linguístico:

Na informação dada por Cunha (1978), supracitada, os leitores poderiam ter a impressão de que taquara, taboca e bambu sejam sinônimos perfeitos, mas não é verdade porque taboca é um vegetal com características diferenciadas de bambu na região pesquisada (MRCM).

Contexto oral contemporâneo:

E.: “Minha mãe nasceu em **Taquara** meu pai em Portugal

P.: Certo

E.: Vila Gabriela do Valdivéz

P.: Sim eles vieram pra cá o senhor era criança ainda

E.: Não eu sô filho de Corinto onde eu estou agora é onde foi enterrado nossos embigos dos filhos nascemos lá a casa lá em cima cês viram aquela”.

(Cf. Anexo CTMLS16M79 – Entrevista (nº16) – p. 220, L. 9-14.)

133. Topônimo: Tomás Gonzaga

Município: Curvelo

Taxionomia: historiotopônimo

Acidente: humano/distrito da cidade de Curvelo

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCm.= s.m.sing. (prenome) + s.m.sing.2g. (apelido de família ou sobrenome).

Histórico: Tomás Gonzaga < Silva Jardim < Nossa Senhora do Livramento do Papagaio < Julgado do Papagaio < Papagaio

Informação bibliográfica:

Nos comenários sobre os aspectos jurídicos dos topônimos mineiros Costa (1997, p. 451) diz o seguinte: “TOMÁS GONZAGA - Top. hom. A Tomás Gonzaga, um dos vultos da Inconfidência Mineira. Distr. de Papagaio, mun. de Curvelo, mencionado como componente da paróq. do Morro da Garça, pela lei que a criou, nº 1272 de 2-I-1876. Foi para ali transf. a sede da mesma paróq. por lei nº 1635 de 15-IX-1870. Paróq. de N. S. do Livramento do Papagaio por lei nº 2.905 de 23-IX-1882. Toma o nome de Siva Jardim por lei 513 de 11-X-1909. Nome at. por dec.-lei nº 1058 de 31-XII-1943”. Podemos checar a significação mais adequada oitocentista do verbete *jugado* em Morais (1813): “Povoação sem pelourinho, nem privilégio de Vila, posto que tenha juiz e justiça própria”. Outros dados mais esclarecedores sobre a localidade (ainda com o nome de *Julgado* encontramos em Diniz (1978, v. 1, p. 60) ao afirmar que: “Foi o Julgado do Papagaio o primeiro formado na Capitania de Minas Gerais, sendo segundo o de São Romão, com a nomeação de juiz pedâneo. Seu estabelecimento deu-se no fim de maio ou princípio de junho 1721, uma vez que o Ouvidor Valdez já se encontrava em Vila Rica no dia 20 de junho, data de sua carta ao conde de Assumar. De Sabará ao Papagaio gastavam-se cinco a dez jornadas. No Papagaio ficou juiz o Mestre de Campo Frutuoso Nunes do Rego, que com o seu compadre, o Sargento-Mor Simão da Silva Barbosa, servia de baluarte do Conde de Assumar contra Nunes Viana e Padre Corvelo[...]”.

Comentário linguístico:

Por volta de 1721, a localidade era mais conhecida como Julgado do Papagaio devido a sua força jurídica para dirimir questões de posse de terras, motins e divisa com a antiga Capitania de Porto Seguro, região das posses do padre baiano Antônio Ávila de Corvello e da qual fez parte a cidade atual de Curvelo. Ali havia colonos de muitas regiões disputando terras e poder. O visitante ainda pode ver ao lado da igreja principal dessa localidade, bem no caminho de fazendas antigas, a Leste, uma capela, já reformada com a inscrição do ano de 1732. Essa data fornece-nos o indício de que ali havia ocupação social e religiosa e o povoamento do local já acontecia; é isso que nos mostra a presença da comarca naquele lugar e também a concessão de carta de sesmaria a Antônio Francisco da Silva (1919), tomando como referência o sítio Papagaio e seus limites. Papagaio funcionou como centro administrativo da região central mineira por muitas décadas era o julgado do Papagaio do século XVIII. Todavia, foi perdendo seu papel de destaque institucional, sobretudo após contestação e motim contra imposições administrativas no local ainda no século XVIII, bem antes da Inconfidência Mineira. O fato é que o topônimo Papagaio foi sumindo do mapa e passou oficialmente a se chamar Nossa Senhora do Livramento do Papagaio, depois em homenagem a um jornalista carioca passou a ser Silva Jardim (1909) e, posteriormente, por lei estadual, em alusão ao inconfidente mineiro (1943) passou a Tomaz Gonzaga (COSTA, 1997). Vemos aí a força da transformação sócio-política influenciando na consolidação do topônimo, isto é, a mutabilidade toponímica ocorreu como um rompimento com a informação cartográfica. Nesse caso, o topônimo muda sua natureza de zootopônimo para hagiopônimo e depois antropônimo, duas vezes, segundo a metodologia de Dick (1990, 2006). Isso revela-nos que a motivação semântica do topônimo foi sendo substituída. Conseqüentemente, a toponímia registra essas influências das vicissitudes do contexto sociopolítico e cultural. Convém lembrar que havia certa confusão entre Papagaios, localidade do Oeste de Minas, ainda existente, e o antigo julgado do Papagaio, berço jurídico, da região central mineira.

Contexto oral contemporâneo:

E: “E nós tinha correio... ‘tava vin’o carta de silva jardim do rio pra’qui e [...] de Silva Jardim in’o daqui p’ra lá

P: Ok hum... hum

E: Então tirar’o o nome de Siva Jardim e puser’o **Tomás Gonzaga**”.

(Cf. Anexo CLJE10M70 – Entrevista (nº10) – p. 123, L. 45-49)

134. Topônimo: Vila de Fátima

Município: Morro da Garça

Taxionomia: poliotopônimo e hagiopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua portuguesa

Estrutura morfológica: NCf = s.f.sing.+ prep. +s.f.sing.

Histórico: Fátima<Vila de Fátima<Sangradouro

Informação bibliográfica: n/e

Para Leite (1966, p. 76), tal topônimo “Sangradouro é uma alusão à lagoa que sangra copiosa em tempo de chuva”.

Comentário linguístico:

Os moradores contam que essa localidade teve o nome Sangradouro foi substituído por ocasião da passagem ali de um padre que considerou o significado pejorativo e o batizou com o hagiopônimo Vila de Nossa Senhora de Fátima que algumas pessoas citam como Vila de Fátima. Não sabemos ao certo se o antigo nome teria mesmo valor negativo ou seria uma referência ao movimento de divisão de águas dos córregos da proximidade.

Contexto oral contemporâneo:

E.: Tem o povoado também mas hoje também já tá pouca gente a **Vila de Fátima**

P.: Sim

E.: Que foi o Padre Renato que pôs o nome de Vila de Fátima lá chamava Sangrado.”

(Cf. Anexo MRANS25M76 – Entrevista (nº25) p. 378, L. 402-404)

135. Topônimo: Vila Maciel

Município: Corinto

Taxionomia: poliotopônimo antropônimo

Acidente: humano/bairro

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf=s.f.sing. + s.m.prop.sing.(segundo prenome)

Histórico:Vila Maciel < Curralinho

Informação bibliográfica: n/e

Comentário linguístico:

A Vila Maciel é hoje um bairro dos mais simples de Corinto, que é também conhecido como Curralinho Velho, pois é uma parte dessa vila que está localizada onde no passado ficava o Curralinho.

Contexto oral contemporâneo:

P.: “Han... han de local mas a palavra Curralinho tem a ver com área agropecuária... curral...”

alguma coisa a ver?

E.: É porque... havia um curral lá... antigamente é... a... as tropas quando tangia tangia boi

P.: Certo

E.: Lá tinha um curral

P.: Han... han

E.: Então puse'ro o nome de Currquinho... ô... hoje é vila

P.: Ah certo

E.: Vila comum [...]

P.: Não tem nada

E.: E hoje a **Vila Maciel** que é o Currquinho”.

(Cf. Anexo CTJIG14M73 – Entrevista (nº14) – p. 181-182, L. 185-195)

136. Topônimo: Vista Alegre

Município: Morro da Garça

Taxionomia: geomorfotopônimo e animotopônimo

Acidente: humano/povoado

Origem: Língua Portuguesa

Estrutura morfológica: NCf.= s.f. sing. + adj.2g.sing.

Histórico: Vista Alegre < Arrepiado < Ripiado

Informação bibliográfica:

Em Ferreira (1975, p. 1466) temos algumas informações complementares para a significação da palavra em questão: “Vista. [Fem. substantivado do adj. *visto*]. S.f. 1. Ato de vou efeito de ver. Sentido da visão. 3. Órgão visual; os olhos. 4. Aquilo que se vê. 5. Panorama[...]”.

Comentário linguístico:

Tal povoado tem poucas unidades de moradias e nas palavras dos informantes havia ali, em tempos antigos, certo tipo de índios de cabelos bem erguidos que deixaram poucos descendentes espalhados na região e suas terras foram sendo ocupadas por sitiantes e fazendeiros. Parece haver sinais de que eram tais índios dali da tribo dos antigos goianases, mas não há registros sólidos, além de cacos de cerâmica e pequenos utensílios recolhidos, mas insuficientes para definir sua etnia. Na fala dos moradores é mais comum encontrarmos a designação afetuosa de *Ripiado* do que *Vista Alegre* ou de *São José da Vista Alegre*. Podemos encontrar na fala do pessoal de Morro da Garça frase do seguinte tipo: *Fulanomora lá no Ripiado*. O primeiro é o nome mais antigo e o segundo é mais recente a partir do momento (por volta de 1979) em que um padre sugeriu a troca do nome antigo, para esquecer casos de

violência e mortes ocorridas naquela pequena aldeia.

Contexto oral contemporâneo:

“P.: Foi mais ou menos em que ano que esse padre Renato veio mudar o nome daqui?

E.: Oh... o ano que ele mudou... A igreja eu sei que foi 1979, a igreja lá é... ele continuou antes da igreja. Fez prime’ro uma barraquinha, celebrava a missa na barraquinha, num cômodo lá depois juntou nós... todo da região do **Arripiado**, conseguimos fazê a igreja... a igreja foi feita em 79, foi feita a igreja.”

(Cf. Anexo MRIMM27M71 – Entrevista (nº27) – p. 401, L. 10-13)

Assim sendo, neste capítulo, apresentamos um *corpus* com o propósito de analisar os 136 topônimos coletados em entrevistas orais espontâneas. Na soma do total, identificamos 681 ocorrências. Por outro lado, na soma da geralde todos os topônimos coletados, contando na fala de cada um dos entrevistados, obtivemos o total de 757 ocorrências. Para efeito de amostragem simples, elaboramos, a seguir, um levantamento de doze topônimos que mais ocorrem. Pode-se notar que o número de ocorrência por entrevistado supera aquela da listagem geral de topônimos, uma vez que alguns topônimos são repetidos muitas vezes por vários informantes e alguns topônimos apresentam alta ocorrência. Os mais frequentes foram: Curvelo (163 vezes), Corinto (101), Cordisburgo (39), Inimutaba (34), Gustavo da Silveira (19), Morro da Garça (18), Felixlândia (11), Ribeirão Santo Antônio (10), Augusto de Lima (8), Ponte da Quininha (7), Picão (7), Queimados (7). Esse levantamento prévio exclui a princípio aqueles topônimos cuja ocorrência atingiu de uma até seis vezes.

Diante dos 136 topônimos, usaremos a classificação de Taxionomia simples e Taxionomia composta para nossos dados, sendo que nos topônimos de Taxionomia composta destacaremos o modificador (determinante) nos nomes de lugares e suas respectivas bases lexicais produtivas. O modificador interage com o termo determinado e equivale ao que a bibliografia disponível trata como determinante do elemento nuclear. Ressaltamos que o conceito de base lexical adotado nesta pesquisa foi adaptado a partir da seguinte definição empregada por Dick (1999, p. 137-138):

Trata-se, na espécie, de um processo criador de nome, pelo qual vocábulos comuns ou termos definidores de um objeto geográficopassam a constituir o nome próprio ou o termo específico desse objeto. É modalidade generalizada na toponímia universal, por exemplo: cachoeira/Cachoeira (AH AC CE AM BA GO...).

Destacamos ainda que a autora (*opus cit.*, p. 139) denomina as bases e os topônimos como determinado e determinante e considera a estrutura simples e composta dos nomes de lugares da forma seguinte:

O termo lagoa, na realidade brasileira, é uma das formações hidrotponímicas mais assíduas na nomenclatura, seja em sintagma simples (Lagoa) ou adjetiva (sintagma composto) (Lagoa Azul, Lagoa Bonita, Branca, clara, etc.), com conectivo (Lagoa da Prata, de Cima, de São Gonçalo, do Gouveia, do Cisco, do Mato, do Morro...) em derivados (Lagoão, Lagoado, Lagoinha, Laguna) ou em uso plural (Lagoas, Lagoinhas).

No próximo capítulo trabalharemos com a análise e discussão dos dados, verificando a relação entre os topônimos selecionados a fim de responder, com base no que for revelado pelos dados, à nossa hipótese, além de cumprir os objetivos delineados. Orientar-nos-emos também pelo arcabouço histórico, teórico-meotodológico.

5 ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS DADOS

No capítulo 4, o *corpus* constituído de 136 dados retirados das 28 entrevistas gravadas foi sistematizado em fichas e analisado, conforme a metodologia proposta por Dick (1980, 1990a, 2004) e Seabra (2004), com algumas adaptações que se fizeram necessárias. Os topônimos foram classificados de acordo com a Taxionomia adotada e subdivididos em duas categorias: simples e composta. Consideramos como simples as Taxionomia que utiliza apenas uma palavra para classificar os topônimos, o que equivale dizer uma estrutura nominal simples, ou seja, temos um núcleo simples, como, por exemplo, *Angicos*, *Corinto* e *Currais*. Ressaltamos que os nomes de pessoas célebres foram classificados como uma Taxionomia simples, por exemplo, *Augusto de Lima*. São compostas as Taxionomias que utilizam um adjetivo (*Lagoa Assombrada*), um termo preposicionado (*Lagoa do Peixe*), ou mais de um termo (*Córrego Canivete dos Brancos*) na função de modificador com uma palavra expressiva ou uma estrutura gramatical complexa significativa para nomear os acidentes físicos ou de natureza antropocultural.

Passemos à apresentação e análise dos topônimos classificados observando a natureza física (NF) e antropocultural (NA), primeiramente das *Taxionomias Simples* e, depois, das *Taxionomias Compostas*.

5.1 Natureza dos topônimos de Taxionomia simples

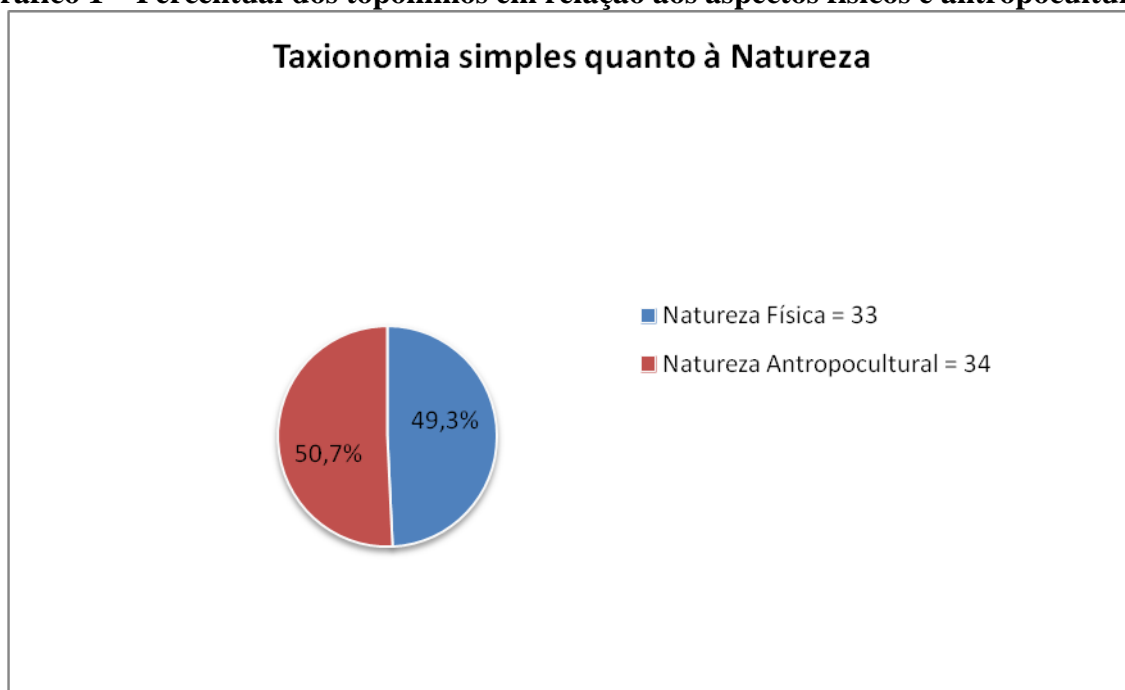
Quadro 3: Taxionomias simples

	<i>Topônimos</i>	<i>Taxionomias Simples</i>	<i>Natureza</i>
1.	Angicos	Fitotopônimo	NF
2.	Angueretá	Hierotopônimo	NA
3.	Aporá	Dimensiotopônimo	NF
4.	Augusto de Lima	Historiotopônimo	NA
5.	Araçaí	Fitotopônimo	NF
6.	Bananal	Fitotopônimo	NF
7.	Bicudo	Antropotopônimo	NA
8.	Buenópolis	Antropotopônimo	NA

9.	Cafundó	Animotopônimo	NA
10.	Caldeira	Antropotopônimo	NA
11.	Cambaú	Cromotopônimo	NF
12.	Canabrava	Antropotopônimo	NA
13.	Cavalinho	Zootopônimo	NF
14.	Cedro	Fitotopônimo	NF
15.	Cerradão	Fitotopônimo	NF
16.	Contagem	Sociotopônimo	NA
17.	Contra	Antropotopônimo	NA
18.	Cordisburgo	Hierotopônimo	NA
19.	Corinto	Corotopônimo	NA
20.	Cuba	Sociotopônimo	NA
21.	Curiango	Zootopônimo	NF
22.	Curimataí	Hidrotopônimo	NF
23.	Curvelo	Antropotopônimo	NA
24.	Currais	Ergotopônimo	NA
25.	Diamante	Litotopônimo	NF
26.	Divisa	Sociotopônimo	NA
27.	Estiva	Hodotopônimo	NA
28.	Extrema I (córrego)	Dimensiotopônimo	NF
29.	Extrema II (terreno)	Dimensiotopônimo	NF
30.	Faneco	Geomorfotopônimo	NF
31.	Felixlândia	Antropotopônimo	NA
32.	Genipapo	Fitotopônimo	NF
33.	Gentil de Matos	Antropotopônimo	NA
34.	Gerais	Fitotopônimo	NF
35.	Gouveia	Antropotopônimo	NA
36.	Guariba	Zootopônimo	NF
37.	Gustavo da Silveira	Historiotopônimo	NA
38.	Inimutaba	Sociotopônimo	NA
39.	Jabuticaba	Fitotopônimo	NF
40.	Lajes	Litotopônimo	NF
41.	Lagoinha	Hidrotopônimo	NF

42.	Limeira	Fitotopônimo	NF
43.	Mangal	Fitotopônimo	NF
44.	Maquiné	Antropotopônimo	NA
45.	Marísia	Antropotopônimo	NA
46.	Mascarenhas	Antropotopônimo	NA
47.	Mocambo	Sociotopônimo	NA
48.	Osório de Almeida	Historiotopônimo	NA
49.	Paraopeba	Hidrotopônimo	NF
50.	Paraúna	Hidrotopônimo	NF
51.	Periquito	Zootopônimo	NF
52.	Piranhas	Zootopônimo	NF
53.	Pompéia	Poliotopônimo	NA
54.	Porteiras	Ergotopônimo	NA
55.	Presidente Juscelino	Historiotopônimo	NA
56.	Primavera	Meteorotopônimo	NF
57.	Queimados	Sociotopônimo	NA
58.	Quintino Vargas	Historiotopônimo	NA
59.	Retiro	Sociotopônimo	NA
60.	Salto	Hidrotopônimo	NF
61.	Saquinho	Geomorfotopônimo	NF
62.	Sarandi	Fitotopônimo	NF
63.	Suçuarana	Zootopônimo	NF
64.	Tamboril	Fitotopônimo	NF
65.	Tapera	Ecotopônimo	NA
66.	Taquara	Fitotopônimo	NF
67.	Tomás Gonzaga	Historiotopônimo	NA

Das 67 Taxionomias simples mostradas no quadro acima, 33 (49,3%) são de natureza física e o restante (50,7%) de natureza antropocultural. Diante do resultado, com pequena margem de diferença, ressaltamos que houve equilíbrio entre os elementos motivadores da nomeação dos acidentes geográficos tanto de natureza física quanto antropocultural. O gráfico, a seguir, deixa claro esse resultado.

Gráfico 1 – Percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais

5.1.1 Taxionomias simples: natureza física

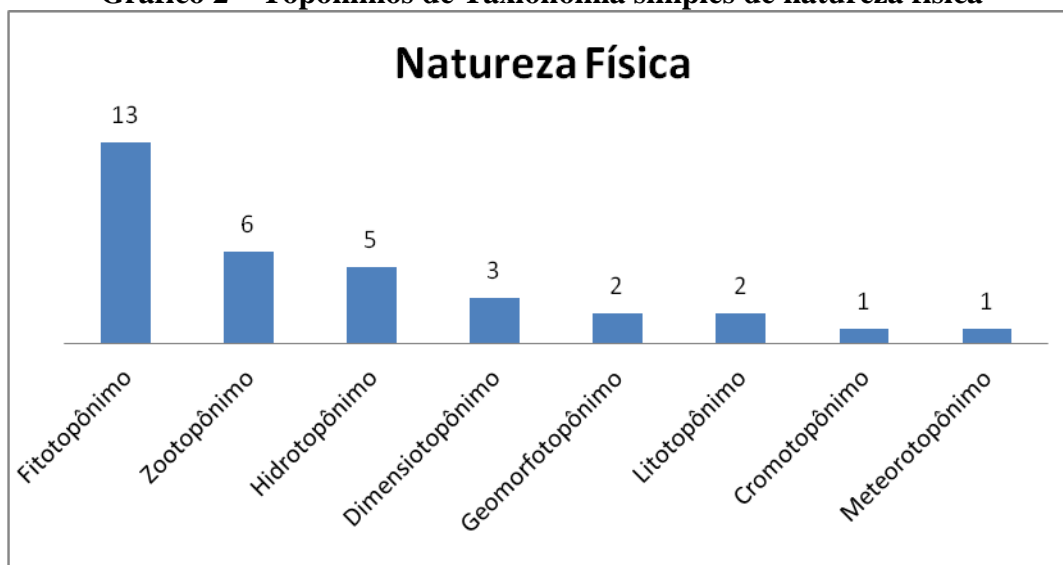
Seguindo a bibliografia básica disponível, com adaptações (cf. p. 71), empregamos dez itens classificatórios na ficha de cada nome de lugar, tais sejam: *topônimo*, *acidente*, *Taxionomia*, *município*, *origem*, *histórico*, *estrutura morfológica*, *informação bibliográfica*, *comentário linguístico e contexto oral contemporâneo*. Retomamos aqui um dos itens de nossa ficha de topônimos, que é a Taxionomia e, a seguir, repetiremos a classificação das Taxionomias de natureza física e antropocultural, para melhor visualização.

Conforme mencionado na seção 2.2 (p. 45-52), os topônimos de natureza física são: astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos. Quanto à natureza antropocultural, temos: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, dirrematotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, hierotopônimos, hagiopônimos, mitotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, poliotopônimos, numerotopônimos, sociotopônimos e somatotopônimos.

Em relação ao modelo de Taxionomias proposto por Dick (1990a), compreendendo vinte e sete taxes, algumas são inaplicáveis aos presentes dados. Desse modo, na categoria dos topônimos simples e na dos compostos de nossos dados não apareceram as seguintes Taxionomias: astrotopônimos, cardinotopônimos, morfotopônimos, mitotopônimos e numerotopônimos.

Os topônimos de natureza física coletados por nós são os que se referem a cursos de água, vegetais, rochas, pedras, animais ou elementos físicos da natureza. A seguir, apresentaremos a relação dos topônimos com as taxes relativas à natureza física bem como o gráfico representativo das ocorrências majoritárias.

- 1 FITOTOPÔNIMOS: 13 (treze casos)
Angicos, Araçaí, Bananal, Cedro, Cerradão, Gerais, Jenipapo, Jabuticaba, Limeira, Mangal, Sarandi, Tamboril, Taquara.
- 2 HIDROTOPÔNIMOS: 5 (cinco casos)
Curimataí, Lagoinha, Paraopeba, Paraúna, Salto.
- 3 ZOOTOPOÔNIMOS: 6 (seis casos)
Cavalinho, Curiango, Guariba, Periquito, Piranhas, Suçuarana.
- 4 GEOMORFOTOPÔNIMOS: 2 (dois casos)
Faneco, Saquinho.
- 5 METEOROTOPÔNIMO: 1 (um caso)
Primavera.
- 6 LITOTOPÔNIMO: 2 (dois casos).
Lajes e Diamante.
- 7 CROMOTOPÔNIMO: 1 (um caso).
Cambaú.
- 8 DIMENSIOTOPÔNIMO: 3 (três casos).
Aporá, Extrema I (córrego), Extrema II (terreno)

Gráfico 2 – Topônimos de Taxionomia simples de natureza física

De acordo com o gráfico acima, dos 33 topônimos de *natureza física*, no conjunto de 67 de taxionomia simples, os fitotopônimos apresentaram frequência alta, destacando-se dos outros topônimos (13 – 19,4%); os hidrotopônimos (5 – 8,0%) e os zootopônimos (6 – 9,0%) apresentaram ocorrências iguais, seguidos pelos casos de geomorfotopônimos (2 – 4,5%). Os demais mostraram baixa frequência: demensiotopônimos (3 – 4,5%), litotopônimos (2 – 3,0%), meteorotopônimos (1 – 1,5%), cromotopônimos (1 – 1,5%). Com isso, na taxionomia simples, ressaltamos a predominância dos fitotopônimos na microrregião curvelana mineira.

5.1.2 Taxionomia simples: natureza antropocultural

Os topônimos de natureza antropocultural encaixam-se dentro de Taxionomias que refletem o desenvolvimento sociocultural e humano em seus aspectos históricos, na relevância individual de personagens importantes na região, dos aspectos religiosos, das crenças presentes em certas localidades etc. Esses nomes de lugares podem ainda constar de apelido de família, nome próprio ou sobrenomes que deixaram suas marcas nos topônimos. Os trinta e quatro topônimos (Taxionomia simples) de natureza antropocultural organizam-se em dez Taxionomias, apresentadas a seguir:

- 1 ANTROPOTOPÔNIMOS: 12 (doze casos)
Bicudo, Buenópolis, Caldeira, Canabrava, Contria, Curvelo, Felixlândia, Gentil de Matos, Gouveia, Maquiné, Mascarenhas, Marísia.
- 2 SOCIOTOPÔNIMOS: 6 (seis casos)

Divisa, Mocambo, Queimados, Retiro, Inimutaba, Contagem.

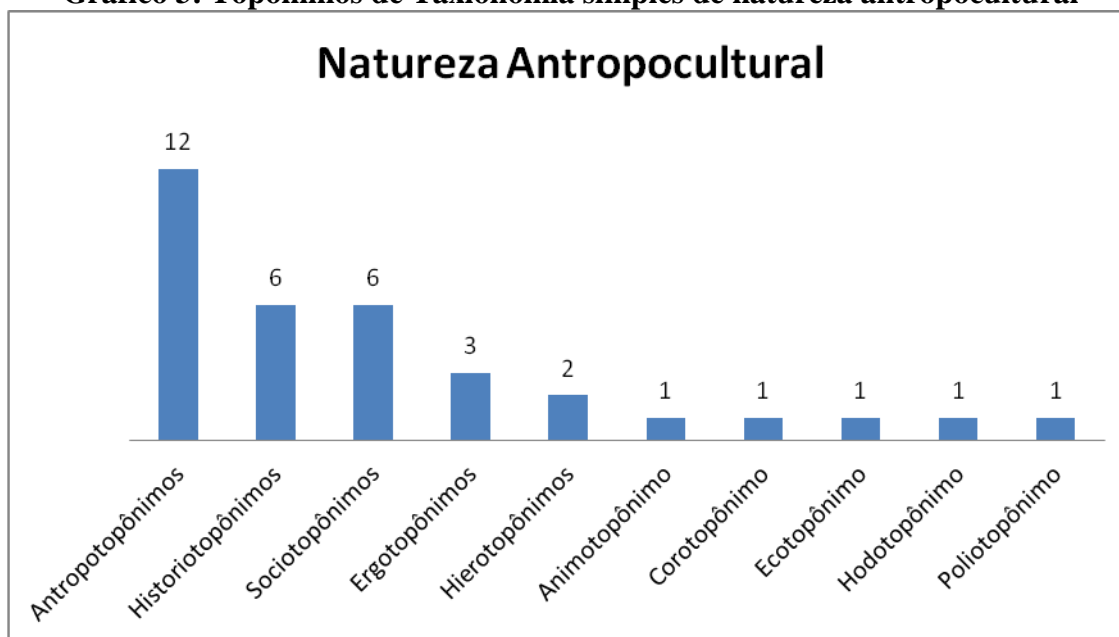
- 3 HISTORIOTOPÔNIMOS: 6 (seis casos)
Augusto de Lima, Gustavo da Silveira, Osório de Almeida, Presidente Juscelino, Quintino Vargas, Tomás Gonzaga.
- 4 HIEROTOPÔNIMOS: 2 (dois casos)
Angueretá e Cordisburgo.
- 5 HODOTOPÔNIMO: 1 (caso)
Estiva.
- 6 COROTOPÔNIMO: 1 (um caso)
Corinto.
- 7 ECOTOPÔNIMO: 1 (um caso).
Tapera.
- 8 POLIOTOPÔNIMO: 1 (um caso).
Pompéia.
- 9 ERGOTOPÔNIMOS: 3 (três casos)
Cuba, Currais, Porteiras.
- 10 ANIMOTOPÔNIMO: 1 (um caso)
Cafundó.

Observamos que dentre as 27 Taxionomias previstas pela bibliografia (cf. 2.2) não foram encontradas nos topônimos de Taxionomia simples os seguintes:

- a. Natureza física: astrotopônimo, cardinotopônimo e morfotopônimo.
- b. Natureza antropocultural: mitotopônimo, numerotopônimo, somatotopônimo, etnotopônimo, axiotopônimo e cronotopônimo.

A classificação e a quantificação dos topônimos de Taxionomia simples, de natureza física, apresentadas anteriormente podem estar relacionadas com os de natureza antropocultural (34) e podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Topônimos de Taxionomia simples de natureza antropocultural

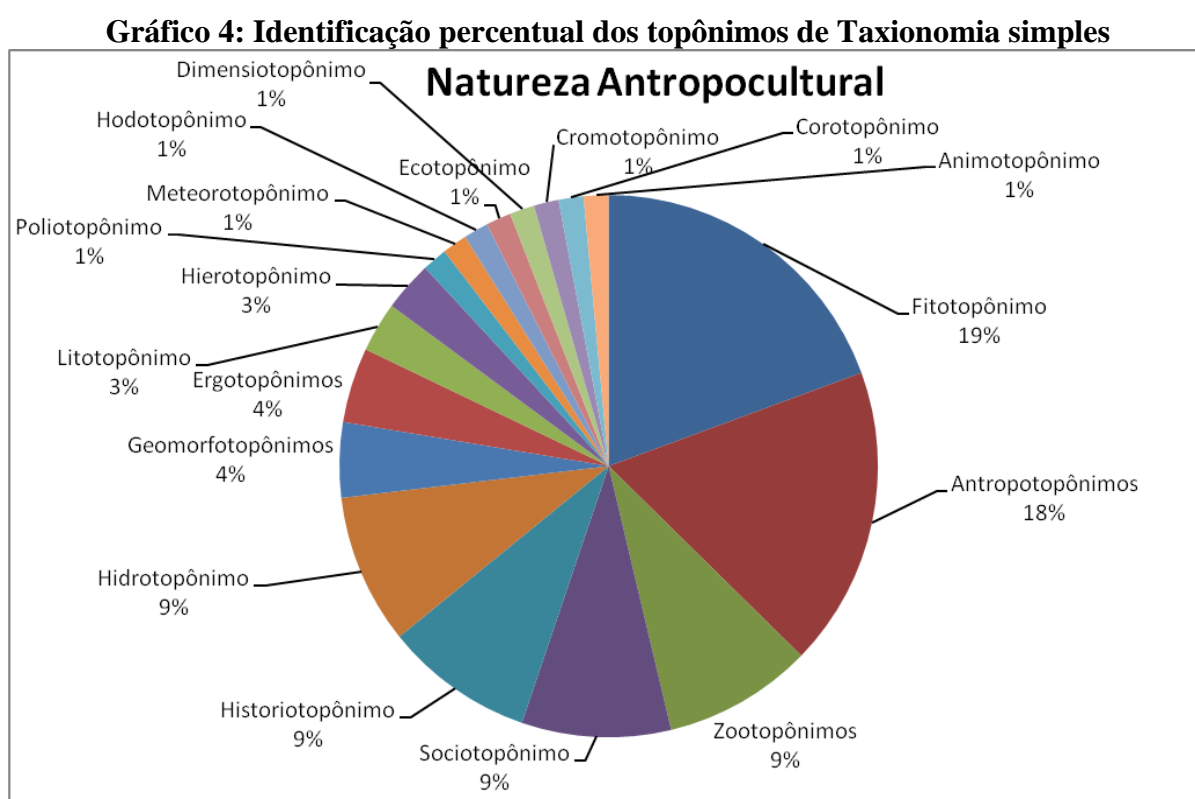


Constata-se que os nomes de lugares de natureza antropocultural mais encontrados são os antropotopônimos com doze ocorrências (17,9%), no conjunto de 67 de taxionomia simples. Em seguida vêm os historiotopônimos (6 – 8,9%); os sociotopônimos (6 – 8,9%); os ergotopônimos (3 – 4,5%); os hierotopônimos (2 – 3%) que apresentaram ocorrências próximas entre si, e relativamente baixas em relação aos demais; o restante dos topônimos mostrou baixíssima frequência, com apenas uma ocorrência, que equivale a 1,5% cada uma. Se relacionarmos os resultados mostrados pelos Gráficos 2 e 3, encontraremos uma vantagem pouco significativa para os fitotopônimos (19,4%), de natureza física, diante dos antropotopônimos (17,9%), que são de natureza antropocultural. Logo, percebe-se que a relação apresenta-se equilibrada. Isso assinala a favor de uma presença significativa de fitotopônimos e de antropotopônimos, ou seja, a região estudada contém nomes de lugares que reproduzem a importância dos elementos da flora, ao lado de elementos da cultura do homem no processo de nomeação. Na verdade, confirma-se que a natureza antropocultural está diluída em maior quantidade de Taxionomias (dez), diante daquelas de natureza física que são oito.

Por outro lado, a similaridade existente entre antropotopônimos e historiotopônimos poderia nos induzir a considerá-los em conjunto ($12+6=18$) e a dizer que a *natureza antropocultural* teria um destaque especial na análise de nossos dados de *Taxionomia simples*. Ou seja, dezoito (26,9%) ocorrências de natureza antropocultural (antropo+historio) diante de treze

ocorrências (19,4%) de natureza física, que são os fitotopônimos. Assim, a toponímia apresenta-se para nós, na MRCM, com alguns blocos de Taxionomia que correspondem a taxas majoritárias, quanto à natureza física, os fitotopônimos, os hidrotopônimos e zootopônimos; quanto à natureza antropocultural, os antropotopônimos, historiotopônimos e sociotopônimos. Outras taxas menores compõem a diversidade da classificação.

A seguir, apresentamos o Gráfico 4, que reúne as ocorrências de natureza física com as de natureza antropocultural, sendo todos os topônimos de *Taxionomia simples* (67).



Podemos inferir, observando os topônimos de Taxionomia simples, no Gráfico 4, que a natureza física dos topônimos está bem equilibrada com treze ocorrências de fitotopônimos (19%), ao lado de doze ocorrências de antropotopônimos (18%), quanto à natureza antropocultural. Considerando ser esta uma análise dos topônimos de Taxionomia simples, apenas no conjunto de sessenta e sete, esse resultado expressa um equilíbrio entre a natureza física e antropocultural, como havíamos dito anteriormente (p.195).

5.2 Natureza dos topônimos de Taxionomia composta

Conforme já mencionado neste capítulo, tratamos os topônimos de estrutura gramatical longa ou de recurso morfossemântico mais complexo como sendo de Taxionomia composta, ou seja, a denominação equivale a uma estrutura nominal composta. Essa classe apresenta em sua constituição um nome seguido de um modificador complexo, formado de um nome mais um adjetivo ou um substantivo com um termo preposicionado ou não, para realçar os aspectos do topônimo. São nomes ou topônimos que apresentaram adjetivação cumulativa e expressiva. Com base nessa informação, organizaremos tais topônimos em duas categorias, a saber: (NF) natureza física (5.2.1) e (NA) natureza antropocultural (5.2.2). Apresentamos a seguir a lista dos sessenta e nove topônimos de Taxionomia composta, a partir da qual procederemos à análise da natureza do acidente.

Quadro 4: Taxionomia composta: natureza física e natureza antropocultural

	<i>Topônimos</i>	<i>Natureza</i>	<i>Taxionomias</i>
1.	Alto da Cruz	NF - NA	Geomorfotopônimo e hierotopônimo
2.	Alto dos Cupins	NF - NF	Geomorfotopônimo e zootopônimo
3.	Barra de Santo Antonio	NF - NA	Geomorfotopônimo e hagiotopônimo
4.	Barragem de Santo Antônio	NA - NA	Sociotopônimo e hagiotopônimo
5.	Bela Vista	NA - NF	Animotopônimo e geomorfotopônimo
6.	Cachoeira do Paraúna	NF - NF	Hidrotopônimo e cromotopônimo
7.	Campo Alegre	NF - NA	Fitotopônimo e animotopônimo
8.	Canivete dos Brancos	NA - NA	Ergotopônimo e etnotopônimo
9.	Córrego Açude	NF - NA	Hidrotopônimo e sociotopônimo
10.	Córrego Água Limpa	NF - NA	Hidrotopônimo e animotopônimo
11.	Córrego Araçá	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
12.	Córrego Canivete dos Brancos	NF - NA	Hidrotopônimo e etnotopônimo
13.	Córrego Capivara	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
14.	Córrego da Fome	NF - NA	Hidrotopônimo e somatotopônimo
15.	Córrego da Jabuticaba	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
16.	Córrego da Limeira	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
17.	Córrego da Pindaíba	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
18.	Córrego da Porteirinha	NF - NA	Hidrotopônimo e sociotopônimo

19.	Córrego da Quininha	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
20.	Córrego da Várzea	NF - NF	Hidrotopônimo geomorfotopônimo
21.	Córrego do Amendoim	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
22.	Córrego do Bagre	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
23.	Córrego do Lava Pé	NF - NA	Hidrotopônimo e dirrematotopônimo
24.	Córrego do Palhares	NF - NA	Hidrotopônimo e antropotopônimo
25.	Córrego do Papagaio	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
26.	Córrego do Retiro	NF - NA	Hidrotopônimo e sociotopônimo
27.	Córrego Landim	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
28.	Córrego Mato Grosso	NF - NA	Hidrotopônimo e fitotopônimo
29.	Córrego Morredor	NF - NA	Hidrotopônimo e animotopônimo
30.	Córrego Pelame	NF - NA	Hidrotopônimo e sociotopônimo
31.	Córrego Picão	NF - NF	Hidrotopônimo e fitotopônimo
32.	Córrego Riacho Fundo	NF - NA	Hidrotopônimo e hidrotopônimo
33.	Córrego Saco das Pedras	NF - NA	Hidrotopônimo e geomorfotopônimo
34.	Córrego Venda Nova	NF - NA	Hidrotopônimo e sociotopônimo
35.	Fábrica da Cachoeira	NA - NF	Sociotopônimo e hidrotopônimo
36.	Fazenda da Cachoeira	NA - NF	Sociotopônimo e hidrotopônimo
37.	Fazenda Porteirinha	NA - NA	Sociotopônimo e sociotopônimo
38.	Fazenda Santo Antônio	NA - NA	Sociotopônimo e hagiopônimo
39.	Lagoa Assombrada	NF - NA	Hidrotopônimo e animotopônimo
40.	Lagoa Bonita	NF - NA	Hidrotopônimo e animotopônimo
41.	Lagoa da Casa Branca	NF - NA	Hidrotopônimo e cromotopônimo
42.	Lagoa de Benguela	NF - NA	Hidrotopônimo e etnotopônimo
43.	Lagoa do Cupim	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
44.	Lagoa do Pau Preto	NF - NF	Hidrotopônimo e cromotopônimo
45.	Lagoa do Peixe	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
46.	Laje de Cima	NF - NA	Litotopônimo e dirrematotopônimo
47.	Morro da Garça	NF - NF	Geomorfotopônimo e zootopônimo
48.	Morro do Boiadeiro	NF - NA	Geomorfotopônimo e axiotopônimo
49.	Ponte da Quininha	NA - NF	Hodotopônimo e fitotopônimo
50.	Ponte do Jacaré	NA - NF	Hodotopônimo e zootopônimo
51.	Retiro dos Coelhos	NA - NA	Sociotopônimo e antropotopônimo

52.	Ribeirão do Onça	NF - NF	Hidrotopônimo e zootopônimo
53.	Ribeirão Santo Antônio	NF - NA	Hidrotopônimo e hagiopônimo
54.	Rio das Velhas	NF - NA	Hidrotopônimo e cronotopônimo
55.	Rio Paraopeba	NF - NF	Hidrotopônimo e dimensiotopônimo
56.	Rio Pardo	NF - NA	Hidrotopônimo e cromotopônimo
57.	Rio São Francisco	NF - NA	Hidrotopônimo e hagiopônimo
58.	Roça do Brejo	NA - NF	Sociotopônimo e geomorfotopônimo
59.	Santa Bárbara	NA - NA	Hagiopônimo e antropotopônimo
60.	Santa Maria	NA - NA	Hagiopônimo e antropotopônimo
61.	Santo Antônio	NA - NA	Hagiopônimo e antropotopônimo
62.	Santo Hipólito	NA - NA	Hagiopônimo e antropotopônimo
63.	Santuário de São Geraldo	NA - NA	Hierotopônimo e hagiopônimo
64.	São José da Lagoa	NA - NF	Hagiopônimo e hidrotopônimo
65.	São José do Buriti	NA - NF	Hagiopônimo e fitotopônimo
66.	Serra do Cabral	NF - NA	Geomorfotopônimo e antropotopônimo
67.	Vila de Fátima	NA - NA	Poliotopônimo e hagiopônimo
68.	Vila Maciel	NA - NA	Poliotopônimo e antropotopônimo
69.	Vista Alegre	NF - NA	Geomorfotopônimo e animotopônimo

5.2.1 Taxionomia composta: natureza física

A questão de estudar os topônimos em sua estrutura composta também faz parte da pesquisa de Isquerdo e Seabra (2010, p. 91) no estudo do padrão toponímico dos hidrotopônimos da região do Bolsão Sul-mato-grossense ao afirmarem que “[...] a motivação dos hidrotopônimos de estrutura composta normalmente valoriza mais de uma característica do meio ambiente como foco denominativo”. Esse artigo coaduna com nossa tese na medida em que em hidrotopônimos, geomorfotopônimos, hodotopônimos, etc., encontramos itens lexicais que passaram por toponimização para nomear acidentes geográficos e também aspectos antropoculturais da microrregião curvelana mineira.

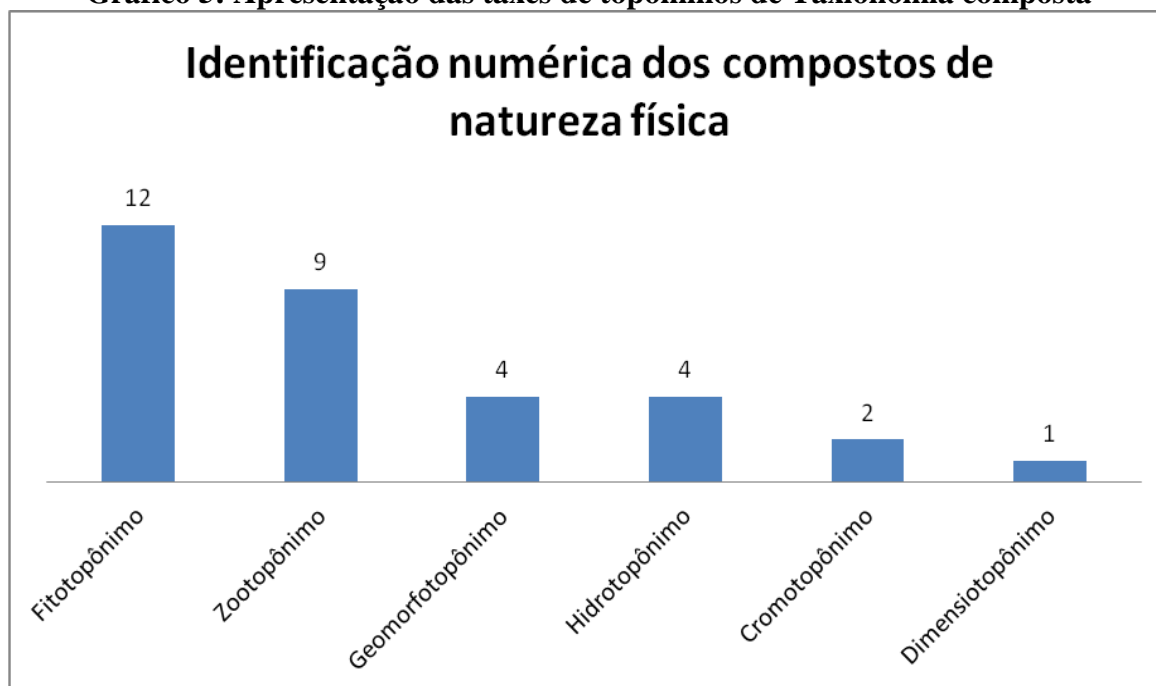
Quanto aos topônimos de natureza física, que serão tratados nesta seção, observaremos as Taxionomias compostas em relação aos aspectos gerais da natureza; considerando a *segunda*

parte do sintagma toponímico como o elemento que define a *taxe* à qual pertence o topônimo. Os resultados verificados revelaram o seguinte:

- a) **Zootopônimos (9):** Alto dos *Cupins*, Córrego do *Bagre*, Córrego *Capivara*, Córrego do *Papagaio*, Lagoa do *Cupim*, Lagoa do *Peixe*, Morro da *Garça*, Ponte do *Jacaré*, Ribeirão do *Onça*.
- b) **Cromotopônimos (2):** Cachoeira do *Paraúna*, Rio *Pardo*.
- c) **Fitotopônimo (12):** Córrego *Araçá*, Córrego da *Jabuticaba*, Córrego da *Limeira*, Córrego da *Pindaíba*, Córrego do *Amendoim*, Córrego da *Quininha*, Córrego *Landim*, Córrego *Mato Grosso*, Córrego *Picão*, Lagoa do *Pau Preto*, Ponte da *Quininha*, São José do *Buriti*.
- d) **Geomorfotopônimo (4):** Bela *Vista*, Córrego da *Várzea*, Córrego *Saco* das Pedras, Roça do *Brejo*.
- e) **Hidrotopônimo (4):** Córrego *Riacho Fundo*, Fábrica da *Cachoeira*, Fazenda da *Cachoeira* e São José da *Lagoa*.
- f) **Dimensiotopônimo (1):** Rio *Paraopeba*.

Como se pode ver, os resultados obtidos apontam seis tipos de Taxionomias compostas de natureza física que se realizam em trinta e dois topônimos. O Gráfico 5, a seguir, deixa clara a distribuição das *seis* *taxes* dos topônimos de natureza física do modificador.

Gráfico 5: Apresentação das taxas de topônimos de Taxionomia composta



O gráfico acima mostra que as taxas de maior incidência, no grupo de 69 nomes de taxionomia composta, foram as dos fitotopônimos (12 – 17,4%); seguidos dos zootopônimos (9 – 13%); depois as taxas de geomorfotopônimos (4 – 5,8%) e hidrotopônimos (4 - 5,8%), apresentaram ocorrências iguais; por último vêm os cromotopônimos (2 – 2,9%) e os dimensiotopônimos (1 – 1,4%).

5.2.2 Taxionomia composta: natureza antropocultural

Vamos aqui observar os topônimos de natureza antropocultural. Considerando que a natureza antropocultural se manifesta em elementos culturais do homem em seu meio social e na sua relação com o meio ambiente, os topônimos de Taxionomia composta são os seguintes, levando-se em consideração o *segundo e terceiro* elementos determinantes:

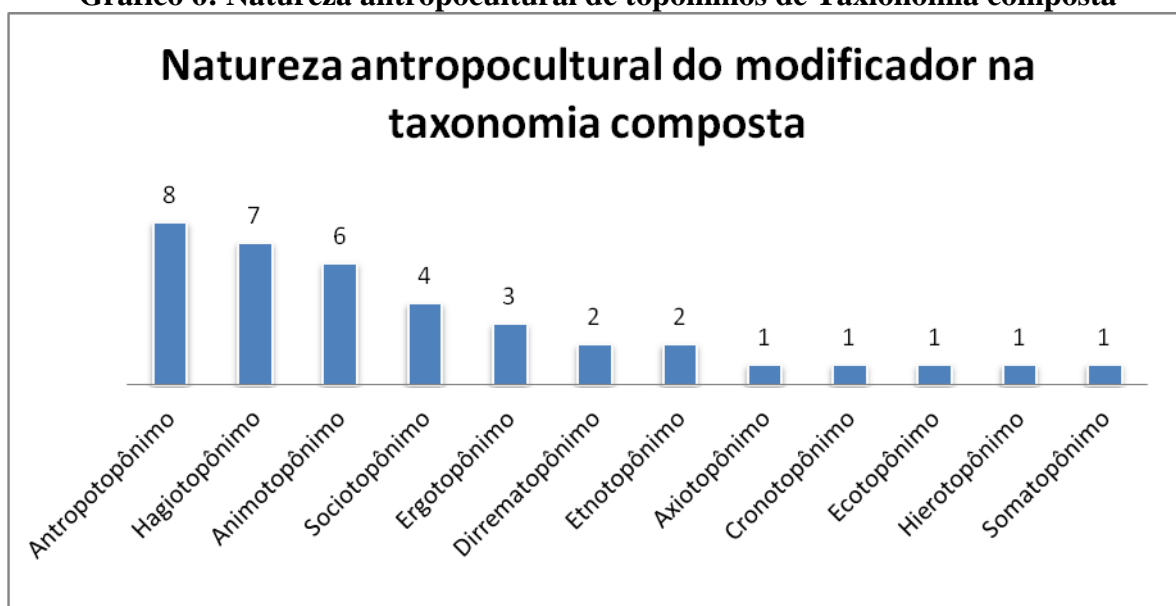
- a) **Antropotopônimo (8):** Retiro dos *Coelhos*, *Vila Maciel*, *Córrego do Palhares*, *Santa Bárbara*, *Santo Antônio*, *Santo Hipólito*, *Santa Maria*, *Serra do Cabral*.
- b) **Animotopônimo (6):** *Córrego Água Limpa*, *Córrego Morredor*, *Campo Alegre*, *Lagoa Assombrada*, *Lagoa Bonita*, *Vista Alegre*.
- c) **Axiotopônimo (1):** *Morro do Boiadeiro*.
- d) **Cronotopônimo (1):** *Rio das Velhas*.

- e) **Dirrematopônimo (2):** Córrego do *Lava Pé*, Lage de *Cima*.
- f) **Ecotopônimo (1):** Lagoa da *Casa Branca*.
- g) **Ergotopônimo (3):** Córrego *Canivete dos Brancos*, Córrego *Porteirinha*, Fazenda *Porteirinha*.
- h) **Etnotopônimo (2):** Canivete dos *Brancos*, Lagoa de *Benguela*.
- i) **Hagiotopônimo (7):** Barra de *Santo Antônio*, Barragem de *Santo Antônio*, Fazenda *Santo Antônio*, Ribeirão *Santo Antônio*, Rio *São Francisco*, Santuário *São Geraldo*, Vila de *Fátima*.
- j) **Hierotopônimo (1):** Alto da *Cruz*.
- k) **Sociotopônimo (4):** Córrego *Açude*, Córrego do *Retiro*, Córrego *Pelame*, Córrego *Venda Nova*.
- l) **Somatopônimo (1):** Córrego da *Fome*.

Neste ponto da tese, queremos reforçar para o leitor a ideia de que, a nosso ver, o status de nome existe tanto para o designador de acidente (córrego ou lagoa, por exemplo) quanto para o modificador (um ou mais elementos). O nome e o acidente se alternam nas entrevistas. Assim, desenvolvemos o conceito de taxionomia composta, explorando os modificadores do nome dos acidentes, a partir das entrevistas.

De início, salientamos que ocorreram doze Taxionomias de natureza antropocultural, em trinta e sete registros. Os resultados podem ser melhor focalizados no Gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6: Natureza antropocultural de topônimos de Taxionomia composta



Verifica-se no Gráfico 6 que os antropotopônimos, com oito ocorrências (11,6%), representam a maioria dos topônimos de natureza antropocultural, seguidos dos hagiotopônimos, com sete ocorrências (10,1%); em terceiro lugar, com resultado próximo a esses, estão os animotopônimos com seis ocorrências (8,7%); em quarto lugar aparecem os sociotopônimos com quatro ocorrências (5,8%), seguidos dos ergotopônimos com três ocorrências (4,3%) e dos dirrematotopônimos com duas ocorrências (2,9%) e etnotopônimos com duas ocorrências (2,9%) cada; os outros, axiotopônimo (1,4%), cronotopônimo (1,4%), ecotopônimo (1,4%), hierotopônimo (1,4%) e somatotopônimo (1,4%) apresentaram baixíssimas frequências, com apenas *uma* ocorrência de cada.

No que se refere à *natureza antropocultural*, salientamos que a margem de diferença dessas ocorrências (8 – 11,6%) é pouco significativa em relação ao resultado apresentado pela de *natureza física* (12 ocorrências – 17,4%); a diferença é de quatro ocorrências. Outra característica é que há doze *taxes* no gráfico de natureza antropocultural, enquanto naquele de natureza física (GRAF. 5) temos seis tipos de *taxes*. Predominam as *taxes* de natureza antropocultural nos compostos.

Essa maior variedade de *taxes* encontradas no gráfico de natureza antropocultural (12) não corresponde à maioria das ocorrências de Taxionomias compostas uma vez que os topônimos de natureza física somaram trinta e dois (46,4%), enquanto os de natureza antropocultural somaram trinta e sete (53,6%). No confronto daquela *taxe* majoritária antropocultural (antropo:8) com outra de mesmo comportamento (fito:12) de *natureza física*, observou-se que os fitotopônimos (NF) apresentaram doze (17,4%) ocorrências; por outro lado, quanto à natureza antropocultural, os antropotopônimos (NA), foram a *taxe* de maior ocorrência com o total de oito (11,6%) ocorrências. Diante disso, concluímos que há certo equilíbrio entre as *taxes* majoritárias das duas categorias de compostos, mas essa ligeira diferença (quatro pontos), entre elas, mostra-se pouco representativa diante do conjunto amplo de sessenta e nove Taxionomias compostas, sendo ainda menor diante do total geral de cento e trinta e seis topônimos (29%). Consequentemente existe enorme diversidade de *taxes* na toponímia da MRCM.

5.3 Análise do primeiro elemento das Taxionomias compostas

No item 5.2, enfocamos a segunda parte do topônimo de Taxionomia composta, no seu segundo e/ou terceiro elemento destacável no modificador. Passemos nesta seção à análise do *primeiro elemento* das Taxionomias compostas, sob duas perspectivas: uma *taxionômica* e outra *lexical*.

5.3.1 Perspectiva taxionômica

Do ponto de vista das Taxionomias, física ou antropocultural, identificamos na classificação, proposta para o *primeiro elemento* do topônimo composto, três Taxionomias de *natureza física*, geomorfotopônimos, hidrotopônimos e litotopônimo, que são responsáveis pela ocorrência de 49 topônimos: sete foram classificados como geomorfo, 41, como hidrotopônimos (dentre córregos, lagos, rios, cachoeira e ribeirão) e um como litotopônimo.

Quanto à natureza antropocultural, foram propostas sete Taxionomias para o primeiro elemento do topônimo composto: ergotopônimo (01), hagiotopônimo (06), hiero (01), animo (01), hodo (02), sócio (07), pólio (02), perfazendo um total de vinte ocorrências (20).

Como se vê, predominam as taxes de natureza física (41 hidro, 7 geomorfo, 1 lito) no primeiro elemento (49/69), o que corresponde a 71% dos topônimos compostos.

Esse primeiro elemento interage ou combina-se com o segundo, como se verá na próxima seção.

5.3.1.1 Combinação das taxes do primeiro elemento com o segundo

Considerando as duas categorias, física e antropocultural, apresentaremos, nesta seção, sua relação nos sessenta e nove topônimos compostos. Explicitaremos as Taxionomias de *natureza coincidente* no primeiro e segundo elementos modificadores, ou seja, NF-NF ou NA-NA. Como se verá, predominam quantitativamente as taxes de natureza física com vinte e cinco ocorrências (25), contra doze coincidentes (12) de natureza antropocultural (NA-NA), sendo que as de *natureza mista ou não-coincidente* obtiveram a seguinte soma: oito são de NA-NF (08) e vinte e quatro topônimos compostos são de NF-NA (24).

5.3.1.2 A natureza coincidente e não-coincidente (mista) dos topônimos compostos

Vamos apresentar agora como se manifesta a natureza física (NF) e antropocultural (NA) observada no *primeiro elemento* dos topônimos compostos em quatro distribuições:

- 1) Topônimos compostos de Taxionomia coincidente:
 - a) NF-NF (25)
 - Alto dos Cupins (geomorfotopônimo e fitotopônimo)
 - Cachoeira do Paraúna (hidrotopônimo e cromotopônimo)
 - Córrego do Araçá (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego Capivara (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Córrego da Jabuticaba (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego da Limeira (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego da Pindaíba (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego da Quininha (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego da Várzea (hidrotopônimo e geomorfotopônimo)
 - Córrego do Amendoim (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego do Bagre (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Córrego do Papagaio (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Córrego Landim (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego Mato Grosso (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego Picão (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Córrego Riacho Fundo (hidrotopônimo e hidrotopônimo)
 - Córrego Saco das Pedras (hidrotopônimo e geomorfotopônimo)
 - Lagoa do Cupim (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Lagoa do Pau Preto (hidrotopônimo e fitotopônimo)
 - Lagoa do Peixe (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Morro da Garça (geomorfotopônimo e zootopônimo)
 - Ribeirão do Onça (hidrotopônimo e zootopônimo)
 - Rio Paraopeba (hidrotopônimo e dimensiopônimo)
 - Rio Pardo (hidrotopônimo e cromotopônimo)
 - b) NA-NA (12)
 - Barragem de Santo Antônio (sociotopônimo e hagiopônimo)

Canivete dos Brancos (ergotopônimo e etnotopônimo)
 Fazenda Porteirinha (sociotopônimo e ergotopônimo)
 Fazenda Santo Antônio (sociotopônimo hagiopônimo)
 Retiro dos Coelhos (sociotopônimo e antropônimo)
 Santa Bárbara (hagiopônimo e antropônimo)
 Santa Maria (hagiopônimo e antropônimo)
 Santo Antônio (hagiopônimo e antropônimo)
 Santo Hipólito (hagiopônimo e antropônimo)
 Santuário de São Geraldo (hierotopônimo e hagiopônimo)
 Vila de Fátima (poliotopônimo e hagiopônimo)
 Vila Maciel (poliotopônimo e antropônimo)

2) Topônimos compostos de Taxionomia não-coincidente ou tipo misto:

a) NF-NA (24)

Alto da Cruz (geomorfotopônimo e hierotopônimo)
 Barra de Santo Antônio (geomorfotopônimo e hagiopônimo)
 Campo Alegre (fitotopônimo e animotopônimo)
 Córrego Açude (hidrotopônimo e sociotopônimo)
 Córrego Água Limpa (hidrotopônimo e animotopônimo)
 Córrego Canivete dos Brancos (hidrotopônimo e ergotopônimo)
 Córrego da Fome (hidrotopônimo e somatotopônimo)
 Córrego da Porteirinha (hidrotopônimo e ergotopônimo)
 Córrego Lava Pé (hidrotopônimo e dirrematopônimo)
 Córrego Morredor (hidrotopônimo e animotopônimo)
 Córrego do Palhares (hidrotopônimo e antropônimo)
 Córrego do Retiro (hidrotopônimo e sociotopônimo)
 Córrego do Pelame (hidrotopônimo e sociotopônimo)
 Córrego Venda Nova (hidrotopônimo e sociotopônimo)
 Lagoa do Benguela (hidrotopônimo e etnotopônimo)
 Lagoa Assombrada (hidrotopônimo e animotopônimo)
 Lagoa Bonita (hidrotopônimo e animotopônimo)
 Lagoa da Casa Branca (hidrotopônimo e ecotopônimo)
 Laje de Cima (litotopônimo e dirrematopônimo)
 Morro do Boiadeiro (geomorfotopônimo e axiotopônimo)

- Ribeirão Santo Antônio (hidrotopônimo e hagiopônimo)
- Rio das Velhas (hidrotopônimo e cronotônimo)
- Rio das São Francisco (hidrotopônimo e hagiopônimo)
- Vista Alegre (geomorfotônimo e animotônimo)
- b) NA-NF (8)
- Fábrica da Cachoeira (sociotônimo e hidrotopônimo)
- Fazenda da Cachoeira (sociotônimo e hidrotopônimo)
- Ponte da Quininha (hodotônimo e fitotônimo)
- Ponte do Jacaré (hodotônimo e zootônimo)
- Roça do Brejo (sociotônimo e geomorfotônimo)
- São José do Buriti (hagiopônimo e fitotônimo)
- São José da Lagoa (hagiopônimo e hidrotopônimo)
- Bela Vista (animotônimo e geomorfotônimo)

Para que se decida por uma classificação final das Taxionomias compostas, se é que isso é possível, passaremos na sub-seção seguinte ao ponto-de-vista lexical, conforme colocamos em 5.3.

5.3.2 Perspectiva lexical

A observação perspicaz da unidade lexical formadora de topônimos ou hidrotopônimos está presente também no artigo de estudo da hidronímia e hidrotoponímia no Sul-mato-grossense e triângulo mineiro de autoria de Isquierdo e Seabra (2010; *opus cit.*, SEÇÃO 5.2.1). As autoras reconhecem a existência de uma *base lexical* que evidencia maior ocorrência, como no caso de *lagoa*. Endossamos nesta tese essa ideia e acrescentamos a noção de recorrência tanto para o item lexical *lagoa* quanto para outras bases de nossa pesquisa, tais como *alto*, *morro*, *córrego*, dentre outras.

Para complementar a análise quantitativa de 5.3.1, explicitaremos as bases lexicais dos elementos dos topônimos compostos. Denominamos base lexical o elemento formador de vários topônimos. Tal estrutura tem a característica de ser recorrente ou produtiva na toponímia brasileira e é isso o que ocorre na região estudada.

Em primeiro lugar, vamos apontar as dez bases lexicais de natureza física, como nos seguintes exemplos:

1. *Alto* (Alto da Cruz)
2. *Barra* (Barra de Santo Antônio)
3. *Cachoeira* (Cachoeira do Paraúna)
4. *Córrego* (Córrego da Ponte, Córrego da Quininha, Córrego Açude, etc).
5. *Lagoa* (Lagoa Assombrada, Lagoa Bonita, Lagoa de Benguela, Lagoa do Peixe, etc.).
6. *Morro* (Morro da Garça, Morro do Boiadeiro, etc.).
7. *Ribeirão* (Ribeirão do Onça, Ribeirão Santo Antônio, etc.).
8. *Rio* (Rio das Velhas, Rio Pardo, Rio São Francisco).
9. *Serra* (Serra do Cabral)
10. *Saco* (Saquinho)

Abaixo, estão as bases de natureza antropocultural (10):

1. *Barragem* (Barragem de Santo Antônio)
2. *Fábrica* (Fábrica da Cachoeira)
3. *Fazenda* (Fazenda Santa Cruz, Fazenda da Cachoeira, Fazenda Santo Antônio, Fazenda Santo Antônio do Curvelo, etc.)
4. *Ponte* (Ponte do Jacaré, Ponte da Quininha, etc.)
5. *Retiro* (Retiro dos Coelhos)
6. *Roça* (Roça do Brejo)
7. *Santuário* (Santuário de São Geraldo)
8. *Santa/Santo/São* (Santa Bárbara, Santo Antônio, São José do Buriti, São José da Lagoa)
9. *Vila* (Vila de Fátima)
10. *Vista* (Vista Alegre, Bela Vista)

Constatamos, portanto, que houve emprego de vinte bases lexicais, sendo dez de natureza física e dez de natureza antropocultural. Observamos também que os elementos do topônimo não apresentam necessariamente uma posição fixa na sua parte inicial, mas alguns elementos, tais como adjetivos ou substantivos, podem ocupar a posição medial ou final nos nomes de

lugares, do seguinte modo: *Cruz*, Alto da *Cruz*, Fazenda Santa *Cruz*; *Lagoa*, São José da *Lagoa*; Saco, Córrego *Saco* das Pedras; *Vista*, Bela *Vista*.

Outra observação a ser feita é que nos topônimos longos como *São José do Buriti* e *São José da Lagoa* aparecem outra estrutura produtiva ou composta de acidente físico e o nome de santo. Surge, assim, a constatação de que o sintagma toponímico contém a preocupação de sacralizar, na sua formação, os elementos da natureza ou mesmo da atividade humana. Pudemos constatar, ainda, que o elemento formador existe e tem presença atuante ou produtiva nos dados da região considerada.

Convém assinalar, inclusive, que duas bases lexicais chamaram a nossa atenção pelo fato de que, a sua estrutura morfológica podem aparecer de modo pleno ou reduzido, passando por mudanças fonético-fonológicas, aparecendo da seguinte forma: BEL-, SAN- (*Bela Vista*, *Santo Antônio*, *Santa Bárbara*). Portanto, são duas bases lexicais especiais. Por outro lado, tratamos os topônimos portadores dessas bases como sendo de Taxionomia composta, mas devemos admitir que, em outra análise, poderiam essas bases ser condutoras de topônimos de Taxionomia simples. Observou-se que algumas bases, embora presentes nos topônimos de Taxionomia composta, como *Lagoinha* e *Retiro*, podem funcionar sozinhas em topônimos de Taxionomia simples.

Começaremos pelos topônimos de Taxionomia *não-coincidente* apresentados em 5.3.1.2, NF-NA e NA-NF. Em termos lexicais, verificamos quais são esses primeiros elementos, se eles são ou não recorrentes, se se referem ou não ao contexto histórico-cultural da região. Adotamos, na análise de nossos dados de topônimos de Taxionomia composta, a opção de classificá-los a partir da observação do primeiro elemento ao lado da expressividade do termo modificador da segunda parte do topônimo. Nos casos considerados de Taxionomia *não-coincidente* tomamos o elemento que designa e predica simultaneamente para eleger o termo classificatório, como *Alto da Cruz*, um geomorfotopônimo e hierotopônimo, o qual pertence ao grupo NF-NA. Um exemplo de NA-NF seria *Ponte da Quininha*. Posteriormente, enfocamos os outros topônimos de natureza composta que apresentaram classificação *coincidente*, tais sejam NA-NA e NF-NF. Tratamos nomes como *Alto da Cruz* e *Lagoa Assombrada*, um hidrotopônimo e animotopônimo, como topônimos de natureza física e antropocultural porque enfocamos aí elementos modificadores que são os seguintes: *Cruz* e *Assombrada*; em *Córrego Capivara* adotamos a classificação de hidrotopônimo e

zootopônimo (NF-NF), no caso de *Retiro dos Coelhos*, um sociotopônimo e antropotopônimo, tratamos como coincidente sendo NA-NA.

Direcionando nosso enfoque nas bases lexicais, conforme seção 5.3.1.1, vamos distinguir a natureza física e antropocultural. As bases lexicais são recorrentes e se apresentam diante de outros elementos toponímicos de natureza física. Tais bases podem ser organizadas em quatro grupos:

1. Base de natureza física com natureza física: *Cachoeira, Córrego, Lagoa, Morro, Ribeirão, Rio, Serra*.

Observou-se que o nome Córrego apresentou alta recorrência uma vez que apareceu vinte e cinco vezes (25) ao lado de cinco vezes (5) de Lagoa, vindo depois Rio com quatro (4) vezes e Ribeirão duas (2). Constata-se que é uma região de cerrado, mas que apresenta um número significativo de córregos, poucas chuvas durante o ano e poucos rios caudalosos. Contudo, a hidronímia é uma motivação muito importante na região.

2. Base de natureza antropocultural com natureza antropocultural: *Barragem, Fazenda, Retiro, Santa/Sant/São, Santuário, Vila*.

As bases demonstraram interatividade com o segundo elemento do topônimo, que é de natureza antropocultural.

3. Base de natureza física mais natureza antropocultural: *Alto, Barra, Campo, Córrego, Lagoa, Laje, Morro, Ribeirão, Rio, Vista*.

Tais bases ocorreram tanto com elementos de natureza física quanto de natureza antropocultural: Lagoa do Peixe, Morro do Boiadeiro, respectivamente.

4. Base de natureza antropocultural mais base de natureza física: *Fábrica, Fazenda, Ponte, Roça, São (Santo/Santa) e Bela*.

As bases acima apresentaram propensão de combinar com elementos de natureza física e antropocultural, como nos seguintes exemplos: *Fábrica da Cachoeira, Ponte do Jacaré*.

Diante do exposto nas seções 5.3.1.1, 5.3.1.2 e 5.3.2, pudemos apontar as bases lexicais que predominam nos topônimos de Taxionomia composta, tais sejam: Córrego (25 vezes), Lagoa (7 vezes), Rio (4 vezes), Santa/Santo (4 vezes), Fazenda (3 vezes), Ribeirão (2 vezes), Morro (2 vezes), Vila (2 vezes) e outras mais com duas ocorrências ou uma vez cada. Em síntese, em

nossos dados predominou a existência de bases lexicais de natureza física, sendo elas observadas em hidrotopônimos e geomorfotopônimos preferencialmente.

No que se refere aos geomorfotopônimos, Dick (1990a, p. 34-36) os considera como:

[...] topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha: Montanhas, AH RN), AH RN; monte: Monte Alto, AH SP; morro: Morro Azul, AH RS; colina: Colinas, AH GO; coxilha: Coxilha, AH RS) e depressões do terreno (vale: Vale Fundo, AH MG; baixada: Baixadão, AH MT) e às formações litorâneas (costa: Costa Rica, AH MT; cabo: Cabo Frio, AH RJ; angra: Angra dos Reis, AH RJ; ilha: Ilhabela, AH SP; porto: Porto Velho, AH RO).

Neste trecho, percebemos a toponimização de substantivos comuns que adquirem o *status* de nome, portanto, topônimo como no caso de Montanhas (AH RN) e outro como Monte Alto (AH SP) e Morro Azul (AH RS). Na análise de nossos dados consideramos os nomes dos acidentes físicos (ou humanos) como topônimos legítimos, no caso, por exemplo, de ‘córrego’. Essa palavra atinge a categoria de nome próprio de lugar (topônimo) ao preencher a função de designar um curso d’água diferenciada de pingo, gota ou água simplesmente. Possuindo *status* de topônimo, ele pode assumir adjetivação ou papel de modificador como em *Córrego Açude*, *Córrego da Quininha*, etc.

Em seu artigo sobre as questões terminológicas e métodos, Dick (1999, p. 136) mostra a passagem de enunciados que se tornam topônimos, tais como:

- ✓ “o rio é grande” e “rio Grande (AF)/Rio Grande (AH)”;
- ✓ “O morro branco destacava-se” e “morro Branco (AF)/Morro Branco (AH)”;
- ✓ “as águas fundas do riacho” e “riacho Fundo (AF)/Riacho Fundo (AH)”[...].

A passagem de acidente físico para acidente humano é um estágio muito frequente nos topônimos bem como a existência do processo de toponimização simples que consiste em tornar um nome comum em nome de lugar, como a seguir: Lagoa do Peixe e Limeira.

5.4 A relação dos topônimos com seu contexto sociocultural

Constatamos que o estudo da toponímia da região investigada reflete muitos aspectos da natureza física. Resgata informações pouco conhecidas dos nomes e dos lugares, ao mesmo tempo em que divide sua importância de forma significativa com os aspectos específicos da

cultura em torno do homem inserido naquele espaço específico, bem como em toda sua história.

Nos casos de nomes de lugares que se enquadram no rótulo de historiotopônimos, consideramos que se referem a pessoas que, em alguma época, exerceram um papel ou cargo importante e alcançaram enorme prestígio. Nesta tese não temos o propósito de traçar uma hierarquia de relevância dos trabalhos prestados, mas sabemos que passaram a fazer parte da memória cultural de Minas. Trata-se de personagens históricas que contribuíram de forma significativa tanto para a região estudada como para o país, sendo cada um reconhecidamente importante ao seu modo para os moradores locais. Tais personagens históricas são as seguintes:

- a) Augusto de Lima: deputado mineiro apoiador da emancipação do município.
- b) Gustavo da Silveira: engenheiro e diretor da ferrovia no local (1095).
- c) Osório de Almeida: diretor da ferrovia, Gabriel Osório de Almeida, 1903 a 1906.
- d) Presidente Juscelino: ex-presidente da República, mineiro de Diamantina.
- e) Quintino Vargas: ex-deputado mineiro, natural da região de Cordisburgo.
- f) Tomás Gonzaga: inconfidente mineiro (1789) e poeta de renome na literatura.

Observa-se que a bibliografia consultada emprega constantemente o termo “homenagem” em casos de nomeação de lugares quando uma personagem importante no cenário local ou nacional motiva a imposição do topônimo. Contudo, estamos endossando, em parte, apenas essa estratégia classificatória uma vez que certas nomeações podem assumir dois aspectos diferenciados:

- a) Motivação conservadora sócio-politicamente: Presidente Juscelino.
- b) Motivação libertadora sócio-politicamente: Tomás Gonzaga.

Convém lembrar que o antigo Julgado do Papagaio (século XVIII) foi cenário de motins e protestos contra a representação da monarquia portuguesa no local. Havia nessa região conflitos quanto à posse mineira ou baiana daquelas terras do entorno e o respectivo pagamento de impostos. Homens socialmente fortes da época, ou potentados políticos dos anos oitocentistas, como Manuel Nunes Viana e Padre Antônio Ávila de Corvello, eram aliados políticos que defendiam seus interesses até com armas. Na questão da importância dos

deputados antigos, citados anteriormente, não vamos fazer maiores aprofundamentos na questão do trabalho parlamentar de cada personagem porque não é esse nosso objetivo aqui. Interessa-nos dizer que a motivação toponímica por homenagem requer um estudo criterioso.

Considerando o conceito de *apelido de família* (LEITE DE VASCONCELLOS, 1928), registramos várias vezes em nossas fichas toponímicas na categoria de “estrutura morfológica” *apelido de família ou sobrenome* com o intuito de focar a importância da presença de famílias tradicionais que ali deixaram suas marcas. *Contraia, Curvelo, Mascarenhas, Canabrava, Córrego do Palhares, Bicudo, Felixlândia, Gentil de Matos, Gouveia* são topônimos que, quando estudados, podem nos proporcionar melhor conhecimento de sua sócio-história, tanto no presente e quanto na sua origem.

Sob o prisma de que é possível resgatar aspectos interessantes da história de uma comunidade, pudemos compreender a importância da Onomástica aliada à História, nacional, regional ou local. Assim, referindo-se ao valor memorável dos historiotopônimos presente nas enunciações designativas, Seide (2010) comenta que:

Guimarães explica que quando um fato histórico é escolhido como um nome de lugar, ele se torna um fato memorável, sendo legítimo afirmar que sua escolha, por parte do enunciador, está relacionada a essa intenção de torná-lo algo do qual todos devem se lembrar. Além disso, aponta o autor, os nomes de lugares são distribuídos em um espaço historicamente construído, numa cena enunciativa [...].

A autora supracitada aponta para alguns pontos de convergência entre a metodologia de Dick (1990a) e o trabalho de semântica da enunciação de Guimarães (2002), o qual estudou nomes de ruas e historiotopônimos na perspectiva da enunciação.

Consideramos, pois, a designação de muitos dos topônimos relativos a nomes de estação de trem, na região estudada, como detentora de uma motivação histórica que se encaixa na perspectiva de análise acima, como se pode ver no caso de homenagens dos exemplos seguintes: *Marísia* (filha de um fazendeiro do local onde se situa a estação de trem); *Mascarenhas* (engenheiro da ferrovia); *Gustavo da Silveira* (engenheiro e diretor da ferrovia na região em 1905); *Osório* ou *Osório de Almeida* (diretor da ferrovia a partir de 1906), etc.

Sabemos que outras localidades tiveram influência direta do progresso da ferrovia na região e por causa dela receberam nomes especiais, como é o caso dos seguintes topônimos: *Gustavo*

da Silveira, nome dado em homenagem ao ex-diretor da ferrovia em 1905; *Mascarenhas*, homenagem ao engenheiro Sebastião Mascarenhas; *Marísia*, nomeação dada pela ferrovia em homenagem a uma herdeira da fazenda onde se situa a antiga estação; *Osório de Almeida*, nome de outro ex-diretor da ferrovia; *Quintino Vargas*, deputado da região, falecido nos dias de inaugurar a estação. No entanto, o próprio topônimo não sugere alguma relação com a construção dessas ferrovias, apenas o seu histórico a revela. Citamos mais alguns exemplos de *topônimos ferroviários* para as localidades que receberam obras de construção de estação ferroviária: *Araçáí, Aporá, Augusto de Lima, Cerradão, Contria, Cordisburgo, Curvelo, Corinto, Maquiné, Mascarenhas, Gustavo da Silveira, Cerradão, Osório de Almeida, Quintino Vargas, Santo Hipólito.*

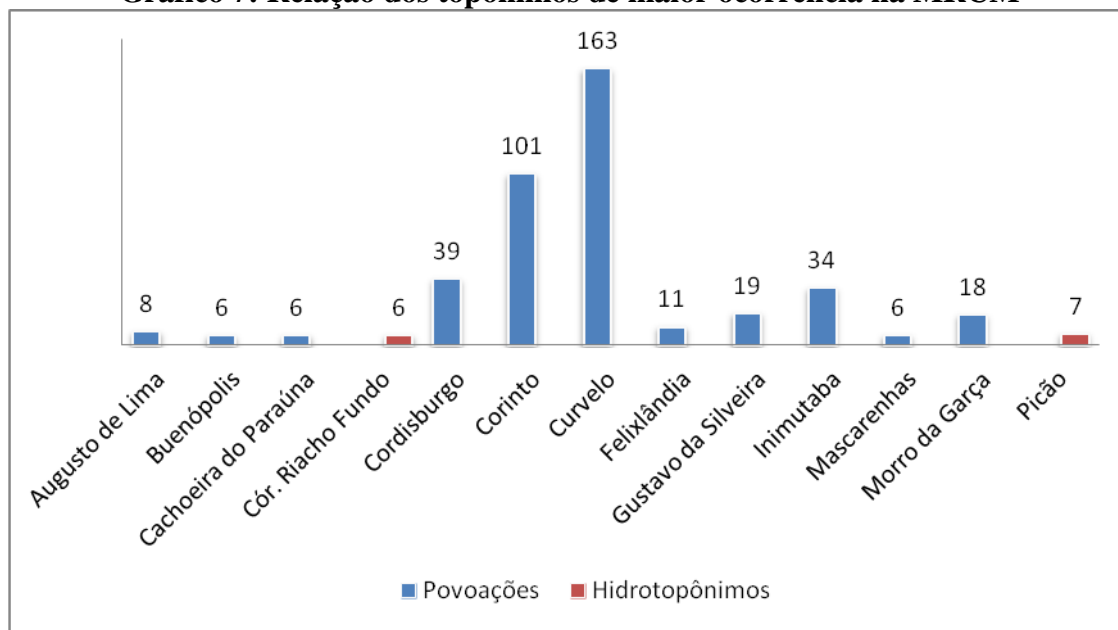
Concluimos, a partir desse contexto sociocultural, que os topônimos mais citados na fala dos entrevistados são beneficiados porque estão marcados positivamente na memória dos informantes como é caso de *Curvelo* e *Corinto*, como se pode ver no Gráfico 7 (p. 221). Durante a pesquisa de campo, nós percebemos, na fala dos moradores, o emprego de expressões que incluem a palavra “estação”, tais como: “perto da estação”, “na estação”, “inaugurou a estação”, como sendo uma referência importante de cada localidade dessas, ou seja, “estação” tem valor de topônimo como de fato teve no topônimo Augusto de Lima, na estação 41.

A listagem geral (CAP. 4, SEÇÃO 4.1.1) fornece os 136 topônimos. O topônimo Curvelo ocorre na fala dos informantes 163 vezes; Inimutaba ocorre 34 vezes e assim por diante. Os 136 topônimos combinam-se em 681 ocorrências. Por outro lado, apresentamos também a amostragem de ocorrências dos diversos topônimos por informante, isto é, quantas vezes cada topônimo foi falado pelos informantes. (cf. 4.1.2). O informante FXAVC18N70 falou quatro vezes o topônimo Felixlândia. Foram registradas variações de pronúncia, sempre que possível.

Como alguns falantes utilizam-se de mais de um topônimo para designar a mesma localidade, como, por exemplo, o informante CTMLS16M79 que falou Corinto, mas também fez referência a Curralinho, selecionamos para efeito de classificação o nome atual da localidade que é Corinto, tendo Curralinho figurado no histórico. Assim se explica o total de 763 ocorrências ao final da seção 4.1.2 do Capítulo 4.

A partir do total geral de ocorrências por informante (681) e do total (758), pudemos deter nosso olhar naqueles topônimos de maior ocorrência nas duas listagens. Os que mais ocorrem são os nomes atuais das localidades.

Gráfico 7: Relação dos topônimos de maior ocorrência na MRCM



Como se pode ver, os topônimos mais empregados pelos informantes nas entrevistas são os seguintes: Curvelo (163 vezes); Corinto (101 vezes); Cordisburgo (39 vezes); Inimutaba (34 vezes); Morro da Garça (18 vezes); Gustavo da Silveira (19 vezes); Felixlândia (11 vezes); Augusto de Lima (8 vezes); Picão (7 vezes); Buenópolis, Cachoeira do Paraúna, Córrego Riacho Fundo e Mascarenhas (6 vezes cada).

Esses municípios maiores são muito citados nas entrevistas assim como os de povoados menores como Gustavo da Silveira e Mascarenhas e também os de hidrônimos, tais como Cachoeira do Paraúna e Riacho Fundo. Os outros topônimos da listagem geral atingiram um número de ocorrência menor.

5.5. Sobre a origem dos topônimos

No que diz respeito à origem e a formação dos topônimos da região central mineira, encontramos na amostra selecionada palavras de origem portuguesa, africana e indígena. Para essa verificação tomamos como base as nossas observações registradas nas fichas dos

topônimos, que, por sua vez, foram retiradas dos dicionários disponíveis e da literatura sobre o assunto.

Dos 136 dados, a predominância foi de palavras da *língua portuguesa*. Identificamos 116 topônimos (85,3%). O restante das palavras foi classificado em africanas e indígenas.

Em relação à origem africana, encontramos apenas três topônimos, que correspondem a 2,2% do total geral (136). Empregamos a classificação de origem *africana* a partir das informações disponíveis na bibliografia consultada. Tais topônimos já estão inseridos no léxico geral da língua portuguesa. Como parte da origem inserimos também a língua/dialeto de onde procede o topônimo de origem africana: *Cafundó* (ambundo), *Curiango* (quimbundo) e *Mocambo* (quimbundo).

O conceito *indígena* foi tirado a partir da consulta a dicionários e a obras disponíveis, contudo, na leitura da historiografia regional ou em autores reconhecidos, há sempre uma lacuna de difícil preenchimento: as palavras ditas *indígenas* são realmente tradução perfeita do processo de nomeação feita pelos índios que viveram naquele local ou teria sido o topônimo fruto de uma nomeação na forma de decalque ou, ainda, submetido a um processo de *tupinismo* ao modo de Dick (1992). Em nosso *corpus*, identificamos dezessete topônimos de origem indígenas (12,5%) do total de topônimos.

Constatamos ainda, em nossos dados de Taxionomia composta, que palavras indígenas como *Buriti* em *São José do Buriti* e *landi* em *Córrego do Landi* somaram poucos casos e fazem parte dos topônimos compostos, mesmo tendo sua forma híbrida: Português e Tupi. Existem, inclusive, aqueles topônimos indígenas, considerados de Taxionomia simples, em nossa análise: *Angueretá*, *Aporá*, *Araçai*, *Cambaú*, *Curimataí*, *Guariba*, *Inimutaba*, *Jabuticaba*, *Jenipapo*, *Paraopeba*, *Paraúna*, *Piranhas*, *Sarandi*, *Suçuarana*, *Tamboril*, *Tapera*, *Taquara*. Os topônimos de base indígena voltam-se para aspectos da natureza física predominantemente, exceto no caso de *Angueretá* e *Tapera*, que são de natureza antropocultural.

A partir de agora, passaremos ao capítulo final onde vamos expor as conclusões que derivam da análise desenvolvida nesta tese e outras considerações gerais a respeito dos topônimos na mesorregião central mineira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizar nossa pesquisa de campo, gravação e transcrição de entrevistas orais, coletar e analisar nossos dados – 136 topônimos – da mesorregião central mineira, buscamos atingir o objetivo de fazer um estudo léxico-toponímico a partir da fala dos informantes. Tomamos, também, como referencial, a historiografia mineira a partir do século XVIII, no que tange à região central mineira para podermos cotejar, tanto quanto possível, com as fichas toponímicas elaboradas. Procuramos comprovar as primeiras hipóteses de que a motivação toponímica estivesse centrada, principalmente, na questão religiosa com hagiotopônimos, ou no seu aspecto antropocultural; comprovações que se inviabilizaram à medida que o trabalho de análise ia se desenvolvendo e os dados revelando aspectos que mereceram considerações.

Avaliamos a pesquisa de campo como de grande relevância para esta pesquisa, para a valorização e autoestima de toda a meso região central mineira (MRCM) em seus aspectos socioculturais e linguísticos. Reconhecemos também que, nesta tese, a classificação dos nomes de lugares em grupo de taxionomia composta é um conceito que *não* foi utilizado na bibliografia principal indicada, tal seja Dick (1990a), Seabra (2004); Menezes (2009); Mendes (2009); Mendes (2010); Carvalho (2010); Isquierdo (2010). Em nossos resultados, essa abordagem difere dos trabalhos anteriores, pois buscamos explorar tanto o núcleo como os modificadores dos topônimos no sintagma toponímico. O rótulo de *taxionomia simples* utilizado por nós corresponde ao modelo de nomeação que se encontra na bibliografia supracitada.

A toponímia da microrregião curvelana mineira apresentou certas particularidades que tornaram seus nomes de lugares detentores de traços especiais, no que diz respeito à sua representação na fala dos entrevistados, uma vez que revelam a motivação toponímica a partir de cursos de água e vegetais.

Consideramos que a afirmação de Diegues Júnior (1960), de que a criação de gado delinea áreas de desbravamento da colonização do Brasil, seja importante, mas não abarca toda a questão específica da MRCM, com suas particularidades. Alguns topônimos demonstraram na sua significação, no seu histórico e na sua historiografia, pertencerem a uma região cuja riqueza esteve, e ainda está, marcada pela presença da criação de gado e agricultura de base,

como as de Curralinho (Corinto), Currais, Morro do Boiadeiro, Fazenda da Ponte, Fazenda da Cachoeira, Fazenda Santo Antônio, Fazenda Santa Cruz (Caldeira), Porteiras e Roça do Brejo.

A ferrovia foi para toda a região central mineira, a partir do século XX, um impulso para o desenvolvimento e a motivação toponímica, tanto é que deixou marcas em topônimos conforme se evidencia nas fichas. Ressaltamos essas localidades que sofreram influência direta do progresso da ferrovia na região e, por causa dela, receberam nomes especiais, tais como os seguintes topônimos: *Gustavo da Silveira* (nome dado em homenagem ao ex-diretor da ferrovia em 1905); *Mascarenhas* (homenagem ao engenheiro Sebastião Mascarenhas), *Marísia* (nomeação dada pela ferrovia em homenagem a uma herdeira da fazenda onde se situa a antiga estação); *Osório de Almeida* (nome de outro ex-diretor da ferrovia) *Quintino Vargas* (deputado da região, falecido nos dias de inaugurar a estação). No entanto, o próprio topônimo não sugere alguma relação com a construção dessas ferrovias, apenas o seu histórico a revela.

Percebemos, na fala dos moradores, o emprego de expressões que incluem a palavra “estação”, tais como: “perto da estação”, “na estação”, “inaugurou a estação”, como sendo uma referência importante de cada localidade, ou seja, o termo estação tem valor de topônimo, embora essa informação não esteja presente nas localidades citadas acima, exceto no caso de Augusto de Lima (cf. ficha toponímica 7), onde foi registrado no seu *histórico* o antigo nome *Estação 41*.

No caso do poliotopônimo *Pompéia*, observou-se a característica de hipocorístico apontada por Leite de Vasconcellos (1928), uma vez que o informante (MRANS25M76) afirma ter o nome surgido de forma jocosa por causa da característica da localidade: a existência de brigas e conflitos semelhantes aos dos tempos antigos da cidade de Pompéu. Por outro lado, entre os antropotopônimos (Canabrava, Curvelo, Bicudo, Buenópolis, Caldeira, Contria, Felixlândia, Gentil de Matos, Gouveia, Maquiné, Mascarenhas e Marísia) não foram encontrados nos registros dados sobre o valor de *alcunha pessoal* de nenhum deles. Pelas entrevistas realizadas e pelas informações colhidas durante a pesquisa não foi possível reclassificar os sobrenomes de família, acima, em alcunha pessoal ou apelido de família. No preenchimento das fichas, tratamos *sobrenome* e *apelido de família* indiferentemente, por acatarmos o conceito que Leite de Vasconcellos (1928) atribui ao termo apelido, como sendo a *designação de família passada de geração em geração*, que equivale ao que chamamos hoje, no Brasil, de

sobrenome. Tal questão é encontrada na informação a respeito de *sobrenome* que se vê em Ferreira (1975, p. 1313): “Nome que vem após o primeiro de batismo [...]”.

Quanto à origem dos topônimos, predominaram aqueles de origem na Língua Portuguesa (116 ou 88%), seguidos de outros de origem indígena (17 ou 10%) e em menor número, finalmente, os topônimos de origem africana (3 ou 2%). Esse resultado aponta para a pouca presença de topônimos de origem africana, tanto na MRCM, onde encontramos três casos (2%), quanto na Região do Carmo (SEABRA, 2004, p. 307) onde foi encontrado um total de cinco casos.

Na leitura da historiografia regional ou de autores reconhecidos, há sempre uma lacuna de difícil preenchimento: as palavras ditas *indígenas* são realmente tradução perfeita do processo de nomeação feita pelos índios que viveram naquele local ou teria sido o topônimo fruto de uma nomeação na forma de decalque, ou submetido a um processo de *tupinismo* nos moldes de Dick (1992). Indicamos para os topônimos indígenas apenas a informação de que são do Tupi, conforme consta na bibliografia disponível. Há topônimos indígenas de Taxionomia simples em nosso *corpus*, a saber: *Angueretá, Aporá, Araçai, Cambaú, Curimataí, Guariba, Inimutaba, Jabuticaba, Jenipapo, Paraopeba, Paraúna, Piranhas, Sarandi, Suçuarana, Tamboril, Tapera, Taquara* e *São José do Buriti* e *Córrego do Landi*. Estes últimos foram considerados formas híbridas: Português e Tupi. Tais topônimos de origem indígena voltam-se para aspectos da natureza física predominantemente, exceto *Angueretá* e *Tapera*, que são de natureza antropocultural.

A análise quantitativa do *corpus* constituído com dados da microrregião central curvelana levou aos seguintes resultados, quanto à natureza dos topônimos de Taxionomia **simples**:

- a. Os fitotopônimos (13) representam a maioria dos nomes de lugares ao lado dos hidrotopônimos (6) quanto aos aspectos físicos da natureza;
- b. Os antropotopônimos (12), que são maioria quanto à natureza antropocultural, ao lado dos historiotopônimos (6) e os sociotopônimos (6), são os que predominam dentre os de natureza antropocultural.

Na perspectiva de interagir com outras pesquisas sobre toponímia mineira, ligadas ao projeto ATEMIG, destacamos os resultados de Seabra (2004,) onde podemos constatar a presença

majoritária dos antropotopônimos, no aspecto antropocultural. Por outro lado, em trabalho de Pós-Doutoramento da mesma pesquisadora (SEABRA, 2009, inédito) constata-se a predominância da fitotoponímia em Minas Gerais. No levantamento dos hidrotopônimos da região do Rio das Velhas, o resultado de Mendes (2009) apontou a taxa majoritária de fitotopônimos. Em outra pesquisa do léxico toponímico na região de Diamantina, Mendes (2010) analisou 407 topônimos e encontrou o total de 201, que são da taxionomia antropocultural, ao lado de 54 fitotopônimos que são a maioria. Em trabalho toponímico de Menezes (2009), no lado Oeste mineiro, na região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, o aspecto predominante foi a natureza física com 34 ocorrências de fitotopônimos também. Pesquisando o município de Montes Claros, depois de fazer entrevistas e cotejamento com cartas geográficas atuais e antigas, Carvalho (2010) analisou 156 topônimos e chegou ao resultado de 34 fitotopônimos (38%), sendo 90 deles de natureza física.

Relacionando esses trabalhos anteriores com os resultados de nossa pesquisa, na microrregião curvelana mineira, constatamos a mesma tendência do homem estabelecer sua ligação com os elementos da natureza por meio de nomes de acidentes geográficos, pois os *fitotopônimos* predominaram na categoria de taxionomia simples e no segundo elemento dos topônimos compostos. Quanto ao primeiro elemento da nossa taxionomia composta, a quantia majoritária foram os *hidrotopônimos*, com 41 ocorrências. Além disso, pudemos constatar que, no aspecto antropocultural, antropotopônimos e hagiopônimos exercem papel relevante no léxico toponímico da região pesquisada.

Quanto à natureza dos topônimos de Taxionomia composta, na nossa pesquisa, constatamos o seguinte:

- a. Considerando apenas o segundo elemento do topônimo composto, predominam na natureza física os fito e os zootopônimos, com dez ocorrências cada.
- b. Considerando apenas o segundo elemento do topônimo composto, predominam na natureza antropocultural os hagiopônimos, com sete ocorrências.

Como se vê, nos topônimos simples não se pode dizer que haja a predominância de uma das taxas, mas um equilíbrio, pois os fitotopônimos, de natureza física, são treze, e os antropotopônimos, de natureza antropocultural, são doze. No entanto, se tomarmos dentro desta última os seis historiotopônimos como antropotopônimos, os quais são uma categoria especial, esse número sobe de doze para dezoito, permitindo que possamos interpretar que há

uma predominância dos antropotopônimos e conseqüentemente da taxa de natureza antropocultural.

Já para o segundo elemento dos topônimos compostos, na região pesquisada, predomina a natureza física com doze fitotopônimos e nove zootopônimos, contra sete hagiopônimos de natureza antropocultural.

Para decidirmos quanto ao resultado geral da predominância ou não de uma dessas naturezas, considerando-se o total dos 136 topônimos, simples + compostos, outra análise foi desenvolvida, desta vez levando em conta o primeiro elemento dos topônimos compostos. Constatou-se a predominância dos topônimos de natureza física, com 49 ocorrências. Dentre esses 49, 41 são hidrotopônimos. Dentre os 35 de natureza antropocultural, sete serão sociotopônimos e seis são hagiopônimos, nenhuma se destaca, portanto. Há um equilíbrio.

Quadro 5: Taxionomias predominantes

	<i>Topônimos simples</i>	<i>Topônimos compostos (1º. elemento)</i>	<i>Topônimos compostos (2º. elemento)</i>
Natureza física	Fitotopônimos 13	Hidrotopônimos 41 Geomorfotopônimos 7	Zootopônimos 09 Fitotopônimos 12
Natureza antropocultural	Antropo- 12 Historio- 6	Sociotopônimos 7 Hagiopônimos 6	Antropotopônimos 8

Observando o quadro acima, que apresenta a natureza e as Taxionomias dominantes em cada uma das naturezas, nos tipos simples ou composto, constata-se que, no geral, a natureza física predomina, e, nesta, os hidrotopônimos, seguidos dos fitotopônimos e zootopônimos. Dentre os de natureza antropocultural, predominam os antropotopônimos, seguidos dos hagiopônimos. Como as outras Taxionomias, indicadas no quadro, são de baixa ocorrência, um ou dois cada, constata-se que este quadro mostra uma tendência geral de predominância das Taxionomias.

Verificamos que a natureza antropocultural exerce um papel relevante, logo após os de natureza física, por apresentar doze antropotopônimos, mas não ocupa a maioria dos casos como esperávamos. Assim, o elemento religioso mostrou-se pouco atuante na mesoregião

central mineira com poucos hagiopônimos tanto nos compostos quanto nos simples. Desse modo, outro aspecto dos topônimos da região pesquisada é revelado: houve a dessacralização de antigos nomes de lugares que foram se tornando minoria diante de muitos outros mais recentes. Assim, nos anos oitocentistas, tínhamos Santo Antônio da Estrada, Santo Antônio do Corvello (Curvelo), Paróquia Nossa Senhora das Maravilhas (Morro da Garça), Paróquia Nossa Senhora do Livramento do Papagaio (Tomás Gonzaga), Paróquia Nossa Senhora do Pilar (Corinto), dentre outros. Essa competição entre nomes sagrados e profanos já estava assinalada nos mapas do século XVIII (ANEXOS). No caso específico do atual antropotônimo Curvelo, havia um hagiopônimo (Santo Antônio da Estrada) no século XVIII; posteriormente, no final desse século, havia Santo Antônio do Corvello (um hagiopônimo e antropotônimo) e, hoje, simplesmente Curvelo; isso representa, a nosso ver, o que chamamos de dessacralização de um nome de lugar. Os nossos entrevistados citam a localidade mais como antropotônimo, com uma significação especial para eles, mas não mais uma marca religiosa de fé, ideologia religiosa e delimitação de paróquias e fazendas formadoras de povoação do passado local.

Observamos que, na lista geral de topônimos, 758 ocorrências, segundo a fala dos entrevistados, houve a predominância do antropotônimo (Curvelo) com a maioria das ocorrências (163 vezes) reflete a importância do pólo comercial que a região se tornou do século XVIII ao XXI. Em seguida, identificamos nomes de lugares de grande destaque também no setor de agropecuária e que são os seguintes: Corinto (antigo Curralinho), Inimutaba (antiga Fazenda da Cachoeira, depois local de tecelagem) e Morro da Garça (antigo pouso de tropeiros). Chegando ao século XX, encontramos ocorrência significativa para o pequeno povoado de Gustavo da Silveira, mas que esteve beneficiado pela presença de estação de trem de passageiros a partir de 1905, o que o popularizou bastante. Estes e outros fatores são marcantes para que os entrevistados tivessem citado esses e outros topônimos numa designação especial e afetiva, como forma de reproduzir seu universo toponímico de cunho sociocultural.

Adotamos em nossos topônimos da mesorregião central mineira o conceito de designação predadora como uma complementação aos ensinamentos dos estudos toponímicos tradicionais, que tomam com dados os topônimos oficialmente fornecidos por cartas geográficas. Os topônimos coletados em entrevistas orais estão coerentemente analisados como produtos de uma enunciação representados na fala. Os documentos escritos consultados

funcionaram como respaldos fundamentadores de nomes de lugares na perspectiva de estudo de fatores socioculturais do léxico toponímico.

Variações fonético-fonológicas de muitos nomes de lugares na mesorregião central mineira foram registradas nas fichas toponímicas, como, por exemplo: *Mascarenhas* (forma oficial) ~ *Mascaranha* ~ *Mascaranhas*. (formas coloquiais); *Inimutaba* (forma oficial) ~ *Nimutaba* (forma coloquial).

Acreditamos, com esta tese, estar contribuindo com o estudo do léxico-toponímico na microrregião central curvelana, situando esta pesquisa na função de complementar muitos outros trabalhos sobre o tema da toponímia de Minas Gerais e do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Geraldo Rodrigues. **O estudo da inconfidência de Curvelo na dialética da identidade e autonomia do sujeito**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidad Politécnica Y Artística del Paraguai, Assunção/Paraguai.
- ÁLVARES, G. R.; ANTÔNIO E. M.; GUTFRAIN, H. D. **Curvelo: Um lugar colonial**. Curvelo: Sografe, 2009.
- ALVES, Ana Paula Mendes. **Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa-MG que residem em Belo Horizonte**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.
- AMADO, Eugênio. O Ponto Central de Minas: Entre Corinto e Curvelo, mais perto de Morro da Garça. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1º de ago. 1989. Segunda Seção.
- ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Vassalos Rebeldes: Violência coletiva nas minas na primeira metade do século XVIII**. Belo Horizonte: Departamento de História da FAFICH/UFMG, 1995. (mimeografado)
- ARAÚJO, Padre Alberto V. **Curvelo do Padre Corvelo**. Imprensa Oficial, 1988.
- BARBISAN, Leci Borges. **O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos-r33/revista33-pdf>. Acesso em: 28 jan. 2011.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Ligeiro Ensaio referente a aspectos históricos e geográficos do Curvelo aos 100 anos de sua elevação a cidade: 1875 – 1975**. Prefeitura Municipal de Curvelo, s.d.
- BOSREDON, Bernard. Uma Balada em Toponímia: da Rua Descartes à Rua de Rennes. **Revista Línguas: Instrumentos Linguísticos**, Campinas, nº 3, Pontes, jan./jun. 1999.
- BURLING, R. **Man's Many Voices: Language in Its Cultural Context**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1970.
- BURTON, Richard. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1977.
- CAMPOS CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, nº 56, p. 172-179, dez./fev. 2002/2003.
- CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de Carvalho. **Língua e cultura no norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

- CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic Theory**. Linguistic variation and its social significance. Oxford: Cambridge E. Blackwell, 1995.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. A toponímia mineira: o caso de Macabelo. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.) **O Léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais**. Com estudo da Divisão Territorial e Administrativa. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997.
- COSTA, Antônio Gilberto (Org.). **Cartografia da conquista do território das minas**. Lisboa: Kapa Editorial; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: **Investigações Linguísticas e Teoria Literária**. Recife, UFPE, v. 9, p. 119-148, 1999.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico. Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Frequência. In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. P. 77-78.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os Nomes como Marcadores Ideológicos. In: **Acta Semântica et Linguística**, SPPL-SP, Editora Plêiade, p. 97-122, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica: Princípios teóricos e Modelos Taxionômicos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Documentação em Toponímia. SEMINÁRIOS DO GEL, 1992, Jaú. Grupo de Estudos Linguísticos. **Anais...** Jaú: 1992. V. 1. P. 44-51.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A toponímia como meio de investigação lingüística e antropocultural. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). **Estudos Geolinguísticos e dialetais sobre o português Brasil- Portugal**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. P. 215-231.
- DICK, Maria Micentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico. Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Freqência. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. P. 77-78.
- DINIZ, Silvio Gabriel; DINIZ, Antonio Gabriel (*in memoriam*). **Dados sobre a história de Curvelo**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988. V. III.
- ELIA, Silvio. **Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GUADANINI, Sandra Magna. **Designação**: das categorias da língua às categorias do discurso. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

HYMES, Dell. Objectives and concepts of Linguistic Anthropology. In: MANDELBAUM D.G.; LASKER, G.W.; ALBERT, E. M. (eds.). **The Teaching of Antropopogy**. American Anthropological Association, Memoir 94, p. 275-302.

DELÉM, Marcos Matias. **De Cachoeira a Inimutaba**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). Projetos ALMS E ALiMAT: rede de pontos e história social de Mato Grosso. In: ISQUERDO, A. N. **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português Brasil- Português**. Campo Grande: Ed.UFMS, 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida T. C. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotponímia na fronteira entre Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: ISQUERDO, A. P. (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. Vol. 4. P. 79-98.

JORNAL CURVELO NOTÍCIAS: **CN Notícias**. Curvelo, Ano 2008, 2009, 2010, 2011, nº 413 a 428.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972a.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. **Proceeding of the XIth International Congress of Linguistics**. Bologna: Mulino, 1974. P. 825-851.

_____. Building on empirical foundations. In: LEMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. P. 79-92.

LEITE, Padre João Batista Boaventura. **Morro da Garça**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1966.

LIMA, Raimundo. **O Campo da Garça**: de João Tavares da Rocha a Ursulino Lima (História de Corinto). Belo Horizonte: Cuatiara, 1998.

MACHADO, Joaquim. P. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

MENDES, Letícia Rodrigues Guimarães. **Hidronímia da região do Rio das Velhas**: de Ouro Preto ao Sumidouro. 2009. 260 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas

Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

MENDES, Tatiana Martins. **Léxico toponímico de Diamantina**: língua, cultura e memória. 2010. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

MENEZES, Joara M. C. A Toponímia de Pompeu. In: SEBRA, M.T.C. (org). **Estudos do Léxico**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

MENEZES, Joara Maria de Campos. **O léxico toponímico nos domínios de Joaquina de Pompéu**. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

NOSSA HISTÓRIA: CORINTO. **Corinto**, N° 1, Ano 1, 2008.

NOSSA HISTÓRIA: CORINTO. **Corinto**, N° 2, Ano 1, 2008.

NOSSA HISTÓRIA: CORINTO. **Corinto**, N° 3, Ano 1, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. **O Português do Brasil**: Brasileirismos e regionalismos. 1999. Tese (Doutorado) – UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, Anno XXIII, 1929.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, vol. X, 1905.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra M. G. B. **Dicionário do Latim Essencial**. Belo Horizonte: Crisálida/Tessitura, 2005.

RIBEIRO, José. *et al.* **Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais**. MEC: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. Vol. 1.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Cia Ed. Nacional: São Paulo, 1987.

SANTOS, Joviano Gonçalves. **A Representação Morfológica do Grau Superlativo do Adjetivo no Português Brasileiro Contemporâneo**. 2001. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Seleção e tradução de J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SANTOS, Márcio. **Caminho Novo**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 2001.

SEABRA, Maria Cândida T.C. **A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais**: A Toponímia da região do Carmo. 2004. Tese (Doutorado). Universidade Federal de

Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

SEABRA, Maria Cândida T.C. A importância do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais para a descrição de análise da diversidade linguística de Minas Gerais. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS: cultura e memória, 1º, 2010, Ouro Preto/MG. **Anais...** Ouro Preto/MG: 2010.

SEABRA, M.C.T.C. **Fitotoponímia Mineira**. Pesquisa realizada em Pós-Doutoramento na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP; 2009. Inédito. 202 p.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Nomes de Lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico. In: ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. Vol. V. P. 117-133.

SOUSA, Geraldo de. **Nos tempos do Padre Corvello**. Curvelo: [s.n.], 1995.

SOUZA, Vander Lúcio. **Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Metodologia. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/metodologia.asp>. Acesso em: 12 ago. 2008.

VASCONCELOS, Diogo de, **História Média de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999. (Coleção Reconquista do Brasil).

VASCONCELLOS, José Leite de. **Antroponímia Portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1928.

VASCONCELLOS, Salomão de. **O Bandeirismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944. V. XV.

VASCONCELLOS, Max. **Vias brasileiras de Comunicação**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928. V. 1.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas. In: RESENDE, Maria Efigênia; VILLALTA, Luiz Carlos. **História de Minas Gerais: as minas setecentistas**. Ed. Companhia do tempo-autêntica, 2007. V. 1. P. 87-102.

ZÁGARI, Mário R. L. *et alli*. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. (Org). **A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 1998.

ZEMELLA, Mafalda. **O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

WEINREICH, Uriel. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

DOCUMENTOS ON LINE

http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_de_Lima. Acesso em: 25 ago. 2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cordisburbo>. Acesso em: 25 ago. 2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Corinto>. Acesso em: 26 jul. 2008.

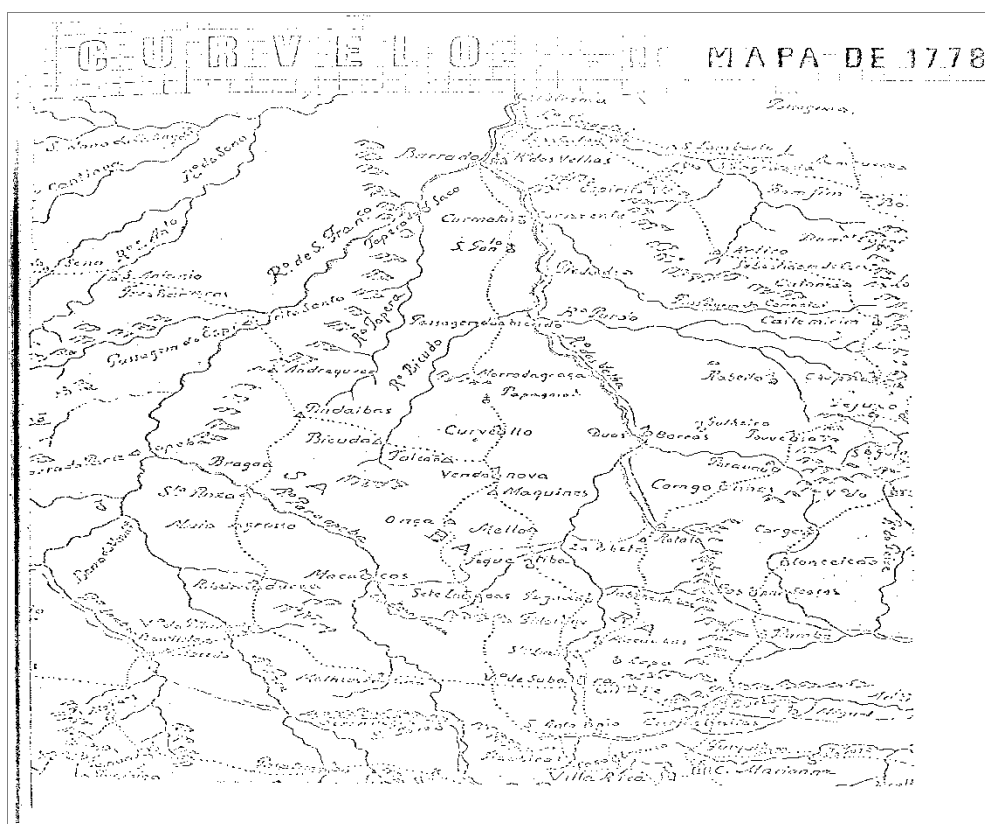
http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_de-Curvelo. Acesso em: 11 ago. 2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Inimutaba>. Acesso em: 26 ago. 2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Felix1%C3%A2ndia>. Acesso em: 25 ago. 2008.

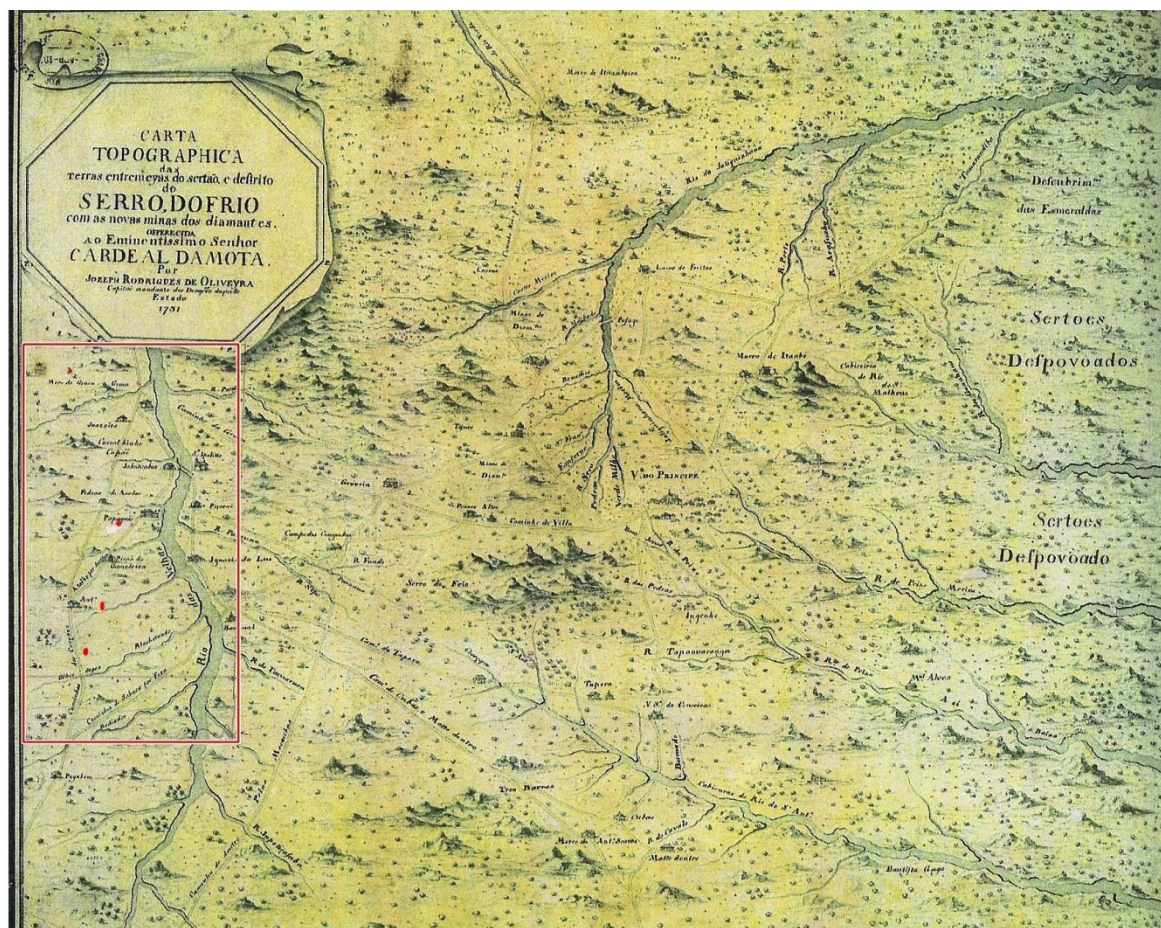
http://pt.wikipedia.org/wiki/Morro_da_Gar%C3%A7a. Acesso em: 25 ago. 2008.

ANEXO A – MAPA DE CURVELLO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS



Fonte: BARREIROS, E. C. Ligeiro ensaio referente a aspectos históricos e geográficos do Curvello: 1875-1975.

ANEXO B – MAPA DOS TOPÔNIMOS PAPAGAIO, SANTO ANTÔNIO DO CORVELLO E MAQUINÉ NA MRCM NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XVIII⁷



72 - CARTA TOPOGRAPHICA das Terras entremeyas do sertão e destrito do SERRO DO FRIO com as novas minas dos diamantes, offerta ao Eminentissimo Senhor CARDEAL DA MOTA. Por Jozeph Rodrigues de Oliveyra, capitão mandante dos dragões daquelle Estado. 1731/48, 1 x 59,5 cm; Aquarela colorida; (reproduzido na p. 54)

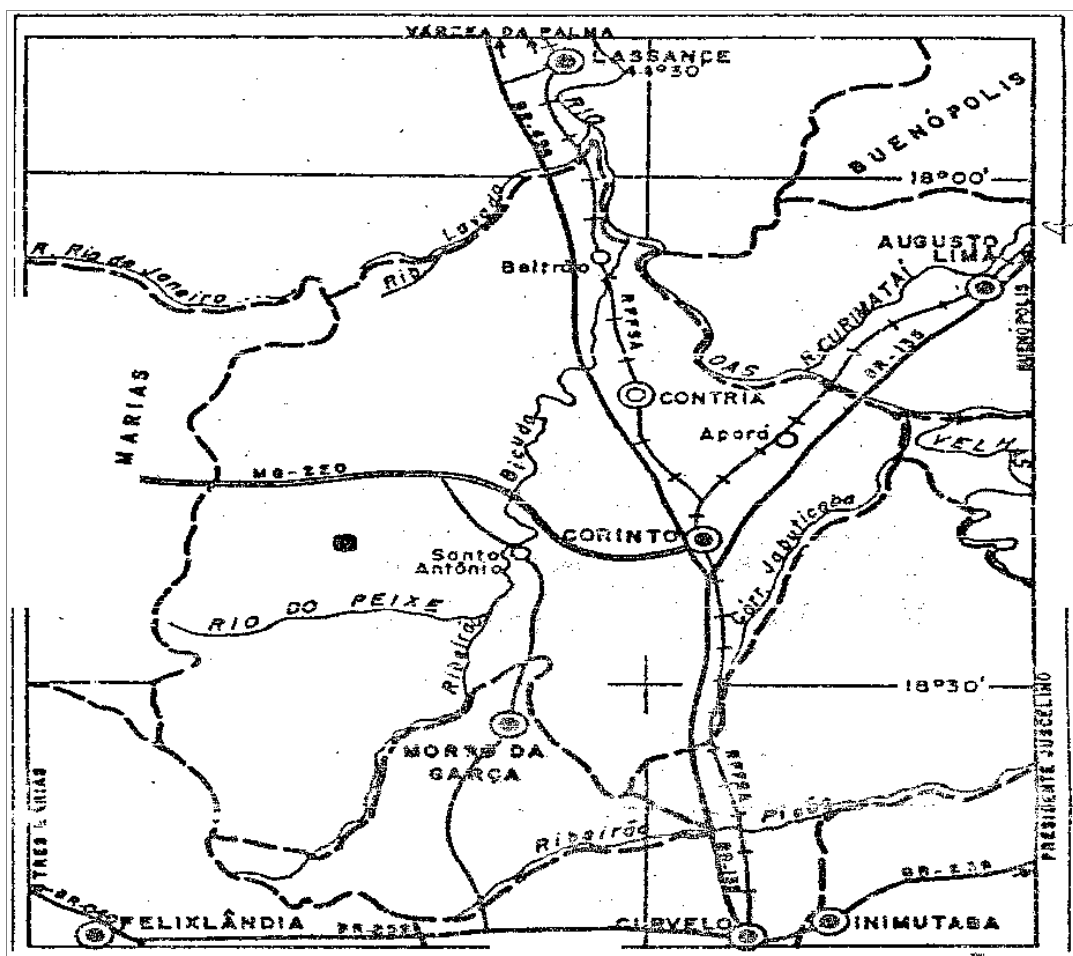
AHex (n. 06.01.1135:CEH 3195) = Fotografia: Vicente Mello - CRCH

FONTE: COSTA, A. G. 2004.

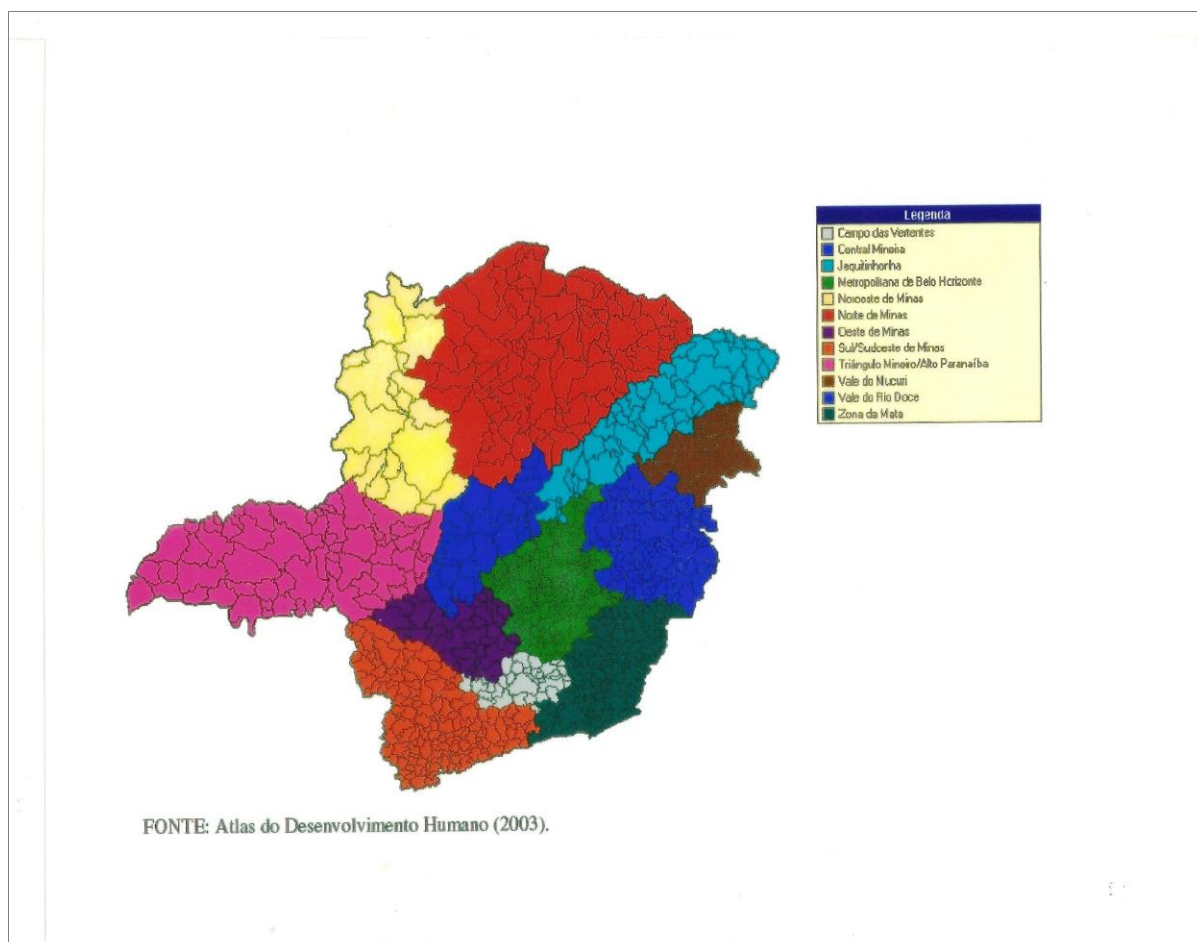
Fonte: COSTA, A. G. 2004.

⁷ Destaque nosso.

ANEXO C – MAPA DO CENTRO GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS



Fonte: Jornal Estado de Minas, 01/08/89.

ANEXO D – MAPA DE MINAS GERAIS EM MESORREGIÕES

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (2003)

ANEXO E – MAPA DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS COM DIVISA DE SUAS COMARCAS



FONTE: COSTA A. G. (2004)

Fonte: COSTA, A. G. (2004)

APÊNDICE**AUGUSTO DE LIMA**

1. ALJL1M105
2. ALMG2F75
3. ALOCR3M75
4. ALSF4M77

CORDISBURGO

5. CBJMB5M84
6. CBHFV6F83
7. CBJN7M77
8. CBJVFS8M71

CURVELO

9. CLGRS9M77
10. CLJE10M71
11. CLJEA11M83
12. CLPFA12M92

CORINTO

13. CTAIO13M88
14. CTJIG14M73
15. CTJP15M74
16. CTMLS16M79

FELIXLANDIA

17. FXACLZ17M75
18. FXAVC18M70
19. FXJPC19M92
20. FXRGQ20F82

INIMUTABA

21. ITAAF21M82
22. ITAARF22M70
23. ITFRG23M84
24. ITMMCL1F70

MORRO DA GARÇA

25. MRANS25M76
26. MRAS26F70
27. MRIMM27M71
28. MRRJR28M89